

Henri Durville

A CIÊNCIA SECRETA

*As grandes correntes iniciáticas
através da História*

Pensamento

2º Volume



A CIÊNCIA SECRETA

Henri Durville

A busca do passado desconhecido e misterioso tem sido sempre uma constante na vida do pesquisador ávido de conhecimentos, nos campos da arqueologia, da astronomia, da astrologia, da alquimia, da piramidologia, da maçonaria, da magia e do ocultismo em geral. Muito já tem sido descoberto e descrito e muito mais ainda resta por descobrir e apresentar nos séculos futuros.

Essa obra empolgante e gigantesca não consiste, porém, apenas em pesquisar, esquadrihar e revelar, mas sobretudo em interpretar, e bem, as descobertas feitas e expostas à inteligência dos estudiosos. É mais fácil descobrir os fatos do que interpretá-los corretamente à luz da ciência e da razão para, se possível, aplicá-los adequadamente ou pô-los a serviço da cultura. Este tratado elementar da Ciência Secreta preenche satisfatoriamente essa dupla finalidade.

Em suas pesquisas, o autor conduz o leitor à China de Fo-Hi, de Lao-Tseu e de Confúcio; à Índia dos Vedas, dos Brâmanes, das Leis de Manu, de Shri Krishna e de Buda; ao Egito de Hermes Trismegisto, de Ísis e de Hórus, das Pirâmides e do milenar Livro dos Mortos; à Grécia de Orfeu, de Homero, de Pitágoras e dos Mistérios de Elêusis. Depois, coloca-os diante de Moisés, de Jesus, dos Gnósticos e da Franco-maçonaria e, finalmente, o introduz na difícil mas gloriosa Senda da Iniciação que o levará por último aos verdadeiros Mistérios:

Tudo isso está aqui descrito em linguagem corrente e de fácil compreensão.

* * *

Esta edição revista de A Ciência Secreta consta de quatro volumes autônomos, que podem ser adquiridos separadamente: Volume I

A Ciência Secreta na China, na Índia e no Egito. Volume II

A Ciência Secreta na Grécia. — Os ensinamentos de Moisés, de Jesus, dos Gnósticos e de Hermes Trismegisto. Volume III

A Senda do Iniciado. — A Fé. — Os Ciclos da Natureza. - O Amor. - A Força Vital. Volume IV

O Pensamento. — O Sentimento. - A Intuição. — A Evolução. - Deus. — Conclusão.

EDITORA PENSAMENTO

HENRI DURVILLE

A CIÊNCIA SECRETA

Tradução

E.P.

VOLUME II



EDITORA PENSAMENTO

São Paulo

Plano desta Edição

Esta edição revista de A Ciência Secreta consta de quatro volumes autônomos, que podem ser adquiridos separadamente:

Volume I

A Ciência Secreta na China, na Índia e no Egito.

Volume II

A Ciência Secreta na Grécia. — Os ensinamentos de Moisés, de Jesus, dos Gnósticos e de Hermes Trismegisto.

Volume III

A Senda do Iniciado. - A Fé. - Os Ciclos da Natureza. - O Amor. — A Força Vital.

Volume IV

O Pensamento. - O Sentimento. - A Intuição. - A Evolução. - Deus. — Conclusão.

Ano

91-92-93-94-95

Direitos reservados

EDITORA PENSAMENTO LTDA.

Rua Dr. Mário Vicente, 374 – 04270 – São Paulo, SP – Fone: 227-1399

Impresso em nossas oficinas gráficas

Índice

A GRÉCIA	6
Ensinaamentos Exotéricos	11
Ensinaamentos Esotéricos	29
Homero	37
Os Mistérios de Ísis	48
ORFEU	60
Pitágoras	70
Os Versos áureos de Pitágoras	82
PREPARAÇÃO	82
PURIFICAÇÃO	82
A CULTURA PESSOAL	83
PERFEIÇÃO	84
Os Mistérios de Elêusis	112
MOISÉS	147
Ensinaamentos Exotéricos	151
Ensinaamentos Esotéricos	163
JESUS	169
Ensinaamentos Exotéricos	174
Ensinaamentos Esotéricos	202
OS GNOSTICOS	220
Neognósticos	234
OS FRANCO-MAÇONS	241
O Grau de Aprendiz	262
O Grau de Companheiro	283
O Grau de Mestre	301
OS HERMETISTAS	318
1.º — Os Rosa†Cruzes	320
2.º — Os Filósofos Desconhecidos	344
3.º — Os Martinistas	346
4.º — Os Alquimistas	349

Índice de figuras

Figura 1: Uma cena de adivinhação na Antigüidade, segundo um vaso pintado.	18
Figura 2: A Pífia dando os seus oráculos, segundo uma gravura antiga.	21
Figura 3: Outra imagem da Pítia de Delfos, segundo um vaso pintado. Assentada sobre uma tripeça, a Pítia, Inspirada por Apolo, predizia o futuro.	24
Figura 4: Édipo vencedor da Esfinge, segundo Court de Gébelin.	33
Figura 5: Moisés impondo as mãos. " <i>Enquanto Moisés tinha as mãos elevadas para o céu, Israel vencia</i> " — (Êxodo).	157
Figura 6: Jesus pondo as mãos sobre ura doente. (Segundo um quadro de Jacquet de P. Defrance, Museu de Luxemburgo).	200
Figura 7: Os emblemas funerários da câmara de reflexão.	265
Figura 8: Depois de ter leito o seu "testamento", o candidato ao grau de aprendiz é despojado de uma parte de suas vestimentas.	267

Figura 9: Recepção do grau de aprendiz na Loja da Franco-maçonaria Escocesa.....	275
Figura 10: Símbolos do grau de aprendiz.	280
Figura 11: Símbolos do grau de companheiro.....	284
Figura 12: A estrela de cinco pontas, símbolo do ser humano.....	296
Figura 13: A estrela flamejante.....	298
Figura 14: Imagem do papel social que deve desempenhar o franco-maçom que alcança o grau de mestre.	302
Figura 15: Recepção do Grau de Mestre na Loja da Franco-Maçonaria Escocesa.....	309
Figura 16: Arcano XXII do Taro Alquimista.	353
Figura 17: Um laboratório alquimista, segundo Khunrath.	356

Índice de Tabelas

Tabela 1: INICIAÇÃO NEOGNÓSTICA.....	237
--------------------------------------	-----

<http://groups.google.com/group/digitalsource>



A GRÉCIA

Os ensinamentos helênicos são enfeitados de uma mitologia deliciosa. — O sentido oculto das alegorias. — Diferenças essenciais entre a iniciação egípcia e a iniciação grega. — Aí duas faces — exotéricas esotérica — da iniciação grega.

Na Grécia, como na China e nas Índias, assim como no Egito, encontramos uma iniciação que estabeleceu, à margem da religião oficial, um ensinamento esotérico, reservado a uma elite e que não era concedido ao adepto senão depois de certas experiências que asseguravam a sua constância e a idéia que se podia fazer sobre a sua boa fé e o seu caráter.

O que dá a tudo o que vem da Grécia um caráter particular é a graça e a beleza encantadoras que emanam destas ilhas radiosas onde o mar canta os louvores da beleza. Os ensinamentos helênicos são enfeitados de uma mitologia deliciosa que parece afastar as idéias sérias, o que pode ter de lento em um ensinamento recusado aos profanos.

Como nas Índias e no Egito o número de deuses e de semi-deuses é quase infinito, porém nunca os deuses tiveram a forma e o pensamento mais humano, nunca foram misturados à vida do homem com uma tão doce e tão fraternal familiaridade.

Nas grandes epopéias, os deuses não ficam sobre o seu Olimpo, mas lutam ao lado do seu herói favorito, e quando este está a ponto de cometer qualquer irreparável tolice, eles dão os seus conselhos, a ordem necessária para salvá-los e não raro se oferece o ensejo da leitura, nos contos dos monges sagrados, destas

palavras do hóspede, àquele que pede asilo: "*Se tu não és um deus oculto sob a figura de um mortal...*"

Mas toda esta graça e esta poesia não ocultam senão um esoterismo poderoso, e achamos na Grécia três ciclos iniciáticos colocados sob o nome de três ilustres iniciados: os mistérios de Dionísios, que vêm da Trácia e que são atribuídos à Orfeu; a iniciação de Delfos, bem anterior a Pitágoras, porém cuja severa doutrina tenta fazer reviver a austeridade dória; os mistérios de Elêusis, de que Platão é a flor ofuscante, porém que nasceram muito antes dele, em honra à maternal Deméter.

Certamente, a maioria destes mistérios era tirada de Ísis e de Osíris, que vimos no Egito, ainda que se encontre uma parte de gênio pessoal, vindo do sentimento da raça e das lembranças de uma antiga religião autóctone; mas, para quem sabe ler e ver através dos símbolos e das palavras floreadas e sonoras do poeta u'a mesma idéia, um mesmo pensamento iniciático levou o pensamento do mundo a todos os países, a todas as raças, a todos os tempos, com fracas modificações, que provêm dos costumes, certamente mais mutáveis do que as idéias primordiais da humanidade.

*

* *

A grande censura que se fez à Grécia foi o sensualismo de sua religião, porque não se desejou ver o simbolismo que existe nesse sensualismo poético e nas ações dos deuses tão inocentes como as forças naturais, das quais eles são a imagem humanizada pelo povo mais artista.

Porém, numerosos autores viram o sentido oculto destas alegorias e fizeram justiça em vez de censuras.

No volume do *Mundo Primitivo*, que consagra o Gênio alegórico dos antigos, Court de Gébelin cita estas palavras de Bacon:

"A antigüidade primitiva, relativamente à sua maneira de ensinar, merece a nossa admiração, encerrando na alegoria, como em uma rica caixinha, tudo o que as ciências têm de mais precioso e adiantado, por esta filosofia, a glória do gênero humano".

"Posto que hoje nós a abandonássemos às crianças, encaro, entretanto, estas alegorias como o conhecimento mais excelente, conforme a religião e a fonte da política cuja extensão é tão vasta".

É ver com justeza, porque a cultura grega dá, àquele que a pratica, uma forma de espírito que lhe serve para toda a vida, ensinando-lhe a ver em cada coisa a imagem de uma coisa oculta. É o que faz dizer ainda a Bacon:

"Confesso, sem custo, estar persuadido que, desde a sua origem, as fábulas antigas foram alegóricas e encerraram lições importantes: seja que eu tenha concebido a mais alta idéia destes tempos primitivos, seja que eu perceba na maioria destas fábulas uma relação tão sensível com o objeto representado e, em o próprio tecido da fábula e no valor dos nomes que possuem os seus personagens, é impossível recusar-se a idéia que aqueles que inventaram tenham realmente estes objetos em vista... e se alguém se obstina, não obstante, em não querer perceber semelhança, não o atormentaremos para que pense como nós; lamentamos, porém, que tenha a vista tão perturbada e o entendimento tão pesado e obscuro".

*

* *

Os mistérios gregos decorrem dos mistérios egípcios, isso é inegável; porém, como as coisas são apresentadas diferentemente pelas duas raças tão dessemelhantes!

No Egito, a iniciação toma um aspecto terrível que não é fácil de abordar e de que não teria logo tendência a se afastar, se o desejo da alta ciência não fosse daqueles que fazem bravura de todas as experiências.

Estas experiências, nos santuários do Egito, tornavam o acesso à iniciação quase impossível. A ascese imposta era de uma severidade temível. Tudo era feito para inspirar o terror e afastar o noviço.

Na Grécia, tudo era diferente. Certamente, não se tinha o acesso aos mistérios por uma simples pergunta, e precisava mostrar antes qualidades de força de alma e resistência física.

Mas, uma vez obtido este resultado, o terror, que nunca tinha existido, desaparecia inteiramente. Todos os poetas gregos que foram iniciados — sobretudo nos mistérios de Elêusis — falam de sua iniciação e de suas festas secretas como da maior alegria da vida. Seu coro de Bem-aventurados nas *Rãs* de Aristófanes mostra o que era esta alegria.

Nunca tanta poesia e tanta suavidade foram empregadas para cantar a mais mística felicidade. Nada revela, neste canto sublime, os ensinamentos que se devem calar, mas a expressão de uma tal alegria é bem feita para atrair adeptos entre um povo tão sensível à poesia e à beleza.

E os próprios ensinamentos eram enfeitados de todas as graças de arte e entusiasmo. Tudo não era senão festas e jogos no país da beleza. Portanto, os

ensinamentos eram os mesmos. Como a iniciação egípcia, o Templo de Delfos ordenava ao adepto a conhecer-se a si mesmo.

Os mistérios de Orfeu e de Deméter faziam conhecer a certeza das vidas sucessivas e a ascensão do ser que, de luta em luta, chegava a uma pureza cada vez mais perfeita e juntava o grupo dos Olimpos sobre os cumes coroados de sol, porque a Grécia superabundava de heróis divinizados pelas grandes ações. A barreira entre o céu e a terra não foi franqueada nunca. Mas, antes de poder encarar estas vastas esperanças, é preciso conhecer Deus, compenetrar-se da sua grandeza e da sua justiça, ver no Todo-Poderoso a imagem da Ordem divinizada.

Porque isso é uma característica: a regra, a ordem, a medida, têm sempre parecido aos Gregos o soberano bem, e eles não imaginam que os deuses possam faltar às leis supremas.

E este conhecimento de Deus, ordenador da matéria, conduzia muito naturalmente ao conhecimento de Deus, sem o qual não poderia existir ordem perfeita, porque duas vontades, igualmente poderosas, entrariam em competição e os seus conflitos intermináveis perturbariam a paz universal, como perpétuos tremores de terra.

Na Grécia, país da luz, a lógica é soberana e, ainda que coroada de todas as flores da ficção, ela não se deixa levar pelo perfume delicioso. É um ponto que não está suficientemente constatado.

Examinaremos sucessivamente o lado exotérico e o lado esotérico. Eles são diferentes, certamente, porém, não muito afastados.

Ensinaamentos Exotéricos

Os deuses e as deusas, os semideuses e os heróis. — Zeus, Deus supremo. — Concordância entre os principais deuses egípcios e gregos. — Como os deuses se tornavam favoráveis. — Os sacrifícios. — O culto dos mortos. — Os presságios. — O oráculo de Delfos. — Como profetizava a Pítia. — Os Infernos. — Castigos sofridos pelos maus. — Os Campos Elisios. — Onde repousam os bem-aventurados.

No ponto de vista esotérico, parece que tudo o que impressiona primeiramente, na Grécia, é este grande número de deuses. Todas as forças naturais são personificadas. Urano é o céu estrelado; Cronos, o tempo; Zeus, o céu agradável; Hera, o céu tempestuoso; Poseidon ou Netuno, o mar. Precisaríamos muitas páginas para enumerar todos.

Como se isso também não bastasse, uma multidão de semideuses fazia abrir o Olimpo por suas ações maravilhosas. Hércules é semideus por ter obedecido a ordens injustas e ter livrado a terra. Teseu é semideus por ter desobedecido e violado o inferno.

Todos estes deuses, na forma humana que os escultores puderam fazer a mais bela possível, regozijam-se sobre o monte Olimpo, eleito para a sua estadia, como a mais alta montanha da Grécia.

Lá, congregados sobre o assoalho do ouro, eles se nutriam de ambrosia e bebiam o néctar em taças de ouro, aceitando sacrifícios como um perfume agradável que seria sempre evolado para eles.

Apolo e as Musas, pelos seus cantos e danças, embelezavam o curso das horas. Era a imagem da felicidade para o grego ávido de beleza mais do que os outros bens e que satisfazia a sua imaginação poética, povoando de ninfas as fontes, os tanques, as correntes, as árvores, as montanhas, o mar "*de risos infinitos*" e tudo o que podia viver.

No Céu vivia Zeus, pai dos deuses e dos homens, que os latinos chamam Júpiter. Na ordem física, representa a onda vital que penetra em todas as coisas. Na ordem moral, é o chefe dos agrupamentos humanos, aquele que lhes dita às leis, e dentro do lar, aquele que faz um asilo para o fraco e o desgraçado.

Eurípedes traduziu este conhecimento exotérico do Deus, dizendo: "*Vês esta imensidade sublime que rodeia a terra em todas as partes? Eis aí Zeus, eis o Deus supremo*".

Tal é, efetivamente, o caráter de Deus. Ele é o centro de tudo e o faz sentir aos outros deuses. Em Homero, toma uma comparação material para manifestar a sua superioridade; desafia-os, unindo todas as forças deles, a que façam mover seu trono, ao passo que pode elevar todos em conjunto do solo.

Também não admite que ninguém partilhe de sua autoridade.

Mas isto é o lado exterior de seu império; a coisa vai mais alto e mais além. Eis um fragmento do hino órfico, que Creuzer tirou de Stobeu:

"Zeus foi o primeiro e o último; Zeus é a cabeça e o meio; dele provêm todas as coisas; Zeus é a base da terra e dos céus; Zeus é o sopro que anima todos os seres; Zeus anima o fogo; Zeus é o sol e a luz; Zeus é rei; Zeus criou todas as coisas! É uma força, um deus, grande princípio de tudo; um

só corpo excelente que abraça todos os seres, o fogo, a água, a terra, a noite e o dia, e Metis, a criadora primitiva, e o Amor, cheio de encantos. Todos os seres são sustentados no corpo imenso de Zeus".

É fácil de ver aí uma expressão magnífica de adoração de um Deus único, mas Orfeu, por outro lado, é mais explícito ainda:

"É um ser desconhecido, o mais elevado, o mais antigo de todos, o produtor de todas as coisas. Este ser sublime é vida, luz e sabedoria".

De seu lado, o filósofo Proclus, que pertenceu à escola de Alexandria, diz:

"O Universo foi produzido por Júpiter. O Empíreo, o profundo Tártaro, a terra, o oceano, os deuses imortais, as deusas, enfim tudo o que existe foi contido originalmente no seio fecundo de Júpiter, e saiu; Júpiter é o primeiro e o último, o começo e o fim".

Depois do imenso Zeus, reinava sobre o céu a sua ciumenta esposa Hera (Juno), cujo caráter irritável representava judiciosamente o céu perturbado dos dias de tempestade.

Ela é a irmã e esposa de Zeus e não o deixa ignorar coisa alguma em suas longas recriminações. Tem um único filho que lhe foi concedido (Marte), o deus

das batalhas. Personificação do brilho que reanima o céu e o desprende das nuvens absorventes; Palas Atenas (Minerva) é apenas filha de Zeus.

Seu pai, com a fronte carregada de tempestade de pensamentos pesados, recolheu-se em si mesmo em profunda meditação. Sofrendo, chama Hefaios e pede que lhe abra o crânio com uma acha. Vulcano obedece e a jovem deusa salta do crânio de seu pai, toda armada para a guerra, imagem maravilhosa do pensamento realizador que — mesmo entre os deuses — não se faz sem sofrer.

No céu ainda está Apolo, fogo, luz, espanto, sol ou antes guia do sol como é o senhor dos oráculos e das obras de espírito.

Hélios é a verdadeira figura do sol, que se enfeita de grande quantidade de nomes como todas as forças personificadas desta feliz região.

Sobre a terra, primeiramente, os Titãs, as forças brutas que precisariam disciplinar e que não pôde vencer, os acabrunham sob as montanhas.

É a sua cólera que cria os tremores de terra e as erupções vulcânicas.

Depois, quando Zeus domou esta raça rebelde, estabeleceu sobre a terra Deméter, a terra cultivada, produtiva, mãe das artes que nutriam o homem.

Perto dela, participando do mesmo culto, encontra-se Dionísios (Bacchus), deus do vinho, porém que, tendo a taça, é também o detentor dos ensinamentos secretos. Inumeráveis deuses e deusas de terra e das florestas seguem o cortejo de seus deuses, e Pã guarda os rebanhos que ele ama e faz multiplicar.

Mas Pã não é ainda uma força civilizada. Por vezes, sua voz terrível reboa sob os bosques e todos os seres fogem.

É desta impressão de terror inesperado que veio a palavra: terror pânico.

Cada fonte tem a sua Náide, mas o mar é regido por um deus mais ilustre, o irmão de Zeus, Poseidon ou Netuno. Ele tem por esposa Anfitrite e coro numeroso das Oceânidas, das Nereidas, dos Tritões e de todos os deuses marinhos faz a sua escolta, ao passo que, ao longe, cantam as perigosas Sereias.

O fogo tem as suas divindades. Hefaistos (Vulcano) é o próprio fogo, e nenhuma criatura é mais santa do que o "*ilustre coxo de dois pés*", nome que lhe é dado para simbolizar os movimentos dançantes e imprevistos da flama.

Uma outra deusa do fogo é Hestia (a Vesta dos latinos), que é a deusa do lar, a guarda dos juramentos e da lei conjugal.

Nos infernos reina Hades, outro irmão de Zeus (nosso Plutão). É o rei severo das sombras; aceita os sacrifícios como uma homenagem que lhe é devida, mas não se regozija, porque ignora a alegria.

Perto dele, Perséfone (Proserpina), a doce filha de Deméter, empalidece, exilada no seu reino sombrio.

Só Hermes (Mercúrio), que conduz as sombras da terra aos infernos, anima um raio do dia exterior nesta morada fúnebre.

Falemos de heróis. Eles são numerosos. Há Hércules que, depois de seus longos trabalhos, desposou Hebe, a eterna juventude.

Há Castor e Polux, irmãos tão ternamente unidos que, pelo horror de se separarem, combinaram em ser Deus de seis em seis meses cada um, por ano.

Há Perseu, que venceu o monstro terrível de Andrômeda; há Erecteu que, segundo as indicações de Deméter, semeou o trigo e construiu a charrua, e tantos outros, cujas obras úteis e gloriosas venceram a morte.

Todos os heróis participam do festim dos deuses e vivem numa luminosa harmonia!

É fácil encontrar concordância entre os principais deuses egípcios e gregos, porque, em todas as religiões, a idéia esotérica foi a personificação das forças naturais e esta personificação criou tantos deuses como forças representadas; para os iniciados eram as manifestações múltiplas de um Deus único e todo-poderoso.

O Deus supremo no Egito é Amon-Ra e na Grécia é Zeus. Um e outro têm todos os sinais do poder real, porque têm o governo do universo inteiro.

Tot, que é também Hermes Trismegisto, corresponde a Hermes, que é Mercúrio.

Ambos velam às mudanças, transações e transições. Ambos são deuses psicopompas e conduzem os mortos para a sala onde devem ser julgados.

Osíris, sol dos egípcios, sol dos mortos em seu papel de Serapis e recolocado por Dionísio (Bacchus) que, representado sob os traços de um herói conquistador, é o sol e, nos mistérios de Elêusis, como se verá quando estudarmos estas cerimônias, representava também o despertar da alma.

O verdadeiro sol, aquele que dirige o curso dos astros, o Horus egípcio, é Apoio, tão cheio de poder no carro do Sol que pode emprestá-lo a seu filho Phaeton e produzir os maiores desastres.

O bode de Mendes, imagem bizarra da natureza inferior na palpitação de seu poder formidável, é Pã, com os pés de cabra. A deusa lunar Bubaste, é Artemisia, a nossa Diana, que sob nome de Artemisia, corre os bosques, caçadora, em companhia de suas ninfas. Sob o nome de Febea, ela percorre no céu a sua marcha sideral e nós encontrá-la-emos nos ritos mágicos, velados sob o temível

nome de Hecate, que preside às ações infernais. A grande mãe Ísis é recolocada por Deméter, a terra maternal, detentora, como Ísis, dos segredos iniciáticos.

Era necessário que o sacrifício fosse realizado diante de certas pessoas e não diante de outras; a presença de um estranho o teria profanado.

O silêncio devia ser absoluto em certos momentos; outros reclamariam preces, cantos e danças.

Morto o animal, na maioria dos casos, o sacerdote não consumia toda a carne da vítima ao fogo do altar. Oferecia ao Deus certas vísceras, a gordura. O resto era repartido entre o sacerdote e os assistentes em proporções imutáveis e muito diferentes, conforme a ordem das pessoas. Isso constituía um repasto que tinha alguma coisa de sagrado e não se consumava como uma nutrição qualquer. Comiam-se estes pratos sagrados como os católicos comem o pão bento, que não é sacramental, nem inteiramente profano.

*

* *

O primeiro culto estabelecido, tanto na Grécia como em todos os países da raça ariana, foi o culto dos mortos.

O antepassado era colocado sob um montículo elevado e seus filhos tinham o dever de continuar, cotidianamente, sobre a sua tumba, o culto que lhe era devido. Este culto, transmitido de varão a varão pela ordem da primogenitura, foi a primeira origem da família, como estabeleceu Fustel de Coulanges. A primeira idéia não foi a da imortalidade, mas a da sobrevivência. O antepassado, "*que é como um Deus sob a terra*", fica perto dos seus e lhes presta um serviço enquanto lhe prestarem as honras que lhe são devidas. Se for privado delas, tornar-se-á mau e virá a ser vampiro. O morto se irritará e os deuses o vingarão.

Tal foi o pensamento original dos gregos; ele se purificou em seguida e se enobreceu por uma concepção mais justa da imortalidade da alma e de uma remuneração exata de boas e más ações que o homem fez durante a sua vida.

Por outro lado, o homem desses tempos ajuntou uma importância considerável às influências exteriores, como certas práticas referentes à magia, como a consagração dos dias e das influências planetárias, porque o ser lhe é submisso e as operações agrícolas — as únicas que muito tempo valeram para a humanidade — dependiam dos dias fastos e nefastos (fig. 1).

Os trabalhos e jogos do velho Hesíodo contêm um detalhe extremamente precioso dos dias do mês e de seu valor no que concerne a tal ou qual trabalho. Só o dia catorze é fasto para todas as coisas mas os outros reclamam estudo e devem ser observados.

Os maus presságios são em número infinito e é preciso observá-los com cuidado.

Enfim, é preciso desconfiar do homem mau que traça palavras e figuras ímpias sobre as paredes para fazer abortar os animais e bens da terra.

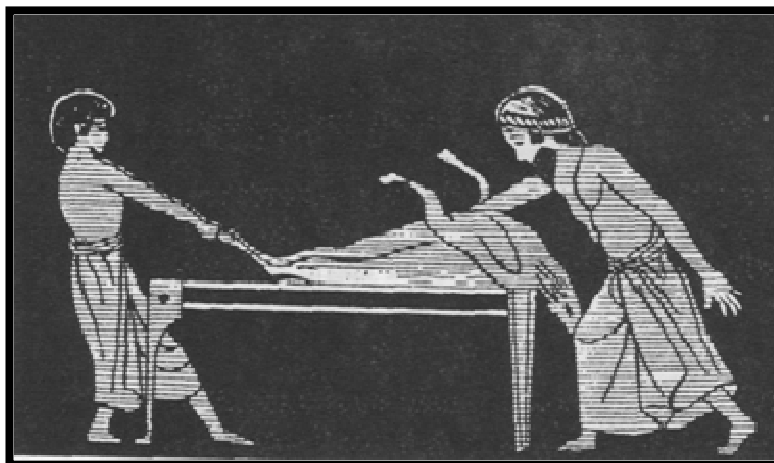


Figura 1: Uma cena de adivinhação na Antigüidade, segundo um vaso pintado. O sacrificador, com a fronte cingida de louros, nu até a cintura, prediz o futuro, examinando as entranhas da vítima. Um ajudante, a esquerda, puxa as patas traseiras do animal.

Reencontramos a feitiçaria e a magia em toda a literatura e não queremos citar senão a Mágica de Teócrito como um modelo perfeito de encantamento de amor.

*

* *

Certamente os presságios eram poderosos e temíveis; era preciso temer a coruja que pousava no telhado da casa ainda não acabada, porque ela deixaria funestos traços de sua passagem sob a forma de influências mortais. Não se devia assentar um menino de 12 anos nem de 12 meses sobre os túmulos. O menino ficaria muito fraco porque o 12.º ano ou o 12.º mês anunciam o fim de um ciclo, um inverno, o enfraquecimento que precede a uma nova eclosão; o filho seria, pois, impregnado de uma forte inércia de morte, cessaria de crescer e tomar forças.

Aquele que se banhava na água das mulheres era maldito e sujeito às piores desgraças.

Antes de conduzir uma esposa ao altar, mesmo no 14.º dia feliz, era preciso consultar os pássaros, e esses animavam a falar da adivinhação oficial.

Zeus enviava sinais principalmente seu trovão e os pássaros que lhe eram consagrados, mas Apolo dava apenas interpretação desta linguagem divina. Eis porque o intérprete dos deuses e dos gregos reclamava o seu conselho nos negócios graves.

A guerra não poderia ser feita sem o conselho daqueles que lêem nos astros e precauções eram tomadas para se fazer ver bem os deuses. Nunca o Ateniese partia antes do 7.º dia da lua, nem o Espartano antes da lua cheia. Seria impiedade, pois, arriscar-se a fazê-lo. De outro lado, os adivinhos acompanhavam os

guerreiros; estudavam as vísceras estranguladas, o curso dos astros, o vôo dos pássaros.

Vêm-se exércitos com as flechas esperarem estoicamente que o resultado os augúrios seja bom antes de se lançarem ao combate. Eles não ganhariam na batalha como fizeram em Platéia.

*

* *

O oráculo mais ilustre, aquele sem assentimento do qual não se tomava nenhuma medida, era o do Templo de Delfos. Outros lugares santos davam sonhos; tal era o santuário dos Asclepios em Epidauro. Lá, o deus visitava os doentes adormecidos em seu Templo e lhes indicava os seus remédios ou os curava durante o seu sono. Fazia o mesmo em Pérgamo, perto das ruínas da antiga Tróia. Mas nenhum Templo tinha o valor do Templo de Delfos. Dizia-se que Zeus, querendo conhecer o centro do mundo, tinha deixado duas águias dirigirem seu vôo em sentido oposto e que estavam juntas em Delfos, tendo feito a volta da torre.

Um Templo levantara-se neste lugar que foi, durante toda a antigüidade, o coração verdadeiro da Grécia. Todas as colônias, todas as confederações amontoavam os seus tesouros a fim de os tornar sagrados. Todos os anos, prêmios eram distribuídos aos poetas e atletas, e toda a glória é coroada pela posse do Oráculo mais afamado sobre a terra então descoberta.

Diodoro da Sicília fazia eco das lendas que rodeavam a descoberta dos miasmas estranhos que inspiravam a Pítia de Delfos (fig. 2).

Estas lendas dizem que o alto da montanha sobre a qual se erigia o Templo achava-se então muito deserto e que um pastor conduzia as suas cabras, quando estes animais foram a causa desta revelação. Achava-se na montanha uma

fenda donde subiam vapores quentes. As cabras, segundo o seu natural aventuroso, seguiram os canteiros e, vendo a erva fresca perto desta fenda, pararam e comeram. Apenas respiraram esse ar subterrâneo, foram tomadas de um estranho delírio e cambalearam de maneira estranha.

O pastor, estupefato com esta descoberta, aproximou-se da fenda e, realmente enervado, teve intenções que lhe pareceram tocar ao entusiasmo sagrado.

Falou aos vizinhos e sacerdotes, e o efeito, sendo mesmo em cada experiência nova —, efeito dificilmente explicável pelas ciências que lhes eram conhecidas —, julgaram que um Deus favorável, o da Terra talvez, mandasse os seus oráculos por essa fenda, e esse lugar foi considerado sagrado.



Figura 2: A Pífia dando os seus oráculos, segundo uma gravura antiga.

De todas as partes, aqueles que quiseram viver perto de Deus vieram estabelecer-se em Delfos.

O número dos Templos, públicos e particulares, em breve tornou-se considerável. A cidade, que devia ser a mais gloriosa de toda a Hélade, era fundada e devia crescer sem cessar com o esplendor grego. Apoio nela residia às vezes e, no curso das invasões pérsicas, Heródoto afirma que ele defendia realmente seu Templo, fazendo rolar rochedos sobre as armadas do Grande Rei. O que é certo é que Delfos não foi atacada nunca, nem pelos Gauleses nem pelos Persas; os Romanos dele se encarregaram, porém muito mais tarde.

O oráculo de Delfos era representado pela Pítia. Era uma mulher inspirada por Apolo, o deus da luz e da harmonia universais.

Para fazê-la falar, assentavam-na sobre uma trípode colocada diretamente sobre a fenda subterrânea.

O nome de Pítia era-lhe dado porque foi em Delfos que Apolo exterminou a serpente Pítia que se encontra muitas vezes figurada sobre a tripeça mística; seja devido a esta vitória ou porque a serpente, nascida da terra sempre jovem e sem cessar renascente, sabe as coisas secretas que não são reveladas a todos os mortais.

Acha-se muitas vezes a serpente no simbolismo das iniciações mágicas e sagradas; sempre representa um mistério perigoso, que é preciso dominar, se se quiser tirar uma real vantagem.

Ao princípio, tomava-se a Pítia entre as jovens virtuosas e simples, porque não precisava que o seu conhecimento do mundo a conduzisse a juntar alguma coisa das próprias idéias àquilo que recebia diretamente de Deus.

Mais tarde, tendo um audacioso roubado a sacerdotisa, o que não deixou de produzir desgraça, procuraram-se mulheres respeitáveis que haviam passado de 50 anos. Houve primeiro uma só Pítia, mas, devido à influência cada vez maior que

se produziu nos Templos, depois surgiram muitas que pregavam os oráculos, porque aquela que tinha profetizado ficara doente por muitos dias. Todos os dias não eram propícios para receber os oráculos. Mesmo nos dias fastos, era preciso que as sacerdotisas se preparassem para os sacrifícios e o sacerdote examinava longamente as entranhas das vítimas, porque a menor imperfeição era considerada como mau agouro.

A Pítia preparava-se para as suas funções por um jejum de muitos dias.

Antes de subir para a trípode, ela se banhava e mascava plantas, cuja força mágica lhe dava mais sensibilidade ainda.

O sacerdote levava-a ao santuário e, cego, invadida por uma força superior à sua vontade, exclamava: "*Ó Deus! Eis aqui, ó Deus!*"

Era um minuto sagrado. O olhar da sacerdotisa tornava-se ameaçador e a sua boca espumava; torcia-se em violentas convulsões. Era neste momento que seus lábios deixavam escapar palavras seguidas. Estas palavras eram muitas vezes obscuras e o sacerdote interpretava-as, deixando-lhes alguma coisa de duvidoso para que se pudesse achar sempre qualquer coisa de verdadeiro, quando os destinos fossem cumpridos. É o que valeu a Apolo o nome de Loxias: duvidoso. É assim que, no momento da grande invasão, Apoio disse, pelo Oráculo, que Atenas seria salva pelos muros de pau.

Os espartiatas entenderam por isso que os muros da cidade eram, efetivamente, de estacas; Temistocles compreendeu que se tratavam de navios e, com grande custo, fez prevalecer o seu conselho, felizmente, porque foi isso que fez com que a Grécia fosse salva pela vitória naval de Salamina.

A Pítia não devia saber nada do que podia agitar a política de seu tempo.

Era uma mulher simples e tendente a viver afastada dos outros, mesmo dos refinamentos do luxo que progressivamente tinha invadido a Hélade.

"Ela não conhecia — diz Plutarco — nem essência, nem tudo o que um luxo refinado fazia interesse ou era imaginado pelas mulheres. O loureiro e as libações de farinha de cevada eram todo o seu fardo".

Aqueles que consultavam o Oráculo não deviam contentar-se em fazer presentes gerais ao Templo e oferecer-lhe sacrifícios. Deviam tomar parte na cerimônia. Banhavam-se na fonte sagrada que se achava perto do Templo e, cingidos pelo loureiro, depois de ter tomado parte nas preces e nos sacrifícios, assistiam ao êxtase da pitonisa, tendo na mão ramos rodeados de bandeirinhas brancas (fig. 3).



Figura 3: Outra imagem da Pítia de Delfos, segundo um vaso pintado. Assentada sobre uma tripeça, a Pítia, Inspirada por Apolo, predizia o futuro.

Pronunciado o oráculo, a Pítia, desfalecida, incapaz de se sustentar, era conduzida para os aposentos e cuidada durante muitos dias.

Estes vapores de Delfos, que os gregos atribuíam a qualquer divindade da terra, teriam realmente uma virtude capaz de exacerbar a sensibilidade nervosa desta pessoa maravilhosa que era a Pítia, desenvolvida ainda por uma ascese particular?

É o que não se soube nunca, apesar dos estudos sobre as religiões comparadas, feitos por sábios, adeptos das ciências psíquicas.

No que concerne aos mortos, o pensamento grego — e pode-se aproximar-lhe o pensamento romano que não difere — variou no curso dos tempos, dos séculos.

Primeiramente, como dissemos, o morto foi como o vivo, sendo porém menos poderoso e menos visível e, por isso, foi necessário que se assegurasse a sua benevolência por um culto e oferendas. Depois, a idéia de recompensas e castigos impôs-se ao sentimento de justiça, inato em todas as civilizações.

A Viagem de Ulisses ao Inferno, em Homero, a de Enéias na Eneida, nos dão a nota pela sua extrema semelhança.

Hades e Perséfone, Plutão e Proserpina, seja na Grécia ou em Roma, presidem à vida dos mortos. Eles vivem sob a terra e regem o povo mudo das Sombras. Seu reino fúnebre foi descrito muitas vezes.

É aí que eles residem, e é aí ainda que habitam as pálidas Enfermidades, a triste Velhice, o Medo, a Fome, perigosa conselheira de todos os crimes, o Trabalho, a Morte e seu irmão o Sono. Aí, então, encontram-se a Guerra e a Discórdia, cujas cabeleiras de serpente misturam-se com bandeirinhas ensangüentadas.

Perto destes monstros, colocam-se os leitos de ferro das Fúrias, encarregadas da repressão dos crimes. Outros cem monstros assediam a entrada desta fatal morada. É o Averno, esse lago que os gregos considerariam como a primeira porta dos Infernos.

Depois deste limiar terrível, um caminho conduz a Aqueronte; é o rio pelo qual devem passar as almas. Elas acorrem de todas as partes e Caronte acolhe em sua barca aquelas que receberam as honras fúnebres; mas é inflexível para as outras. Elas devem errar durante um século sobre esta praia desolada.

Transposto o rio, uma nova porta serve de entrada ao palácio de Plutão; esta porta é guardada por Cérbero, o cão dos Infernos. Tem três cabeças, das quais uma sempre vela, enquanto as outras repousam; por isso não se poderia surpreender a sua vigilância.

Chegados nessa terrível residência, acham-se primeiramente as almas daqueles que morreram desde o berço; em seguida, aquelas que uma justa condenação privou da luz e aquelas que voluntaria arrancaram a vida. Mais longe, em uma floresta de mirtos, erram os amantes que morreram no seu desespero amoroso.

Deixando este bosque, encontra-se a morada dos heróis que morreram com as armas nas mãos. Perto, está o tribunal onde estão Minos, Éaco e Radamante. As suas virtudes neste mundo valeram-lhe esta magistratura suprema. Éaco e Radamante pronunciavam o julgamento, mas a aprovação de Minos era necessária e, se não o aprovasse, seria modificado.

Um ruído horrível chama a atenção sobre o Tártaro, prisão eterna, em torno da qual o Flegeton rola as suas torrentes de flamas.

De todas as partes, também, é rodeado pelas marés lodosas do Cocito. Como se a tais defesas não bastassem três ordens de muralhas, com portas de aço tornavam estes lugares mais inacessíveis ainda. Tisífone, a mais cruel das Fúrias, é encarregada de reter e ferir os culpados que tentassem evadir.

Radamante, tendo feito confessar seus crimes mais secretos, as almas culpadas eram entregues às Fúrias.

Serpentes servem de chicote a estas deusas impiedosas e, sem lhes dar um instante de réplica, atormentavam as almas continuamente.

Suplícios particulares eram unidos a certas faltas, todas participando do sacrilégio.

Mas, se os maus são abandonados ao poder feroz das divindades vingadoras, os justos conhecem também uma felicidade sem alteração.

Homero e Virgílio descrevem os Campos Elísios onde repousam os bem-aventurados que mereceram esta morada.

Aí reina uma eterna primavera; aí, na doçura de uma harmoniosa paisagem, os justos gozam da doçura da música, do canto e da poesia e conversam como faziam outrora nos passeios, discutindo qualquer idéia filosófica, como os gregos gostam, sob os ciprestes de Academos.

É verossímil, e mesmo certo, que o Egito era, sobre este ponto, bem como em muitos outros, o iniciador da Grécia. Apesar de algumas divergências, teria longas e aproveitáveis aproximações a fazer entre o que sabemos das idéias gregas concernentes à segunda vida e O Livro dos Mortos, ensinamento sagrado do antigo Egito em tudo o que toca à morte e seu mistério.

O Tártaro para os ímpios e os Campos Elísios para os justos não são, contudo, duas moradas definitivas. Mesmo os maiores culpados não ficavam sem

esperança. Hércules não livrou de seu rochedo o titã Prometeu, inimigo pessoal de Zeus, que, com riscos e perigos, roubou o Fogo para oferecê-lo aos homens, dando-lhe a possibilidade de todas as artes? Certamente, Zeus havia enviado a Força e a Cólera para ligá-lo com as cadeias de ferro indestrutível sobre o monte gelado do Cáucaso e, todos os dias, um abutre roia o fígado do imortal e todas as noites este fígado renascia para a dor de amanhã. Mas a misericórdia abalou o poder de Zeus e ele se deixou vencer por seu filho Hércules, dando-lhe o direito de libertar Prometeu, adquirindo assim a consciência humana da conquista do Absoluto.

Que eram os outros crimes perto deste atentado? Acreditava-se geralmente que as penas do Tártaro teriam mil anos e que as almas, tendo purgado a sua pena, voltavam a este mundo para animar novos corpos, procurar um outro destino, aproximando-se de uma evolução melhor.

Antes de deixar o lugar subterrâneo, as almas punidas deviam tornar a encontrar a frescura da primeira energia no esquecimento completo de seus males, bebendo as águas do Letes que não lhes deixavam mais a imagem.

Voltavam então a este mundo. Alguns pensavam que as almas inteiramente más descendiam de animais impuros, mas esta idéia nunca foi espalhada na Grécia; considerava-se justamente como uma espécie de espantalho, próprio a manter na linha reta aqueles que tinham necessidade de serem retidos pelo medo.

Mas, se a metempsicose nos animais era posta em dúvida, não sucedia o mesmo para o poder dos deuses infernais que foram sempre objeto de um respeito terrificante e os sacrifícios destinados a apaziguar a sua cólera foram os últimos a desaparecer.

Ensinamentos Esotéricos

O sentido sagrado das alegorias e das fábulas. — Édipo, vencedor da Esfinge. — Aproximação entre a Esfinge de Ghizeh e a Esfinge morta por Édipo. — Atrás da face impassível da Esfinge egípcia e sob a fábula da Esfinge grega ocultam-se os mesmos ensinamentos iniciáticos.

É primeiramente nas Fábulas, nas Alegorias, que nós procuramos a idéia iniciática, o ensinamento esotérico da Grécia. Se nosso tempo não fosse tão estritamente limitado, mostraríamos diversos, e todos nos fariam aparecer uma grande verdade sob o véu de ouro que os poetas embelezaram com todas as graças da forma.

Devemos limitar-nos à citação de Édipo, como uma das mais ricas em revelações misteriosas.

Édipo, o vencedor da Esfinge (fig. 22), é filho de Laio e de Jocasta, soberanos de Tebas, que teriam vivido no século XV antes de Jesus Cristo.

O seu nascimento foi assinalado pelo oráculo que lhe tinha anunciado as piores infelicidades.

O menino devia matar seu pai, desposar sua mãe e, depois de ter passado alguns anos miseráveis, morrer no bosque das Fúrias. Laio pensou que valeria a pena que um tal filho não vivesse; confiou-o a um de seus pastores, a fim de que lhe desse a morte. O pastor não teve coragem de executar esta ordem, mas pendurou o menino pelos pés no monte Citéron e o abandonou, cuidando que, com tanto frio que reinava, a fome e os animais ferozes cumprissem o assassinio que lhe repugnava.

Nada disso sucedeu. Descoberto pelos pastores e caçadores, Édipo, que devia seu nome (pés inchados) ao estado em que se achava, foi conduzido ao rei de Corinto: Políbio. Este, velho e sem filhos, adotou-o com o consentimento de sua esposa.

Chegado à adolescência, o jovem conheceu o Oráculo e, com medo de matar Políbio, do qual acreditava ser filho, fugiu ao acaso pelos caminhos.

A um dado momento, encontrou-se com um carro rodeado de uma fraca escolta. Questionando com os passageiros, encheu-se de fúria e agrediu um velho. Era Laio!

Uma parte do Oráculo já estava assim realizada; ele continua o seu caminho, e, tendo sabido que a cidade de Tebas estava desolada pela Esfinge, voltou para esta cidade, triunfou do animal alado e, segundo as condições que tinham sido fixadas, desposou a mulher de Laio, a rainha Jocasta, sua mãe, da qual teve muitos filhos.

Deixaremos o fim da lenda de Édipo que nos levaria muito longe e não nos limitamos senão ao combate de Édipo contra a Esfinge e o que resultou.

A Esfinge era um animal monstruoso que estava às portas da cidade. De um rochedo, apresentava aos transeuntes um enigma, sempre o mesmo. Aqueles que não podiam explicá-lo caíam em seu poder. Estraçalhava-os com as suas garras e devorava-os.

Eis o enigma: Qual é o animal que caminha de quatro pés ao amanhecer, de dois ao meio-dia e de três ao pôr-do-sol?

Édipo, tendo percebido o mistério, respondeu: "*É o homem*".

E a Esfinge, caindo em poder do vencedor, foi morta por ele, o que reanimou a alma da cidade.

O animal assim descrito é, efetivamente, o homem. Menino, na aurora da vida, ele se move sobre as mãos e os pés. Ao meio-dia de sua carreira, em pleno meio-dia de sua força, ele caminha com seus dois pés. Mas, à tarde, quando declina o ardor de sua força, ele caminha com três pés, servindo-se de seu bastão.

Court de Gébelin que se serviu, primeiramente, da etimologia e a lingüística para o estudo das religiões, estudou, partindo deste ponto de vista, o mito de Édipo e deu a curiosa explicação seguinte desta profunda alegoria:

"Sabe-se que Édipo significa aquele que tem pés inchados, porque, em sua infância, tinha sido exposto e atado pelos pés a uma árvore; e que a Esfinge era representada com o rosto, as mãos e a voz de mulher, o corpo de um cão, os olhos de um dragão, as garras de um leão e as asas de um pássaro".

"A sua residência ordinária era o monte Phiceu, na Beócia".

"Nenhum desses caracteres foi escolhido ao acaso: o seu conjunto deve dar a chave do enigma".

E Court de Gébelin sugere, então, uma interpretação da fábula que está muito próxima da apresentada por Bacon:

"A Esfinge é a ciência envolvida em alegorias; é um monstro; porque esta ciência é um acúmulo de prodígios de toda espécie; ela é representada por um rosto, mãos e voz de

mulher, para notar os seus atrativos e a sua graça; suas asas denotam o vôo elevado das Ciências e que são feitas para se comunicar rapidamente a todos os espíritos. As suas garras são a profundidade e a força irresistível e penetrante de seus argumentos e de seus axiomas: As Palavras dos Sábios — diz Salomão — são agulhões e pregos plantados profundamente”.

“Este ser extraordinário encontra-se pelas ruas, porque nós conhecemos apenas as superfícies, as aparências, a camada das coisas”.

“Recebeu das Musas os enigmas que propõe, porque elas são a fonte de toda a ciência. Habita no monte Phiceu, porque a palavra fenícia, que foi adotada pelos Gregos, significa hábil, fino, clarividente, sutil, penetrante. Só explica estes enigmas quem tem os pés inchados e doentes: porque não é com pressa que se decifram os enigmas da Esfinge.

“Enfim, duas condições estão ligadas a estas alegorias: ser despedaçado, se não puder explicar, ou ser rei se os decifrar. Efetivamente, aquele que não as pode desenvolver tem o espírito continuamente deprimido e aquele que as decifra é rei no sentido alegórico e filosófico, isto é, um Sábio, como se exprimem os estóicos; o Sábio é rei; reina sobre si mesmo e sobre a natureza que ele conhece.” (Afundo Primitivo, gênio alegórico dos antigos.)



Figura 4: Édipo vencedor da Esfinge, segundo Court de Gébelin.

A ciência aqui é a ciência secreta, bem superior a toda a ciência. A ciência ordinária dá conhecimentos que não podem servir de base ao Conhecimento, fim de nossos esforços.

*

*

*

Uma aproximação impõe-se entre a Esfinge de Ghizeh e a Esfinge morta por Édipo. É um simbolismo idêntico sob duas formas diferentes.

No Egito, a idéia religiosa foi posta sob a guarda do deserto em uma prodigiosa massa, um monumento inquebrantável, de forma imponente e enigmática.

O gênio alado da Grécia confiou o seu pensamento ao tesouro vivo e movimentado das fábulas e ele correu sobre os lábios dos homens, mas enfeitado de tantas graças que bem poucos têm procurado o verdadeiro sentido.

No Egito, vimos a sua quádrupla natureza nos dar a palavra quádrupla do eterno enigma.

A cabeça de mulher, cujo olhar é vago e penetrante, diz: *SABER*; os flancos do touro forte dizem: *QUERER*; as garras de leão mandam *OUSAR*, e as asas fechadas, apenas visíveis, ordenam *CALAR*, recolhendo-se.

É isto que devia compreender o neófito, e não é senão depois de lhe ter explicado que ele tinha o direito de penetrar, pelo peito do monstro, nos corredores subterrâneos e nas salas iniciáticas onde tinham lugar as provas que faziam atingir os Mistérios.

. O fim supremo é a Ciência, o conhecimento do mundo, do homem de Deus, a união à Divindade, o perfeito ideal do Sábio!

Na Grécia, o monstro alado é quase semelhante, mas foi confiado à lira dos poetas. Seu mistério se transmite verbalmente e ninguém se esquece das desgraças de Édipo, depois que os maiores trágicos verteram sobre ele torrentes de lágrimas. Não diz o seu segredo e é a própria Esfinge que o revela na questão que ele dá. O fim da Ciência é conhecer o ser em todas as suas faces. E as quatro estações da vida humana correspondem às quatro naturezas da Esfinge.

O animal de quatro patas — o menino ao despontar da aurora — é o período de estudos; este primeiro período corresponde à palavra Saber, porque nas suas primeiras etapas o menino deve tomar a noção completa do mundo exterior.

O animal de duas patas, que caminha com segurança, é o moço e esta fase compreende duas partes ainda: uma que precede o pleno meio-dia, a Juventude, período de ardor algumas vezes irrefletido, mas sempre rica de atividade. Querer; em seguida, vem a idade madura que decresce já e tem, sobretudo, a cumprir, antes da tarde, a tarefa que foi fixada. O homem sabe; quer; estudou sob todos os seus aspectos a obra que lhe é designada; é o período da realização: Ousar!

O animal de três patas, o velho que se apóia sobre o seu bastão, é a idade de se Colar. Fez a sua obra, e o seu tesouro de conhecimentos adquiridos é completo. Seus frutos são colhidos; seu celeiro está cheio; tem o direito de gozar em paz a recompensa que crescerá por uma feliz evolução.

As dificuldades que encontrariam Édipo e o iniciado do Egito, e que todos deveriam suplantar, eram as mesmas.

Alguém devia adivinhar a Esfinge, outro devia explicar a Esfinge, tarefa bem árdua por todos os modos.

Se o neófito grego não dava uma resposta satisfatória à questão exposta, caía sob as garras do monstro, ao passo que o postulante aos mistérios egípcios, para quem a Esfinge de pedra era letra morta, repelia ao limiar das experiências, caía em uma profunda e irremediável dor. A iniciação era-lhe vedada.

Mas Édipo, como o outro iniciado, respondeu vitoriosamente. O Egípcio foi admitido aos Mistérios da Deusa Isis. Ele foi iniciado; por seu labor e seu estudo, atingiu aos graus superiores. Édipo é rei, mas as suas experiências não foram

terminadas. A sua realeza não é senão a imagem daquele que procura a iniciação. A paz real, a verdadeira luz, o infortunado filho de Laio não as achará senão sob a sombra negra do bosque das Fúrias, quando, ao renunciar a todas as alegrias e às glórias do mundo, for votado aos deuses e, morto como o iniciado em um sarcófago, vier a ser um objeto de culto e de benção para aqueles que herdaram sem corpo — suas obras — tudo o que fica ao mundo do iniciado digno deste nome.

Homero

Sob o agradável véu da ficção, os poemas de Homero contém alguns segredos da Iniciação helênica. — Os sacrifícios. — O transe profético de Cassandra. — Graças à magia, Circe muda em porcos os companheiros de Ulisses. — A evocação do adivinho Tirésias. — O Antro das Ninfas de Itaca. — Seu simbolismo é-nos revelado por Porfírio. — É a imagem mística do destino das almas.

Há muito que se pergunta se as obras de Homero contêm um ensinamento iniciático e muitos autores antigos decidiram a favor da afirmativa.

Efetivamente, certos textos são bastante prováveis nesta forma de ordem de fatos. Pátroclo foi apaziguado pelos sacrifícios que Aquiles celebrou sobre a sua tumba. Aquiles, mesmo morto muito cedo, reclama a sua parte de espólio e a sua cativa Políxena que deve ser estrangulada sobre a laje funerária.

A profetisa Cassandra é um modelo ainda do transe profético na sua manifestação mais elevada, e os temores vagos de Andrômeda, na sua separação de Heitor, são o modelo do pressentimento tal como muitas mulheres e certos homens têm experimentado. A magia reina no domínio destes poemas. É por magia que Circe muda em porcos os companheiros de Ulisses, caídos em seu poder, ao passo que Ulisses a dominou, porque a força de vontade do iniciado domina sempre o que vem dos sentidos e do psiquismo inferior.

Ulisses é, além disso, o símbolo perfeito do iniciado. Quando ele deve enfrentar as Sereias, que simbolizam as ciladas deliciosas da Natureza, ciladas mortais sob a sua aparência agradável, tapa os ouvidos de seus companheiros, agarrando-se ao mastro do navio para não cair na deliciosa cilada.

Mas o iniciado se mostra ainda mais na evocação do adivinho Tirésias, morto há muito tempo, e que pode só aconselhá-lo sobre o sucesso de suas empresas. Cava uma fossa quadrada na qual faz primeiramente libações de leite com mel, vinho e água, depois espalha farinha de cevada.

Enfim, enche esta fossa com sangue de carneiro preto.

Ávidos de reviver um momento de uma vida fictícia e fugitiva, as sombras se precipitam sobre o sangue, mas o herói as afasta com a ponta de sua espada — porque as formações fluídicas temem as pontas do metal — e não deixa beber senão Tirésias. Quando obteve do ilustre Tebano os ensinamentos que lhe eram necessários, cede, enfim, à natureza e permite que sua mãe beba o sangue negro.

Ele fala; mas, quando a quer tomar em seus braços, não encontra senão uma forma vã, sem nenhuma resistência.

Isso se relaciona mais especialmente aos fenômenos chamados, nos nossos dias, espíritos, como os oráculos de Cassandra se relacionam aos fenômenos intuitivos, mas, se devemos crer nos Alexandrinos, Homero contém ensinamentos de uma bondade mística muito mais alta.

Nenhuma obra, a este respeito, é mais característica do que o Antro das Ninfas.

Este antro está situado na ilha de Itaca. É um lugar sagrado que encerra as riquezas do iniciado. A descrição do antro, tal como Homero nos mostra na XII rapsódia da Odisséia, é bastante para atrair a glosa de Porfírio, cuja tradução devemos a Pierre Quillard:

“À entrada do porto cresce uma oliveira de grande copa.

Junto a ela se abre o antro amável e tenebroso.

Consagrado às Ninfas que denominamos Náíades.

Dentro, existem crateras e finforas

De pedra, onde abelhas constroem suas colméias;

Há também longos trabalhos de pedra nos quais as Ninfas

Tecem panos tintos de púrpura maravilhosa à vista;

*Ali também correm fontes inesgotáveis e existem duas
entradas:*

Uma para o Bóreas, deixa descer os homens;

Outra para o Notos, é para os Deuses,

*E jamais por ela entrarão os homens; porém, esse é o caminho
dos imortais”.*

Este antro é a imagem mística do destino das almas; é o símbolo, e um detalhe não é sem importância nesta singular alegoria. O antro, dizíamos, é o mundo e tem duas aberturas: uma para os homens e outra para os deuses; os visitantes, de uma natureza tão diferente, jamais erram a porta.

O antro cheio de sombras é doce e fresco, e o murmúrio das fontes torna-o ameno, apesar das suas sombras.

E a explicação de Porfírio começa por certificar que o trecho de Homero não era arbitrário nem fantasista:

*“Neste ponto — diz ele — não há uma fábula
imaginada ao acaso por simples prazer do espírito e não
contém mais a descrição de um lugar, porém, é preciso ver*

uma alegoria do poeta que colocou misticamente uma oliveira perto do antro.

A oliveira, árvore de Palas, é uma árvore sagrada entre todas e o lugar desta árvore pacífica, no limiar do antro dos iniciados, bastaria para atrair a atenção, porque não é nas tempestades de cólera nem nos tumultos de ambição que Deus consente em se revelar aos mortais.

O antro, segundo Porfírio, é o símbolo do mundo. É para ele que as almas descem nesta vida material, e é por ele que elas voltam ao mundo superior.

Por que um antro? — dir-se-á. Antes de tudo, os antros e as grutas, devido a seu aspecto de sala preparada de antemão por uma potência desconhecida, sempre pareceram misteriosos e sagrados.

"Os antigos — diz Porfírio — consagravam os antros e as cavernas ao Mundo considerado em sua universalidade ou em suas partes: tomavam a terra por símbolo da Matéria de que é composto o Mundo; aí pensava-se também que era pelo motivo da terra designar a matéria e significava por antros que o Mundo está composto pela matéria".

O antro é, pois, a imagem do mundo tangível, mas não seria natural vir ao pensamento de um grego a ausência dos atrativos deste mundo que ele embelezava ainda por todos os prodígios da arte e todos os prestígios da poesia.

Por isso, apesar das trevas de que a matéria não poderia deixar de ser envolvida, o antro tenebroso fica muito agradável porque é o asilo das formas.

"É devido à matéria — afirma Porfírio — que o mundo é obscuro e tenebroso: mas a forma se apruma e ordena e, por isso, vem a ser bela e agradável".

"Pode-se comparar, pois, a um antro agradável aquele que se tem sobre o limiar, porque, à entrada, as formas são mais distintas, porém obscuras a qualquer que imagina as cavidades profundas e entra em espírito nesta sombra".

"É o ponto em que o exterior e as primeiras vistas são agradáveis e que as profundezas íntimas são tenebrosas".

É, pois, desprendendo-se da matéria, esclarecendo-a pela luz que lhe é exterior, que vem dar toda a beleza que lhe é acessível, a fazer brotar as formas que ela é suscetível de tomar. E Porfírio faz observar que, mesmo os Persas, para fazerem compreender por um símbolo a descida da alma na matéria e a sua ascensão no mundo da Luz, dão o nome de caverna ao lugar onde se passa a iniciação, a fim de que o iniciado se desprenda inteiramente da matéria e dos encantos que possui o mundo sensível.

O antro é consagrado às Ninfas, como a maioria dos outros.

"Os antros eram dedicados às Ninfas e sobretudo às Náíades que velam as fontes e tiram o seu nome das águas de onde elas decorrem".

As fontes, cuja origem era uma espécie de prodígio para os antigos, eram-lhes sagradas. Hesíodo, que se afirma, sobretudo, nos Trabalhos e nos Dias,

tão bem como na Teogonia, ao ponto de julgar o que o homem piedoso deve fazer e evitar para se conciliar com os deuses, Hesíodo está cheio de prescrições relativas ao respeito que se deve às fontes e aquela que as macula de uma maneira qualquer, raramente escapa de ser castigado pelos deuses.

As Náíades, as Ninfas, são as energias personificadas da matéria e este antro, onde as águas correm perpetuamente, "não simbolizam a essência inteligível, mas a substância unida à matéria".

Tomado pelo simbolismo destas águas que vêm não se sabe de onde para nascer à luz, Porfírio acrescenta que as Náíades "*são as almas que desejam nascer*".

Quanto às crateras e ânforas de pedra, são, diz Porfírio, "*os símbolos das Ninfas Hidríadas. Porque as ânforas e as crateras de argila são o símbolo de Dionísios; efetivamente, elas agradam ao deus da vinha cujo fruto foi amadurecido pelo fogo urânico*".

Assim, os deuses se comprazem do que chamam os seus mistérios, e as Ninfas, mais perto da matéria, amam a pedra natural, ao passo que o sutil Dionísio, filho de Zeus, transformado em raio, ama o que o fogo ateou, seja este o forno de barro ou o fogo astral, do sol.

Mas as crateras e as ânforas de pedra convém muito às Ninfas que presidem às águas que brotam das pedras. E quais símbolos seriam melhor apropriados senão os naturais para as almas que descem para a geração e a produção do corpo? Assim o poeta ousou dizer que, sobre estes meios, as Ninfas: *Tecem pano tinto de púrpura maravilhosa à vista*.

Como pertencentes às Ninfas, os lugares são de pedra, mas desde que a geração dos seres humanos começa a se manifestar, o simbolismo se precisa e eis aqui o que diz Porfírio:

"É nos ossos e em torno deles que se forma a carne: eles são de pedra no corpo dos animais e são comparados à pedra. Porém, os meios são feitos de pedra, e não de outra matéria".

As vestes são de lã vermelha, e não é somente pelo fato desta cor sagrada pertencer aos deuses e aos reis. Eis aí o ensinamento iniciático, tal como o precisa Porfírio:

"E os panos de púrpura não são outros senão a carne unida ao sangue; efetivamente, os tosões de púrpura são impregnados de sangue e a lã é tinta no sangue e a carne vem a ser sangue. E o corpo é a vestimenta da alma e há um espetáculo admirável, quer seja considerada a composição ou a união com a alma".

Não encontramos aqui a potência mágica do sangue tanto como o veículo da vida e as almas o cuidam para enfeitar os belos trajes que eles tecem, do mesmo modo que as almas mortas, no momento em que elas vêm para Ulisses, são ávidas deste sangue espalhado onde elas encontrarão alguns momentos de existência consciente.

Falando das ânforas de pedra, Homero a junta: ... *onde as abelhas constroem suas colméias.*

Por que as Ninfas Náíades deixam fazer o mel nas urnas que deveriam ser preenchidas de água? Aqui, ainda, Porfírio nos dá muitos ensinamentos úteis:

"Os teólogos serviram-se do mel para um grande número de símbolos diversos. Ele purifica e conserva: graças a ele, muitas coisas vêm a ser incorruptíveis e as úlceras antigas são curadas por ele; é doce gozar e, em certas cerimônias, come-se o mel porque purifica a língua de todo erro".

É, pois, uma nutrição sagrada e os Persas fazem homenagem à sua divindade, Mitras, que é o guarda das colheitas, e o mel que lhe oferece simboliza estas funções de guardião, porque preserva da corrupção.

O mel é a nutrição dos deuses e é por isso que deve ser sagrado para os homens.

Deve ser, pois, considerado ao mesmo tempo como um purificador, como um preservativo da decomposição natural, como excitante à volúpia do amor; existem ainda outros sentidos ocultos.

A própria abelha é sagrada e ela é a imagem de uma alma já elevada que vem a este mundo com o desejo do bem, porque a abelha vem para fazer o mel que é bom e útil.

É o que Porfírio assim exprime:

"Não se chamam indiferentemente todas as almas abelhas que vão para a geração, mas somente aquelas que deveriam viver segundo a justiça e voltar em seguida à sua morada primitiva, depois de ter cumprido as obras agradáveis aos deuses".

A abelha é um animal instruído pelos deuses e a perfeição dos alvéolos onde ela distila o seu mel tem sempre causado a admiração dos observadores.

É um dos motivos por que o mel vem a ser uma nutrição mística. Preparado com a quintessência das flores que, propriamente, são os mais puros dos vegetais, o mel tem semelhança com a divina ambrosia. Eis porque os bens de que os homens são atingidos dão a inspiração profética, assim como vemos que um hino homérico era consagrado aos Mouros, que conheciam o segredo de todos os destinos.

O antro das Ninfas tem dois destinos: um — diz Homero — está voltado para Bóreas, e o outro, mais divino, para o Notos e se pode descer por aquele que olho para Bóreas. Mas não indica se é possível descer por aquele que está voltado para o Notos, e diz somente que:

Jamais por ele entrarão os homens; porém esse é o caminho dos imortais.

"O poeta — observa Porfírio — diz que a abertura do antro voltada para Bóreas servia para a descida das almas".

Quanto às regiões de Notos são reservadas, não aos deuses, mas àqueles que sobem para os deuses.

Por isso, Homero diz, não o caminho dos deuses, mas o caminho dos imortais, isto é, o caminho daqueles que são vitoriosos das experiências, que têm vencido a segunda morte; aqueles não nascerão e não morrerão jamais.

O símbolo da oliveira não é menos freqüente, nem menos admirável.

Nota-se no começo da descrição homérica:

A entrada do porto cresce uma oliveira de grande copa, Junto a ela se abre o antro..

"Não é por acaso — diz Porfírio — que esta oliveira surge ali, mas indica também a significação misteriosa do antro. O mundo, efetivamente, não é nascido arbitrariamente e por acaso, mas é a obra do pensamento divino e da natureza inteligente; e, diante do antro, a imagem do mundo, está a oliveira, símbolo da sabedoria divina..." E continua: "A oliveira persiste; é, pois, uma propriedade que convém muito bem às mudanças das almas deste mundo (e sabe-se que o antro é consagrado à almas)... O mundo também é dirigido pelo pensamento eterno e sempre brota de uma natureza inteligente".

*

*

*

Porfírio fala em uma época em que escritos iniciáticos, para atingir os iniciados, se arriscam a cair em mãos profanas; também escreve para mais leitores do que desejaria. Eis porque se defende de ter posto o que quer que fosse de pessoal na sua explicação que provém de uma tradição esotérica:

"Que se não tomem tais interpretações como forçadas e crendo que elas sejam conjeturas de homens sutis. É preciso notar qual era a sabedoria antiga e, cuidando como Homero que é sua exata consciência de toda a virtude, não negar que, sob a forma de mitos, ele ocultou misteriosamente a imagem das coisas divinas. Não podia, efetivamente, deixar de fazer uma ficção completa e que não teve nenhum objeto verdadeiro por origem".

O sentido secreto assim exposto por Porfírio corresponde ao pensamento de Homero? O fato é verossímil, porém muito difícil de provar.

Certamente, Homero está cheio de alusões místicas e nós encontraremos seus hinos quando tratarmos dos mistérios de Elêusis que tiveram importância tão grande na vida da Grécia.

Seja o que for, parece-nos interessante dar aqui, a título documentário, os trechos essenciais do trabalho de Porfírio, tendentes a demonstrar que Homero foi um grande iniciado e que, sob o agradável véu da ficção, seus poemas admiráveis continham alguns segredos de iniciação helênica.

*

*

*

Os Mistérios de Ísis

Sua sobrevivência na Grécia. — Culto público e culto secreto. — A unidade de Deus. — A doutrina dos renascimentos corroboram a da imortalidade da alma. — O julgamento final: concordância dos ensinamentos egípcios e gregos. — "*Morrer para renascer*", tal era a fórmula antiga iniciática mais alta; o que ela significava. — Semelhanças entre a fábula da descida aos infernos e as experiências às quais eram submetidos os noviços na iniciação isíaca. — Os Mistérios de Ísis foram os inspiradores de numerosos outros mistérios, tais como os de Cabiras, Vulcano, Vênus, Júpiter, Mitra, Baco, Ceres etc.

Os mistérios de Ísis, que estudamos no Egito, sobreviveram na Grécia e exerceram uma grande influência.

É verossímil que estes Mistérios sofreram profundas modificações. As cerimônias magníficas foram suprimidas, os ritos simplificados. Ísis, na forma egípcia, não foi jamais, propriamente falando, uma divindade adorada na Grécia.

Mas, o que é certo é que este culto foi a origem de novas formas religiosas e filosóficas. Pode-se afirmar que os cultos isíacos foram os inspiradores de numerosos cultos e de diversos agrupamentos secretos, de que os mais célebres foram os Mistérios de Elêusis que, com elementos, completamente transformados, haviam conservado a fórmula religiosa e um ritual tão complicado quanto harmonioso. São os Mistérios que guardam os ensinamentos do grande Orfeu. Os ensinamentos de Pitágoras, ainda que profundamente penetrados de ensinamentos do Egito iniciático, foram exclusivamente laicos. Seus iniciados não rendiam a Deus

um outro culto senão o de seu próprio aperfeiçoamento e sua adoração não se traduzia por cerimônias de espécie alguma.

Em todas estas fórmulas iniciáticas, havia — como em toda a parte — um ensinamento oficial, exterior, conveniente a todos aqueles que não quisessem senão operar segundo o dever atual e um ensinamento esotérico, aplicável àqueles que procurassem uma evolução mais rápida e voluntária.

No ensinamento público, os mitos e símbolos interpunham os seus véus entre o adepto e o ensinamento que lhe dava. O ensinamento secreto despoja a verdade deste maravilhoso manto e a estuda na sua realidade nua. Veremos, em seguida a este estudo, que Pitágoras não veta seu ensinamento propriamente dito, mas restringe, por diversas medidas e experiências severas, o número daqueles que se tornam seus discípulos, não guardando senão aqueles que eram verdadeiramente dignos.

Os mistérios de Ísis prosseguem-se, pois, na Grécia, mas sob aparência modificada. Os iniciados de todos os Mistérios são ligados a um culto de que não se desprendem. As mais fugitivas alusões são encaradas como crimes a respeito da celebração dos Mistérios e das verdades que ensinaram. Muitos autores falam dos iniciados como de pessoas superiores que atingiram uma felicidade interdita ao vulgo, mas os seus termos são tão velados que não nos dirigem para uma investigação mais exata.

Conhecemos cultos públicos dos quais nos são desconhecidos Os ritos secretos.

Eis aí o que diz, a respeito destes ritos, o autor anônimo do Ensaio sobre a Religião dos Antigos Gregos:

"O rito operou primeiramente no culto público. As preparações que ele exigiu contribuíram para mantê-lo em toda a sua pureza. Era rodeado de respeito e silêncio, como uma barreira intransponível".

"Assim, durante o tempo que o povo inundava em multidão os pórticos do Templo, e que, prosternado diante dos altares de Júpiter, adorava esta divindade poderosa que ele tinha aprendido a reverenciar, mas cuja essência lhe era desconhecida, um pequeno número somente, admitido no santuário, gozava da presença de Deus, elevava-se por graus até os princípios das coisas e não contemplava o espetáculo do universo submetido às leis invariáveis senão para render homenagem Àquele que é a origem de tudo".

"O segundo culto não diferia essencialmente do primeiro; era o tipo, mas tinha um fim mais direto".

"Ao mesmo tempo que ele se mostrava com um aparato imponente, era ainda mais recomendável pela sua doutrina. Os iniciados, isto é, aqueles que tinham sofrido diversas experiências, eram, pois, o que esta Religião tinha de mais augusto e mais alto".

Para atingir a esta altura e obter esta pureza na doutrina, os Mistérios e ensinamentos secretos davam primeiramente aos iniciados o conhecimento da unidade de Deus.

Consideramos hoje este conhecimento como uma idéia das mais simples e naturais, porém homens foram mortos — Sócrates é o mais célebre — por terem falado abertamente em uma época onde esta certeza não se confiava senão aos iniciados dos Templos.

Todos os deuses conhecidos, e eles eram inumeráveis, todas as formas, todas as manifestações da Natureza sob formas diversas, pessoais, eram freqüentemente revestidos da maior beleza e venerados pela multidão.

Aquele que aprendia a discernir nestas Forças divinizadas a única Divindade real, alma e origem de tudo, recebia uma confiança que não devia revelar jamais.

Explicavam-lhe todos os mitos e todas as fábulas; descobria-se-lhe o sentido de todos os emblemas sagrados e partilhava sua admiração entre a perfeição formal dos deuses da multidão e a maravilhosa penetração com a qual os seus atributos tinham sido escolhidos de maneira a fazer conhecer o seu poder sem desvendar a sua verdadeira personalidade.

O iniciado recebia comunicação da doutrina dos renascimentos corroborando a da imortalidade da alma.

É talvez a parte da iniciação que os adeptos têm mais velado, porque lhes fazia compreender a justiça e a bondade, que presidem a todas as coisas.

Esta doutrina, incessantemente transmitida sob o cetro do segredo, é a única que dá inteira satisfação ao sentimento de justiça inato no homem.

Plutarco resume este ensinamento com a legítima altivez do iniciado, quando diz: *"O vulgo crê que não existe mais nada além da morte. Para nós, iniciados como todos somos nos ritos secretos de Baco e testemunhas destas cerimônias santas, sabemos que existe um futuro"*.

Este futuro era muito explicitamente demonstrado. Segundo as lições secretas, a alma existia antes do corpo, e estava em vista de um aperfeiçoamento para o qual era submetida às encarnações sucessivas, que a punha em constante e cruel contato com a matéria. Esta matéria devia acabar por ser submetida; mas antes era preciso que ela fosse dominada pelo espírito, que ela se destacasse tão completamente quanto possível.

Depois da morte, um julgamento se produz em que a alma, única responsável, é a única a dar contas sobre o emprego feito por ela das possibilidades da vida. Se a sua conduta neste corpo teve como resultado o melhoramento da vida espiritual, a alma será chamada a subir e se aproximar dos deuses felizes com os quais partilhará mais tarde as alegrias imortais. Se o julgamento é desfavorável, enceta uma regressão e a alma é chamada às reencarnações penosas, mesmo no corpo dos animais, até que se purifique por seu próprio julgamento, por seu próprio esforço.

Lá não cessa o efeito do julgamento. Entre as reencarnações, a alma já sofre penas e alegrias. Existe um Inferno, o Tártaro, onde residem as almas. Sob um aspecto bastante diferente do Amenti egípcio, há sempre um lugar de castigo e sofrimento.

Os grandes culpados sofrem tormentos que os poetas tornaram célebres e assim Tântalo serve aos deuses um abominável festim e sofre as torturas da fome, no meio de todas as tentações de um festim soberbo.

Por outro lado, as almas virtuosas vivem nos Campos Elísios, regozijando-se dos propósitos engenhosos, dos hinos, das danças sagradas e de tudo que eleva o coração e o espírito.

Os mistérios ensinavam, pois, uma superior moral, feita para divinizar o homem, dar-lhe a mais alta consciência de seus deveres e de sua personalidade.

Não era mais constrangimento, porém por escolha, que queria praticar a virtude. Procurava o seu caminho para as alturas divinas; achava-se em companhia dos iniciados como ele, e a sua alegria não devia ter fim.

*

* *

Um fragmento de Diodoro de Sicília fez conhecer que, pelos sábios, o sistema posto em foco pelos poetas gregos, relativamente ao julgamento das almas e dos tormentos do inferno, era baseado exatamente sobre os costumes funerários dos egípcios. Esta revelação é extremamente típica em relação à influência do Egito na Grécia.

"O Mercúrio grego — diz Diodoro da Sicília — condutor das almas, era o padre encarregado de receber o corpo de um Ápis morto. Ele o conduz a um segundo sacerdote, que levava u'a máscara de três cabeças, semelhantes à do Cérbero dos poetas".

"O segundo sacerdote fazia-lhe atravessar o Oceano, servia-lhe de piloto e o transportava às portas da cidade do Sol, onde chegava às felizes planícies habitadas pelas almas".

"O Oceano — continua Diodoro da Sicília — é o próprio Nilo ao qual os Egípcios dão o nome. A cidade do Sol é

Heliópolis; os planos felizes são os belos campos situados nos arredores do lago Aquerusa, junto de Mênfis”.

“Nas cerimônias fúnebres, começava-se por designar o dia em que o corpo era destinado para ser inumado. Os juízes eram os primeiros advertidos; depois os parentes e amigos do morto”.

“Seu nome era repetido em todas as partes e advertia-se o que se ia passar no lago. Então quarenta juízes se reuniam e se sentavam em forma de círculo, à borda do lago. Trabalhadores conduziam uma barca, e o piloto, chamado Caronte pelos Egípcios, se prestava a governar”.

“Antes de colocar o ataúde na barca, a lei permitia a todo o mundo elevar queixas contra o morto. Os reis não eram isentos desse costume; e, se as queixas eram provadas, os juízes pronunciavam a sentença que privava o morto das honras da sepultura; mas aquele que não provava a sua acusação sofria grandes castigos”.

“Quando algum acusador não se apresentava, os parentes deixavam o luto e começavam a fazer o elogio do defunto, falando de sua educação e percorrendo todas as épocas de sua vida. Relevavam a sua justiça, a sua piedade, a sua coragem, e pediam aos deuses infernais para recebê-lo na morada da felicidade. A assistência aplaudia, unia os seus elogios e felicitava o morto de ter merecido passar à eternidade na paz e na glória”.

"Tais eram as cerimônias que Orfeu tinha visto praticar no Egito, sobre as quais funda a sua fábula dos Infernos, e juntou as circunstâncias que se harmonizavam aos costumes dos Gregos".

Esta concepção era muito própria para que os homens aceitassem os preceitos de conduta, aproximando-se dos ensinamentos egípcios e vimos que este ensinamento desenvolvia as mais nobres faculdades de espírito e de coração.

Um outro meio de lhes fazer compreender e sentir a importância desta vida futura era a assimilação que era feita da iniciação à morte e à renascença em uma existência mais elevada.

*

* *

Aos olhos dos adeptos, a iniciação era a passagem desta vida a uma vida quase divina.

Vê-se que o iniciado, no Egito, devia, em última análise, sofrer a experiência do sepulcro, deixar-se enterrar, morrer, em uma palavra, merecendo assim o nome dado aos adeptos hindus, o de dwija: duas vezes nascido.

E' o mesmo na Grécia, e todos os heróis, todos os grandes iniciados desceram aos Infernos. Vê-se por Ulisses, Hércules, Orfeu e Teseu que, por diversos motivos, desceram ao reino da Sombra e se tornaram vencedores.

Na sua Histoire de Calendrier, Court de Gébélín cita um fragmento de Stobeu, que exprime muito claramente este pensamento: *"A alma experimenta na morte as mesmas paixões que ela ressentia na Iniciação; e as palavras respondem*

às palavras como as coisas respondem à coisas. Morrer e ser iniciado se exprimem por termos semelhantes".

*

* *

Segundo a característica que se queria fazer representar pela lenda, dava-se ao iniciado um ou outro motivo para esta descida aos Infernos, mas os trabalhos e os resultados eram sensivelmente os mesmos.

Teseu aí desce para arrancar seu amigo Piritos a um castigo imposto pela cólera de Plutão. Hércules segue seu amigo Teseu, a fim de que ele não sofra graves perigos e é ele só, cujos motivos são absolutamente desinteressados, que assegura o sucesso da expedição e que anima os seus amigos à luz do dia.

Enéias e Ulisses vão procurar entre os mortos a revelação do futuro: Enéias, pela criação da cidade futura de que Virgílio fez um mundo ideal, uma cidade de glória e de esplendor; Ulisses, para voltar à sua pátria onde o esperam as afeições puras e os deveres cotidianos.

O mais célebre destes mitos é o Amor que conduz os passos de Orfeu; parece-nos que o Amor é um símbolo e que este não é uma mulher, porém a mais alta visão do espírito que procura o poeta inspirado.

*

* *

Aproximemo-nos da descida de Orfeu nos reinos plutônicos das experiências às quais eram submetidos os noviços na iniciação.

Veremos as semelhanças que os esclarecerão sobre o que a ficção poética pôde ajuntar, graças às mais nobres idéias.

No Egito, os postulantes eram submetidos a longas e cruéis experiências. Eram separados de tudo o que os tinha interessado. Renunciavam a seus pais e amigos e, sós, sem conhecer um único apoio, embrenhavam-se pelos longos e sombrios corredores dos subterrâneos da Pirâmide.

Aí, eles se achavam expostos a mil motivos de terror.

Desciam por escadas a um poço vertiginoso.

Livres, a custo, do perigo; deviam atravessar uma sala onde vastos braseiros não deixavam senão uma estreita passagem.

Deviam franquear um largo canal, lutando com as correntes e as contracorrentes.

Enfim, mesmo à porta do Templo, deviam lutar contra a vertigem, sustentados por anéis ao lintel de uma porta que acabava abrindo-se.

As tributações de Orfeu são de uma ordem toda diversa, mas elas não são menos dolorosas.

Apenas ligado à Eurídice — símbolo encantador do pensamento superior — é separado dela pela morte. Uma serpente a pica; ela cessa de viver.

Armado da única arma do poeta, o condutor da lira desce aos Infernos e, bradando contra todos os supliciados que ameaçam aqueles que ofendem aos deuses, vai direto a Plutão. Diante da tripla goela de Cérbero, não tinha com que se defender senão com a harmonia do canto. Domina o monstro feroz, arranca lágrimas a Perséfone e enternece o próprio Hades que permitiu que Eurídice fosse entregue à luz do dia. Mas o homem tem menos força contra a alegria do que contra a dor. É assim que Orfeu perdeu todo o benefício de sua vitória.

*

* *

Vemos que, em um ponto determinado de seus trabalhos, o noviço tem o direito de voltar atrás, porém, desde este momento, as portas de todos os Templos lhe são fechadas para sempre.

A ordem, que é dada a Orfeu, participa disso. Ele pode reanimar Eurídice, mas não deve voltar de seu caminho para a ver, enquanto for hóspede de Plutão. Aquele que venceu pelo sentimento não sabe dominar o seu próprio sentimento! Volta-se, pois, para Eurídice e a perde de novo para não a ver jamais.

O noviço que não tinha sido vencedor das experiências era, no Egito, condenado a desaparecer. Geralmente, não sobrevivia ao desgosto que lhe inspirava a própria derrota.

Orfeu não podia sobreviver à dor de uma tal experiência tentada e perdida. Veremos, em seguida, que se consagra à propagação das mais altas doutrinas e que morreu, mártir de suas idéias, fazendo-as triunfar por sua gloriosa morte.

No Egito, a crença geral era que, quando o julgamento que segue o morto era favorável, ele ia gozar a felicidade perfeita, confundindo-se na luz clara e eterna de Amon-Ra.

Tal era, igualmente, o fim da iniciação grega. O iniciado devia morrer para a vida atual, renunciar a todos os interesses baixos e vulgares, para não procurar senão o que era divino em tudo que a Natureza e a vida social nos podem oferecer em possibilidades de evolução.

A iniciação, para aquele que soube tornar-se digno, é o começo de um novo ciclo de concepção toda diferente.

*

*

*

O iniciado considera a vida sob um aspecto muito diferente e eterno. Não vê na vida senão o bem a realizar, o apoio àqueles que sofrem, a expansão das idéias puras.

No ensino místico, tanto na Grécia como no Egito, uma nova vida começava para o defunto.

Na Grécia, o morto vivia no Tártaro ou nos Campos Elísios, segundo o que ele tinha merecido por sua vida precedente.

Dizia-se que esta vida era eterna, mas para os iniciados não devia ser, porque os revoltados, os mais odiados de Júpiter, deviam ser livres em um certo momento; Prometeu mesmo devia voltar à liberdade pelo triunfo de Hércules, representando ao mesmo tempo a luz iniciática e o livre esforço da Humanidade.

Os Mistérios de Isis foram os inspiradores de todos os Mistérios que se espalharam logo em todos os países civilizados, como também os dos Cabiras, os deuses do fogo, adorados na ilha de Chipre, de Júpiter em Creta, de Mitra na Pérsia e na Ásia Menor, de Baco e de Ceres na Grécia.

Estes últimos celebravam-se, sobretudo, em Elêusis e reclamam um estudo particular.

São ainda, como vimos, aos Mistérios de Isis que se referem os ensinamentos de Orfeu e de Pitágoras, este último puramente moral e social, ao contrário do primeiro que unia a mística à poesia.

Trataremos somente, nas páginas que se seguem, das recordações de Orfeu, de Pitágoras e dos Mistérios de Elêusis, como representando os três maiores movimentos iniciáticos que floresceram na Grécia.

ORFEU

O que, nos conta a tradição relativamente à sua existência. — Iniciador mais artista de todos os tempos, Orfeu se dirige mais à sensação do que ao pensamento puro ou ao juízo. — Os Mistérios de Dionísio. — A iniciação órfica decorre do ensinamento egípcio. — A lenda de Orfeu nos infernos; o que ela significa sob o ponto de vista esotérico. — A ação do iniciado sobre os ritmos sagrados: a voz, o som da lira. — Ação terapêutica da música. — Ação social. — A lira de Apolo e as harmonias do mundo.

Orfeu passa por ser o mais antigo iniciado grego de cuja história conservamos a lembrança.

Não nos resta nem uma prova de sua existência material e nós estamos no direito de perguntar se ele viveu realmente ou se este nome é de um grande iniciado ou mesmo de um grupo iniciático, destinado a espalhar na Grécia os ensinamentos necessários. Cícero pôs em dúvida a existência do maior dos poetas. Porém, Orfeu ficou sendo sempre a mais bela expressão do poeta iniciado que aplicou toda a magia de sua arte ao serviço da verdade!

Segundo a tradição, Orfeu teria nascido na Trácia. Desde sua infância, aquele que devia ficar sendo o protótipo da pureza e da harmonia manifestou os dons mais empolgantes de espírito e de inteligência.

Vivia entre os rochedos abruptos de seu selvagem país e teve o desejo de ensinar a seu povo uma idéia mais pura e mais nobre da religião, empreendendo uma viagem de estudos, de onde devia trazer à Trácia os tesouros da iniciação.

Os Hinos que trazem o seu nome conservam o surto desta religião nova, toda enfeitada de flores da mais rara e ofuscante beleza.

O que nos resta saber de Orfeu é se a sua obra é de um só homem ou de um círculo de iniciados; a magnificência poética da forma não cede à profundidade e ao poder dos pensamentos a exprimir.

Chamado por sua vocação para ser o iniciador mais artista de todos os povos, Orfeu se dirigiu mais à sensação do que ao pensamento puro ou a juízo. Certamente, tinha que revelar verdades eternas e dar ensinamentos àqueles que deviam caminhar sobre os seus passos, guiando-os para uma compreensão mais alta e melhor da divindade. Mas o povo ao qual se dirigia tinha necessidade, antes de tudo, de tomar as harmonias da Natureza, de se sentir penetrado pelas mais nobres cadências, de seguir, com a vista extasiado, o desenrolar das belas imagens.

É pela música e a poesia que Orfeu poderá vir a ser o grande mestre. São estes, pois, os meios que emprega o grande iniciado.

Uma das Musas inspira-o e é por isso que a tradição observa que ele era o filho da Musa Calíope, a virgem de belos cantos, porque nenhum dos recursos do Verbo lhe foi recusado.

É um inspirado e, ao mesmo tempo, um legislador e um Mago!

Mas o legislador dirige sobretudo uma vida que está conforme o ritmo divino; o Mago serve-se das formas mais belas para mascarar os mais altos ensinamentos a transmitir, sob o véu encantador dos mitos, sob o simbolismo profundo e encantador das mais belas festas que tenham sido jamais concebidas.

A Grécia não podia ser conquistada senão pela beleza. Pertencia ao filho de uma das Musas esta conquista, para ele derramar a luz apolínea, esta civilização

perfeita, à qual devemos muito e que nos governa ainda pela poderosa graça e perfeição.

*

* *

Atribui-se a Orfeu o estabelecimento dos Mistérios de Dionísio, na Grécia.

Para dar-se crédito à lenda, foi ele que fundiu em uma só a religião dória, que adorava a Zeus, com os mitos novos vindos do Mediterrâneo.

A lei rígida enfeitava-se de todas as riquezas de entusiasmo, do mesmo modo que, para criar o tirso querido dos deuses, o rígido ramo que coroa a pinha se enriqueceu e cobriu-se de folhas e grinaldas soltas.

É no equinócio da primavera que se celebram estes mistérios.

Não nos ficou senão uma lembrança muito obliterada pela necessidade em que se achavam os iniciados de não revelar nunca as cerimônias que tinham assistido. As Bacantes de Eurípedes mostram-nos mulheres, sob o império do Deus, entregando-se ao transporte de um psiquismo exaltado. Elas encantam as serpentes e os animais ferozes; a pantera listrada serve-lhes de banco; tomam as serpentes, fazem-nas mamar em seu seio, mergulham-nas na sua cabeleira. Em seu delírio, elas possuem uma força sem freio nem medida; as grandes árvores vergam sob as suas mãos delicadas; os rochedos desabam sob a pressão de seus braços.

O que devia seduzir o espírito livre da Grécia não tem domínio nos Mistérios de Baco; o hierofante é somente um guia e todos aqueles que o seguem são iguais. Todos são súditos de Baco e ele reina pelo imenso poder do entusiasmo que inspira.

Seus próprios nomes o dizem; ele é o libertador, aquele que quebra os laços e, mais tarde, quando o sentido de suas festas se fez obscuro, não resta das

bacanais senão a festa onde os senhores servem os seus escravos e mudam o seu papel para com eles.

Mas Orfeu não tinha encarado esta concepção desordenada.

Sua lira de 7 cordas simbolizava, ao contrário, a ordem perfeita, a ordem do espírito, assimilada aos sete astros do céu.

Cada corda representava um modo de expressão intelectual: ciência, arte, etc. A chave deste simbolismo harmonioso está hoje perdida.

Parece certo que Orfeu tirara do Egito a Ciência Secreta que levava a seu povo.

Retomando a tradição iniciática, Ed. Schuré diz: **"Subitamente, este moço, que se chamava filho de Apoio, desapareceu. Dizia-se morto, descido aos Infernos. Tinha fugido secretamente para a Samotrácia, depois para o Egito, onde ele pedira asilo aos sacerdotes de Mênfis"**.

Tendo atravessado os seus Mistérios, voltou ao fim de 20 anos sob o nome de Iniciado, que ele havia conquistado por suas experiências e recebido de seus mestres, como um sinal de missão.

Chamava-se, então, Orfeu ou Arfa, o que quer dizer: *"aquele que cura pela luz."* (Os Grandes Iniciados).

Foi do Egito, como dissemos, que Orfeu levou a doutrina que ele fazia assim conhecer e nós achamos a confirmação deste fato em Pausanias e em Diodoro da Sicília.

Vimos, aliás, que as analogias de sua viagem aos Infernos com as experiências do iniciado são também o elo de uma origem comum deste mito e destas experiências.

Segundo a lenda órfica, o Inferno encantado cedeu ao poder de Orfeu; sua mulher Eurídice foi-lhe entregue. Foi pelo poder de seu ritmo que ele pôde penetrar no Tártaro, seduzindo os seus guardas inflexíveis.

Tanto quanto o sentimento de um trabalho é cumprido, ele é um guia e um sustentáculo; Orfeu continua a sua obra, a sua salvação; mas, na volta, não deve vencer senão a si mesmo. Ele jura, mas é vencido na formidável luta que sustentou contra a própria vontade. Não deveria voltar-se para ver o rosto amado. Perdeu Eurídice e não pôde encontrar um consolo para a sua pena senão nos trabalhos e perigos de sua missão civilizadora.

Mas o iniciado deve ser vítima de sua obra, para que ela seja aproveitável a todos. As mulheres invadiram o santuário dos Mistérios; levaram a desordem das forças secretas, a desordem da paixão. Orfeu quis estabelecer a doutrina na sua primeira pureza; expulsa as mulheres delirantes que, na sua fúria, o atacam, lançando nas ondas do Ebro a sua cabeça sangrenta, cujos lábios frios murmuram ainda o nome de Eurídice!

O que existe de real neste Mito?

É verdade que não se saberá nunca e que, tal qual a fábula, embelezará as suas ficções, a história do grande poeta.

Para nós, a vida de Orfeu resume a vida do iniciado.

No Egito, aquele que tinha sofrido as experiências com um pleno sucesso devia morrer e fazia tudo para que acreditasse em uma verdadeira morte, a fim de ver a sua coragem à prova.

Mas esta morte era fictícia; era para ele apenas um renovamento de seu ser, o começo de um novo ciclo, a eclosão de uma nova vida.

Não é o mesmo para Orfeu. Ele vem do Egito. Triunfou do Inferno nas experiências que enfrentou, mas deve sofrer uma verdadeira morte que faça dele um ser novo.

É no gênero da morte que o mito grego chega à mais perfeita beleza. O iniciado é o dominador das forças, e as Bacantes, ébrias do Deus que elas não podem mais compreender, são aqui as forças desenfreadas e insubmissas à razão.

É no domínio das suas energias apaixonadas que o mago se manifesta.

Imola-se para obter este domínio; nasce em uma vitória última. A sua cabeça e a sua lira são purificadas no curso do rio gelado..

Não lhe resta senão renascer, reflorir em sua obra, como um rebento primaveril.

*

* *

Os trabalhos que a lenda atribui a Orfeu são aqueles que o iniciado deve cumprir. O som de sua voz e da sua lira simbolizam este domínio sobre os ritmos sagrados que o iniciado de alta classe demonstra.

Ao som da lira, vemos os rios suspenderem o seu curso, as árvores em viva agitação, os rochedos se aproximarem do harmonioso cantor, os animais ferozes perderem a sua ferocidade e se estenderem a seus pés como animais domésticos.

Este último fato é freqüente entre os iniciados da Índia, os quais, nas florestas de seu país, convivem com os animais mais ferozes ou mais tímidos, sem receber nenhuma ofensa e sem ter o menor receio.

As outras obras do mestre da Trácia e da Grécia simbolizam a ação sobre os elementos.

Pode, conhecendo os ritmos que modificam até os corpos, chegar a mudar coisas que pareciam as mais imutáveis. Quanto aos seres animados, seus poderes magnéticos e mágicos torna-os dóceis e fáceis de tal maneira que, sem procurar humilhá-los, o que é contrário a seu desígnio, fazem-se amar e os animam a colaborar na obra que eles empreendem para o maior bem de todos.

O caráter muito especial do poder de Orfeu é a sua ação pela música. O provérbio diz: "*A música adoça os costumes*" e há razão nisso, muitas vezes.

Nas aplicações do Magnetismo curativo, a música foi utilizada com proveito. É assim que Mesmer, o "*renovador do magnetismo*", se servia, às vezes, do harmonium ao mesmo tempo que de sua varinha magnética. Seu desejo era colocar o doente "*em harmonia*" por seu próprio magnetismo, com o magnetismo universal!

Os discípulos de Mesmer continuaram esta tradição e se utilizaram também da música, conjuntamente com a ação do magnetismo humano. Eles obtiveram, do mesmo modo, resultados bastante surpreendentes.

Sob o ponto de vista terapêutico, a música foi empregada só na Alemanha, onde existem atualmente sanatórios em que os doentes são tratados unicamente por uma música apropriada.

A música, cujo efeito é tão direto e tão poderoso sobre os organismos nervosos, aparece como uma inspiração divina.

Para os antigos não era somente um prazer, mas reconhecia-se-lhe um poder civilizador. Atribuía-se-lhe uma ação não somente individual, mas social e os modos musicais, a forma dos instrumentos, o número de suas cordas, tudo era um grave negócio, preocupando ao mesmo tempo a religião e o Estado.

As modificações feitas na lira foram primeiramente consideradas como crimes e precisavam, para que o costume se espalhasse, que os santuários as tivessem adotado. Do mesmo modo, não era permitido mudar coisa alguma aos cantos rituais cujo poder atingia à magia e que, por consequência, não deviam abandonar à fantasia e ao acaso.

Entre os gregos, a música pertencia a Apoio, ao menos relativamente à lira, representando a luz e a ordem. A flauta, expressão das paixões e forças naturais, pertencia a Pã, cujo corpo cabeludo e pés de cabra exprimiam o mesmo pensamento.

Se Apolo era o deus da lira, é que o Sol, pela regularidade de seu curso, pela exatidão das horas e estações que nos dão a sua luz segundo as modificações, sempre as mesmas na sua variedade, é considerado como o princípio que preside a todas as harmonias do mundo. É ele que faz viver a Natureza no ciclo eterno de seus renovamentos; dá-lhes, sem cessar, a forma e a beleza; é, pois, o propagador do ritmo deste movimento harmonioso e contínuo.

Este pensamento é tão enraizado no espírito dos gregos que eles fazem da astronomia uma das Musas, cujas leis não diferem das leis da música, pois que o movimento dos astros, como tudo o que vive neste mundo, é regido pela lira de Apoio.

O harmonioso Orfeu espalhou esta doutrina com a certeza de caminhar na senda da verdade. Ele sabia que se dirigia às populações muito novas ainda para penetrarem no mundo filosófico. Eis porque ele as dirige para os caminhos da beleza, imposta pelo pensamento através da sensação.

A música é o mais delicado caminho, porque permite que os mais simples percebam os ritmos superiores que o seu espírito não atingirá nunca. Seu desejo era

tornar a beleza e a evolução acessíveis a todos; porque, como todos os sábios, ele quis apressar a evolução dos outros para o fim mais elevado.

Sentir a beleza foi o fim que pôs em obra para civilizar os povos mais sensíveis, incapazes ainda de compreender. A música, a seus olhos, tinha este grande poder de pôr-se em relação com as mais altas harmonias, com as esferas divinas onde a ordem é tão pura que vêm a ser ritmo e música.

Ele sabia que o nosso dever é libertar a alma da prisão de seu corpo, e seu meio imediato era o entusiasmo para a beleza. Mas este meio é transitório e seus efeitos são efêmeros.

A libertação vem lentamente, e não sem custo, porque a morte não faz senão levar a novas existências. É para expiar uma falta que a alma está ligada à matéria; é porque ela não soube eliminar o que tem de material que recomeça as suas dolorosas migrações nos corpos que lhe são impostos.

Como mais tarde Pitágoras, Orfeu admite a transmigração das almas, os males ou bens que lhes são dados segundo cada existência própria, e esta existência mesmo fixada pelo julgamento que segue a morte precedente, dizendo que se viveu bem ou mal.

A iniciação uniu o homem a Deus representado aqui por Dionísio. Para esta união, convém que o iniciado seja sóbrio, que se abstenha dos festins onde se comem carnes, modere os seus sentidos e viva a vida sã e natural, conveniente àquele que procura a verdade.

No domínio moral, o homem que quer elevar-se deve estar voltado para Deus, voltar para ele os seus pensamentos, destaca-se da matéria, respeitar Deus nas suas criaturas e, destacando-se de tudo o que é mortal, preparar-se para uma

vida imortal que não será mais submetida à morte nem à consequência do renascimento.

Pitágoras

O ensinamento de Pitágoras é, em si mesmo, essencialmente laico. — Pitágoras foi iniciado pelos egípcios. — Sua estadia na Caldéia. — Volta de Pitágoras à Grécia depois de 34 anos de ausência. — He funda sua escola. — Em que difere o ensinamento de Pitágoras da iniciação egípcia: mais a experiência; o silêncio. Estado de preparação. Durara de dois a cinco anos. Direção física e moral. Estado de purificação. Higiene muita restrita. — Silêncio da voz, silêncio das paixões, silêncio do espírito. — Educação das faculdades superiores do espírito. Estado de realização. A causa primordial. As vidas futuras. Os números. A senda da perfeição. — Os versos áureos que Listas nos conservou. — Culto aos deuses imortais. — Guarda a tua fé jurada. — Reverência aos heróis e espíritos semideuses. — Culto da família. — A amizade. — Domina as tuas paixões; sê nobre, ativo, casto; não te entregues à cólera. — Respeita-te a ti mesmo. — Reflete. — Não te revoltas contra a tua sorte. — Sê conciliador. — Fala e opera com regra e medida. — Prevê bem as conseqüências das tuas decisões. — Aproveita todas as ocasiões para te instruíres. — Vela pela boa saúde do corpo. — Segue teu regime sem ostentação. — Raciocina bem antes de agir. — Apenas desperto, reflete nas boas obras que deveras cumprir. — Cada noite faze o teu exame de consciência. — Estes conselhos conduzir-te-ão às virtudes divinas. — Roga a Deus. — A Matéria e o Espírito são idênticos em natureza. — Virás a ser clarividente. — Cada homem deve descobrir as verdades sagradas. — Serás livre de tuas provas. — A vitória do Espírito. — Quando abandona seu corpo mortal o Sábio sonha a forma de um Deus imortal.

Pitágoras, que foi muito posterior a Orfeu, ensina as mesmas verdades, com o mesmo fim a atingir.

Aquele que segue os seus ensinamentos pela ambição gloriosa de vir a ser Deus, não é submetido à morte e ao renascimento.

A prática de sabedoria conduz aos mesmos resultados, mas o que é típico em Pitágoras é a ausência de toda preocupação ritual. O ensinamento de Pitágoras, posto que respeitando as práticas religiosas e seus adeptos, desenvolve-se mesmo em uma certa medida, é, em si mesmo, exclusivamente, laico. É o único exemplo que encontramos na antigüidade. No Egito, o culto estende as suas cerimônias; na Grécia, os ritos de Orfeu em honra de Dionísio, o culto de Deméter e de Perséfone, tal como se praticavam em Elêusis, revestiam um caráter essencialmente religioso.

O ensinamento iniciático não se separa da religião; contenta-se em magnificar, penetrando em seus símbolos, em que se descobre o sentido oculto mais belo do que todas as imagens.

Pitágoras conheceu a existência de Deus, mas não lhe eleva altares. Ele não dá forma ao culto que o homem deve à divindade. Deus está em toda a parte, em todas as coisas, e o iniciado deve-lhe as suas homenagens e o seu respeito, mas na própria Natureza.

Não lhe consagra, pois, ritos, festas solenes, nem sacrifícios. Deus está presente, sem cessar, no pensamento do adepto, e esta preocupação constante força-o a fazer uma homenagem de todas as suas ações ao Criador que as vê e as julga.

*

*

*

Pitágoras nasceu em Samos em 569 antes de Jesus Cristo. Seus pais eram opulentos; fizeram-lhe dar uma instrução muito vasta. Não ignorava nada do que se ensinava no seu tempo: filosofia, matemáticas, poesia, música e todos os exercícios do corpo, sem os quais um grego não vivia. Esta educação terminada, o jovem, impelido pelo desejo de se instruir, empreendeu uma viagem de estudos. Visitou sucessivamente Lesbos, Mileto e toda a Fenícia.

Conheceu ele os Mistérios órficos? Foi ele iniciado? Nada permite supor tal coisa.

O que podemos contar como certo é que ele voltou ao Egito e aí fez uma longa estadia. Recebeu certamente a iniciação nos Templos de Ísis e Osíris.

É no decorrer de um período de 22 anos que ele passou nesse país, de 547 a 526 antes da nossa era, que a sua iniciação e seus trabalhos fizeram-lhe adquirir estes profundos conhecimentos que fizeram dele um dos mais maravilhosos, senão o maravilhoso espírito da humanidade.

O Egito era reputado por seus mistérios e todos aqueles que desejavam possuir a sabedoria corriam a esse país para obter a iniciação. Pitágoras foi e obteve todo o saber que possuíam em seu tempo. Os Egípcios — diz ele — eram reservados e contrários à profanação da sua sabedoria, tornando público o que revela o conhecimento de Deus. Os mais sábios e prudentes dos Gregos testemunharam: Sólon, Tales, Platão, Eudóxio, Pitágoras e, depois de alguns deles, Licurgo mesmo, iam pedir a sua instrução aos sacerdotes deste país.

"Sabe-se que Eudóxio teve conselhos de Chonoufeus que era de Mênfis, Sólon foi dirigido por Sonchis de Sais e Pitágoras por Enufeus que era de Heliópolis".

"Pitágoras era tido em grande estima por seus antigos mestres e deu lugar a que se acreditasse que ele era muito estimado porque quis imitar a maneira mística de falar em palavras encobertas e de ocultar a sua doutrina e as suas sentenças sob palavras figuradas e enigmáticas, porque as cartas que se chamam hieroglíficas no Egito são quase todas semelhantes aos preceitos de Pitágoras".

"É assim que ele ordena 'não comer nunca sobre uma cadeira, não se sentar nunca sobre uma medida, não plantar palmeiras e não atizar fogo, no interior de uma casa, com uma espada na mão' " (Traité d'Isis et d'Osiris.)

No momento em que Cambises levou todos os desastres e todas as desordens da mais brutal invasão, Pitágoras partilhou da sorte dos sacerdotes egípcios aos quais estava ligado.

Foi transportado à Babilônia e foi aí que se ligou aos sacerdotes caldeus que lhe revelaram muitos conhecimentos na parte da iniciação em que eles eram senhores do mundo conhecido, a astronomia e a astrologia das quais não se separavam.

Foi ao curso desta comunhão com os magos (comunhão que durou 12 anos) que ele foi iniciado na magia e nos conhecimentos especiais dos colegas iniciados caldeus, sobretudo no que se relacionava à adivinhação.

*

*

*

Depois de uma ausência de 34 anos (22 no Egito e 12 na Caldéia), Pitágoras voltou à Grécia.

Não foi sem se afastar primeiramente de Samos, sua cidade natal, onde o seu primeiro pensamento fora o de tentar a realização prática de seu sistema, em Creta, em todo o Peloponeso e, sobretudo, em Delfos, onde consultou o oráculo, tocando o sucesso da grande empresa que ia tentar.

A sua intenção era formar uma escola onde pudesse ensinar a doutrina que ele formara ao curso de longos estudos.

Esta doutrina não devia ficar esterilmente escondida no fundo dos santuários, mas devia ter as suas repercussões na vida pública e social; todos os seus estudos mostraram-lhe a utilidade de um tal movimento e as suas possibilidades de realização; mas Samos estava nas mãos de um governo muito autocrático para admitir uma nova direção.

Entregou-se, pois, a Crotona, onde os poderes públicos o autorizaram a fundar esta escola, cuja reputação veio a ser tão grande em toda a Grécia antiga.

Seu primeiro cuidado foi retomar as instituições políticas, criando mais justiça na aplicação das leis.

Reuniu também um agrupamento de moços e lhes fez começar a ascese de preparação e purificação que levava ao conhecimento perfeito de sua doutrina.

Esta educação não privava o cidadão de seus direitos e deixava mesmo à mocidade os prazeres esportivos do ginásio, mas impedia que estes trabalhos fossem degenerados em brutalidade, misturados de orgulho e ódio, como acontece muitas vezes.

*

*

*

Pelos cuidados do mestre, os costumes foram prontamente apurados. Crotona, que tinha sido rival de Sibaris, pelas delícias de sua vida material e mundana, formava uma verdadeira colônia de iniciados fora da cidade.

O que tinha ferido primeiramente os Crotoniatas, as admiráveis faculdades manifestadas por Pitágoras, vem a ser somente acessório para aqueles que puderam apreciar a excelência de seus ensinamentos. Seus prodígios impunham, mas aqueles que tinham penetrado em sua intimidade não podiam separar-se de seus ensinamentos.

O ensinamento pitagórico comportava experiências como todas as iniciações antigas, mas estas experiências não eram as mesmas que eram impostas aos adeptos de outros agrupamentos.

O fim era o mesmo. Era a ascensão do homem para a sabedoria divina e imortal beleza.

Quanto às provas, o lado material tinha sido grandemente simplificado. Nada de terrores nas intermináveis galerias subterrâneas, nada de poços cuja vertigem houvesse de enfrentar-se, nada de lutas materiais contra o Fogo, a Água e o Ar; era preciso, todavia, assegurar-se da resistência física e moral do novo adepto, da sua persistência, da vontade. Fisicamente, os exercícios do estágio compensavam. Moralmente, o silêncio imposto fazia função dos trabalhos eliminatórios.

Este silêncio durava de dois a cinco anos.

*

*

*

O estágio de preparação tinha uma grande importância, porque nenhum adepto o aceitava sem ter sofrido um exame minucioso.

Precisava sofrer um primeiro estágio, que durava um mínimo de dois anos e que podia chegar a cinco anos, se o mestre julgasse necessário e útil.

Durante o estágio, não se dava ao discípulo senão uma direção física e moral para torná-lo digno de sua iniciação.

Neste período de trabalhos, o ensinamento que ele recebia consistia sobretudo no culto a render a Deus e aos espíritos superiores ao homem.

Esta verdade era a base de todo o ensinamento pitagórico, mas Pitágoras não pensava que a mocidade fosse capaz de suportar uma Iniciação verdadeira.

Contentava-se em desenvolver, ao mesmo tempo, o corpo e o espírito de seus discípulos formando o seu julgamento, dando-lhe uma visão nítida do que deve ser a vida e as ciências, que são realmente úteis.

É durante este primeiro estágio que se impõe a observação do silêncio absoluto. A duração deste silêncio era fixada pelo próprio Pitágoras, e não devia ser interrompida senão por sua ordem.

O segundo período de ensinamento pitagórico era um período de purificação. Uma higiene muito severa o presidia. Vestimentas brancas, banhos cotidianos, uma ginástica racional sem outro fim além do desenvolvimento harmônico de todo o ser, sem vaidades esportivas, tudo contribuindo para fazer do futuro adepto um homem perfeitamente equilibrado, porque se o moral tem importantes repercussões sobre o físico, este tem, ao mesmo tempo, um grande poder sobre o moral.

É por esta alimentação sustentada por um vegetarianismo severo que o moço adquire um perfeito domínio sobre si mesmo, e que vem a ser conforme o

indica a vida reta e pura, porque sua moral e seu físico podem sofrer sem prejuízo a expansão de todas as suas faculdades.

O desenvolvimento do coração era compreendido como uma harmonia perfeita.

O aluno devia cultivar a sua sensibilidade, mas somente a respeito dos sentimentos bons e elevados.

Devia desenvolver os sentimentos que fazem a nobreza do homem, a retidão, a franqueza, a tolerância, a respeito de concepções diferentes.

Estes ensinamentos eram de tal modo conhecidos que, mesmo depois da dispersão da escola, bastava que um pitagórico se revelasse como tal para que um hóspede lhe fizesse todas as atenções, certo de que qualquer dívida lhe seria paga, mesmo pelo primeiro adepto que viesse a passar.

O adepto devia educar a sua sensibilidade; a música também tinha um lugar importante no ensinamento da Escola.

Mas então não era apenas em Orfeu que se notava esta inclinação, mas também em Pitágoras. A música era necessária como um meio de divertimento, mas também era por ela que se abria a senda dos trabalhos iniciáticos.

Era um poderoso auxílio, mas vinha depois da educação voluntária e direta do espírito e do coração. Então, o adepto não devia contar senão consigo mesmo e pedir a Deus a força para vir a ser um bom iniciado.

Acima de todas as coisas, um silêncio rigoroso era imposto. Este silêncio era um excelente meio de obter o domínio de si mesmo.

Proibia qualquer manifestação muito viva, todo abalo considerado. Não eram propícios à meditação, à seriedade, à profundidade de julgamento incompatível com o transporte das idéias. Era a prática do adágio: "**CONHECE-TE A TI MESMO**".

Este silêncio da voz anima também o silêncio das paixões e necessidades do corpo. Aquele que toma o tempo em estudar, antes de falar, pode restringir a quase nada este domínio que parece tão importante ao impulsivo.

O mais penoso era talvez o silêncio do espírito. Efetivamente, o discípulo não tinha nenhum direito de apresentar uma objeção. Devia aceitar, sem dizer palavra, os ensinamentos de seus mestres, sem restrição, sem discussão, como palavras divinas.

O dever era meditar e esperar. Antes de apresentar idéias engenhosas, como se procedia na escola dos sofistas, precisava ter um julgamento seguro, um grande poder de associação de idéias e esta intuição que é o julgamento superior.

Depois destas faculdades primordiais, há ainda muita coisa necessária ao homem. A memória é uma das primeiras, necessárias a serem desenvolvidas; por isso, o futuro adepto devia aprender e saber de cor um número de sentenças morais, geralmente em verso, porque, na Grécia, o ensinamento se servia muitas vezes do ritmo como coadjuvante da compreensão e da memória.

Para dar ao espírito a força e a precisão, Pitágoras preconizava o estudo das matemáticas.

Os professores davam aos jovens problemas extremamente difíceis de resolver e não os auxiliavam absolutamente a achar a solução necessária.

O discípulo encerrava-se sozinho, durante horas, com a questão e ninguém devia distrair a sua atenção nem auxiliá-lo.

A resposta devia ser exata naturalmente, mas em primeiro lugar, sobretudo, o raciocínio e a reflexão eram reclamados, o que demonstrava uma inteligência ao mesmo tempo sólida e pronta.

O discípulo devia empregar todo o seu tempo na formação do espírito.

Devia dirigir toda a sua aplicação e todas as suas forças, sem auxílio além do silêncio amigo do trabalho, o mais seguro apoio daquele que quer ser espiritualmente desenvolvido.

*

* *

Depois deste começo, o discípulo entraria na senda da realização. Os primeiros ensinamentos eram dados; tinha-se podido julgar as capacidades do adepto, mas a sua ascese se fazia de um modo duro e seus trabalhos eram mais complicados.

Havia, verdadeiramente, compensações. Até lá, não tinha visto Pitágoras.

Se o ouvisse por vezes, era através de uma fechadura. O mestre não falava senão àqueles que estavam em estado de receber o seu pensamento.

Pitágoras falava a esses novos eleitos da Causa primordial, daquele que é, ao mesmo tempo, Um e Todo, que os povos figuraram sob mil formas, porém que não possui nenhuma e cujos aspectos são apenas símbolos que se admitem para tornar mais acessível o impenetrável conhecimento do divino.

É ao Um e ao Todo que é preciso fazer começar a origem das coisas e, se ela nos parece misteriosa, é devido à inferioridade de nossa inteligência, incapaz de se elevar a semelhantes alturas.

Instruía também seus discípulos sobre o objeto da vida atual.

Para Pitágoras, esta vida é o resultado de muitas outras; ela é somente um estágio de aperfeiçoamento na senda que nos dirige para o divino.

As alegrias e penas que nos acontecem são apenas o resultado das nossas ações passadas. É fácil, como se vê, aparentar o ensinamento pitagórico com a teoria búdica do Carma.

O dever da existência presente era, pois, eliminar o mal adquirido nas vidas anteriores e preparar-se para as vidas futuras pelo exercício das virtudes.

Era necessário submeter-se a uma ascese severa e a uma forte disciplina; elevar o pensamento e abrir o coração aos sentimentos altruístas; assim viria a reparar os erros do passado, a abrir o espírito à senda triunfal do futuro.

Uma parte muito importante do ensinamento de Pitágoras era o estudo dos números sob o ponto de vista simbólico e místico.

A crer no sábio de Samos, *"os elementos dos Números são os elementos de todas as coisas"*.

Importava conhecer os Números em si mesmos e nas suas relações com a natureza, de tal maneira que se pudessem penetrar, quando estivesse nas possibilidades do espírito humano, os ritmos essenciais que modificam a matéria.

Por infelicidade, tudo o que pôde ser escrito sobre o ensinamento dos números e de suas leis foi absolutamente perdido e nós não poderemos possuir mais nada senão textos vagos de lembranças que nos permitem reconstruir o pensamento do sábio.

O terceiro grau da iniciação pitagórica era a senda da perfeição.

Aquele que havia passado com sucesso os dois primeiros estágios, que tinha escutado no silêncio absoluto os ritmos da criação, que era identificado à vida dos seres, devia agora identificar-se a Deus, para revestir-se, segundo a palavra de Pitágoras, da forma de um Deus imortal.

A recompensa deste esforço magnânimo era a Sabedoria que é sobre a terra a promessa da Imortalidade. Nada mais lhe era oculto. Ele adquiria novos deveres. Os verdadeiros adeptos deviam espalhar-se pelo mundo para fazer conhecer a doutrina que haviam recebido.

Foi assim que, em muito pouco tempo, a escola se tornou conhecida no mundo inteiro e que a mais alta moral de Pitágoras ganhou terreno rapidamente.

Mas este belo clarão devia ser de pouca duração. Em seguida a uma revolução, uma luta ardente estabeleceu-se em Crotona entre o povo e a aristocracia, à qual pertencia a Escola de Pitágoras.

Aqueles que não compreendessem a sublimidade de um tal ensinamento eram naturalmente opostos. Por isso, o seu primeiro cuidado foi pôr fogo neste Templo do Espírito que eles não sentiam o dever de lhe pertencer.

Aqueles que eram discípulos, que não tinham sido massacrados pela plebe furiosa e que não conseguiram fugir, pereceram nas chamas.

Alguns dizem que Pitágoras sofreu esta sorte, outros afirmam que o ilustre velho pôde refugiar-se em Taranto e que morreu 470 anos antes de Cristo.

Salvo tradições bastante incertas, não nos resta grande coisa da iniciação pitagórica. O único documento ao qual podíamos ajuntar como importante é aquele que nos foi conservado por Lisias: Versos Áureos, que parecem ser uma coleção de máximas morais e iniciáticas para uso dos discípulos que deviam decorá-las, como dissemos.

Para tomar ao menos parte no ensinamento de Pitágoras é necessário notar-se este documento. Ele foi traduzido em diversas partes por adeptos cuidadosos em conservar-nos este alto ensinamento de um espírito dos mais puros que a terra pôde conhecer. Hiérocles publicou-os no começo da era cristã. Relativamente, Fabre d'OHvet traduziu-os e comentou-os. Mais recentemente ainda o Dr. Paulo Carton deu uma excelente tradução de que nos serviremos nas nossas citações.

Apresentamos primeiramente aos olhos dos leitores a totalidade dos Versos Áureos. Retomá-los-emos, depois, em detalhes para os comentar.

Os Versos áureos de Pitágoras

PREPARAÇÃO

O culto da divindade. — Ter uma religião. — Antes de tudo, rende aos deuses imortais o culto prescrito pela lei. Guarda também a tua fé jurada. Reverencia depois, como convém, os Heróis sublimes e os Espíritos semi-deuses.

PURIFICAÇÃO

O culto da família. — Amar a seus pais. — Tem o culto da família: cumpre bem os teus deveres de respeito para com teu pai, tua mãe e todos os teus parentes.

O culto da amizade. — Amar aos seus semelhantes. — Escolhe para teu amigo o homem melhor e mais virtuoso. Obedece aos seus doces conste-lhos e segue o seu exemplo salutar. Esforça-te para não te afastares dele por um erro mesmo leve, na medida do possível, pois a Vontade, está ao lado do Destino como poder diretor da nossa evolução.

A CULTURA PESSOAL

a) **A cultura mental.** — **Sê senhor de ti mesmo.** — Sabe, pois, que deves dominar as tuas paixões, sendo sóbrio, ativo, casto. Não te encolerizes nunca.

Ser honesto, franco e justo. — Sê irrepreensível diante dos outros e diante de ti mesmo. E, acima de tudo, respeita-te a ti mesmo. Que toda a tua vida, que todas as tuas palavras se inspirem na mais pura justiça.

Ser refletido. — Não adquiras o hábito de viver maquinalmente, mas reflete bem que a morte é o nosso destino comum e que as riquezas materiais podem ser adquiridas ou perdidas com a mesma facilidade.

Trabalhar com confiança. — Quanto à sorte que te está reservada pelas leis divinas, por mais rude que seja, não te revoltes, porém suporta-a com serenidade, esforçando-te em melhorá-la do melhor modo que puderes. Os deuses, efetivamente, preservam os Sábios dos males maiores.

Ser tolerante e paciente. — A Verdade e o Erro encontram-se misturados nas opiniões humanas. Abstém-te, pois, de aprová-las ou rejeitá-las, totalmente, a fim de conservar a tua harmonia. Se o erro triunfa momentaneamente, afasta-te e tem paciência.

Criar um juízo são e firme. — Toma cuidado sempre de observar o que eu te vou dizer. Não te deixes levar sem reflexão pelas palavras e os atos de outrem. Fala e age somente quando a tua razão te indicar o partido mais sábio. A deliberação obrigatória antes da ação evitará assim os atos desordenados. O que torna o homem verdadeiramente infeliz é falar e agir sem regra nem medida.

Ser previdente. — Para cada uma das tuas decisões prevê bem as conseqüências mais remotas de maneira que não te arrependas nunca.

Ser modesto. — Não tenhas a pretensão de realizar o que realmente ignoras. Aproveita, ao contrário, todas as ocasiões para te instruíres. Chegarás, assim, a uma vida altamente agradável.

b) A cultura corporal. — Seguir um regime puro e fisiológico. —

Fazer exercício. — É preciso igualmente velar pela boa saúde do corpo. Toma cuidado com a medida dos alimentos que te são necessários. Tua justa medida será a que te impedirá de amolecer o teu caráter. Também deveras habituar-te a um regime puro e severo.

Ser reservado. — Caminha sem ostentação, para evitares atrair a incompreensão odiosa dos invejosos e ignorantes.

Ser ponderado. — Não faças como as pessoas sem juízo, que dispendem além de suas necessidades ou ainda que se entregam à avareza, mas aprende a guardar em tudo o meio-termo. Não faças coisa alguma que te prejudique, e, por isso, raciocina bem antes de agires.

PERFEIÇÃO

Os meios de aperfeiçoamento. — O exame de si mesmo. — Apenas desperto, aproveita-te logo da harmonia que vem do sono para elevares o teu espírito e refletires nas boas obras que deveras realizar.

Todas as noites, antes de dormires, fazes o teu exame de consciência, repassa muitas vezes no teu espírito os atos de tua jornada e pergunta a ti mesmo: "*Que fiz eu? Cumpri bem o meu dever em todas as coisas?*" Examina assim sucessivamente cada uma das tuas ações. Se descobrires que fizeste o mal, repreende-te severamente; se foste irrepreensível, sê satisfeito.

A meditação. A fé. A vida virtuosa. A ciência do Universo. — Medita estes conselhos. Ama-os de toda a tua alma e esforça-te em pô-los em prática; eles te conduzirão às virtudes divinas. Jura por aquele que traçou em nosso espírito a Tétrade sagrada, fonte e emblema da Natureza eterna.

A prece. — Mas, metendo-te em obra, roga sem cessar aos deuses, para que eles te ajudem a cumpri-la.

A iniciação. — Quando fores bem compenetrado destes preceitos, chegarás à convicção da constituição íntima dos deuses, dos homens e de todas as coisas, e perceberás a unidade que penetra a obra natural inteira. Conhecerás, então, esta lei universal que, por toda parte, a matéria e o espírito são idênticos, em natureza.

A clarividência. — De tal maneira, vindo a ser clarividente, tu não serás mais atormentado por desejos ilegítimos. Reconhecerás então que os homens são os criadores de seus males. Infelizmente, não sabem que os verdadeiros bens estão ao seu alcance. Quão raros são aqueles que conhecem a maneira de se livrar dos tormentos. Tal é a cegueira dos homens que lhes perturba a inteligência! Semelhantes a um cilindro, porque não suspeitam a funesta incompreensão que vive neles e os acompanha por toda a parte; não sabem discernir o que precisam admitir nem o que é necessário repelir, sem revolta.

A verdade oculta. — Deus, nosso pai! Possa libertá-los de seus sofrimentos e mostrar-lhes qual o poder sobrenatural que eles podem obter! Não tenhamos angústia, porque os homens são da raça dos deuses e a eles pertence descobrir as verdades sagradas que a natureza oferece para a pesquisa.

A recompensa. — A sabedoria. — A imortalidade feliz. — Se conseguirei possuí-la preencherás facilmente todas as minhas prescrições e obterás O merecimento de ser livre em tuas provas. Mas abstém-te dos alimentos que prejudicam as purificações e prossegue na obra de libertação de tua alma, fazendo uma escolha judiciosa e refletida de todas as coisas, de maneira a estabelecer o triunfo do que existe de melhor em ti, o Espírito. Então, quando abandonares o corpo mortal, elevar-te-ás no éter e, cessando de ser mortal, revestir-te-ás da forma de um deus imortal!

(Dr. Carton: A Vida Sábia).

Estudemos detalhadamente, a fim de tirar melhor proveito, este pequeno poema onde estão reunidas todas as idéias que, em todos os tempos, servem de base à iniciação.

No começo dos Versos Áureos há uma parte que denominamos preparação.

Primeiramente, rende aos deuses imortais o culto prescrito pela Lei.

O sábio pede aos seus adeptos que não se separem da religião na qual foram educados. Todos os cultos valem ao olhar daquele ao qual são prestados. É, pois, um dever participar das cerimônias que lhe são prestadas em homenagem.

Mas, ainda que a religião seja o nosso primeiro dever, o adepto deve reconhecer o seu Deus por toda a parte, sempre presente na Natureza.

Os ritos têm por fim criar uma harmonia entre os cidadãos, em os animar em conjunto à concepção de um ideal elevado.

Pelos pensamentos que esta harmonia impõe, em todas as horas e épocas sempre os mesmos, o povo encontra-se mantido sempre acima do nível de seus únicos interesses materiais.

Eis porque os ritos são necessários.

Mas não é preciso imaginar que a Ciência e a Fé sejam termos antínomos. À base da Ciência, uma idéia preconcebida, portanto uma fé, impõe-se.

Sem o conhecimento de Deus, a Ciência não saberia remontar a esta Causa inicial, origem de todas as coisas, que é o seu verdadeiro fim.

Para que o mundo exista, é preciso o exercício de uma vontade criadora. É, pois, de toda a necessidade conhecer e admirar Deus em si mesmo para encontrá-lo em suas obras.

Guarda a tua fé jurada — diz em seguida o livro.

Aí existe o sinal de uma das mais altas virtudes pelas quais os pitagóricos se distinguem. Como os "*quakers*" da América e da Inglaterra, alguns mesmo não admitem o juramento; bastava que eles tivessem prometido ou afirmado alguma coisa para que o conhecimento que se devia ter de alguma dignidade não permitisse dúvida a ninguém.

Não somente a mentira era-lhes proibida, mas ainda a menor infração à palavra dada.

Um verdadeiro adepto morreria antes que faltasse à palavra.

É um exemplo que não seria muito seguido. Aquele que se abaixa a seus próprios olhos ao ponto de poder transgredir a verdade, por qualquer interesse que fosse, abaixaria a sua própria alma e decaía no seu ideal, que é, portanto, o fim de sua vida.

*

* *

Venera, como convém, os Heróis sublimes e os Espíritos dos semideuses.

Como tantos outros textos este preceito demonstra que os antigos acreditavam na existência de seres intermediários entre os homens e os deuses. Tais seres eram os grandes homens que produziam ações acima da humanidade ordinária. São os matadores dos monstros, os fundadores das cidades, os benfeitores da humanidade.

Estes heróis, enviados pelos deuses como apoios ou instrutores, formavam o objeto das grandes lendas e suas proezas voavam sobre a lira harmoniosa dos poetas. Aquele que tinha compreendido a sua vida magnânima, enfeitada de todas as belezas de forma poética e da música, sentia-se encorajado a imitar as suas empresas, a dar a sua vida, sua cidade, por sua pátria; tinha o desejo de se distinguir por atos magnânicos e o nome dos poetas iniciadores como Orfeu sustentava aqueles que teriam talvez caminhado em um gênero inferior.

Os heróis, sábios e gênios eram para a antigüidade o que os santos são em nossos cultos. Eles são, para todos, os modelos de que o homem pode fornecer quando é sustentado pelo sentimento do divino.

Eis porque a lenda dos heróis não deve deixar jamais de ser espalhada; eis porque o grego os venera, porque ele sabe que não atingirá senão tardiamente o mundo das Forças infinitas que os deuses representam. Mas Hércules, Teseu e Orfeu são homens e, entretanto, a glória e a veneração os rodeiam porque têm mérito e enfrentam friamente a morte, libertando-se do mundo dos desordeiros e das feras que terrificam os seres sem defesa. Um tal ideal merece um culto. É esta necessidade de admiração dos seres que nos servem de modelos que corresponde o culto dos heróis e dos semideuses.

*

* *

A segunda parte dos Versos Áureos é afeta à Purificação:

Tem o culto da família: preenche perfeitamente os teus deveres para com teu pai, tua mãe e todos os teus parentes.

Para preencher estes deveres tão caros ao coração de todo o homem de bem, é necessário que o adepto desenvolva em si os sentimentos afetivos, que sinta profundamente o reconhecimento que devemos a todos aqueles que nos deram a vida e cujos cuidados nos conservaram durante os débeis anos de nossa vida.

Aquele que caminha em uma boa estrada deve criar e manter a harmonia da família, a fim de que a terna atmosfera que deve reinar não seja perturbada. Aquele que realiza esta doçura íntima em torno do lar pode atingir logo as harmonias superiores, porque começou a realizar no domínio que lhe era submetido.

O laço que está criado ao redor do lar deve chegar até Deus, origem e fim de toda a harmonia.

É esta harmonia superior que se devem contrair as mais doces amizades e, alargando sem cessar as fronteiras de seu coração, aquele que ama os seus amigos chega a prezar em todo o ser a sua parte afetiva, a sofrer em tudo o que geme, a participar das exaltações em tudo o que vibra.

O adepto deve amar tudo; sentir profundamente a dor, qualquer que ela seja e mesmo no misterioso animal que é o enigma para o homem.

O coração do iniciado deve abrir-se à Natureza inteira; porém, para amar a Natureza não basta sentir-se transportado por sua beleza em certos lugares, em certas horas, é preciso ser comovido pelo trabalho e o sofrimento que são todos os graus da escala dos seres, mesmo daqueles que nos parecem insensíveis.

"Um espírito puro cresce sob o malho das pedras" — diz Gerard de Nerval, em um dos seus poemas onde comenta esta parte especial dos Versos Áureos que tanto apaixonaram os sábios.

Encontramos aí uma das mais belas formas existentes deste amor universal, que deveria unir todos os seres, criando uma harmonia que, se fosse realizada, conduziria um auxílio poderoso à evolução, não somente de cada homem, porém ainda da humanidade e do mundo.

Mas não é preciso limitar-se a uma ternura vaga para criaturas muito distantes para pedir um efeito direto de nossa parte.

Certamente, o homem deve amar a família e expandir o seu coração na imortalidade da Natureza, mas deve escolher amigos e amá-los com devotamento.

Escolhe para teu amigo o homem melhor e mais virtuoso. Obedece a seus doces conselhos e segue o seu exemplo salutar. Esforça-te para não te desviares dele por uma leviandade, pois que depende de ti, porque a Vontade reside ao lado do Destino como poder diretor da nossa evolução.

Vemos por este texto que, segundo o ensinamento de Pitágoras, é preciso ampliar o círculo da família, mas antes de se contrair um amigo, aquele que quer uma afeição durável, deve começar por escolher com muito cuidado este amigo ao qual ele se decide a confiar. Não é preciso ceder a uma impulsividade, mãe da desilusão; é preciso perguntar se é preciso achar um amigo seguro no companheiro adotado. Para chegar a esta alegria, não é preciso consultar nem egoísmo nem interesse, nem procurar qualidades e virtudes que nos torne aproveitável, sob o ponto de vista de nosso aperfeiçoamento, a assistência do ser escolhido.

Existe apenas a necessidade de sublimar a importância de nossos amigos sobre o nosso espírito, especialmente na mocidade. Vimos, todos, exemplos deploráveis de seres encantadores perdidos por seus erros, por sua fraqueza para com os seus amigos indignos.

É preciso eleger um amigo dotado de sólidas virtudes, de uma retidão a toda prova, de um julgamento que nos possa servir de guia nas nossas incertezas.

É preciso escutar o conselho da amizade; se o conselho de nosso amigo nos irrita no momento em que não podemos duvidar da sua sinceridade, é que estamos percorrendo um caminho errado e que nos desviamos para um caminho agradável, porém perigoso. É preciso aceitar a reprimenda de um amigo prudente, refletindo no perigo que ele nos mostra; devemos, muitas vezes, a um amigo fiel a nossa salvação, sendo que a nossa amizade aumentará por esse novo serviço que

nos desgostava primeiramente, porque a nossa tendência preferia que nos lisonjeassem em vez de nos servirem.

Há dois fatores na vida; certamente o Destino é poderoso, mas Vontade é também uma fonte diretora e ela é capaz de modificar que o Destino nos anuncia como ciladas e entraves.

É necessário, pois, fazer a educação de sua vontade e rodear de sua amizade aqueles que, nos momentos em que o espírito se obscurece pela paixão, a dor ou a cólera, nos trazem a sua clarividência como um farol no meio dos recifes.

*

* *

Convence-te de que deves dominar as tuas paixões, ser sóbrio, ativo, casto. Não te entregues jamais à cólera.

É um fato que já tivemos ocasião de sublinhar, porém que necessitamos reviver; o iniciado deve ser senhor absoluto de suas paixões. Se não for sóbrio permitirá os prazeres mais materiais do corpo que lhe perturbarão a inteligência, encobrendo também a chama do pensamento sob os vapores da bebida ou da nutrição excessiva.

Mesmo sob o ponto de vista mais prático, o corpo do adepto deve estar sempre em condições de excelente firmeza e não será senão por uma higiene alimentar severa e bem compreendida que ele evitará as doenças.

O iniciado deve ser casto. Aqui, castidade não se entende por abstenção. Pitágoras era casado, pai de família e permitia aos seus adeptos os legítimos prazeres do lar conjugal. Não é, pois, a questão de suprimir uma função que, considerando bem, tem alguma coisa de sagrado como meio de transmissão de vida, como meio de permitir à alma a sua evolução.

Mas, se ele é normal em amar a sua esposa, é culpado em se deixar arrastar pela volúpia, sacrificando-lhe a paz do coração pelos trabalhos que lhe prepara. É necessário que o adepto modere os surtos de seu coração tanto como dos sentidos; é-lhes indispensável guardar a harmonia, que é o fim de sua preparação.

Não se deve deixar arrastar pela cólera, que é má conselheira e que não produz nenhum bem.

A cólera leva-nos muitas vezes a fazer mal aos outros, mas é principalmente nociva àquele que se deixa levar pelo seu império, espalhando de repente as suas reservas nervosas que o tornam sem forças para cumprir o bem.

*

* *

Sé irrepreensível diante dos outros e diante de ti mesmo. E, acima de tudo, respeita-te a ti mesmo. Que toda a tua vida, que todas as tuas palavras sejam inspiradas na mais pura justiça.

Certamente, é mau dar exemplos culpáveis e o escândalo não produz senão o mal; mas aquele que fizer o bem apenas por jactância será um hipócrita, uma espécie de Tartufo.

É preciso amar o bem por si mesmo e cumprir o dever porque se deve cumprir.

O homem que tem uma justa e alta opinião de si, não tem necessidade de ser orgulhoso, mas se ele pensa que é igual aos outros e que existe nele uma parcela de divino, respeitará este eco do Infinito, esta flama eterna e não consentirá em profanar-se com a execução de atos inferiores.

Aquele que sabe o que é a verdade não consentirá em mentir para agradar; não desejará inferiorizar, mesmo com um fim aproveitável, a centelha que deve transmitir a novas existências e que é o incomunicável dom de Deus. Eis porque a justiça é o primeiro dever. Deus fez tudo tendo por alvo a perfeição e nós não o podemos imaginar favorável a um em detrimento de outro, tal como um caprichoso favoritismo.

Se quisermos subir para Deus, devemos harmonizar as nossas tendências às suas e a justiça deve ser o principal fim da nossa evolução.

*

* *

Não adquiras o hábito de viver maquinalmente, mas reflete bem que a morte é nosso destino e que as riquezas materiais podem ser adquiridas ou perdidas com a mesma facilidade.

Devemos tomar interesse à vida que nos rodeia. O mundo é um livro no qual aprendemos sem cessar. Se nós prestássemos uma atenção seguida, nada nos pareceria árido ou fastidioso. Rodeados pelo esforço constante da Natureza, tomaríamos gosto pelo esforço e a luta nos pareceria melhor ainda do que a vitória.

Não são tesouros materiais que devemos pedir a esta luta. Que nos importam as riquezas? À morte, elas não terão utilidade alguma e durante a vida serão, talvez, um peso mais doloroso do que agradável.

O avaro vive sem alegrias; recusa as satisfações mais inocentes; depois, a morte vem e, deste tesouro tão caramente disputado contra as mais agradáveis alegrias, não ficará nada senão os pensamentos que têm manchado a sua alma e abaixado o seu espírito.

É a muito custo, por um resultado tão negativo, que se priva da doçura de fazer felizes aqueles que o rodeiam?

Não será, mesmo para aquele que dá, mais prazer ver o rosto daquele que escapa ao mal, à inquietação, do que demonstrar um frio mortal do qual não se tira nenhuma satisfação.

A verdadeira alegria não está em sustentar os seus irmãos e conduzir o seu auxílio a todos, sob todas as formas?

O verdadeiro tesouro é o bem do espírito e este não se adquire com os tesouros acumulados pelo avaro.

Quando a morte nos deixar nus e com as mãos vazias, todas ratas vãs riquezas não valerão nada.

Aproveitaremos unicamente os benefícios e os trabalhos que desenvolveram o nosso coração e a nossa inteligência.

É nesta elevação da nossa personalidade psíquica que se acha a verdadeira senda do iniciado.

*

* *

Quanto à sorte que te foi destinada pelas leis divinas, por mais rude que seja, não te revoltas, mas suporta-a com serenidade, esforçando-te por melhorar o teu meio. Os deuses, efetivamente, preservam os Sábios dos maiores males.

Aquele que sabe que o seu destino é merecido não se deve revoltar nunca. Tudo o que vem de Deus é justiça. As nossas condições atuais de saúde e fortuna são uma resultante de nossas existências precedentes. Se nós sofremos, é ao nosso passado que devemos atribuir tal sofrimento.

Não nos devemos revoltar contra o credor que reclama o que lhe é devido. A nossa existência atual está ligada aos nossos ciclos anteriores e a quem a comanda.

Não se deve contrair dívidas, senão se deseja sofrer o vexame de as ter que pagar. Tal é a justa noção que devemos ter das desigualdades sociais; a revolta não faz senão agravá-las. Quando obtivermos esta verdade primordial resta-nos melhorar a nossa situação futura, não emitindo maus pensamentos, afastando de nós todos os sentimentos maus, realizando boas ações que depuram a nossa pessoa do que os antigos estados tinham deixado de mau.

Esta vida é triunfo do nosso esforço pessoal; muito podemos pelo nosso esforço, pela nossa educação de espírito; muito podemos sobre a saúde de nosso corpo pelo exercício de uma vida sóbria e regular.

Podemos dar grandes alegrias, abrindo a nossa alma aos ritmos mais altos, comunicados do coração e do espírito ao Espírito superior.

Penetrados desta verdade, suportaremos, com calma, a nossa sorte. Devemos ter confiança, porque aquele que faz esforço para um fim louvável vence geralmente o que lhe agrada empreender.

Não é preciso esperar nem do acaso nem da morte uma orientação melhor da vida. A morte virá como um julgamento e não como um auxílio.

Quem poderá mostrar como ação o que ele usou de um modo estéril para atingir a uma libertadora morte?

Temos uma dívida a pagar? Paguemo-la, pois, de boa vontade e veremos que, aceitando os deveres de nosso estado, fazendo esforços para uma situação melhor, perceberemos crescer a alegria, o equilíbrio, a saúde, a serenidade.

O Sábio é preservado pelos deuses dos maiores males, porque aquele que vive em conformidade com as Leis superiores as observa em cada uma de suas ações.

Unido a Deus, nada teme; escolheu a paz e esta parte, que é a melhor, não lhe será recusada.

Vê o bem em todas as coisas, tudo lhe sorri porque não pede aos seres senão o que eles podem dar.

A Natureza é-lhe maternal e sorridente porque ele se aplica em compreendê-la e amá-la.

*

* *

A Verdade e o Erro se encontram juntos nas opiniões humanas. Abstém-te de as aprovar ou rejeitar em conjunto, a fim de conservar a tua harmonia. Se o erro triunfa momentaneamente, afasta-te e tem paciência.

Por toda parte, duas forças estão em presença: uma força ativa ou positiva e outra força passiva ou negativa.

No domínio das idéias estão a Verdade e o Erro.

Tanto quanto somos submetidos às condições da vida, tal como nos é imposta neste mundo, não poderemos conhecer senão uma verdade relativa, necessariamente colorida pelo erro e que é antes um equilíbrio do que uma segurança completa. É preciso, portanto, escolher o mais estável equilíbrio, a verdade mais isenta de erro, porém com a certeza de que não há nada absoluto.

Para ser bem posta em valor, a luz tem necessidade da sombra; tanto que não nos possamos colocar no domínio divino, a verdade tem necessidade do erro

para o combater, triunfar, fazer imperar uma verdade mais apurada, mais cintilante do que aquela que se tinha conhecido primeiramente e que continha mais erros.

É este sentimento que nos obriga a uma extrema circunspecção.

Quem pode ter a certeza de possuir a verdade?

Nem entre nós, mesmo o mais sábio. Assim, quando uma opinião nos é manifestada, se ela não leva alcance à vida, aos bens ou à honra de outrem, temos o dever de combatê-la com muita cortesia. Os arrebatamentos, as palavras causticantes não servem senão para cavar um fosso maior entre aqueles que não se compreendem. Não é preciso rejeitar em conjunto, mas empregar o tempo em julgar, em raciocinar, pois pode produzir uma grande vantagem daquilo que nos manifestou. Mas se também o que, após estudos, nos pareceu mau e perigoso, tem o aspecto de triunfar, não é preciso entrar em discussões vãs; é preciso afastar-se e esperar do futuro razoável a verdadeira certeza.

*

* *

Pitágoras completa assim o seu pensamento:

Toma cuidado em observar o que te vou dizer. Não te deixes arrebatado pelas palavras e atos de outrem. Fala e age somente quando a tua razão te indicar o partido mais prudente. — A deliberação obrigatória, antes da ação, evitar-te-á assim atos irrefletidos. O que torna o homem verdadeiramente infeliz é falar e agir sem regra nem medida.

Maravilhosos conselhos para a luta contra as nossas impulsividades. O primeiro movimento, seja qual for, pode ser considerado como uma indicação intuitiva, mas não deve ser seguido.

Nada mais perigoso do que o arrebatamento; leva-nos a cometer, algumas vezes, ações simplesmente censuráveis, outras vezes culpáveis, porque não temos tempo para discernir e pesar pró e contra.

Os discípulos de Pitágoras deviam ao hábito do silêncio um domínio próprio que os auxiliava poderosamente a realizar esta parte das ordens do Mestre.

Antes de pronunciar qualquer palavra, antes de fazer qualquer gesto, o iniciado deve deixar o sangue acalmar os seus surtos, deve dar à razão um pleno império sobre todos os sentimentos e todas as sensações. Isso não se observa quando, sem escutar a voz interna, o homem toma geralmente uma decisão, pronuncia uma palavra ou comete um ato.

O pitagoriano tinha por dever ser escravo de sua palavra; por isso, não lhe era permitido dá-la a esmo; assim é que se praticam inúmeros erros.

É uma disciplina excelente pensar muito tempo, não somente antes de agir, mas ainda de falar, pois que a palavra vale a ação.

*

* *

Para cada uma das tuas decisões, prevê perfeitamente as suas conseqüências, as mais longínquas, de maneira que jamais tenhas arrependimentos.

Ainda um conselho de uma alta conduta filosófica e prática.

Aquele que não age por um entusiasmo imprudente dá-se ao trabalho de ver quais serão as conseqüências da ação que ele quer empreender.

É um preceito que tem sido bastante desprezado. Apenas se entrevêm as conseqüências imediatas de um ato, mas as conseqüências longínquas escapam-nos geralmente. Entretanto, podemos observar que elas tomam larga parte da

responsabilidade que nos será tomada em conta na hora terrível dos julgamentos sem apelo.

Isso é o conselho do iniciado, mas, na vida material, é preciso ver longe os bons e maus lados de uma empresa, não somente no presente como em um futuro longínquo. É prevendo o pior que se pode escolher o melhor; porque se observou todos os lados maus de uma coisa, que apresenta necessariamente lados bons, e que se toma o tempo de ver o que é a inquietação antes de ir às vãs esperanças.

*

* *

Não tenhas pretensão de fazer o que na realidade tu ignoras. Toma, ao contrário, todas as ocasiões de te instruíres. Alcançar ás assim uma vida altamente agradável.

Conselho sempre útil é o da simples humildade.

Quanto mais o Sábio avança em conhecimentos, mais se descobre diante dele o vasto campo inexplorado que lhe pedirá muitos esforços.

À medida que se eleva, o panorama se amplia. O menino que não viu senão o seu pequeno jardim, crê que ele é infinito. Aquele que sobe à colina, acha o universo imenso. As asas do espírito vão mais além do que as asas de qualquer pássaro.

Aquele que procura ver as coisas no seu vasto conjunto sente-se uma ínfima célula no vasto universo. Seu orgulho, se o tiver, desaparece neste momento. Sua alegria não pode vir mais senão do estudo; todos os dias mergulha-se em uma meditação profunda; o prazer constante e indispensável que ele sente é a mais alta alegria que este mundo pode dar.

É preciso velar igualmente a saúde do corpo. Toma cuidado com a medida dos alimentos, das bebidas e os exercícios que te são necessários. Tua justa medida será aquela que te impedir de desanimar. Deveras também habituar-te a um regime puro e severo. O que ressalta desta parte do ensinamento pitagórico é a necessidade de um corpo sã para continuar em paz as pesquisas do espírito.

A vida do Sábio não deve ser uma série de festins; não deve perder, comendo e digerindo os alimentos mais delicados, toda a energia que lhe foi confiada para os mais nobres e úteis fins.

É necessário ao homem alimentar-se, mas convém que ele o faça para a sua saúde. Esta alimentação era severamente medida.

Em primeiro lugar, Pitágoras proibia formalmente toda nutrição de carne.

A água era a única bebida! É verdade que é a melhor e mesmo a que a própria Natureza nos destina, pois que todas as bebidas fermentadas são o produto da indústria humana.

A água, que nos nivela aos animais e às plantas, é a única bebida que deveríamos usar.

Bem longe de debilitar, como se crê muitas vezes, ela dá forças corporais e um excelente equilíbrio físico. Quem bebe água experimenta harmonioso equilíbrio em todo o seu ser e saboreia uma paz que os febris bebedores de vinho não conhecem.

*

*

*

Caminha sem Ostentação, para evitares atrair a incompreensão odiosa dos ignorantes.

O Sábio tem de viver afastado. Pratica as quatro palavras que noa foram dadas como a chave de toda iniciação, mas o que melhor convém é: Calar-se. Ele sabe que, de um modo geral, a multidão está fora do estado de o compreender. Não a odeia nem a despreza. Aqueles que compõem a multidão estão no seu caminho, na senda que conduz a Deus. Mas, o Sábio tem ocupações mais urgentes do que dar conselhos e exemplos que não seriam seguidos.

A opinião do vulgo não lhe preocupa; não tem linguagem comum com ele e os dois falariam em vão, sem se compreenderem.

O Sábio não fala àqueles que podem auxiliar a sua evolução ou àqueles que lhe podem oferecer apoio. Cada um tem estados a vencer. Aquele que sabe não pode recusar um bom conselho, ou melhor, um bom aviso, ao que pede.

Ele pode e deve pôr no caminho aquele que tem já a inquietação de seguir um caminho seguro. Mas uma lei absoluta é que cada um evolue por si mesmo e aquele que tem a sua evolução a fazer não deve esquecê-la na preocupação, muitas vezes, orgulhosa de fazer adiantar os demais.

*

* *

Não ajas como as pessoas sem raciocínio que despendem a esmo as suas economias ou ainda se entregam à avareza, mas aprende a guardar em tudo o meio-termo. Não faças nada, pois, que te possa prejudicar e, por isso, raciocina bem antes de agires.

Aquele que tende a uma evolução superior não deve ter apego ao dinheiro como o avaro, nem criar dificuldades materiais que serão um entrave para os seus trabalhos.

O Sábio não deve procurar ofuscar por seu fausto; deve ser comedido, porque as suas necessidades são limitadas pelo estado de espírito que o guia.

Não tende mais para estas miragens e alegrias enganadoras que arrastam os tolos a despesas abusivas.

Sua felicidade não está no luxo nem nos festins. Os prazeres que lhe são doces são aqueles que não se compram com dinheiro.

Não procura senão as coisas eternas, e estas não dão inquietações nem desilusões.

E temos sempre a necessidade de refletir antes de agir, qualquer que seja a ação e mesmo aquela que aparentemente mostra não ter nenhuma importância.

É de uma excelente ascese submeter o inconsciente ao espírito da maneira mais completa, e quanto mais submetermos nossas impulsividades, mais caminharemos com calma na senda da evolução. Passado o estado de purificação, resta o estado de perfeição. Eis aqui os conselhos do Mestre.

*

* *

Apenas desperto, aproveita depressa a harmonia que o sono dá para elevar o teu pensamento e refletir nas boas obras que deveras cumprir.

Para chegar à perfeição, devemos primeiramente elevar o espírito.

Segundo Pitágoras, o melhor momento que podíamos escolher para libertá-lo da cadeia corporal é a manhã, logo depois de despertarmos. A esta hora, o corpo, saindo do sono, está calmo de todas as agitações do trabalho e das paixões, sejam elas prazeres ou desgostos.

E' neste momento que é preciso fazer exame do que se fará durante o dia. Devem ser tomadas as competentes decisões. É na calma matinal que podemos

muito mais facilmente pesar tais decisões e amadurecê-las para discernir o bom caminho. Uma espécie de exame da situação mostra-nos o estado em que nos encontramos, as modificações boas ou más, de nossas possibilidades.

Diante desta constatação imparcial, podemos dar úteis auto-sugestões que nos serão de um grande valor no cumprimento de determinadas empresas.

Quando o Sol se levanta, o Espírito é o rei do corpo. E' o momento das meditações calmas e das sãs intuições. O espírito dirige o inconsciente em lugar de o seguir. É a hora do domínio do eu.

Este trabalho psíquico da manhã deve ser completado todas as noites por um exame de consciência, um exame das ações realizadas durante o dia.

*

* *

Toda noite, antes de dormires, faze o teu exame de consciência, repassa muitas vezes no teu espírito os atos do dia e interroga-te: Que fiz eu? Cumpri o meu dever em todas as coisas? Examina assim sucessivamente cada uma das tuas ações. Se descobrires que agiste mal, repreende-te severamente; se foste irrepreensível, regozija-te.

Fazer-se à noite um exame de consciência é uma indicação muito útil, e todas as religiões têm-no adotado. O momento de calma que precede ao sono abranda a turbulência do inconsciente, sempre prestes a escusar o que lhe é agradável. É bom não escutar conselheiro tão leviano.

Aquele que tem o bem em vista verá, todas as noites, como seguiu o plano que lhe é imposto; lastimará suas faltas, porque elas têm por efeito retardar um resultado tão longamente esperado.

Ao contrário, se os resultados foram bons, está no direito de se regozijar. E esta hora, na calma dos ruídos suspensos em torno de nós, todas as manhãs, é também aquela em que o inconsciente sofre sem muito custo as auto-sugestões que o modificam profundamente. Produz-se, então, um fato análogo àquele do estudante que relê as suas lições antes de adormecer, deixando à noite o trabalho de as gravar na memória.

Na paz da noite, o espírito toma e impõe ao inconsciente boas resoluções e, se as retirar tantas vezes quantas forem necessárias, o sulco psíquico criará e também as coisas que nos pareciam impossíveis se farão como por si mesmas, pelo hábito do exame e das ordens da noite.

*

* *

Medita estes conselhos. Ama-os com toda a tua alma e esforça-te para pô-los em prática; eles conduzir-te-ão às virtudes divinas. Eu b juro por aquele que traçou em nosso espírito a Tétrade sagrada, fonte e emblema da Natureza eterna!

A Tétrade é uma pirâmide de quatro faces: três laterais, uma basal. Demos a sua interpretação em nosso livro *Vers la Sagesse*, do qual recomendamos a leitura, pelos desenvolvimentos que este emblema encerra, sendo mesmo de grande importância.

A Tétrade é a imagem do ser humano, este microcosmo, imagem reduzida do Universo, do Macrocosmo, porque tudo há na Natureza.

As três faces laterais são, no que concerne a personalidade humana, o corpo, o coração e o espírito. Cada face triangular tem, na parte que toca à base, dois ângulos opostos.

No que concerne ao corpo, um dos ângulos inferiores do triângulo representa as forças criadoras; o outro ângulo inferior corresponde às forças destrutivas. O equilíbrio entre essas duas forças antagônicas constitui a saúde, enquanto o seu desequilíbrio dá lugar à doença.

No domínio do coração, os sentimentos serão bons ou maus e, segundo o curso que se dá a uns ou a outros, resulta o milagre, as alegrias do dever cumprido ou a desilusão das miragens.

Alegrias e desilusões sentimentais são figuradas, na segunda face lateral da Tétrade, por dois ângulos inferiores.

Quanto ao espírito, a verdade e o erro, a certeza e a dúvida são os pólos negativo e positivo de sua atividade. Só a verdade dá ao pensamento esta certeza que é a sua alegria, o seu repouso e o seu perfeito equilíbrio. Verdade e Erro são dois ângulos inferiores do terceiro triângulo lateral.

O cimo de cada triângulo é o equilíbrio dos contrários. Para o corpo está a saúde; para o coração está a felicidade; para o espírito a serenidade.

E as três faces reunidas simbolizam a personalidade humana, tão diversas, mas tendentes à unidade pelo desejo de equilíbrio.

O Iniciado, o Sábio realizou este equilíbrio; governa sobre os três domínios; sua vontade reside no cume da pirâmide e, por este mesmo fato, dirige-se à parte basal, isto é, não opera senão por si mesma, porém é capaz de levar às outras a mesma estabilidade. Pode e deve mesmo, segundo a medida de suas forças, curar o corpo, consolar o coração, dissipar as dores do espírito, sustentá-lo nas horas de depressão, criar em torno de si, enfim, a felicidade e a paz, tanto quanto sejam compatíveis com a nossa natureza.

*

* *

O iniciado, recomenda Pitágoras, deve reconhecer Deus que tudo anima, que é a causa primordial da Criação.

Mas, põe-te em ação, roga sem cessar aos deuses, para que eles te ajudem a cumpri-la.

Só aquele que não quer ver, aquele cujo orgulho é cego pelo império dos preconceitos, nega as potências superiores. O Sábio conhece-as demasiadamente para as poder negar. Elas o auxiliam e sustentam. Mas não deve contentar-se em esperar passivamente o seu apoio. Sabe que este apoio não lhe será negado, mas, para obtê-lo, deve pôr-se em harmonia com as Forças superiores, deve desprender-se em espírito para atingir as Esferas onde reinam os Espíritos felizes e cuja atmosfera desperta em nossa alma uma alegria serena, uma felicidade completa.

Quando estiveres bem compenetrado destes preceitos, chegarás a conceber a constituição íntima dos deuses, dos homens e de todas as coisas, e a dar conta da unidade que penetra a obra natural em «eu conjunto. Conhecerás então esta lei universal que, por toda parte no mundo, a matéria e o espírito são idênticos em natureza.

Tal é o conhecimento que está prometido ao iniciado. Diante de seu olhar, despojado de todos os véus, verá a unidade perfeita e sublime de tudo que existe. Então, todas as nuvens se dissipam. O mundo inteiro não será mais senão uma harmonia perfeita, onde, desde Deus até a matéria que nos parece a mais inanimada, tudo não constitui senão Um, tudo tende a uma unidade perfeita. Tudo vive, e toda vida é uma influência de Deus. Então todas as criaturas vêm a ser fraternais ao adepto.

Perde a noção do tempo. Sabe que ele foi a matéria e sabe que será Deus.

Então, sobre toda a escala da vida, tem lembranças e esperanças que o tornam uno com os outros seres que se encontram neste ponto. Pode dar-lhe ou pedir-lhe o equilíbrio. Uma mudança maravilhosa se produz; pede ao alto para espalhar em baixo a alegria, a vida, o repouso. Experimenta a alegria de um Criador divino.

*

* *

De tal sorte que, vindo a ser clarividente, não serás mais atormentado por desejos ilegítimos. Reconhecerás, então, que os homens são as criaturas mais responsáveis, são os criadores de seus males. Infelizes! Eles não sabem que os seus verdadeiros bens estão ao limiar de seu edifício' espiritual. Quão raros são aqueles que conhecem a maneira de se livrarem de seus tormentos. Tal é a cegueira dos homens que lhes perturba a inteligência! Semelhante a cilindros que rolam ao acaso, eles não cessam de estar acabrunhados de males infinitos. Porque, não suspeitando a funesta incompreensão que está neles e os acompanha por toda parte, não sabem discernir o que é preciso admitir do que é preciso fugir sem revolta.

O maior dos males é, pois, a ignorância em que estamos do nosso verdadeiro bem.

Ele não depende senão de encontrarmos a paz e a alegria, mas nós nos obstinamos em perseguir imagens sem realidade, em vez de gozarmos os bens verdadeiros que nos aperfeiçoam, que nos pertencem. O homem é o único artífice de seu próprio infortúnio. Deus é bom e sua obra é boa. Tudo o que Deus criou é

Harmonia e Justiça. São as nossas paixões e a nossa inconstante vontade as criadoras do desequilíbrio e, por consequência, da dor.

O homem desconhece as leis que o tornariam feliz. Renuncia a alegria do coração à vida sã que lhe faria um corpo robusto, ao altruísmo que lhe daria as alegrias cheias de força e doçura. Não sabe amar a Natureza, receber as suas lições que nos mostram a paz e a harmonia por toda parte e nos dão o exemplo de uma vida pura e bela, isenta de todos os males, os quais não cessamos de lamentar.

Se vivermos segundo as leis, não teremos ocasião de nos queixarmos. Em vez de procurarmos os bens ilusórios, faríamos o que é ordenado ao iniciado; trabalharíamos para depurar o nosso coração, para aperfeiçoar o nosso espírito.

O pensamento é o único bem que não perdemos. O pensamento amolda o homem até na sua personalidade física. Pode operar como uma potência insuspeita ao profano, fazer verdadeiros milagres. É à sua educação que nos devemos consagrar; devemos torná-la calma, forte, rica de todo o bem que ela pode fazer. Dando assim à vida o único fim aproveitável, não conheceremos mais tormentos.

Deus, nosso Pai! Possas livrá-los de seus sofrimentos e mostrar-lhes de que potência sobrenatural eles podem dispor! Porém, não tenhamos angústia, porque os homens são da raça dos deuses e é a eles que pertence descobrir as verdades sagradas que a Natureza oferece à sua pesquisa.

É uma realidade que a sensibilidade do adepto sofre muitas vezes. Não pode fazer senão o seu próprio caminho. Cada um deve seguir a sua senda, vencer a sua etapa pelo seu próprio esforço. O que aflige o altruísmo destes é, entretanto, uma das partes mais nobres da doutrina de Pitágoras.

O esforço é a verdadeira nobreza; é a única senda do aperfeiçoamento pessoal.

Cada um possui faculdades latentes; tem faculdades que se lhes revelam para o conhecimento; a sua intuição está adormecida na matéria e ele não sabe mesmo aproveitar o bem que dividiria com todos se cada um quisesse prestar a devida atenção.

Mas, para possuir estes bens e usá-los com toda utilidade desejável é preciso desprender-se da matéria e muitos se recusam a este ligeiro esforço. Preferem, os infelizes, aviltar-se, abandonar a mais alta parte do ser do que as grosseiras alegrias dos sentidos. Não vêem que uma ligeira privação desenvolveria neles a visão interna que lhes abriria mundos novos.

Então, teriam percepções e concepções novas. Descobririam verdades que transformariam o universo a seus olhos.

Estas verdades, estas percepções, são o verdadeiro domínio do Sábio. Em todos os tempos, os Sábios fizeram as mesmas descobertas e as iniciações registraram somente como verdades imutáveis e essenciais algumas variações na matéria em que a revelação se produz.

Centros iniciáticos, filosóficos e religiosos, todos, contando tempos e raças, mostraram os mesmos horizontes ao insaciável desejo humano e este desejo humano sempre se sentiu satisfeito.

A Verdade é uma. Ela é acessível a cada um. O mundo divino pertence àquele que o procura com o coração puro, um corpo são e o desejo sincero de luz.

*

*

*

Se vieres a possuir as verdades sagradas, então preencherás facilmente todas as minhas prescrições e merecerás ser livre de tuas provas.

O esforço contínuo, efetivamente, liberta o espírito inquieto. Aquele que estabeleceu como fim de sua existência a pesquisa sincera da verdade não pode sofrer os males humanos; venceu as experiências. Não está neste mundo senão para cumprir o seu dever e esperar, com serenidade, a hora da libertação.

*

* *

Abstêm-te, porém, dos alimentos que proibimos nas purificações e prossegue a obra de libertar a tua alma, fazendo uma escolha judiciosa e refletida, em todas as coisas, de maneira a estabelecer a vitória do que existe de melhor em ti, do Espírito.

O fim está atingido; o corpo está puro, o coração está livre de todo sentimento egoístico, o espírito vem a ser judicioso e clarividente. É deste espírito novo que virá a recompensa: este Conhecimento superior que abre os mundos divinos; esta Sabedoria ideal que nos dá todo o direito.

A recompensa é adquirida; ela nos dá a coragem de a merecer por tantos trabalhos. Mas esta recompensa qual é, para o justo?

Então, quando abandonares o corpo mortal, elevar-te-ás no éter e, cessando de ser mortal, revestir-ás a forma de um Deus imortal.

É a certeza. A recompensa não poderia faltar àquele que a mereceu. Ele a possui antecipadamente; vai criando mais campo em seu espírito.

Não trepidará nunca mais entre as contingências, essas fadigas deste mundo tão material. O adepto sente aumentar em si mesmo as forças que se vão

desenvolver, transportá-lo como nunca no mundo, onde as formas não são mais do que ritmos não perturbados pela matéria.

O Deus que se oculta em cada um vai abrir as suas asas e, esquecendo todas as penas e desgostos desta vida, vai, com um vôo seguro, ganhando o mundo luminoso.

Tal é o ensinamento de Pitágoras, nas partes que nos foram conservadas.

Isso não é senão um fragmento da imensa obra deste Mestre; basta, entretanto, que façamos sentir a importância desta iniciação e a infelicidade de uma tal perda.

É certo que, segundo esta ascese, não se poderia deixar de obter um resultado maravilhoso, porque tudo se acha reunido: a necessidade de reger o corpo, de velar o coração, de adestrar o espírito de modo que não possa deixar nenhuma destas qualidades superiores.

O ideal de Pitágoras era o de criar a cidade perfeita, mas o tempo, que não era propício para ele, não o é para nós.

O dever, no momento presente, é nos formarmos individualmente, agrupando-nos a outros adeptos que nos sustentarão no esforço, mas este agrupamento é um indivíduo ainda e é pelo exemplo e a realização do bem que ele pode influir sobre o estado social.

Não é preciso crer, entretanto, que este esforço seja egoístico e que o risco de ser perdido seja iminente, porém cada dia basta para a sua pena.

Estará, talvez, próxima a hora em que a luta da matéria e do espírito forçará os adeptos a prestar contas? Então, todos aqueles que procuram ou tenham encontrado a sua senda, se levantarão para o triunfo definitivo da verdadeira luz.

Os Mistérios de Elêusis

Ainda os Mistérios de Elêusis. — O símbolo do grão de trigo. — Pequenos Grandes Mistérios. — Em que consistiam os Pequenos e os Grandes Mistérios de Agra. — Purificações e sacrifícios. — Os Grandes Mistérios. — Eles dão lugar, durante alguns dias, a festas grandiosas. — Os objetos sagrados conduzidos a Eleusinion. — Sacrifícios de animais em honra a Deméter. — Procissão de Atenas em Elêusis. — As vigílias santas ou as noites místicas. — Seu fim. — A lenda relativa a Perséfone. — Sua explicação sobre o ponto de vista iniciático. — A iluminação. — Ela permitia ao novo iniciado atingir .aos planos superiores. — O drama místico. — O esoterismo que envolve esta parte dos mistérios de Elêusis. — A Eoptia era uma iniciação superior que estava reservada a uma "elite". — Os grandes segredos. — Fim dos Mistérios de Elêusis.

Um dos pontos mais secretos da iniciação helênica foi a celebração dos mistérios de Elêusis. Temos poucos documentos sobre um fato que foi, entretanto, de importância considerável sobre a vida religiosa da Grécia, mas os textos que nos vêm de profanos não nos podem esclarecer sobre um ensinamento que não lhes era revelado e que não podia ser imaginado; por outro lado, os verdadeiros iniciados não teriam nunca, sob pretexto algum, e por preço algum, dito ao público o que lhes era ensinado sob segredo; eles não teriam nunca contado aos profanos os detalhes destas festas que, por serem menos temíveis do que as dos Templos do Egito, não eram, entretanto, sem gravidade.

Os poderes públicos, baseados sobre a religião, como todos os governos antigos estavam perfeitamente de acordo neste ponto de vista de sacerdócio.

A legislação ateniense punia de morte, não somente os curiosos que procuravam penetrar indevidamente nos Templos onde se celebram os Mistérios, ou que procuravam convencer os iniciados para se fazer instruir do que devia ser oculto, mas feria também o iniciado infiel, cuja indiscrição entregava aos profanos o tesouro dos mitos sagrados.

Eis porque possuímos poucos documentos sobre um fato tão considerável.

Teodoreto diz: *"Todos não conhecem o que o hierofante conhece. A maioria não vê o que está representado; os sacerdotes cumprem os ritos dos Mistérios, mas só o hierofante conhece a razão do que faz, e a descobre a quem julga conveniente."* (De fide.)

Diz-se, encontrando-se em presença das festas em honra de Deméter, deusa da Terra e, por conseqüência, de suas produções, que os Mistérios de Elêusis tinham traços dos Mitos agrícolas e se referiam aos trabalhos do campo.

Diz-se também que estas festas, sob a representação do mito de Perséfone, perdida e ressurgida à luz, expunham teorias semelhantes a todas as iniciações. Esta segunda interpretação parece-nos infinitamente mais provável e, atendendo o que os poetas gregos deixam entrever, há alguma coisa que lembra a lavoura e as searas.

Certamente, tomando tema da desapareição da jovem deusa, da desapareição do grão de trigo, posto na terra como um morto para apodrecer e que, sob uma influência misteriosa, triunfa do peso da terra, renasce à claridade, floresce, traz frutos numerosos, todo espírito elevado e conduzido ao simbolismo via, nesta imagem, os destinos da alma que, reentrando no aparente não-ser, volta à vida e,

rica de novas experiências, conduz frutos à eternidade em vista de suas futuras reencarnações.

Em nosso sentido, não poderia haver dúvidas; a iniciação de Elêusis ensinava a solução de todos os grandes problemas; mostrava que o ser humano tem por dever elevar-se, criar em si novas forças, prever a morte que conduz ao renascimento e preparar-se, a fim de que o caminho lhe seja breve para a paz absoluta do eterno porvir.

Imagina-se, com toda a aparência de razão, que os Mistérios de Elêusis, como todos os Mistérios antigos, ocultam, sob a forma exotérica de suas festas harmoniosas, um ensinamento análogo àquele que tinham professado Orfeu e Pitágoras, posto que sob uma forma muito diversa.

Estes ensinamentos eram intimamente idênticos aos do Templo da Índia, da China e do Egito; a verdade é Una e, sob o véu florido dos mitos e das alegorias, não poderá ser mudada.

Pode-se acreditar que o ensinamento eleusiano tenha trazido ao mundo um conhecimento novo, mas, pela graça do gênio grego, nunca a doutrina pura fora enfeitada de um exterior tão sedutor, porque é o dom próprio do gênio grego embelezar tudo o que está submetido ao encantamento de sua lira.

*

* *

Parece fora de dúvida que os Mistérios de Elêusis eram baseados sobre a fé nos renascimentos e sobre a subida da alma para o divino, através das etapas da morte.

O grão de trigo foi o seu símbolo e toda uma mitologia se liga a esta crença. Apenas semeado, o grão desapareceu; o corpo, a morte, é confiado à terra. Mas o trigo reúne os elementos de um novo corpo, como faz a alma humana.

Os dois recomeçam um novo ciclo e a volta das estações foi para os gregos a imagem da ordem imutável e diversa da Criação.

A vitória que o cultivador alcança sobre os elementos hostis, nobre a aridez da terra, simbolizava para eles a vitória que devemos alcançar sobre as nossas paixões.

Deméter, a terra mãe, dava-lhe ao mesmo tempo o exemplo e o preceito.

Os mistérios eram-lhe consagrados. Deméter, nossa Céres, via arrebatada sua filha Perséfone, os frutos da terra, pelo feroz Plutão. Perséfone (Prosérpina) era-lhe entregue depois, mas nunca completamente, porque o Deus dos Infernos tinha tomado o cuidado de lhe fazer comer algumas sementes de romã, símbolo da fecundidade.

Exotericamente, o destino de Perséfone era o símbolo da agricultura que confia o grão à terra a fim de que ele seja fecundo e produza o cêntuplo.

Mas isso não podia constituir uma iniciação.

O sentido esotérico era que a alma, depois dos funerais, entrava nas trevas e se purificava, mas nunca completamente, porque nós guardamos até o fim das nossas encarnações o desejo de viver e produzir.

Não será senão quando estivermos despojados de todo desejo egoísta que seremos livres de voltar ao mundo, que Perséfone voltará definitivamente ao esplendor do dia, representará a inteligência divina, a luz celeste, que procuramos longamente, que se recusa aos olhos da carne.

Estes Mistérios eram celebrados por cerimônias grandiosas; os iniciados, que comungavam isolados, compunham então imensos cortejos que tomavam todos os caminhos entre Atenas e Elêusis.

Parecia que toda a Grécia emigrava para os seus deuses. Efetivamente, era toda a Grécia, porque não havia nenhuma condição de ordem ou de fortuna.

Certamente, as provas eram sofridas, um exame era feito que discernia também se o impetrante era um ser inteligente e seguro, capaz de guardar o segredo que lhe era confiado.

Mas, junto disso, a única condição exigida era não ter nunca manchado as suas mãos pelo assassinio, salvo em caso de guerra. Sabe-se que Nero, assassino de sua mãe, ousou apresentar-se, porém, em presença das imprecações pronunciadas pelo hierofante contra os assassinos e os filhos maus, foi tomado de medo e fugiu. Os dois recomeçam um novo ciclo e a volta das estações foi mais de mil anos.

O fim destes Mistérios era o mesmo que o de todas as Iniciações. A entrada entre os adeptos era considerada como um novo nascimento.

Eis porque o noviço devia sofrer um simulacro de morte para renascer a uma nova vida, àquela que não termina mais.

Era preferível, para aquele que se sentiu chamado à iniciação, não atingir a morte, que não se produz sempre nas condições desejadas; era preferível esperar a morte natural, mas ser purificado voluntariamente, preparar-se para u'a morte simbólica que, desde esta vida, nos permite o aperfeiçoamento, e vir a ser tal como convém ao verdadeiro iniciado.

Daí vinham as cerimônias da mais intensa beleza, ornadas de todas as magias da dança, do canto, das representações teatrais, dos longos e maravilhosos cortejos férteis de sacrifícios.

*

* *

Havia duas etapas a vencer na iniciação: os Pequenos Mistérios, dos quais não se podia ser dispensado, e os Grandes Mistérios, que eram reservados àqueles que tinham passado uma iniciação completa.

Para o fim do século V antes da nossa era, um grau ainda superior foi unido a estes Mistérios: a Epoptia, sobre a qual trataremos.

Os Pequenos Mistérios celebravam-se ao fim do inverno, no mês de Anthesterion. Simbolizavam o fim do inverno, o começo de um novo ciclo, embelezado pelo sol novo e todas as flores novas.

Todas as cerimônias demonstraram que esta vida não é senão transitória, que as suas penas e alegrias não são senão um momento que termina na morte.

A morte, propriamente, como o sombrio inverno, não é senão uma estação a passar, mas vem o dia em que a estação muda, em que a natureza se desperta, onde a alma volta à vida para uma nova existência, onde ela deve, uma vez ainda, colher as flores da nova estação para percorrer ainda uma vez — quantas vezes ainda? — o ciclo das estações e dos anos, até a manhã maravilhosa da luz definitiva.

Os Grandes Mistérios celebravam-se no mês de Boedromion (Setembro), entre a colheita e as sementeiras. Duravam muitos dias, no meio das mais belas festas que o sentimento helênico pôde imaginar. A estação era maravilhosamente escolhida para conduzir o pensamento a seus fins supremos.

As colheitas acabavam e as sementeiras não eram feitas. O ser achava-se entre a morte e o despertar, na plenitude de sua personalidade.

Nada operava sobre ele; podia dar-se à vontade ao ensinamento iniciático, e o outono, pesado de frutos, fazia-lhe compreender que a vida humana, como a natureza materna, não pode existir sem encher as cestas de outono de frutos dos longos trabalhos de seus dias.

Estes pensamentos, adotados neste momento, revelavam-lhe a sua missão, e a fraternidade sentida então fazia tocar melhor a necessidade de uma entrevista com todas as criaturas.

Mais tarde, duplicou-se a cerimônia dos Pequenos Mistérios. Fizeram-se, para os estrangeiros que vinham de todos os pontos do mundo conhecido, os Pequenos Mistérios, do fim do estio, a fim de que àqueles que deviam assistir aos Grandes Mistérios não tivessem de impor uma nova alteração e mesmo, em certos casos, modificou-se toda a ordem das cerimônias para a iniciação dos personagens muito importantes e cujo apoio podia ser de grande consequência para o Templo.

Esses casos eram considerados como exceções muito raras.

Uma dessas exceções foi feita em favor de Demétrio Poliorceto, que vinha para salvar o país, e Plutarco nos disse naquela ocasião:

"Cita-se o caso de Demétrio Poliorceto que, depois de ter batido as forças de Ptolomeu, pediu aos atenienses para ser iniciado sem o intervalo nos três graus. Estava-se em plena primavera, no mês de Munychion. Como os Atenienses não ousavam recusar ao príncipe macedônio, votaram um decreto estabelecendo que este mês teria sucessivamente o nome de

Anthesterion e de Boedromion; mais tarde, um novo decreto restabeleceu o calendário no seu curso normal".

*

* *

Os Pequenos Mistérios tinham, algumas vezes, o nome de Mistérios de Agra, porque eles eram feitos não em Elêusis, mas em Agra, que é um arrabalde de Atenas.

Havia nessa cidadela um Templo consagrado a Perséfone sob o nome de Koré (a moça), e era aí que as festas se desenrolavam.

Em que consistiam estas festas? Não se sabe muita coisa a este respeito. O que é certo é que sacrifícios eram oferecidos às deusas e, particularmente, o carneiro. Procedia-se, antes de tudo, às purificações, às lustrações na água de Ilissos.

Monumentos mostram-nos o neófito nu, passando esta lustração. Tem o pé esquerdo sobre a pele do animal que ele ofereceu para tornar as divindades favoráveis, e um celebrante lhe derrama a água sobre a cabeça.

Além disso, vimo-lo assentado como um adepto definitivamente aceito. Sua cabeça é coberta por um véu; uma sacerdotisa o abana com o crivo místico, que representa as provas da iniciação, assim como as experiências desta vida, porque o crivo, por suas sacudidelas, às vezes bruscas e rítmicas, destaca o grão de seu envólucro, como as dores nos destacam do nosso egoísmo e nos purificam de nossos sentimentos maus.

Os Pequenos Mistérios, além de Deméter e Perséfone, também tinham lugar em Dionísio. Nesta cerimônia, Dionísio representava o papel de Deus

psicopompo; era ele que conduzia Perséfone à luz; era ele que, pela força de um santo entusiasmo, elevava o iniciado acima dos reinos da -morte. Eis porque Estevam de Byzancio diz que os Pequenos Mistérios eram a representação do destino de Dionísio: Este último, o rebento da vinha, a sua floração, depois a venda do sumo, os grãos caídos e úmidos nas covas para a fabricação do vinho novo, mostravam ao adepto que o sacrifício é uma das mais altas possibilidades do ser humano e que, semelhante ao Deus do vinho e das vendas, devia sofrer todos os males para dar aos seus irmãos em humanidade as possibilidades de uma evolução melhor.

O vinho era considerado como o exaltante da alma, colocando-a próximo dos deuses e não como um meio de se aviltar por delícias inconfessáveis.

Quando o neófito havia passado as purificações, era admitido aos Grandes Mistérios e estes eram de um simbolismo ainda mais completo e mais elevado.

*

* *

Os Grandes Mistérios não se celebravam senão de cinco em cinco anos e sempre em Elêusis.

Terminavam no 13.º dia do mês de Boedromion e a festa durava muitos dias, sem parar. De Atenas, os efebos partiam para Elêusis, a fim de procurar os Mera, ou objetos sagrados que se encontravam na cidade santa, sob a guarda do hierofante. Era uma longa procissão (teoria), e a volta não se fazia senão no dia seguinte.

Os objetos sagrados, sempre sob a guarda do hierofante que não devia nunca afastar-se, eram levados em um carro.

Os atenienses formavam cortejo para vir no caminho adiante dos viajantes santos e todos reentravam em Atenas, levando em procissão os hiera em Eleusinion, levantado junto da Acrópole.

No dia seguinte, 15.º de Boedromion, todos os neófitos reuniam-se sob o pórtico denominado Pecilo. Sabiam que a festa os esperava, mas todos os detalhes não eram conhecidos. Viam chegar o hierofante, depois o *dadouco*, archeiro que era encarregado de vigiar todos os detalhes da iniciação.

Era ele o encarregado da formação dos noviços. Em seguida, vinham os sacerdotes conduzindo cada um as insígnias de sua função e de seu grau iniciático.

Após a chegada do cortejo, o hierofante declarava abertos os Mistérios.

Os neófitos deviam demonstrar que eles tinham seguido os Pequenos Mistérios e deviam, uma vez efetuada esta constatação, pregar os sermões mais temíveis, não revelando jamais os Mistérios aos que não eram admitidos.

Era-lhes ordenado, então, a praticar certos jejuns e, durante toda a cerimônia, deviam abster-se estritamente dos alimentos proibidos, de favas e mesmo de peixe.

No dia 16 de manhã, os mistos ou iniciados iam para a praia e cada um conduzia um porquinho que devia sacrificar a Deméter, porque os porcos destruíam as colheitas novas.

Banhavam-se os mistos no mar e aí lavavam a vítima; depois regressavam a Atenas, sempre no santuário de Eleusinion e cada um imolava o seu porquinho em sacrifício expiatório, sobre os pequeninos altares erigidos para esse fim.

Imolada a vítima, queimavam-se as coxas sobre o altar em intenção à deusa Deméter. O resto do corpo era levado pelos doadores para ser consumido em um festim sagrado.

A este respeito, Aristófanes, nas Rãs, diz a Xantias ao aproximar-se de um grupo de iniciados: "*O' Augusto e venerável filho de Deméter, que suave cheiro de porco assado!*"

No dia 17, os mistos ofereciam flores a Dionísio, que abre aos iniciados as portas dos mundos intermediários. À noite, faziam vigília em honra de Asclépios (Esculápio), divindade solar que tem autoridade sobre a medicina e todas as formas de cura.

No dia 18, pela manhã, transportavam-se as imagens das deusas de Eleusinion para o Templo de Asclépios, onde se celebravam as Epidaurais, em honra do deus curador que tem seu Templo em Epidauro, na ilha de Creta e que dá saúde e força aos peregrinos que lha pedem.

No dia 19, a procissão voltava de Atenas a Elêusis. A distância era de alguns quilômetros (22 pela estrada atual, que se superpõe, quase em toda parte, à medida antiga) e isso era preciso realizar a pé. Era então que se formava o cortejo com toda majestade. O hierofante dirigia a marcha; depois vinham os sacerdotes, os novos iniciados, enfim, a multidão enorme dos iniciados antigos vindos de todos os países do mundo, homens e mulheres de todas as condições e idades, transportados de alegria no cumprimento do ritual sagrado.

Mais tarde, segundo Pausanias, o cortejo organizava-se em Pompéia, construção romana bastante recente, mas de vastas proporções.

Heródoto, que tinha visto os Mistérios em seu tempo de plena florescência, descreve com entusiasmo esta multidão enorme e recolhida:

"Via-se a poeira que 30.000 homens levantavam; o grito de Iaccos retinia, impelido pela multidão daqueles que se entregavam a Elêusis, e, de todas as partes do mundo grego, corriam homens desejosos de receber a iniciação santa".

À frente do cortejo vinha a estátua de Iaccos que, segundo Estrabão, era considerado como um servidor de Deméter. O carro continha altas cestas cheias de espigas de trigo. E, ao longo da imensa ala, vibravam músicas sagradas, cantos rituais em honra a Iaccos.

Nas Rãs, Aristófanes, que oferta a esta peça tudo o que um iniciado pode entender dos segredos iniciáticos, faz cantar pelo Coro, confidente habitual de seu pensamento:

"Iaccos, deus venerado, atende à nossa voz... Agita as tochas ardentes e reanima o seu clarão, Iaccos, ó Iaccos; astro brilhante dos mistérios noturnos! O prado cintila por mil fogos; os velhos vergam ao peso dos desgostos e dos longos anos; eles reencontram um jarrete de ação para se unir a teu coro e tu, Bem-aventurado, com um archote na mão, guias para este úmido tapete de flores as danças da juventude..."
(*Ranae*, v. 324 e seg.)

Era, efetivamente, à luz dos archotes que se fazia a chegada a Elêusis. A noite, em um lugar tão venerado, unia o seu mistério e contribuía para impressionar

uma enorme multidão, enervada pela sua espera e cheia de entusiasmo por Deus. Os prados eram invadidos pelos coros de dançarinos.

De todas as partes, vozes entoavam hinos sagrados. Nada mais imponente e mais vibrante do que esta entrada do cortejo em Elêusis; mas os sacerdotes, vendo que aqueles que deviam entrar tinham vencido o limiar, fechavam as barreiras. O cortejo sacerdotal penetrava no santuário da deusa; o hierofante depositava os objetos sagrados que não deviam sair senão cinco anos mais tarde. A parte pública da festa estava terminada. Começava, então, a festa iniciática.

*

* *

No dia 20, começavam as santas vigílias ou noites místicas. Efetivamente, como em todos os mistérios femininos, a noite era preferida ao dia como possuidora de qualquer coisa temível e misteriosa.

As cerimônias eram efetuadas. Um sacrifício solene era oferecido a Deméter: cabras, carneiros e porcos. Se ela odiava os rebanhos, era devido às depreciações que eles faziam sofrer os campos. Mas, por isso mesmo, era mais sensível às primícias das colheitas, aos sacrifícios não sangrentos das espigas de trigo, da cevada, de todos os cereais e de bolos. Era, aos olhos da deusa, a oferta do trabalho humano.

Estas vigílias eram provavelmente em número de três. Pergunta-se qual era o emprego do tempo nestas cerimônias noturnas, seria impossível dizê-lo exatamente; mas, se não sabemos qual a maneira em que os ritos se efetuavam, sabemos que tinham a transmissão de símbolos, a explicação de todos os mitos e emblemas.

Era uma instrução preliminar que preparava os assistentes à compreensão dos mais altos Mistérios.

Em seguida, procedia-se à visita aos Infernos, reconstituições teatrais da lenda de Deméter e Perséfone, tal como nós a encontramos nos hinos homéricos, sobretudo a Deméter, de uma perfeita e tão alta beleza.

Havia, enfim, representações de dramas místicos, relativos a esta lenda e onde a beleza da forma fazia resplandecer, para o auditório mais advertido, toda a beleza da base.

A transmissão dos objetos sagrados era necessariamente acompanhada de uma instrução, porque as fórmulas iniciáticas eram voluntariamente escolhidas de uma extrema obscuridade. Os iniciados aos Grandes Mistérios deviam dar a sua palavra de passe.

Baseados em Clemente de Alexandria, esta fórmula de passe era:

"Jejuei; tomei o cyceon¹; tomei a cista² e, depois de ter tomado a cista, deposei-a no calathos³; retomei o calathos e repu-lo na cista."

Como em todas as iniciações, achamos a visita aos Infernos em Elêusis; a iniciação era uma simulação de morte e acessão a uma nova vida, era que todo aquele que passasse estas provas se achasse como um verdadeiro morto, preso ao julgamento que todo homem espera à saída deste mundo.

¹ Cyceon ou cyceonte, bebida mística, composta de farinha de cevada, mel, queijo, vinho e água, que se bebia durante os Mistérios de Elêusis em lembrança da bebida oferecida por lambe a Deméter.

² Cista: a cista mística, era uma cesta que se levava nas cerimônias dos Mistérios de Elêusis, contendo objetos conhecidos somente pelos iniciados.

³ Calathos: açafate sagrado que se levava num carro às festas de Elêusis. — (N. da T.)

Eis porque precisaria descer aos Infernos e visitar também os Campos Elísios. Acredita-se que, para esta visita aos Infernos, os sacerdotes tinham feito um Templo subterrâneo, onde se organizava uma espécie de representação teatral. Sobre esta cena, que se imagina de grandes proporções, representava-se, tão realmente quanto possível, as peregrinações da alma no que se imagina ser a realidade no reino de Hades.

Não temos a este respeito nenhum documento preciso, porque, como, vimos, os iniciados eram obrigados ao maior silêncio e, com o apoio dos poderes públicos, as infrações deste segredo eram punidas de morte.

Para Goblet d'Alviella, que estudou especialmente o que nos resta de documentos em relação a estes Mistérios, a existência destas representações místicas não teria nada de impossível.

"É verossímil — diz ele — que os iniciados, com a fronte coroadada de mirto — como no-los representam certos monumentos — tendo nas mãos os Bacos ou tirso especial aos Mistérios de Elêusis, seguiam o archote de seu mistágonos das, tenebrosas galerias, cujas paredes se interrompiam aqui e ali para exibição, sob uma luz sinistra, ora do trono e da corte de Hades, ora dos suplícios dos criminosos condenados à expiação no Tártaro".

"Animados em seguida, diante do telesterion, não tardavam a ver escapar, pela fresta do teto, a viva claridade que assinala Claudiano, enquanto ruídos estranhos e cantos harmoniosos elevavam-se do interior".

"Subitamente, as portas se abrem, os véus caem e, deslumbrantes por uma iluminação cujos textos e inscrições se orgulham do brilho, os mistos são conduzidos sob os gradís, no meio de um religioso silêncio, os olhos fixos sobre as radiosas visões do mundo divino que se desenrolam sobre a cena."
(Eleusinia)

*

*

*

Tudo leva a crer que, em seu quadro especial preparado, se reconstituiu a lenda seguinte:

A jovem Perséfone brincava com as ninfas, em uma deliciosa manhã de primavera, perto da Sicília, não longe do rio Eridan, que desce para os Infernos, e reparou, próximo, um corredor subterrâneo de uma certa extensão. A moça viu subitamente abrir-se a seus pés uma flor miraculosa, uma flor como ainda não vira: o narciso, símbolo da criança, da criação pessoal, do desejo de existir por si mesmo e por suas próprias forças.

Quis colher a flor odorante, mas, apenas a tocou, rugiu o trovão, abriu-se a terra e o deus dos Infernos, que havia armado aquela cilada, apareceu e raptou a imprudente em um carro conduzido por fogosos cavalos negros.

Ela está nos Infernos! Mas a mãe, Deméter, não sabe da desgraça que feriu a filha. Zeus mesmo fica surdo às lamentações de Perséfone. Permitiu este rapto porque nenhuma deusa quis partilhar das honras sinistras, do trono e do tálamo de Hades.

Sob um véu azul, Deméter manifesta seu luto, procura a filha por toda parte e a toda parte envia o seu grito de dor. Os deuses ficam surdos como os homens. Para ter alguma consolação, Deméter ensina aos homens os trabalhos do campo; tenta divinizar o filho daqueles que a receberam. A mãe imprudente, indiscreta, impede a realização do milagre. Então, desolada, sem esperança, Deméter quis forçar os deuses a entregar sua filha. Sob a sua impreciação, a terra tornou-se de bronze, as colheitas não puderam crescer e o sacrifício não pôde ser oferecido aos deuses por falta de vítimas.

Os deuses se comovem, vendo-se privados das honras que lhes são devidas.

Uma indiscrição simulada indica à deusa qual o Deus possuidor de Perséfone; ela corre aos pés de Zeus, e ele, que preveniu seu irmão, diz que a filha lhe será restituída, se ela não comeu nada do reino de Plutão. Hades fez sua esposa comer algumas sementes de romã, a árvore de mil sementes, que representa a fecundidade.

Ela está unida ao deus para sempre. Mas, para que os homens e os deuses pudessem viver, Perséfone passaria o verão sobre a terra, e durante o tempo das geadas, ficaria em companhia de Plutão.

Tal é o mito, e podemos ver a história da vegetação do grão de trigo que deve morrer para renascer.

Mas, há aqui mais ainda, e é a lenda de todas as quedas, de todos os pecados originais que encontramos nestes mitos.

A virgem foi tentada pela existência pessoal — para mulher é a maternidade — deu entrada a toda potência inferior; é o ponto de partida necessário de involução para que a evolução se proceda.

Quando a alma desce à matéria tudo para ela é pesado e sinistro; deve viver nos pesos e nas faltas, ao passo que os esplendores ideais parecem causar-lhe saudades. A piedade divina poderá resgatá-la? Certamente, mas é preciso que a alma seja digna de tal resgate, que não tenha tomado um gosto especial pelo seu rebaixamento.

Perséfone comeu as sementes de romã, e isso constituiu a sua perda. Era preciso, pois, que a alma reconquistasse, penosamente, o que lhe havia sido dado com toda a plenitude.

Esta alma virá a ser luz. Mas, durante longos estágios, deverá viver na matéria, conduzir o fardo de seu corpo.

É a punição de sua falta.

Feliz a alma que, semelhante à jovem Perséfone, empregar a sua passagem sobre a terra em levar flores e frutas a tudo o que a rodeia; feliz quem, semelhante a Deméter, empregar o tempo de suas dores, socorrendo o seu aflitivo desespero, procurando divinizar o homem, purificá-lo de todas as suas faltas; feliz quem, mãe de todas as suas piedades, se serve de suas lágrimas como uma onda lustrai para tornar a humanidade mais digna de visitar o trono dos deuses.

*

* *

Não se pedia tanto a todos os mistos. O que era requerido de sua boa vontade, era o conhecimento de castigos e recompensas, de renascimentos que nos aproximam sem cessar do nosso eterno porvir.

Tal era o fim que perseguiram os hierofantes quando reconstituíam, aos olhos do que a Grécia possuía de mais puro e elevado, as viagens de Deméter à procura da filha e o mito de Perséfone, ora deusa das flores e das ervas primaveris,

ora esposa de Hades, assentada a seu lado sobre o trono de ferro, reinando sobre o povo pálido das Sombras, na silenciosa vida do Tártaro.

Para aqueles que tinham penetrado nesta verdade, a iniciação — que vencia a lei dos renascimentos — vinha a ser suprema. O iniciado tomava consciência da grandeza de sua felicidade. Nunca, como a dolorosa Perséfone arrancada dos braços de sua mãe, desceria à terra mais ligeira e alegre tomo aqueles que povoam os prados de asfódelos nos Campos Elísios, passariam os dias imortais na paz e na alegria, em companhia de seus irmãos, como ele, livres do jugo material.

Esta reconstituição era feita em vista de deixar entrever ao iniciado os acontecimentos que seguem a morte, a fim de compreender perfeitamente de uma vez o que podiam ser os renascimentos, que deviam percorrer o ciclo e, sobretudo, qual a importância da iniciação que o reanimaria, que lhe daria, desde a vida presente, a possibilidade de atingir a pura luz.

É este o sentimento que Plutarco, muito ao corrente das coisas religiosas de seu tempo, assim exprime:

"No momento da morte, a alma experimenta uma impressão análoga àquela que se sente na iniciação aos Mistérios. É primeiramente um passo ao acaso, com penosos circuitos ao seio da obscuridade, sobre um caminho sem fim".

"Antes de atingir ao termo, o terror o acomete, fazendo-o tremer e arrepiar-se de medo, enquanto um suor frio impera".

"Porém, em seguida, uma luz maravilhosa brilha diante dos olhos, está-se transportado ao lugar de delícias e de belas campinas, onde se cruzam cantos e danças, onde se ouvem palavras sagradas. onde se assiste a aparições místicas." (De anima, frag. VI, 2.)

Esta iluminação, estas alegrias, estas danças sagradas, estes cantos de uma deliciosa harmonia não são apenas para o novo adepto um belo espetáculo; penetra o sentido; compreende os puros símbolos; acha-se transportado em um mundo novo, tanto pelo pensamento como pelos sentidos.

É o que Plutarco a junta nestes termos:

" É então que o homem vem a ser perfeito pela sua nova iniciação, posto em liberdade, verdadeiramente senhor de si mesmo, conversa com as almas justas e puras e vê com desprezo a fileira impura dos profanos e dos não-iniciados mergulhados na lama e nas trevas espessas." (De anima, VI, 2.)

Porfírio, por sua vez, descreve a iniciação suprema, conduzindo a visão por planos superiores:

"Coroados de mirto, entramos com os outros iniciados, no vestíbulo do templo — cegos ainda; mas o

hierofante, que está no interior, vai em breve abrir os nossos olhos”.

“Primeiramente, porém — porque não é preciso fazer coisa alguma com precipitação — primeiramente lavemo-nos com água sagrada. Conduzidos diante do hierofante, ele nos lê um livro de pedra a respeito do que não devemos divulgar sob pena de morte. “Dizemos somente que elas se harmonizam com o lugar e a circunstância”.

“Rireis, talvez, se escutardes fora do templo; mas aqui não tereis desejo de fazê-lo, escutando as palavras do velho, porque é sempre velho, encarando os símbolos revelados”.

“E estais longe de rir quando Deméter afirma, por sua lâmpada particular e seus sinais, por vivas cintilações de luz e nuvens empilhadas sobre nuvens, tudo que ouvimos e vimos de seu sacerdote sagrado; então, finalmente, a luz de uma serena maravilha preenche o Templo; vemos os puros Campos Elísios; ouvimos o coro dos bem-aventurados; então, não é somente por uma aparência exterior ou por uma interpretação filosófica, mas realidade e em fato, pois é em realidade que o hierofante vem a ser o criador e o revelador de todas as coisas; o Sol não é senão o archote, a Lua seu auxiliar perto do altar, e Hermes seu arauto místico”.

“Mas, a última palavra foi pronunciada: Konx Om Pax. O rito está terminado e somos Videntes para sempre.”

A iniciação, pois, leva ao desenvolvimento das faculdades supranormais e o novo adepto se acha embaraçado nos véus da carne que impedem a clarividência do espírito. É o que se produz depois da morte quando a alma, livre do que foi ao mesmo tempo seu entrave e seu meio de realização, mergulha no mundo espiritual e descobre horizontes que, sob a influência da matéria, não podia mesmo imaginar.

Proclus, por sua vez, ainda diz:

"Em todas as iniciações e mistérios, os deuses mostram muitas formas de si mesmos e aparecem sob uma grande variedade de formas; algumas vezes uma luz sem forma, algumas vezes revestem a forma humana; outras vezes uma forma diferente".

É uma sensação comum em todos os iniciados e Apuleio que, sob aparências de uma ficção ridente, nos dá grandes luzes sobre a magia e a religião de seu tempo, diz no Asno de Ouro:

"Eu me aproximo dos confins da morte e, tendo atingido o limiar de Proserpina, volto, sendo levado através de todos os elementos. Nas profundezas da meia-noite, vi o sol brilhando com uma luz esplêndida, ao mesmo tempo que os deuses infernais e os deuses superiores, e, aproximando-me destas divindades, paguei o tributo da piedosa adoração".

*

* *

No que concerne ao drama místico, possuímos ainda menos luzes. Não se sabe ao certo em que consiste e a ignorância mesma em que somos testemunha de sua alta importância esotérica é bem patente.

É certo que este drama exprimia, de u'a maneira qualquer, as transmigrações da alma, fosse diretamente, fosse sob a divina aparência do mito de Perséfone. Posto que seja de seu conteúdo, todos os iniciados que nos têm deixado a este respeito muito breves confidencias, nos fazem entender que ele tinha uma radiação de esplendor que nada ultrapassava no mundo antigo.

São verdadeiramente estes esplendores, auxiliados talvez pelas poderosas sugestões coletivas, que dão aos espectadores esta sensação de uma luz que ultrapassa a do sol e não ofusca a vista.

Esta visão beatífica tinha por fim, sob o ponto de vista iniciático, fazer sentir ao adepto o que podia ser esta nova vida que ele acabava de adquirir.

Certamente, as provas da vida, como as da iniciação, tinham-lhe feito percorrer os sinistros dédalos de um mundo terrível e tenebroso; mas tudo isso passou.

A alma livre não conhece mais a dúvida, o temor, nem as trevas. Caminha alegre e altiva em uma claridade que se não extinguiu. O inverno passou e, no mundo que se abre ao espírito reconciliado com as forças superiores, não haverá outro inverno.

A luz divina, uma eterna primavera que oferece em conjunto todas as flores e todas as frutas, tal é a visão elisiana que deve oferecer aos adeptos, e isso não eram senão as primícias de sua absoluta felicidade. Efetivamente, mesmo

desde este mundo, o iniciado conhecia a alegria. Podia ser atingido pelos males, mas não era afetado por eles.

Sua verdadeira vida não está na vida material; seu desejo e sua esperança estão além; ele o sabe com tanto maior certeza quanto o seu desejo é acumulado e a sua esperança realizada.

A terra, que é o fim daquele que não conhece a verdadeira vida, não é para ele senão um lugar de passagem e este lugar está enfeitado para ele de todas as belezas de um simbolismo que lhe mostra o absoluto em todas as criaturas, mesmo as mais ínfimas.

Seus males pessoais não o tocam; ele bem sabe que tais males são necessários para o pagamento de seu carma; e, quanto aos males dos outros, eles se inspiram em uma dolorosa piedade; sabe socorrê-los, curá-los e as suas forças são uma fonte onde todos podem desalterar-se.

Também não conhece nem tristeza nem desânimo.

*

* *

Fora dos Grandes e dos Pequenos Mistérios, a iniciação antiga compreendia também a Eoptia.

Era uma iniciação superior absolutamente reservada a uma elite recrutada entre os iniciados que manifestassem uma inteligência ou poderes superiores.

Sêneca fala a este respeito nestes termos:

"Há mistérios religiosos que não se revelam de uma só vez; Elêusis reservou segredos para aqueles que a visitarem outra vez".

A Eoptia só era concedida aos iniciados que se conheciam perfeitamente e, se dermos crédito a Plutarco, precisava ser admitido depois de um ano aos menos aos Grandes Mistérios para ser iniciado.

Se os Mistérios eram defendidos da curiosidade pelos juramentos mais terríveis, acontecia que os Eoptas não podiam mais — e menos ainda, pois que seus segredos tocavam a um domínio mais elevado — revelar o que havia sido ensinado.

Os escritores antigos não nos deixaram senão muito pouca coisa a este respeito. Sabe-se somente que havia espetáculos, explicações novas. É certo que o esoterismo dos símbolos era comentado de novo e que, tendo advertido as inteligências mais prevenidas, se lhes ocultava os segredos iniciáticos e que os símbolos se esclareciam para eles com longas e penetrantes explicações.

Efetivamente, os símbolos divinos admitiam diversos sentidos e os comentários que se podem fazer a seu respeito são os mais altos, principalmente à medida que o sentido interno dos adeptos se desenvolve para o estudo, a meditação e a contemplação das coisas divinas.

Desde os primeiros graus da iniciação, revelou-se uma certa parte do simbolismo, mas esta revelação se estende com a confiança que se tomava de um adepto melhor conhecido. Para os Eoptas, operava-se:

1.º — É certo que existem relações entre o ser e o Universo. Por exemplo, aproximava-se por novas e mais decisivas demonstrações as etapas que a alma deve passar para chegar à vida perfeita; estabelece-se, sem dúvida, um paralelo entre as mortes sucessivas e os sucessivos renascimentos das estações;

adaptavam-se estes nascimentos ao mito de Perséfone, prisioneira nos Infernos e reaparecida à luz para dar vida a tudo que germina, cresce e floresce sobre a terra.

Eis aí matéria para admiráveis desenvolvimentos.

2.º — Os iniciados conquistavam, em seguida, uma visão mais nítida do que lhe tinha sido primitivamente revelado por processos psíquicos ou sugestivos, como vimos na representação teatral dos Mistérios divinos, que terminavam na Luz incriada.

3.º — Supõe-se também que os últimos segredos concedidos à Eoptia se referissem a métodos de desenvolvimento pessoal; que se tenha demonstrado, no momento de sua iniciação, a possibilidade de manifestar os poderes conhecidos do vulgo, utilizando-se de forças palpitantes em torno de si ou em si mesmo.

Este aperfeiçoamento vinha a ser para os homens instruídos o fim da vida e dos renascimentos que os depuram. Podemos adquirir poderes muito extensos, no momento em que temos aprendido não somente a utilizá-lo por si mesmos, mas fazê-los servir para o socorro de todos os males.

Todavia, ainda que seja permitido supô-lo, nenhum texto preciso nos confirma esta suposição e estamos reduzidos a simples hipóteses. Da mesma forma que os iniciados nos Grandes Mistérios, os Eoptas tinham uma fórmula de passe. Clemente de Alexandria conservou-nos esta fórmula:

*"Comi no tímpano. Bebi no címbalo. Levei o kernos
(o van) e me deslizei sob o pastos (câmara nupcial)."*

*

*

*

Tais foram os Mistérios de Elêusis na sua glória.

Foi nestes Mistérios que o pensamento helênico resumiu o que ele possuía de mais alto na sua iniciação e os maiores espíritos reclamaram a sua entrada em Elêusis como a nota mais certa que eles podiam dar da altura de seu pensamento e da pureza de sua doutrina.

A Grécia caiu nas mãos de Roma, quando cessou de compreender que a união de seus diversos povos era o único elo que podia resistir aos conquistadores que usurpavam sobre a liberdade do mundo inteiro, conduzindo a brutalidade de sua religião, exclusivamente admirativa da força romana; aceitaram a intervenção dos Romanos nos negócios de todos os Estados e é neste momento que a glória helênica acabou de declinar.

Todavia, os Mistérios subsistiam, preservados pela sua santidade, pelo respeito de todo o universo.

Seu esplendor começou a decrescer, mas eles continuaram a atrair a afluência e as homenagens do mundo, ainda mesmo depois do Império ter estabelecido sobre a terra conhecida a supremacia do nome romano.

A religião cristã não tinha conseguido evitar as homenagens e os pedidos de iniciação de que tinha sido o lugar mais santo da terra.

Subia a tais e tão grandes lições este recanto da Ática! Lá viviam os deuses felizes; os mortais podiam aproximar-se deles e compreender, no esplendor da luz elisiana, a beleza mística da alma paga em toda a grandeza de seus ensinamentos.

O surto triunfante da religião cristã tornado com Constantino uma religião do Estado, não tinha mesmo interrompido as festas e iniciações. Precisava o ardente e feroz Teodósio, o imperador que causou os massacres de Milão e foi privado por Santo Ambrósio da comunhão dos fiéis, para quebrar o encanto enervante de todo

esse belo passado. O imperador Teodósio ordenou que o Templo fosse arrasado e suas pedras dispersadas. O pensamento dos deuses gregos estava morto.

E, entretanto, a Grécia tinha fornecido uma constituição bem importante à história iniciática do espírito humano.

Sob a magnífica vestimenta das formas, as mais harmoniosas, instruíra as nações sob a direção dos mais belos gênios que tenham vivido.

As três primeiras formas revestidas pela iniciação grega são o característico do que o seu espírito judicioso pôde realizar para dar a cada qual um ensino aproveitável; procuramos na história da Grécia os Mistérios de Orfeu, o ensinamento de Pitágoras, o dos Mistérios de Elêusis.

Orfeu transpôs o pensamento em forma de arte, especialmente da música.

Talvez na época em que ele vivia fosse preferível dirigir-se antes à sensibilidade do homem do que ao seu intelecto.

Seja como for, dirigiu-se primeiramente ao sentimento pela forma verdadeiramente mais elevada da Arte.

Os mitos foram enfeitados de todos os esplendores do Ritmo, do Verbo e da Harmonia. Fez sentir toda a beleza espiritual no entusiasmo da Beleza.

Mais seco e mais preciso, o ensino de Pitágoras não se faz notar por esta Beleza que tinha sido o encantamento dos mitos órficos. O que ele queria era a formação do espírito puro na sua forma sem dúvida mais intelectual, e as matemáticas foram o seu seguro ponto de apoio.

A própria intuição era baseada para ele sobre a inteligência.

Orfeu quis fazer sentir o Divino; Pitágoras pôs todo o seu cuidado em fazê-lo compreensível. Era um fim mais elevado, porém ele se dirigia, por isso mesmo, para um público mais restrito.

Os Mistérios de Elêusis deram ao conhecimento uma forma certamente mais realista, pela reconstituição das lendas, cujo simbolismo era, muitas vezes, comentado pelos adeptos, de maneira que penetrassem, pouco a pouco, nas maravilhosas profundezas; mas, sobretudo, se lhes fazia ver, no curso das belas cerimônias que reuniam tudo o que a Grécia possuía de superior, como ordem e como pensamento.

Quando as visões materiais deram ao adepto o seu pleno efeito; quando tudo o que podia ser visto materialmente e misticamente explicado foi demonstrado aos fiéis, então começou uma nova forma de iniciação que, por uma transformação cujo segredo não nos havia sido transmitido, conduzia a uma visão interior à iluminação mística que fazia penetrar as portas dos mundos ocultos e desvendava ao olhar da alma o que o olhar do corpo não atingia jamais.

Desta tríplice iniciação, resulta que, por todos os meios possíveis, os segredos haviam sido transmitidos a todos aqueles que eram dignos. Que fossem chamados a sentir, a compreender ou a ver, todos aqueles que eram realmente chamados a um conhecimento melhor, aprendendo o fim da vida.

O mistério essencial dos renascimentos era-lhes revelado na forma perfeita em que lhes era acessível.

Se os modos de ensinamento diferiam, os modos de ação, nas suas grandes linhas, não diferiam absolutamente.

Por toda parte, o primeiro passo dado era a necessidade de se conhecer, de se ver em paralelo com o imenso universo, o que é para o espírito a melhor lição de humildade.

Precisava conhecer seu corpo e sua alma, as reações e forças do ser material, que é preciso submeter à direção da vontade intelectualizada. Uma vez conhecida a personalidade, o essencial era harmonizar-se ao fim perseguido e submetê-lo a uma educação que lhe tornasse capaz de dar tudo o que ela podia produzir de bom.

Esta iniciação nada tinha de austera como no Egito. Certas abstenções alimentares eram recomendadas. Mas, fora destas prescrições, os deuses da Grécia não ensinavam senão a beleza, a bondade, a vida sã e alegre, a expansão harmoniosa das forças sob a luz do sol.

As experiências não faltavam e cada um sabia que esses trabalhos eram sempre seguidos de sucesso.

Esperava-se tudo, com justa razão, da clemência dos deuses que não recusavam coisa alguma ao esforço humano.

Aqueles que enfrentavam as experiências iniciáticas sabiam que as passariam e que o feliz resultado de seu pedido não dependia senão deles mesmos.

Eis o que fazia a doçura da iniciação grega. O fim da vida aparecia submetido às dificuldades, mas aparecia como conduzindo necessariamente à felicidade absoluta e imortal. Eis o que fez conhecer Aristófanes nas Rãs, quando Heracleo, que visitou o Inferno à procura de Cérbero, mostra o caminho a Dionísio, desejoso, por sua vez, de tentar a aventura. Eles viam primeiramente um vasto e profundo pânico, depois uma região *"infestada de serpentes e de todas as espécies de monstros temíveis; de um lado um abismo lamacento onde os criminosos são*

mergulhados; de outro lado, bebidas de mirto, onde grupos de homens e mulheres, banhados de uma luz viva, aplaudiam o doce concerto das flautas". "Quem são estes bem-aventurados?" — pergunta Dionísio. "Os Iniciados — responde Hércules. — Quanto ao resto do caminho, os Iniciados darão ao filho de Semeie todas as indicações que ele desejou, porque eles moravam perto do palácio de Hades e sobre o mesmo caminho que para lá conduz".

Certamente, os Iniciados habitam perto da morada de Hades, mas não penetram nunca neste lúgubre palácio. Toda a sua vida imortal transcorre na paz e na alegria. Não é esta alegria efusiva que dá os prazeres da terra, mas uma doce e profunda alegria, uma serenidade que vem do conhecimento perfeito e que dá ao espírito um repouso completo no que concerne ao porvir.

Aristófanis, que, entre as passagens de uma inspiração menos pudica, exprime as mais das vezes, em uma forma magnífica, os mais altos pensamentos de sua religião, retoma a mesma expressão nas suas Rãs:

"O sol não luz senão para nós, exclama o Coro dos Iniciados; é somente para nós que os prados se cobrem de flores odoríferas; nós que aprendemos a ser piedosos e respeitar a justiça" (Ato I, cena 4).

Efetivamente, o iniciado sente um prazer sempre novo na contemplação da vida natural, porque, por seus estudos preparatórios, descobriu profundos segredos e o simbolismo de que fez seus estudos lhe mostra, em todas as coisas, concordâncias maravilhosas com os ensinamentos secretos que ele recebeu.

São felizes desde esta vida aqueles que receberam a luz, mas o que aumenta esta felicidade não lhes será omitido.

Depois de terem achado uma grande doçura em certas renúncias, têm completa certeza que a sua vida futura será mais feliz e mais doce. Também não têm um só desejo para certos bens que apresentam tantos atrativos para o vulgo.

Que lhes dá o dinheiro? Que lhes importa a voluptuosidade? Eles possuem outros prazeres, outras riquezas. Este ensinamento era, pois, da mais alta moralidade e é isso que Diodoro da Sicília exprime nestes termos:

"Diz-se que aqueles que têm participado dos Mistérios tornam-se mais piedosos, mais justos e melhores em todas as coisas".

A escolha, que era feita entre os candidatos, era alguma coisa nesta superioridade dos Iniciados, mas é certo que os ensinamentos que eles recebiam os dirigiam a um caminho que ultrapassa a humanidade comum. Também encontra-se a opinião de Diodoro da Sicília corroborada pelas de Porfírio, Plutarco e todos os autores antigos que falaram dos adeptos.

Plutarco assimila a iniciação à morte: "*Morrer — diz ele — é ser iniciado*", compreendendo com isso que o iniciado se acha regenerado desde o presente ciclo, como se tivesse triunfado da morte, como se tivesse sofrido muitas encarnações por ter purgado o carma.

É neste sentimento que todas as iniciações comportavam um arremedo de morte, de estar metido em um sepulcro. de sofrer o julgamento, porque se operava realmente uma incursão nos mundos interditos ao vulgo.

E, por isso, a escolha era tão estrita e todas as precauções eram tomadas para afastar os culpados do altar puro de Deméter.

Antes de todos os outros, eram afastados do altar aqueles que eram contaminados de impureza por alguma ação ímpia, sobretudo aqueles que tinham manchado as suas mãos com o sangue humano.

Aristófanes, sempre nas Rãs, nos dá algumas indicações que nos fazem penetrar melhor o lado moral dos Mistérios eleusianos:

"Longe daqui, o mau cidadão que, no seu interesse privado, sopra e atiza o fogo da sedição; o chefe que se vende quando a sua pátria está em perigo e entrega fortalezas e navios; o inspetor que faz passar mercadorias proibidas; aquele que procura subsídios na frota inimiga; aquele que mancha as imagens de Hécate compondo Muambos; aquele que desvia o salário dos poetas em Dionísio."

Dirigido desta forma, o iniciado não procurava em tudo senão a perfeição e, fosse qual fosse a ordem que ocupava na vida social, doava o mesmo.

Eis o que produziu estes estranhos contrastes que nos ferem muitas vezes nos autores gregos.

É uma cortesã, Diótima de Mantinéia, que revela a Sócrates, ainda moço, que a vida pode vir a ser para ele aprender a dirigi-la ou só a iniciação lhe levará esta luz.

"O' meu caro Sócrates, prossegue a Estrangeira de Martinéia; se alguma coisa vale a pena nesta vida é a contemplação da beleza absoluta; e, se tu chegares a ela um dia, que te parecerão o ouro e o adorno, os belos filhos e as belas pessoas jovens cuja vista agora te perturba e te encanta?"

É o próprio Sócrates que recorda as palavras de Diótima e é no Banquete que Platão inscreve esta lembrança a propósito do iniciado. Efetivamente — e é o que caracteriza mais profundamente a Grécia — o culto da Beleza é o mais poderoso de todos e esta Beleza, por sensíveis que fossem os Gregos à Beleza plástica, não é necessariamente aquela que impressiona os sentidos.

Certamente, toda harmonia os seduz e encanta, mas eis aí o menor lado de seu atrativo. Quanto mais ascendem no domínio da inteligência, mais a beleza os cativa e eles a encontram por toda parte, especialmente no respeito da ordem às leis, imagem da ordem dos céus.

Já que falamos do Banquete, notaremos que termina pela entrada de Alcibíades um pouco tomado pelo vinho e trazendo em seus cabelos, cingidos por bandeirinhas brancas e sombrias violetas, um raminho de loureiro de Potidéia; mas Alcibíades, jovem, belo, vencedor em toda parte, como na guerra, cedeu imediatamente à palavra inspirada de Sócrates que é pobre, velho e feio.

Isso fica bem ao jovem general que, se ofusca Atenas com seu fausto, vem a ser soldado ao primeiro apelo de guerra e deita sob a tenda, bebendo a água insalubre como os seus soldados e nutrindo-se das iguarias mais vulgares.

Tal foi este país maravilhoso onde a recompensa do general e do poeta era uma coroa de oliveira ou de loureiro e onde o amor da pátria traduzia-se para os ricos pelo fato de entreter sua cidade, suportando os incômodos de tal ou tal serviço para que tudo fosse belo e perfeito, segundo as forças de cada um.

MOISÉS

A iniciação hebraica revestiu uma forma decerto mais sombria e mais feroz do que as iniciações egípcia e grega. — A obra de Moisés. — Os primeiros anos de vida do grande legislador dos hebreus. — Moisés, salvo das águas. — A iniciação hebraica decorre diretamente da iniciação egípcio. — Moisés, sacerdote de Osíris.

A iniciação hebraica revestiu-se de uma forma decerto mais sombria e mais feroz do que as iniciações egípcia e grega, e é certo que ela deve a sua forma atual à direção deste grande homem que foi inspirado por Deus.

O legislador de Israel era filho de um israelita, mas, no momento de seu nascimento, a quantidade de meninos judeus fez o Faraó temer que o Egito fosse destruído. Havia dado a ordem bárbara de que todas as crianças dos hebreus do sexo masculino fossem mortas, logo no momento de nascer.

As mulheres que eram destinadas a este cuidado sempre cheias de repugnância, infringiam as ordens da autoridade. A criança chamada Asarsiph por sua mãe, não podia ser escondida por mais tempo; um grito ouvido por um guarda egípcio poderia perdê-lo. Eis porque a mãe, confiante na bondade dos poderes superiores, colocou-o em uma cesta de rosas e deixou-o flutuar sobre o Nilo, perto do lugar onde a filha do Faraó, Termutos, tinha o costume de se banhar com suas damas. Era em 1705 antes de Jesus Cristo.

Como a mãe havia secretamente esperado, a jovem princesa viu a criança e teve piedade; procurou uma ama para lhe proporcionar os cuidados e a mãe sentiu-se assaz feliz por isso.

Recebeu, então, o nome de Moisés (salvo das águas) e deram-lhe, como protegido da filha do Faraó, uma instrução muito vasta nos santuários do Egito.

*

* *

A iniciação hebraica se relaciona diretamente com a iniciação egípcia, e isto não foi um mistério para os judeus:, pois que vemos nos Atos dos Apóstolos (cap. VII, v. 22):

"Moisés, tendo sido instruído em toda a Sabedoria dos Egípcios, era um homem poderoso em obras e palavras".

Estrabão, visitando o Egito, recebeu dos sacerdotes a mesma revelação. Afirmou-se-lhe que Moisés tinha sido sacerdote de Osíris. Eis o texto de Estrabão que se refere a existência de Moisés antes que o Êxodo tenha tirado os hebreus da terra do Egito:

"Moisés era um padre de Osíris que ocupava uma parte do país meridional".

"Em dissidência com o culto exterior, deixou o nomo, seguido de uma multidão de homens que adoravam a Divindade à sua maneira. Ele professava que o simbolismo zoológico mantinha o povo no erro, a respeito das coisas sagradas; que o simbolismo andrológico dos Líbios e Gregos tinha o mesmo inconveniente; que, se o Deus vivo se manifesta

através do Universo inteiro, é uma razão para não particularizá-lo, emprestando-lhe uma das formas parciais do Cosmos”.

“Ajuntava que se devia limitar a adorar o Inefável em um templo digno dele, circundado de um território consagrado, mas desprovido de qualquer imagem representativa, de qualquer signo e de qualquer atributo figurado”.

“Recomendava que homens escolhidos dormissem no Templo, para receber as comunicações oneirocríticas ou outras que interessassem ao indivíduo ou à sociedade”.

“Segundo Moisés, o homem da Sabedoria e da Justiça merecia esta graça, e devia colocar-se sempre em estado de receber o benefício, sempre digno de ser honrado pela manifestação da Suprema Vontade”.

“Nada, em Moisés, indicava intolerância”.

“Deus e as ciências que se ligavam a seu culto: eis qual era a sua força”.

“Um território neutro para fundar um Templo, uma Universidade de Deus: eis qual era seu fim”.

“Prometia instituir uma religião, uma síntese social, sem exação sacerdotal, sem fantasias imaginativas, sob o pretexto de revelação, sem sobrecarga de formalismo, sem o impudor das práticas”.

“Moisés adquiriu um grande poder sobre a opinião pública destas paragens”.

Há, pois, apesar das profundas semelhanças nas doutrinas, uma grande diferença na realização entre a iniciação do Egito e a que Moisés levou ao povo hebreu.

Ensinamentos Exotéricos

Em que Moisés modifica as concepções egípcias. — Um só Deus, criador de todas as coisas. — As experiências iniciáticas desaparecem e dão lugar a instruções de muitos graus. — Simplificação do culto. — O Êxodo e como ele se produziu. — As pragas do Egito. — A passagem do mar Vermelho. — Luta contra os Amalecitas. — A imposição das mãos e sua ação sobre um povo inteiro. — A chegada ao Monte Sinai. — O decálogo. — A Terra Prometida. — Lutas sanguinolentas. — Transmissão dos poderes místicos. — Os Livros de Moisés.

Para satisfazer a necessidade da personificação das forças naturais e dos atributos divinos que são inatos em todos os povos, sobretudo entre os Orientais, os Egípcios formaram um Panteon de deuses quase inumeráveis; a doutrina de um Deus único era conservada no esoterismo somente pelos iniciados.

Moisés viu o perigo que havia em separar muito o esoterismo do povo, da crença vulgar. Soube ou adivinhou que seu povo seria o depositário desta doutrina perfeita; um único Deus criador de todas as coisas, e sendo o único regente, o regente universal.

Por isso, deu ao povo, e fez o primeiro artigo da Lei que ele recebeu do Sinai, que se perpetuou até os nossos dias, assim como a tradição hebraica se harmoniza com a cristã: Adorarás um só Deus.

Além disso, Moisés simplificou grandemente o ritual tão complicado do Egito: as experiências da iniciação desapareceram e deram lugar a instruções de diversos graus. O povo de Deus achou-se errante nos desertos todo o tempo da existência de seu grande Legislador, e ele procedeu a uma grande simplificação de

seu culto. Os Templos não podiam ser construídos por um povo que caminhava sem cessar. Fez-se um tabernáculo de estofos e peles de animais, onde o simbolismo não foi mais representado senão pelo número e pela forma dos objetos rituais, o número sobretudo, que teve uma importância imensa aos olhos dos hebreus.

Enfim, os Mistérios, pelo fato da iniciação vir a ser pública, reservada à tribo de Levi ou a alguns elevados espíritos escolhidos um pouco em toda parte, não existiram mais; Moisés deu o seu ensinamento a todos, mas sob uma forma figurada, que era suficiente à multidão e que, pela tradição — que veio a ser para nós a Cabala — se esclareceria com luz viva quando penetrados pelo estudo.

É assim que a Cosmogonia de Moisés, tal como nos referem os Livros santos, pôde parecer infantil para muita gente.

É preciso, para que o Gênese se esclareça aos olhos dos pesquisadores, recorrer aos trabalhos de Fabre d'Olivet que abriu a senda das pesquisas esotéricas nos livros da Bíblia.

Vê-se, portanto, diante do que nos mostra este poderoso erudito, que os livros santos sobre os quais está baseada a religião judeu-cristã só têm um defeito, que não lhes é atribuível.

Não foram compreendidos por aqueles que os traduziram e menos ainda por aqueles que os leram. Não se poderia, pois, fazer-lhes censura por uma incompreensão de que suportaram uma injusta reprimenda.

Moisés sabia perfeitamente o que nós aprendemos ainda e seus Livros podem instruir os mais sábios.

*

*

*

O Êxodo, onde o libertador de Israel conservou as circunstâncias desta libertação, conta-nos como esta se produziu.

Efetivamente, na sua educação no Templo de Osíris, Moisés foi provido de um alto emprego; era encarregado de vigiar os trabalhos que eram impostos aos hebreus. Um dia, estando a fazer a inspeção, viu um egípcio maltratar um hebreu. Os obreiros não sabiam que o moço era dos seus, porém ele estava instruído a respeito. A lei egípcia ordenava-lhe de tomar a defesa do fraco; seu sentimento nacional impelia-o a obedecer a esta ordem.

Defendeu o hebreu ferindo o agressor com seu bastão. O egípcio caiu morto (Êxodo, cap. II, v. 12).

Moisés enterrou na areia o cadáver de sua vítima. O hebreu salvo por Moisés, acreditando na intervenção caprichosa de um de seus senhores inimigos de sua raça, não testemunhou nenhum reconhecimento a Moisés que acabava de lhe salvar a vida. No dia seguinte, um outro fato se produziu. Dois hebreus entraram em disputa e chegaram à agressão. Moisés, como lhe impunham os deveres de seu cargo, tratou de os apaziguar. Mas um dos homens, mais ousado que seus companheiros, vocifera nestes termos *"És tu nosso príncipe? És tu nosso juiz? Queres matar-nos como o egípcio de ontem?"* (Êxodo, cap. II, v. 14).

Correndo o risco de ser acusado, mesmo por aqueles que ele havia sustentado, Moisés viu perfeitamente que a sua situação era impossível no Egito. Por outro lado, manchado por um assassinato, não podia mais entrar no Templo. Fugiu para o alto Egito, no país de Madian, onde foi hóspede do chefe e pontífice Jetro.

Jetro afeiçoou-se a Moisés e, em 1665, deu-lhe sua filha Séfora em casamento.

Viviam como os sábios desta época, da carne dos rebanhos e dos frutos da terra avara.

Durante 40 anos, Moisés tomou conta dos rebanhos de Jetro. Um dia, em que guardava as suas ovelhas sobre o monte Horeb, viu uma sarça da qual partiam chamas ardentes. Aproximou-se, mas uma voz, saindo da sarça, disse:

"Descalça-te, porque o lugar que pisas é uma terra santa".

Moisés apressou-se em obedecer e a voz, continuando as suas instruções, ordenou-lhe que voltasse para o Egito a fim de libertar seus irmãos oprimidos. Deveria ser secundado na sua tarefa árdua por seu irmão Aarão.

Seria muito longo relatar aqui o que é conhecido por toda a gente; a visita de Moisés ao Faraó foi para lhe pedir a liberdade dos hebreus, não tendo conseguido, porém, ao menos licença para fazer sacrifícios ao Eterno no deserto, fora das vistas dos profanos. O Faraó consentiu primeiramente, mas temendo que os hebreus — de cujos trabalhos tinha necessidade — fugissem, retirou depressa a permissão concedida.

Eis porque Moisés e Aarão, para tornar manifesto o poder do Senhor, viram-se obrigados a ferir o Egito com as mais cruéis pragas.

Pela magia sobrenatural de Moisés, a água do Nilo foi mudada em sangue; depois o país foi infestado de rãs, cujos corpos saltitantes se encontravam com os cadáveres no interior das casas; em seguida surgiu uma invasão de mosquitos que atormentavam os homens e os animais; enfim, outros insetos causaram mil incômodos às pessoas e aos animais.

O Faraó ficou sempre inflexível; ninguém tinha morrido em consequência dos flagelos que se desencadearam sobre o país. Então a peste alastrou-se pelos animais e os bois morreram em grande número! Tumores e úlceras feriram o povo;

em seguida, as colheitas foram devastadas pela saraiva, e os gafanhotos, este flagelo dos países quentes, acabaram de destruir o que a saraiva havia devastado.

Nesta desolação, trevas espessas invadiram este país, tão feliz sob o esplendor do dia, e durante dias, imperou uma espécie de noite avermelhada como a que precede ao simoom.

Enfim, diante do endurecimento do rei, uma calamidade mais aflitiva caiu sobre o desgraçado povo. Todos os primogênitos do país, desde o filho mais velho de Faraó, até o mais pobre de seus vassalos, morreram nessa noite.

O anjo exterminador feriu em todas as casas que não estavam marcadas, como as casas israelitas, do sangue de um cordeiro em sacrifício propiciatório.

Esta oferenda de uma vida inferior para a salvação do filho primogênito foi o repasto da primeira Páscoa e foi neste momento de dor geral que o povo de Israel teve, enfim, permissão de voltar ao deserto.

*

* *

O Faraó imaginava que se tratava de um sacrifício a oferecer, mas temia sempre uma fraude que, em suma, era real.

Começou a ter arrependimento da permissão concedida e armou uma parte de sua cavalaria para perseguir os fugitivos. Esperava rechaçá-los no momento em que essa imensa multidão contornasse o pequeno golfo do mar Vermelho, que lhe abria o acesso do deserto; neste momento, os fugitivos ficariam presos entre a armada e a água profunda; seriam obrigados a reentrar ao aprisco. Mas não devia ser assim. Sob o impulso de proteção por este desgraçado povo, Moisés abençoou o mar, as suas ondas se abriram e o povo atravessou-o a pé enxuto.

Os egípcios foram ao seu encalço, mas a mão de Moisés não sustentando mais as águas, estas tragaram no seu curso cavalos e cavaleiros como canta o Cântico de Maria, irmã de Moisés.

Era em 1625 antes da nossa era.

Isso não era senão o começo dos imensos trabalhos que devia empreender o legislador de Israel. Tinha prometido àqueles que o seguiam uma terra onde a nação poderia crescer e desenvolver-se, mas este país estava a conquistar sobre populações fortes e muito bem armadas que possuíam cidades fortificadas.

Por outro lado, os víveres se tornavam raros. No deserto de Sin, precisava um novo prodígio para dar nutrição a esta imensa assembléia. O maná caía do céu e, durante todo o tempo da peregrinação no deserto, caía todas as manhãs, de modo que cada um foi nutrido pela mão de Deus.

Depois da hostilidade das coisas, os israelitas tiveram que enfrentar os inimigos. Os Amalecitas, o mais forte dos povos que viviam na Arábia, levantaram-se contra os invasores. Um encontro teve lugar em Rafidim e Moisés, muito velho para tomar parte na ação, foi colocado numa altura onde pudesse ver e seguir o movimento dos exércitos.

Elevava as suas mãos para o céu, impondo as mãos ao exército do povo eleito e, quando as suas forças o abandonavam, Aarão e Hur sustentavam os seus braços para que as suas mãos não cessassem de abençoar o povo que, abandonado por seu chefe, se arriscava a perecer. Eis o que o Êxodo (cap. XVII, vs. 11 e 12) conta nestes termos:

"E quando Moisés tinha as mãos elevadas para o céu, Israel estava vitoriosa; mas quando ele as abaixava um pouco, Amalec levava vantagem. Entretanto, as mãos de Moisés estavam cansadas e pesadas; eis porque eles (Aarão e Hur) tomaram uma pedra e, tendo-a posto junto a ele, assentaram-no; e Aarão e Hur sustentaram as mãos dos dois lados. Assim, suas mãos não se cansaram até o pôr-do-sol, e deram tempo a Josué para desbaratar os Amalecitas".



Figura 5: Moisés impondo as mãos. "Enquanto Moisés tinha as mãos elevadas para o céu, Israel vencia" — (Êxodo).

Na sua História Raciocinada do Magnetismo, meu pai, Heitor Durville, comentou esta ação de impor as mãos a um povo inteiro para infundir-lhe as forças e energias deste homem verdadeiramente divino.

*

*

*

Foi depois desta primeira vitória que Moisés, chegado ao monte Sinai, subiu ao cume da montanha e aí, em uma inspiração divina, transmitiu ao povo seus dez mandamentos, o Decálogo que havia gravado sobre suas tábuas de pedra, como se fazia na Antigüidade, a fim de lhe assegurar a maior duração possível.

Enquanto estava sobre a montanha, o povo ficou na planície, entregando-se aos prazeres e às festas que o satisfaziam no Egito.

Como todos os povos primitivos, confeccionou deuses esculpidos na pedra ou fundidos de metais preciosos, que falavam à sua imaginação. Constrangeu Aarão a fabricar um bezerro de ouro e, à instigação das moças do deserto, entregou-se em torno desta imagem impura, a danças frenéticas, a orgias abomináveis.

Moisés descia da montanha, ouviu os cantos lascivos, viu-as danças e, tomado de uma violenta cólera, ordenou a exterminação dos adoradores do falso Deus. Purificou-se, em seguida, o campo e, tendo construído o Tabernáculo sobre o qual devia repousar a pura glória do Altíssimo, como tinha sido prometido sobre a montanha, o chefe dos Israelitas conduziu-os para a Terra Prometida, não sem ter lutado contra as recriminações desta multidão e mesmo contra os motins que não foram sem gravidade, como podemos ver pela história de Coreu, Datan e Abiron.

Moisés tinha enviado espiões à Terra Prometida para se orientar das vantagens e dificuldades desta conquista.

Os espiões notaram que o país era uma terra rica de todos os bens do solo e regada por águas fecundas; mas ajuntaram que ela era defendida por uma população formidável, que não se deixaria invadir sem terríveis e penosos combates.

A perspectiva destas lutas sem fim levantou murmúrios da multidão que errava no deserto há 38 anos, como punição das suas desobediências sem conta.

Aqueles que tinham sofrido o cativeiro do Egito estavam mortos na maioria e os moços não se queriam expor a conquistas incertas. Coreu, Datan e Abiron, que estavam aborrecidos com Moisés devido à preferência que ele manifestava em favor dos filhos de Aarão, pela obtenção do soberano sacrifício, quiseram servir-se da cólera do povo para se vingar de seu guia e do que lhe havia sido recusado.

O Senhor disse a Moisés que tivesse cuidado da sua vingança; fez simplesmente mandar Coreu, Datan e Abiron cada um levar um incensório aceso, a fim de que, diante do Tabernáculo, o próprio Deus manifestasse a sua escolha.

Não foi muito tempo oculto.

Os rebeldes foram tragados pela terra que se abriu sob os seus pés e não se elevou mais voz alguma contra a autoridade do chefe.

Combates sangrentos tiveram lugar, às margens do Jordão, contra os Amerrenos, Og, rei de Basan, e Barac, chefe dos Medianitas, que eram possuidores de suas margens. Os combates foram vitórias e as portas ficaram abertas para os conquistadores.

Mas Moisés sabia, pela palavra do Eterno, que não devia entrar na Terra Prometida. Estava excluído por ter, apesar da ordem do Eterno, hesitado em ferir o rochedo para fazer saltar as fontes quando o povo se encontrava sem água no deserto, perto do monte Koreb.

Certo de que ia morrer, pois que sua missão estava cumprida, designou Josué para ser o guia do povo depois de sua morte. Feito isso, subiu ao monte Nebo e não se soube mais onde estava, porque não se encontrou seu corpo. Tinha então 120 anos, estando em 1685 antes de Jesus Cristo.

*

* *

Como a transmissão de todos os poderes místicos, a transmissão do poder a Josué se fez pela imposição das mãos. Da mesma forma, os poderes iniciáticos eram transmitidos nos santuários do Egito.

O iniciado estendia suas mãos abertas à imposição das mãos de seu iniciador; a transmissão dos poderes de Moisés a Josué nos é assim descrita no livro dos Números (cap. XXV, II, vs. 15 a 22):

"Moisés respondeu então ao Senhor: Que o próprio Deus dos Espíritos escolha um homem que vele sobre todo o povo".

"O Senhor lhe diz: Tomai Josué, filho de Num, este homem em que reside o espírito da Sabedoria e nele imporeis as mãos".

"Apresentai-o diante de Eleazar, Grande Sacerdote, e diante de todo o povo".

"Dai-lhe as vossas instruções a respeito de todos, como uma parte de vossa glória, a fim de que todas as Assembléias dos filhos de Israel escutem e obedeçam".

"Quando precisar empreender qualquer coisa, o Grande Sacerdote Eleazar consultará o Senhor e, segundo a resposta de Eleazar, Josué sairá e caminhará primeiro, depois todos os filhos de Israel e o resto da multidão".

"Moisés fez, pois, o que o Senhor lhe havia recomendado e, tendo tomado Josué, apresentou-o diante do Grande Sacerdote Eleazar e diante da Assembléia plenária".

"Impõe-lhe as mãos sobre a cabeça e lhe declara o que o Senhor lhe havia ordenado."

Desaparecido Moisés, sua Cosmogonia e sua legislação ficaram em poder dos filhos de Israel e continuaram a dirigi-los.

Temos — mas não, infelizmente, no seu texto inicial — os cinco livros de Moisés reunidos neste que se chama Pentateuco (cinco livros): o Gênese ou livro da Criação e dos primeiros anais; o Êxodo ou livro da libertação de Israel; o Levítico, que contém, sobretudo, o ritual e a legislação sagrada; os Números e o Deuteronômio.

Uma objeção que foi feita contra a antigüidade dos livros mosaicos é que certas partes parecem interpostas e teriam sido escritas mais de 400 anos depois da saída do Egito.

Isso está longe de ser demonstrado plenamente, do mesmo modo que todos os livros antigos e principalmente os Vedas, dos quais não se poderia contestar a mais alta antigüidade.

Os copistas e compiladores não deixaram de reunir nos livros santos os comentários ou as prescrições que eles julgaram necessárias ao bem do povo, mas é sempre o mesmo ensinamento, a mesma tradição continuada até os nossos dias.

O Pentateuco é o mais admirável monumento que existe da crença de todo povo em unidade com Deus, cujos sacerdotes são os ministros, porém que

governa diretamente seu povo e lhe manifesta diretamente seu prazer ou a sua cólera.

Jeová, único rei e único senhor de Israel, não suporta que seu povo contraia aliança com qualquer outro.

Quer ser seu único senhor e um fato é bem característico. Quando Israel se alia com os pagãos ou comete qualquer ação criminosa, todos os Livros, sejam estes os Anais, os Juízes, os Reis ou os Profetas, dizem que Israel foi adúltera a respeito de Jeová.

Por isso, os castigos caíram sobre a nação infiel, desde que ela veio a ser idolatra.

Jeová reina pelo temor sobre o povo que ele escolheu.

Quando Israel não faz o que é direito segundo a sua vontade, deixa-o cair nas mãos dos reis bárbaros que o dizimam e o pilham.

Mas Ele é sensível ao arrependimento e liberta os seus cativos ao primeiro sinal de submissão.

Ensinamentos Esotéricos

O lado secreto dos ensinamentos de Moisés. — Setenta discípulos recebem a inspiração. — A tradição secreta foi primeiramente transmitida oralmente. — Os livros iniciáticos: o Sépher Jezirah e o Zohar. — Dificuldades reencontradas para desembaraçar o sentido esotérico. — Fabre d'Olivet dá o primeira chave do esoterismo bíblico. — Saint-Yves d'Alveydre e sua Missão dos Judeus. — Jesus não vem destruir a Lei, mas cumpri-la.

São Paulo, judeu de nascimento e educado no conhecimento da tradição secreta pelo ilustre rabino Galaliel, afirma o que é ainda notório em nossos dias, que o mosaísmo possuía um lado secreto, um esoterismo que não havia sido entregue ao mundo.

É assim que ele diz, na Segundo Epístola aos Coríntios (cap. III, v. 13):

"Nós não fazemos como Moisés que colocava um véu sobre o rosto, denotando, por isso, que os filhos de Israel não podiam suportar a luz."

E no versículo 14:

"E assim as suas inteligências ficaram materializadas e obscurecidas, porque até hoje mesmo, quando lêem o Antigo Testamento, este véu fica sempre sobre o seu coração sem ser erguido".

O que sabemos a respeito da tradição oral instituída por Moisés resulta primeiramente do próprio Pentateuco. Diz que, por ordem do Eterno, escolheram-se setenta discípulos com os quais ele pôde estar em comunhão de idéias.

Eis aí como se exprimem os Números (Alio. XI, vs. 16 e 17):

"Ó Senhor respondeu a Moisés: Juntai-me 70 homens, Sábios de Israel, que souberdes mais instruídos, e conduzi-os à entrada do Tabernáculo da Aliança, onde os fareis permanecer convosco".

"Eu descerei aí para vos falar; tomarei o Espírito que está em vós e inspirar-lhe-ei."

E mais adiante, vs. 25:

"Então o Senhor, tendo descido na nuvem, fala a Moisés, toma o Espírito que estava nele, e o infunde a esses 70 homens. O Espírito, apenas penetrado em cada um, tornou-os Profetas e continuaram sempre assim."

*

* *

A tradição oral, confiada primeiramente aos 70 discípulos, continuou muito tempo assim, sem a intervenção de qualquer escrito. Não foi senão ulteriormente que estes ensinamentos secretos foram conhecidos em várias obras, das quais as mais importantes são o Sépher Jezirah ou o livro da Criação e o Zohar ou livro dos Princípios.

A leitura destas obras é árdua e pesada, porque tudo é mistério, mesmo as explicações que se esforçam em elucidar esta linguagem infinitamente abstrata. Haveria, entretanto, uma chave para estes mistérios e todos os ocultistas são de acordo em dizer que havia um sentido esotérico da maior beleza e de um grande alcance filosófico. Infelizmente, o conhecimento deste sentido místico não pode ser obtido senão depois de longos trabalhos, o que não é fácil ser empreendido por toda gente.

Um mestre do pensamento esotérico moderno, Eduardo Schuré, diz em relação ao sentido esotérico do Gênese:

"Nenhuma dúvida existe, dada a educação de Moisés, que ele escreveu o Gênese em hieróglifos egípcios em três sentidos. Confiou a chave e a explicação oral a seus sucessores. Quando, no tempo de Salomão, traduziu-se o Gênese em caracteres fenícios e quando, depois do cativeiro de Babilônia, Esdras o redigiu em caracteres arrianos caldaicos, o sacerdócio judeu não manejava as chaves senão imperfeitamente. Quando vieram, finalmente, os tradutores gregos da Bíblia, estes não tinham senão uma fraca idéia do sentido esotérico dos textos".

"São Jerônimo, apesar de suas sérias intenções e seu grande espírito, quando fez a sua tradução latina segundo o texto hebreu, não pôde penetrar até o sentido primitivo; e, tendo-o conseguido, teria de calar".

"Então, quando lemos o Gênese nas nossas traduções, não temos senão o sentido primário e inferior".

"Apesar da boa vontade, os exegetas e até os teólogos, ortodoxos e livres-pensadores, não viam o texto hebraico senão através da Vulgata. O sentido comparativo e superlativo, que é o sentido profundo e verdadeiro, escapava-lhes".

"Não fica menos misteriosamente oculto no texto hebreu que mergulha, por suas raízes, até a língua sagrada dos templos, refundida por Moisés, língua em que cada vogal, cada consoante tinha um sentido universal, em relação ao valor acústico da letra e o brilho da alma do homem que a produz".

"Para os intuitivos, este sentido profundo salta algumas vezes como uma centelha do texto; para os videntes, reluz na estrutura fonética das palavras adotadas ou criadas por Moisés: sílabas mágicas em que o iniciado de Osíris vasou seu pensamento, como um metal sonoro em um molde perfeito".

"Pelo estudo deste fonetismo que leva a marca da língua sagrada dos templos antigos, pelos chefes que nos fornecem a Cabala e de que alguns vão até Moisés, enfim, pelo esoterismo comparado, é-nos permitido hoje entrever e reconstituir o Gênese verdadeiro".

"Assim, o pensamento de Moisés sairá brilhante com o ouro da fornalha dos séculos, das escórias de uma teologia

primária e das cinzas da crítica negativa." (Os Grandes Iniciados.)

Já falamos de Fabre d'Olivet. Em sua Língua Hebraica Restituída, ele fornece a primeira chave do esoterismo bíblico.

Graças a ele, desenvolvendo as suas qualidades particulares, os ocultistas e exegetas nos deram obras que contribuem poderosamente a esclarecer o que a tradição de Moisés tinha de obscuro para nosso espírito. Saint-Yves d'Alveydre, na sua Missão dos Judeus, declara que a Cosmogonia de Moisés é um livro de ciência formidável e os trabalhos de exegese, mesmo oficiais, tendem a nos dar o mesmo sentimento do que nos revelam os livros do iniciador de Israel.

Todavia, porque a ciência e a força não são as únicas necessidades da humanidade, Moisés não dava ao mundo tudo o que ele podia desejar.

O medo não é o único meio de dirigir os homens, e dia devia chegar em que um imenso desejo de bondade, fraternidade e ternura faria encontrar novas fórmulas.

Moisés tinha sido o salvador de um povo; precisava, agora, o salvador do mundo inteiro. Precisava que o sentimento, muito tempo detido, tivesse, enfim, a sua rica floração.

É o que faltava à Lei de Moisés, ardente e árida como o deserto onde ela havia nascido. É neste sentido de desenvolvimento moral, de expansão deliciosa de quem tinha sido rude e terrível, que Jesus pôde dizer que não vinha destruir a lei, mas cumpri-la.

Efetivamente, que é senão uma estéril e brutal justiça aquela que não floresce em misericórdia?

Esta misericórdia, esta ternura, este perdão das ofensas, este desejo de se sacrificar pela saúde de todos, tal é a revolução do ensinamento que Jesus devia conduzir à terra. Por ele, o homem se sentia resgatado, não somente de suas faltas, mas de seus antigos e aviltantes terrores.

Veremos que Jesus não se contenta em querer um povo de Deus, porém deu aos homens a denominação de filhos de Deus, que é toda a sua doutrina.

Se todos os seres são irmãos no seio eterno do mesmo Pai, não há mais nações, nem barreiras, nem forças que os separem.

Todos os homens são filhos de Deus, todos são chamados para ele e toda a doutrina d'Aquele que devia morrer, perdoando tão docemente aqueles que não sabiam o que faziam, firmava-se nesta simples frase que S. João retomou: *Amais-vos uns aos outros.*

JESUS

Características principais do ensinamento de Jesus. — Jesus desprende um magnetismo poderoso, força persuasiva de sua palavra. — Amava as grandes Harmonias da Natureza. — Jesus, filho de Deus. — O Deus de Jesus não é mais o Deus severo rugindo sobre o Sinai; é o Pai de todos os seres.

Como dissemos, falando de Moisés, Jesus não veio destruir a Lei primitivamente estabelecida; veio cumpri-la, torná-la perfeita, dando-lhe esta leveza e esta vida, sem as quais nada é perfeito, nada é completamente humano. Mas ele trouxe ao mundo judeu, tal como Moisés havia criado, uma idéia inteiramente nova, que se relacionava, contudo, à primitiva concepção de Moisés.

O que sobreveio à Lei mosaica é um fato inerente à natureza humana. E' preciso, para a multidão, que um ensinamento se prenda a uma forma. Ora, a Lei proibindo fazer qualquer imagem de Deus por temor de cair na idolatria, o povo judeu se cercava de um simbolismo todo particular; tinha divinizado as letras e os números que lhe representavam o poder de Jeová.

Assim criou-se a tradição qual devemos a Cabala. Porém, a maioria da sociedade não compreendia um pensamento de tão alto alcance; ligava-se somente a formas e práticas, às quais atribuía uma utilidade direta e imediata.

O pensamento de Moisés, salvo entre raros espíritos, veio a ser letra morta. Jesus trouxe a esta letra que mata o influxo do espírito que vivifica.

Levava ao povo, miraculosamente salvo da opressão por um homem de gênio, idéias renovadas de bondade, justiça, igualdade e fraternidade.

Não é aqui, decerto, o lugar para discutir sobre a Divindade de Jesus. No presente estudo, consideraremos Jesus e, sobretudo, a sua bela doutrina moral

unicamente sob o ponto de vista iniciático. Jesus apareceu-nos como um grande iniciado, um ser superior, trazendo ao mundo u'a moral e uma sensibilidade desconhecidas na sua época, tendo conhecimentos e vistas que ultrapassavam muito o pensamento de seu tempo.

*

* *

Segundo podemos ler nas Escrituras, Jesus era um ser maravilhosamente dotado, possuindo um magnetismo natural que irradiava de toda sua pessoa e que uma ascensão estrita e uma bondade radiante faziam-no mais poderoso ainda.

Sua palavra, sempre doce e igual, salvo nos casos muito raros em que se deixou transportar por uma santa indignação, tinha o dom que possuem os dóceis e os fortes. Jesus espalhava em torno de si a força e a coragem; reconfortava os aflitos e dava esperança àqueles que sofriam.

Por sua doçura e benevolência, tinha adquirido um grande ascendente sobre aqueles que se beneficiavam de seus dons. Todos os que o rodeavam amavam-no. A inveja só causava o ódio nos corações incapazes de participar de sua bondade. Não somente irradiava em torno dele um poderoso magnetismo que dava a força de viver àqueles cujo coração estava cansado ou doente, mas, ainda, curava os doentes apenas com o seu contacto. Um encanto benéfico emanava de toda a sua pessoa. A paz de seu coração espalhava-se em torno dele como a luz muito doce que sai de uma lâmpada velada.

Como todos os grandes corações que produzem em um cérebro poderoso a força de dar ao mundo uma Lei nova, Jesus era um poeta e tudo o que se nota de suas palavras nos mostra seu coração aberto às grandes harmonias da Natureza.

As flores, o "*lírio dos campos que não fia nem tece*", os "*pássaros do céu que não semeiam nem colhem*", eram-lhe caros e ele compreendia a profunda e íntima beleza.

Aprazia-se na solidude de seu país tão áspero, com doces vales floridos. Amava os lagos piscosos, as montanhas e, quando a multidão o rodeava, inebriado de entusiasmo, produzia logo esta admiração febril e procurava entre as flores de algum vale agradável uma calma solidão para tratar dos grandes problemas que atormentam o espírito humano.

Como receber a revelação que Jesus levava ao mundo? É difícil saber-se.

Dá-se-lhe o nome de filho de Deus, mas é um nome que os iniciados do Oriente se dão freqüentemente. O que é particular a Jesus é que se sente constantemente em comunhão direta com seu Pai celeste. Não se atribui só esta qualidade de filho de Deus; mas falando a seus discípulos, diz-lhes, às vezes: "*Sede perfeitos como vosso Pai é perfeito*".

Para chegar a uma sensibilidade perfeita, à mais alta pureza de alma e de corpo, ele não tem necessidade de procurar esta comunhão de todas as horas que ordena aos seus; ele a possui; retira-se e, de súbito, sente-se banhado por grandes eflúvios que vêm dos mundos superiores. As forças que compreendemos com custo penetrá-lo-iam como o perfume penetra a esponja de uma caçoila; os ritmos mais secretos da Natureza eram-lhe reservados pela graça de uma organização de uma esquisita delicadeza feminina.

Deus, tal como Jesus o concebe, não é o Deus severo, tonante sobre o Sinai para espantar o povo de Israel, sempre inclinado à revolta. Para ele, Deus é o Pai de todas as coisas, de todos os seres e não abandona à miséria as mais ínfimas de suas criaturas.

Como deixaria o homem que ele fez à sua imagem e semelhança?

Cheio de doçura e poesia, Jesus lança na Natureza habitual comparações e parábolas para aqueles que compreenderão perfeitamente, dizendo o que ele sabe, na medida em que ele pode revelar a todos; mas, à margem deste ensinamento florido e cheio de suavidade, guarda para os iniciados que escolheu um sentido cristão esotérico; ele não dá a todos a chave de suas parábolas, *"a fim de que, vendo, não vejam; ouvindo, não ouçam."*

Sua própria vida é uma parábola, uma ilustração de sua doutrina.

Em muitas investidas, os profetas, seus antecessores, tinham fulminado contra os *"adúlteros"* de Judá ou de Israel, caindo no culto dos deuses estrangeiros. E para mostrar que o reino do perdão começou, em oposição ao espantinho da pena do talião, não por um texto formal, em contradição com um Código, mas por esta palavra que devia despertar tantos ecos no coração dos homens: *"Aquele que está sem pecado, lance a primeira pedra."*

Além disso, o povo não saberia mais ser adúltero para com seu Deus, porque, no pensamento e no ensinamento de Jesus, não havia mais deuses estrangeiros. O Deus que ele prega, a luz que ele leva e que não deve ficar oculta, não é mais o Deus de Israel, que não favorece senão este pequeno povo das margens do Jordão; é o Deus de toda a terra, que não se adorará mais nos Templos e por sacrifícios, porém que se adorará por toda parte em espírito e verdade. No seu espírito e no seu coração, é rebaixar Deus fazendo-o guarda de alguns bens, para alguns raros eleitos.

Deus é o Deus único, mas, por isso mesmo, não restringe o seu infinito poder.

Eis porque Jesus ordena que o sigam e o perpetuem para ir ensinar em todas as nações. Se Deus, como é verdadeiro, criou o céu e a terra, todo o céu e toda a terra estão com ele com seus habitantes e não se pode fixar um lugar mais agradável para ser o mesmo adorado entre todos os países que comporta a imensidade da Criação.

Desta idéia vem a revolução que Jesus vinha fazer no mundo: conduzia o reino de Deus sobre a terra e o céu. E este reino não é somente para alguns, mas para todos: "*O reino do céu está entre vós*", dizia àqueles que perguntavam sobre os sinais e milagres para provar a sua doutrina.

Ensinamentos Exotéricos

O ensinamento de Jesus, como de todos os iniciadores, foi duplo: esotérico e exotérico. — Para a multidão, vela a verdade sob harmoniosas parábolas. — Ele reserva ensinamentos secretos aos apóstolos. — Antes de começar a sua predica, Jesus se aproxima de João Batista. — João Batista era um iniciado que levava uma vida austera. — O batismo de João pela completa imersão. — O batismo era o vestígio da experiência pela água que, no- Egito, precedia a iniciação nos Mistérios de Isis. — Morte de S. João Batista. — Jesus recebeu a luz em um centro iniciático? — A predica de Jesus. — O reino de Deus. — Os primeiros serão os últimos. — Aos trinta anos, Jesus inicia o seu ensinamento público. — Dificuldades encontradas em Nazaré. — Jesus estabeleceu seu principal centro de ação em Cafarnaum. — Os primeiros discípulos de Jesus. Jesus prega o desinteresse, a renúncia aos bens da terra. — Em Jerusalém. — Os mercadores do Templo. — As profecias e os milagres. — O fim do mundo. — Os doze discípulos de Jesus. — Seus poderes. — A morte de Jesus.

O ensinamento de Jesus, como o de todos os iniciadores, foi duplo: esotérico e exotérico.

Para a multidão, espalha-se em parábolas harmoniosas. Dá vastos projetos e pensamentos que, em nossos dias ainda, podem revolucionar o mundo, porque, salvo em raras e breves épocas, esta doutrina de fraternidade não foi plenamente realizada. Tolstói retomou-a em nossos dias como os discípulos de Francisco de Assis a pregavam no século XIII. Para Jesus e seus fiéis, os primeiros, os ricos, serão os últimos. Não tendo sofrido nem trabalhado neste inundo, não

podem purificar o seu carma, nada adquiriram para seu aperfeiçoamento; é tão difícil um rico entrar no reino do céu como uma corda entrar no fundo de uma agulha.

O ensinamento esotérico, reservado aos apóstolos, tem uma feição muito diversa.

Segundo o modo oriental, o ensinamento exotérico é apresentado ora por alguns aforismos concisos, ora por parábolas da mais harmoniosa simplicidade, enigmática às vezes, porque nestas palavras ditas para todos os discípulos diretos devem encontrar o que lhes pertence propriamente.

Entre adágios e imagens, há numerosas reminiscências do ensinamento de Moisés e traços de iniciações estrangeiras. Porém, em todo o caso, a condução do ensinamento está mudada pela transfusão de um espírito muito diferente, mais lato, cheio de bondade e perdão, aberto a todas as misericórdias. Ele sabe que as principais virtudes são a doçura, a humildade, a paciência, o perdão das injúrias; quer que se manifeste severo apenas para consigo mesmo. Os Sábios tinham dito: "Não façais aos outros o que não que-reis que vos façam." Ultrapassa este justo dado, para que o sentimento o conduza sobre a Lei e guie o mundo tão severo sobre o qual o império romano havia colocado seu pé de ferro.

*

* *

Disse ele: *"Se alguém bater na vossa face direita, apresentai a esquerda. Se alguém fizer questão de vossa túnica, dai-lhe também o vosso manto."*

Não somente defende o ódio, mas ainda quer que o amor seja o único guia das relações e dos interesses:

"Escutastes o que foi dito: Amareis teu próximo e odiareis o vosso inimigo".

"Mas eu vos digo: Amai os vossos inimigos, bendizei aqueles que vos maldizem, fazei bem àqueles que vos odeiam e orai por aqueles que vos ultrajam e perseguem.

"A fim de que sejais os filhos de vosso Pai que está nos céus, porque ele faz brilhar o seu sol para os bons e maus e faz chover sobre os justos e injustos.

"Por que, se vós não amardes senão aqueles que vos amam, que recompensa tereis? Os próprios publicanos não fazem o mesmo?

"E se não fizerdes senão acolhimento a vossos irmãos, que fazeis de extraordinário?

"Os pagãos não fazem o mesmo?

"Sede, pois, perfeitos como vosso Pai que está nos céus" — (Evangelho segundo S. Mateus, cap. V, vs. 43 a 48).

Pregavam também a humildade, mostrando-lhe por vivas imagens que *"aquele que se eleva será humilhado."*

Certamente, numerosas idéias de seus ensinamentos eram tomadas no ensinamento da Sinagoga. Moisés e seus sucessores tinham ordenado a esmola, porém esta veio a ser ostensiva e, por conseqüência, vã. Prescreveram a piedade, a doçura, o amor da paz, o desinteresse do coração, mas tão belos conselhos caíram no esquecimento. O que fez a força de Jesus é que ele mesmo praticou o que

aconselhava aos outros. Aqueles que viviam ao seu lado sabiam que a sua teoria não tinha nada de desarmônica em relação ao seu viver; por isso as suas palavras, ilustradas por seu exemplo, tinham um grande poder de persuasão.

Não somente condenava o adultério, mas o desejo voluptuoso era para ele um adultério moral tão importante e culpável como o outro; as segundas núpcias e sobretudo o divórcio eram-lhe também abomináveis.

Jesus, ainda que não condenasse nenhum culto e ordenasse àqueles dos quais cuidava que "*se mostrassem aos sacerdotes*", não sentia a necessidade de um sacerdote como intermediário entre Deus e o homem; não sentia necessidade das práticas exteriores. Se ele ordenava ir ao Templo ou fazer a Páscoa, era para cumprir a Lei, como ordenou entregar a César o tributo que lhe era devido.

Tudo isso são práticas, e as práticas podem ter a sua importância, porém só o desenvolvimento do coração é essencial.

Deus, que é o único modelo ao qual o homem se deve confortar, é bom em toda parte e com todos.

Não faz exceção nem de ordem nem de religião. Que direito seria mais severo senão o de Deus, o único Ser que seja a Perfeição?

O que o homem deve fazer é conservar-se bastante elevado e bastante puro para ficar em comunhão constante com seu Pai celestial.

Isso feito, se o discípulo, imitando Aquele que É único, se entrega a todos de bom coração, está na senda da perfeição e Deus é o único juiz.

Não é senão pouco a pouco e mais tarde, quando a desapareição do Mestre forçou os discípulos a se reunirem em pequenos grupos, que vieram a surgir igrejas e dioceses, que os ritos e mistérios intervieram, mas na divina infância da

religião cristã nada disso existia e somente uma inteira efusão do coração se elevava a Deus para se espalhar, em seguida, sobre todos.

Estas boas ações, que são recomendadas, devem sobretudo ficar entre Deus e o fiel:

"Quando fazes a esmola, é preciso que a tua mão esquerda ignore o que faz a mão direita, a fim de que a tua esmola fique em segredo, e então teu Pai, que vê em segredo, te recompensará. E, quando orares, não imites os hipócritas, que gostam de fazer as suas orações no fundo das sinagogas e junto dos altares, a fim de serem vistos pelos homens. Em verdade, vos digo que eles recebem a sua recompensa. Se queres orar, entra no teu quarto, e, tendo fechado a tua porta, ora a teu Pai que está no secreto; e teu Pai, que vê em segredo, te exaltará".

"E quando orares, não faças longos discursos como os pagãos, que imaginam serem exaltados à força de palavras. Deus, teu Pai, sabe de que tens necessidade, antes que lho peças."

*

*

*

Antes de começar a sua pregação, Jesus acreditou que faria bem em se aproximar de João Batista.

João, que fazia parte da seita dos Essênios, tinha passado uma iniciação que participava dos Templos do Egito e dos colégios dos profetas.

Levava uma vida austera e penitente e as suas prédicas inflamadas, temíveis e poderosas, tinham-lhe suscitado o ódio de Herodes Antipas e, sobretudo, da rainha Herodíade.

Desde a sua infância, João havia sido sujeito a certas abstinências e, desde a hora de seu nascimento, fora consagrado a Deus. Sua vida, sobre as margens do Jordão e os lagos da Judéia, era a mesma de um yogi da Índia.

Vestido de peles de animais ou de um simples pano branco, não se nutria senão de alfarrobeiras⁴ e mel selvagem.

Todos os prazeres eram-lhe desconhecidos. O tempo que não gastava em seu apostolado era consagrado à prece.

Em torno dele agrupavam-se alguns homens que partilhavam da austeridade de sua vida e que recebiam as suas palavras.

A prática fundamental de sua doutrina comum era o batismo pela imersão completa para purificação do pecado.

João, perseguido pelo rei Herodes, havia-se retirado para a Judéia, em um país próximo do Mar Morto.

Em certas épocas, aproximava-se do Jordão e geralmente, neste rio, proporcionava o batismo àqueles que vinham para se fazer iniciar em suas doutrinas.

Então, uma multidão considerável se comprimia em torno dele e os adeptos se multiplicavam.

*

* *

⁴ Alfarrobeiras, chamada então planta dos gafanhotos. — (N. d. T.)

O batismo não tinha nada de novo para o povo hebreu. Era uma longínqua herança, pois que os iniciados do Egito eram submetidos a ele. Nesta iniciação, uma imersão não parecia suficiente, necessitando de mais um esforço e temor.

O batismo de João era o vestígio da experiência iniciática pela água, tal como a descrevemos nos Mistérios de Isis.

A concepção de João Batista era, sobre este ponto, exatamente a mesma que a dos iniciados do Egito. Para João, o batismo era sobretudo destinado a representar a purificação da alma e a fazer impressão sobre o sentido do impetrante. Esta impressão recebida, esta purificação passada, o ensinamento lhe era concedido.

É claramente a idéia egípcia.

No Egito primitivo, o batismo foi dado sobretudo aos adultos. Não foi senão no momento em que a religião cristã reuniu fiéis bastante numerosos para que as famílias tivessem o desejo de levar seus filhos à religião de sua escolha que o batismo foi administrado sem ser seguido de uma iniciação e que se pôde concedê-lo aos recém-nascidos.

*

* *

João Batista, ao mesmo tempo pela austeridade de sua vida, a dureza de seu ensinamento e sua oposição a Herodes, tornara-se impopular porque a aceitação dos costumes romanos exercera rápida influência na Judéia.

Desde muito tempo o povo aspirava à vinda de um Messias que restabelecesse Israel à frente das nações e tornasse a dar ao Templo o seu esplendor abolido.

Este salvador devia ser precedido pela reaparição do profeta Elias.

Ora, para o vulgo, João Batista, pela força de suas invectivas contra Herodes e Herodíade, lembrava bem Elias nas suas relações com Achab e Jezabel, para que uma associação de idéias não se estabelecesse no cérebro de todos.

A maioria atribuía-lhe o papel de Elias; outros, sempre à espera daquele que devia vir, diziam que ele era o Messias, mas João não tinha esta pretensão.

Por isso quando Jesus vem a ele para lhe pedir o batismo, designou-o como aquele que Deus reconhecia por "*seu Filho bem amado em que repousava as suas graças.*"

Jesus, e João mostraram, nos seus ensinamentos, muitos pontos de contacto, ainda que a palavra de João fosse áspera e grosseira, ao passo que a de Jesus não era senão amor e compaixão.

A palavra de João tinha despertado muitos ecos rudes para ficar muito tempo impune. O pretexto de sua prisão foi que o batista — como aliás todos os juízes furiosos — tinha censurado o casamento de Herodes com a mulher de seu irmão. Herodes tinha evidentemente voltado à lei que obriga um israelita a desposar a viúva sem filhos de seu irmão, a fim de dar filhos ao morto e libertar seu nome da ignomínia que é a esterilidade.

Mas o esposo de Herodíade não estava morto, nem sem filhos. Era este adultério oficial que João tomava por tema para atacar o rei e, sobretudo, a rainha.

Ele foi preso, mas com uma certa liberdade de ação, porque nós o vemos receber os enviados de Jesus e confiar-lhes respostas em que ele tomava a Jesus pelo Messias.

Foi por este tempo que Herodíade tomou por ocupação desembaraçar-se de João, que a perseguia com suas censuras. Durante uma festa, depois de um

grande festim em que o rei bebeu demais, ela fez vir sua filha Salomé, que tinha sido instruída, em Roma e na Judéia, em todas as artes que podiam reunir atrativos à sua beleza.

Esta moça era filha do primeiro marido de Herodíade. Ao fim do repasto, ela dançou diante do rei e ele ficou tão encantado pela sua beleza e por sua dança, que lhe ofereceu o que ela desejasse» mesmo que fosse a metade de seu reino. Salomé, que havia recebido instruções de sua mãe, pediu a cabeça de João Batista. Ela a obteve.

Depois da morte de João, Jesus se retirou momentaneamente para o deserto e, durante 40 dias, praticou o jejum mais rigoroso.

Este retiro era habitual entre os iniciados que se preparavam para as maiores austeridades e um profundo recolhimento à missão que tinham recebido ou assumido.

Após este estágio, Jesus voltou à Galiléia e seus discípulos tiveram por companheiros aqueles que foram discípulos de João Batista.

Dia a dia, a palavra do novo Mestre se impunha com mais autoridade.

*

* *

Dissemos que Jesus operava como os iniciados. Ele o foi verdadeiramente?

Quando se percebe que a pregação de Jesus não começou senão no seu trigésimo ano de existência e que ele pereceu aos trinta e três, imagina-se facilmente que esta esplêndida inteligência não se desenvolveu junto do estábulo de José.

Por outro lado, nenhum dos Evangelhos dá um ensinamento sobre os anos da vida de Jesus que precederam à sua predica.

Sem ir até pensar, como Notovich, que Jesus fora às índias ou ao Tibete durante esta vida oculta, pode-se crer que sua estadia no Egito, à qual as Escrituras fazem uma breve alusão, não se limita aos anos da infância.

Por outro lado, é notável, como observou Eduardo Schuré, que, desde o momento em que foi batizado por João Batista, Jesus se apresentou ao mundo com uma doutrina antiga que não sofreu senão algumas mudanças.

Para Eduardo Schuré, o fato da iniciação de Jesus não tem nenhuma dúvida:

"É evidente — diz ele — que este começo ousado e premeditado foi precedido de um longo desenvolvimento e uma verdadeira iniciação. Não é menos certo que esta iniciação devia ter tido lugar na única associação que conservava ainda em Israel as verdadeiras tradições com o gênero de vida dos profetas".

"Isso não pode suscitar nenhuma dúvida para aqueles que, elevando-se acima da superstição da letra e da mania maquinal do documento escrito, ousam descobrir o encadeamento das coisas no espírito. Isso demonstra não somente relações íntimas entre a doutrina de Jesus e a dos Essênios, mas ainda do próprio silêncio guardado pelo Cristo e por seus discípulos sobre esta seita".

"Por que ele, que ataca com uma liberdade sem igual todos os partidos religiosos, não ataca jamais os Essênios?"

"Por que os Apóstolos e Evangelistas não falam deles mais?"

"Evidentemente porque eles consideravam os Essênios como seus, porque estavam ligados a eles pelo juramento dos Mistérios a que a seita está fundida com a dos cristãos." (Os Grandes Iniciados.)

Certamente, a fraternidade de Jesus com os Essênios parecia estabelecida por uma multidão de concordâncias e de presunções, mas não existe nenhum texto preciso sobre o qual estejamos em condição de basear uma verdadeira certeza.

Por outro lado, uma hipótese foi emitida por alguns e, em particular, por Notovitch, de uma estadia de Jesus Cristo. Notovitch afirma basear as suas afirmativas pelo lema de um convento de Himis.

Este manuscrito seria uma relação perfeita da vida de Jesus nos anos de sua vida oculta e toda esta existência seria passada nas índias, onde Jesus teria recebido uma iniciação búdica, explicando os pontos de contacto do Cristianismo com o Budismo.

É preciso dar às revelações de Notovitch uma importância absoluta?

Devemos considerar estas revelações como a chave do Mistério?

É impossível dar a esta questão uma resposta definitiva. O que é certo é que, se Jesus pôde gozar de uma real iniciação, fosse entre os Essênios, fosse nas

índias ou no Egito, pôde muito bem passar sem uma iniciação no sentido que entendemos até aqui.

Vivia em um mundo muito advertido de todas as questões religiosas de sua época e, com a organização intelectual, intuitiva e penetrante que é fácil descobrir nele, pôde conseguir ensinamentos diretos, transformá-los à luz de sua inteligência, tomá-los, penetrá-los de sua personalidade, fazê-los seus.

Certamente, a tradição sempre existiu.

Transmitiu-se oralmente dos mestres aos discípulos durante séculos. Mas o que um homem compreendeu ou aprendeu, outro pode descobrir e aprender, principalmente sendo um homem superior.

Jesus, não saberíamos insistir muito, possuía o conjunto de qualidades que, geralmente, se excluem uma da outra. Era intuitivo e observador; sua meditação se esclarecia de luzes súbitas de uma inspiração que nunca lhe faltou. É possível que ele tenha recebido um ensinamento direto; é possível que um gênio poderoso o tenha conduzido a penetrar e descobrir o que era secreto para os outros.

*

* *

A pregação de Jesus não se parecia nada com o que se tinha feito antes dele.

Anuncia que o reino de Deus está próximo e que este reino não se estabelecerá sobre a terra, sem perseguição e sem revolução.

Em todos os tempos, os Sábios e justos haviam sido vítimas dos violentos.

Agora, o reino da justiça vai ser estabelecido. Os ódios vão desaparecer e uma fraternidade universal unirá todos aqueles que se sentem separados. Não haverá mais antagonismos entre as religiões, raças e nações.

O único mandamento é amarem-se uns aos outros, fórmula sublime que fez da religião a mais bela e mais poderosa que surgira até então.

Como todos aqueles que se apiedam da miséria humana, Jesus coloca primeiramente a sua revolução sobre o terreno econômico. Os primeiros serão os últimos e uma ordem nova vai florescer sobre a terra, admirada de ver, enfim, alguma bondade entre os homens.

Antes, é o reino do mal, da perseguição, da violência exercida pelos poderosos sobre os fracos. Porém, crendo em Jesus, uma era nova vai surgir; em breve, o reino de Deus vai suceder ao domínio de Satã. As forças maléficas, o ódio, o poder rude daqueles que governam pela força e torturam os povos pela fome e pelos suplícios, tudo isso vai desaparecer em uma luz de aurora.

Eis o reino das forças benéficas e harmoniosas! O menino meterá sua mão na goela do leão e brincarà com o perigo diante da toca da víbora.

Jesus anuncia esta nova ordem de coisas com as imagens arrebatadoras que ferem o espírito da multidão. Ora, ele vê o bem e o mal como o bom grão e o joio em um campo; o joio arruma a colheita, mas dia virá em que uma escolha severa deverá ser feita; o joio será lançado ao fogo e o bom grão será recolhido no celeiro.

O reino de Deus é semelhante ao lançar do anzol executado pelo pescador. Ele prende peixes e, aqueles que são bons, põe-nos de lado nos vasos.

Quanto aos outros, lança-os à água para se desembaraçarem.

A revolução anunciada é antes uma evolução. O reino de Deus é semelhante a um grão de mostarda, que é a menor de todas as sementes: põe-se na terra e nasce uma grande árvore sobre cuja folhagem os pássaros vão repousar.

Ou ainda: o reino do céu é como o levedo que uma mulher prepara e coloca na sua massa para fazê-la fermentar. Esta quantidade de levedo é bem pequena, mas faz levedar a massa toda.

Finalmente, Jesus não aconselhou nenhuma ação violenta. Crê na força expansiva das idéias, na força de um ideal que se grava no espírito e, sobretudo, no coração do povo. Quando os fariseus, tendo em vista tentá-lo, lhe perguntaram se era oportuno pagar o imposto a César, Jesus se contentou em fazer-se mostrar u'a moeda:

— De quem é esta efígie?

— De César — respondem os tentadores.

— Entregai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.

É pelo mesmo espírito que os apóstolos ordenaram a submissão, não somente para com os bons senhores, mas também para com os maus e injustos. O que ele quer é criar a bondade, a doçura, a piedade sobre esta terra, onde o sangue não cessou jamais de correr.

Quer modificar os sentimentos, os costumes, levar um clarão de ideal a este mundo; não tenta gozar nunca o menor papel político.

Com um profundo reconhecimento das realidades da vida, sabe que os mártires dão trabalho aos carrascos e que os vencidos terminam sempre por dominar os vencedores; assim, não desejando vantagens materiais, aconselha a paciência, a resignação, o amor aos inimigos.

Ele sabe que a piedade é uma flor que não sobe senão dos abismos, quando não desce do céu.

Eis porque afirma com a certeza da razão iluminada, que a revolução se fará pelos pobres e humildes; os escravos estão destinados a mudar a terra.

*

* *

Tendo a idade de 30 anos, Jesus não tinha feito confidencia de seus pensamentos senão ao seu ambiente íntimo, àqueles que o tinham procurado espontaneamente.

Não foi senão no seu trigésimo ano de existência que começou o seu ensinamento público, e logo foi seguido e rodeado de uma grande multidão de pessoas.

Sua palavra ardente e inflamada, a doçura de seu aspecto e de sua atitude, seu poder magnético atraía as multidões, submetendo-as ao seu pensamento.

Uma cidade, entretanto, foi refratária à sua ação. Foi Nazaré, onde ele passou a sua adolescência. "*Ninguém é profeta em seu país.*" Não foi nesta quadra de sua infância que ele estabeleceu o seu principal centro de ação, mas em Cafarnaum, junto do lago de Genezaré e sua influência ganhou as cidades circunvizinhas.

Todos os sábados, falava na Sinagoga, comentando os textos sagrados segundo as suas luzes pessoais, às vezes contradito pelos sacerdotes, que lhe apresentavam questões insidiosas, formando ciladas, das quais saía vitorioso, deixando-os entregues à sua própria malícia.

Outras vezes, assentado à borda do lago ou na montanha, falava à multidão reunida, permitindo que cada um fizesse as suas objeções, apresentando questões que ele desejava ver resolvidas.

Todos, salvo os invejosos, retiravam-se encantados. A sedução intelectual emanava do jovem Mestre e, contrariamente ao que faziam os Doutores, que, para brilhar, envolviam a palavra divina em uma forma difícil e abstrata, inacessível ao vulgo, ele expunha parábolas, nas quais as pessoas do povo encontravam assuntos cotidianos; a ovelha desgarrada, o vinhateiro que trabalha e aquele que quer ser pago sem fornecer um só esforço.

Por outro lado, Jesus anunciava a paz e a salvação para os humildes. A quem pertence o reino do céu? O Sermão da montanha responde a esta questão:

"Felizes os pobres de espírito; pois é a eles que pertence o reino dos céus"!

"Felizes aqueles que choram; porque serão consolados"!

"Felizes os afáveis; porque possuirão a terra"!

"Felizes aqueles que têm fome e sede de justiça; porque serão fartos"!

"Felizes os misericordiosos; porque obterão misericórdia"!

"Felizes aqueles que têm o coração puro; porque verão a Deus!"

"Felizes os pacíficos; eles serão chamados filhos de Deus"!

*"Felizes aqueles que são perseguidos pela justiça;
porque o reino dos céus é para eles!"*

Quando Jesus abriu ao pensamento de seu auditório estes horizontes inesperados, permitia a cada um de Ihe impor questões; respondia a cada um com a mesma bondade e todos voltavam encantados. Os sacerdotes odiavam-no, porém, muitas vezes, sucedia também que aquele que tinha vindo com a intenção de surpreendê-lo, achava-se tomado, por sua vez, de seu raciocínio límpido.

Tal foi o caso de Nicodemos, homem muito instruído, dos Anciões do Povo.

Apoiando-se, assim, sobre todas as classes, a autoridade de Jesus cresceu e se estendeu rapidamente.

Os primeiros discípulos de Jesus foram um objeto de escândalo para aqueles que desprezavam a plebe.

Estes eram pescadores, um publicano (aquele que veio a ser São Mateus), pessoas humildes, mulheres — das quais algumas haviam levado uma vida irregular, como Maria de Magdala que, renunciando à sua vida de pecadora, não viveu senão entre as mulheres santas que rodeavam a mãe de Jesus e que Ihe foi fiel até a sua morte, até o Calvário, onde a tradição cristã a representa sendo a primeira que encontrou o Mestre ressuscitado, imagem admirável daquele que havia dito: *"Há mais alegria no céu para um pecador que se arrepende do que para noventa e nove que não têm necessidade de penitência"*.

Um dos discípulos mais amados do iniciador, aquele que nos transmitiu a parte esotérica de sua doutrina, foi um de seus parentes, João, que devia gozar um grande papel no desenvolvimento do cristianismo nascente.

Certamente, todos os Apóstolos são imbuídos da doutrina de Jesus, mas parece que João o tinha melhor compreendido.

Seu Evangelho, como veremos, desvenda mais profundamente do que os outros o pensamento secreto de Jesus; mas também herdou de sua terna benevolência e suas epístolas guardam este tom de bondade que é como o reflexo da palavra de Jesus:

"Meus filhos, se nosso coração não nos condena, podemos ter uma grande confiança em Deus. O que lhe pedirmos, receberemos dele, porque guardamos seus mandamentos e fazemos o que lhe é agradável".

"E eis aqui o seu mandamento: que creiamos em nome de Jesus Cristo, seu Filho, e que nos amemos uns aos outros, como ele nos ordena."

João, que era quase criança ainda quando entrou na senda de Jesus, teve o privilégio da infância e este foi o discípulo que Jesus amava e que entrou na confiança mais completa de suas vistas e de seus pensamentos.

*

* *

A doutrina de Jesus era absolutamente contrária a tudo o que o mundo tinha conhecido até então. Sob o reino de Roma, onde tudo era excitação e rapina, ele pregava o desinteresse, a renúncia do coração a todos os bens terrestres. Cada um se preocupa do que lhe pode acontecer neste mundo: de sua fortuna, de sua ambição. Jesus nega absolutamente a importância destes pensamentos. Uma só

coisa é necessária; a evolução de nossa alma, segundo o doce hábito de sua palavra familiar, mostra que a Natureza não nos instruiu nestes pensamentos de previdência material e desejo de autoridade que não serve senão para molestar o fraco:

"Considerai o lírio dos campos; não trabalha nem rouba. Entretanto, eu vos digo, Salomão, em toda a sua glória, não estava vestido como nenhum deles. Se Deus revestiu, pois, assim a erva do campo que vive hoje e que amanhã será cortada e lançada ao forno, não vos revestirá também, ó gente de pouca fé?"

E a sua palavra sobre aqueles que amontoam tesouros: *"Procurai primeiramente o reino de Deus e o resto será dado por acréscimo. Não cuideis do amanhã; amanhã se desgostará de si mesmo. A cada dia basta a sua pena."*

E além disso, como também se desgostasse da nutrição dos pobres e mesmo do vinho dos convivas do festim das Núpcias de Cana — como se este desgosto da nutrição ofuscasse aquele que se contentava com algumas espigas apanhadas à beira do caminho e esmigalhadas na mão .— volta a esta questão que tem tanta importância na vida do mundo:

"Não sede inquietos pelo alimento que tereis para sustentardes a vossa vida. Olhai os pássaros do céu: não semeiam nem colhem; não têm celeiro nem paiol, e vosso Pai celeste os nutre. Vós não estais muito acima deles?"

Diante destas palavras, quiseram acusar Jesus de insensibilidade, uma espécie de boêmia mística. Não existiu nada disso. O que ele pede é ter confiança na vida. Certamente, aquele que tem responsabilidades não deve deixar de tomá-las em conta, não deve esquecê-las; mas, em todo estado de causa há necessidade de complicar uma vida com tantas necessidades como o homem cria diariamente?

Aquele que sabe crer e refletir não saberia duvidar que tudo, neste mundo, seja criado para o bem.

Se devemos sofrer uma experiência da sorte, porque agravá-la por temores e lamentações inúteis?

Aquele que sabe, não tem o direito de se alarmar; não lhe chegará coisa alguma que não deva chegar. Está em nós remontar dos efeitos às causas. Ou, conhecendo o que nos pode chegar, consideraremos como inevitável, e, pela tensão da vontade e a resignação do coração, sustentaremos o choque do melhor modo que nos for possível; preferiremos subir a corrente, e não é nem o temor, nem a tristeza que nos auxiliarão; eles perturbarão as nossas forças. A única coisa que importa é a nossa elevação, o nosso aperfeiçoamento, a direção do nosso coração. Operando assim, a vida ser-nos-á bela e alegre. Os Iniciados o sabem: tudo é sorriso, mesmo as lágrimas, para aquele que o compreendeu.

*

* *

Cada ano, durante a Páscoa, Jesus voltava a Jerusalém. O que 16 encontrou foi a mais viva oposição à sua doutrina; foi ali também que encontrou os maiores e mais ternos devotamentos. Declarou ele que não tinha vindo para destruir a Lei, mas cumpri-la; os sacerdotes sentiam facilmente que ele não compreendia como eles esta Lei mosaica, sobrecarregada de práticas e que tinha tanta aspereza

a ponto de não mais tocar o coração deste povo judeu, outrora tão ardente fervoroso.

Não queria destruir a Lei, mas, procurando desprender o espírito que vivifica da letra que mata, abatê-la para ampliar à altura de seu pensamento. Por outro lado, a idéia de renúncia aos sacrifícios solenes, de orar em sua casa e não em lugar público, abriu uma brecha profunda nos interesses materiais. Uma multidão de mercadores vivia sob os pórticos do Templo, vendendo animais que se deviam sacrificar e mil lembranças da peregrinação cumprida, como em nossos dias em torno das igrejas célebres.

Além disso, os padres e levitas eram nutridos de oferendas; este dom preenchia a sua parte de herança na partilha da Terra prometida.

Imagina-se a que ponto Jesus pareceu revolucionário quando expulsou os vendedores que faziam do Templo uma caverna de ladrões. É então que ele se tornou suspeito e foi acusado de pregar uma Lei nova. Para ele, a Lei não saberia dividir um povo ou uma seita; dia viria em que Deus seria o Pai de todos os homens, em que não haveria mais Judeus nem Gentios.

Todos os que foram criados por Deus têm os mesmos direitos à sua bondade e ao seu amor.

A Lei não é mais a regra de ferro que conduz um povo eleito para seus destinos. Esta expansão do coração humano, muito tempo estrangido, é que se abre a um novo sol; todas as pétalas não formam senão uma única flor banhada de orvalho e de luz. Esta religião do coração podia ser harmônica com todos. Por outro lado, o pensamento de Jesus progredia. Pelos obstáculos que se levantavam no seu caminho, compreendia que a revolução que ele tinha chamado não se faria tão docemente como havia esperado.

Havia mais a modificar nesta antiga Lei, do que ele julgara primeiramente.

O povo vinha a ele e o reconhecia como o Messias. Era-o e acreditava ser?

Não nos é permitido resolver um ponto tão delicado que foi resolvido no sangue, no Jardim das Oliveiras e sobre a cruz no Gólgota.

O que é certo é que Jesus assumiu esta personalidade até diante de Califaz, afirmando que era o Messias, Filho de Deus. É ele que revelará o reino de seu Pai.

Para demonstrar esta vocação messiânica, duas espécies de provas são geralmente admitidas: os milagres e o cumprimento das antigas profecias relativas ao Messias.

Não nos afastaremos das profecias, desejosos de pesarmos somente, no presente estudo, a doutrina moral de Jesus.

Quanto aos milagres, são quase todos milagres de cura. Todos os Evangelhos abundam nestes fatos; Jesus impõe a mão sobre o leproso e ele fica radicalmente curado. Diz ao paralítico: "*Ergue-te e caminha*" e aquele que esperava tanto tempo à borda do túmulo toma o seu leito sobre a espádua e vai bendizendo a Deus. Os cegos vêem. A mulher cananéia que, não sendo judia, não se anima a pedir a Jesus para curá-la, mas toca docemente a franja, de suas vestes, fica completamente curada.

Jesus friccionou saliva nos olhos de um cego de nascimento e os olhos que não haviam conhecido o sol se admiram diante da luz. A esta época, atribuíam-se à influência do demônio um grande número de moléstias. Certamente admitem ainda que os males podem ser aumentados ou diminuídos pelas influências espirituais. Mas no tempo de Jesus, a magia fazia parte da medicina; era importante a leitura

das obras relativas ao templo de Epidauro em que os adoradores de Asclépios eram curados pela vontade de Deus.

Jesus exorciza os doentes, e os demônios que causavam seus males escapam dos corpos atormentados e estes voltam à calma. Virtude mais poderosa ainda! Jesus curava também os enfermos pela doce simpatia que emanava de sua pessoa. Sabia que estava inclinado a todos os sofrimentos da terra e que escolheu entre as profecias a que concerne ao "*homem das dores*": que a perturbação do coração e a aflição do espírito são a base de todas as doenças.

Eis porque leva todos os seus cuidados ao apaziguamento da alma antes da cura do corpo.

Não são os poderosos e ricos que ele procura, mas aqueles que se curvam sob o peso do fardo de seus desgostos.

"Vinde a mim — dizia ele — vós que estais fatigados e carregados, que eu vos consolarei. Tomai meu jugo sobre as vossas espáduas, pois eu sou doce e humilde de coração e vós encontrareis o repouso de vossas almas; porque meu jugo é brando e meu fardo é leve." (Mateus, cap. XI, vs. 28-30.)

*

*

*

À medida que se erguia a sordidez de certas almas, Jesus compreendia que a cura do mundo não se faria senão por meio de uma completa doçura.

Então, sentiu que as forças viriam e que fariam um formidável alvoroço no mundo romano.

Predisse o fim do mundo, após o qual veremos um novo céu e uma nova terra. Sentia que a ordem social tocava a seu fim e que os tempos eram chegados.

Precisava que uma renascença fosse preparada por estranhas calamidades, por desgraças inauditas, como a charrua revolve o campo que deve ser semeado.

Esta calamidade, preparatória do reino de Deus sobre a terra, será também a apoteose do Messias. Começará por tempestades que perturbarão o céu completamente. O fogo dos clarões iluminará toda a terra. Mas sobre as nuvens, o Messias virá, formidável, ao som das trombetas que repercutirão, tocadas por temíveis Arcanjos. Os mortos sairão de seus túmulos e esperarão, transidos de medo, o julgamento que os disporá para a eternidade.

É o Messias revestido dos poderes de seu Pai, que procederá a este julgamento.

De um lado, os eleitos, o pequeno número daqueles que souberam ficar ilesos dos prazeres da terra, das suas preocupações; aqueles que não foram tragados ao mesmo tempo pelo desprezo de Deus e pela cupidez.

Mais além, colocados à direita de seu juiz, serão chamados a gozar de uma felicidade eterna, sem limites, em uma estadia deliciosa que foi preparada desde a origem do mundo.

Estes são os bem-aventurados, aos quais o reino do Céu, o Paraíso, pertence.

A esquerda do juiz estarão os malditos, aqueles que não tiveram crença, que endureceram o coração, que não viveram senão egoisticamente para si mesmos e para seus interesses.

Estes irão à Geena, ao vale horrível do Ocidente de Jerusalém, onde de altos rochedos cai uma espessa sombra, onde não germina nenhuma vegetação.

Neste lugar desolado serão prisioneiros das chamas que não se extinguirão jamais; serão também roídos pelos vermes.

O Filho do Homem, assentado à direita de Deus, seu Pai, presidirá solenemente a esta justiça, cujos efeitos serão eternos.

*

* *

Jesus, sabendo que não viveria muito tempo, tinha, desde o começo, escolhido doze discípulos que deviam continuar a sua obra. Estes discípulos tinham sido escolhidos entre os seus fiéis mais atentos; conhecemo-los com o nome de apóstolos.

Após uma iniciação especial, estes apóstolos participam dos poderes de Jesus.

Como ele, podiam efetuar curas pela imposição das mãos. É também pela imposição das mãos ou unção de óleo consagrado, que eles expulsavam os demônios. Podiam manejar sem perigo os répteis venenosos e beber com a máxima calma, impunemente, beberagens mortais.

Conflitos de doutrina e de interesses tornavam-se mais vivos em torno de Jesus. Este sentia que a sua hora era chegada e disso deu parte àqueles que o rodeavam.

Os detalhes da morte de Jesus estão muito presentes na memória de todos para que seja necessário repeti-la aqui.

Seus interrogatórios, diante daqueles que tinham preparado a sua morte, como se prepara um sacrifício, teriam desarmado os seus inimigos, mas a inveja não se desarma jamais.

A multidão que, poucos dias antes, lançava flores e seus mantos à sua passagem, reclamava a sua morte em grandes gritos.

Seus próprios apóstolos fugiram diante de sua angústia. Apenas João, Maria de Magdala e a mãe de Jesus seguiram-no até o Calvário.

Nem os suplícios nem a morte arrancaram uma queixa àquele que se entregava para dar a paz ao mundo. Morreu, perdendo os seus carrascos e prometendo o Paraíso a um dos ladrões, entre os quais tinha sido crucificado.

Começou aí a ação dos apóstolos. A vida de Jesus, como a dos iniciadores orientais, magnifica-se por lendas e toma cada vez mais o valor de um símbolo. Mas o que ficou intacto da influência do Mestre foi a radiante imagem daquele que não tinha ordenado senão com amor, cuja doutrina inteira não era senão fraternidade, piedade, perdão e que, deste modo, combatia a dureza do mundo antigo — sobretudo depois da conquista romana — a maior revolução que havia sido feita em nome da clemência e da bondade.

Tem-se muitas vezes aproximado a religião de Jesus da religião de Buda, mas não se tem sublinhado suficientemente a preferência incessante concedida por Jesus, ao mais humilde, ao mais vil, muitas vezes mesmo ao mais indigno.

O rico mau é punido pelas chamas eternas, mas não se mostrou bom rico; quando um moço de família opulenta pediu a Jesus para ser admitido no meio de seus discípulos, ele pediu-lhe primeiramente que desse todos os seus bens aos pobres. E o jovem se retirou muito triste, porque possuía grandes bens. Não há uma palavra de censura no Evangelho, mas a partida do adolescente sublinha, por uma

poderosa imagem, a incompatibilidade da nova religião com o apego aos bens do mundo.

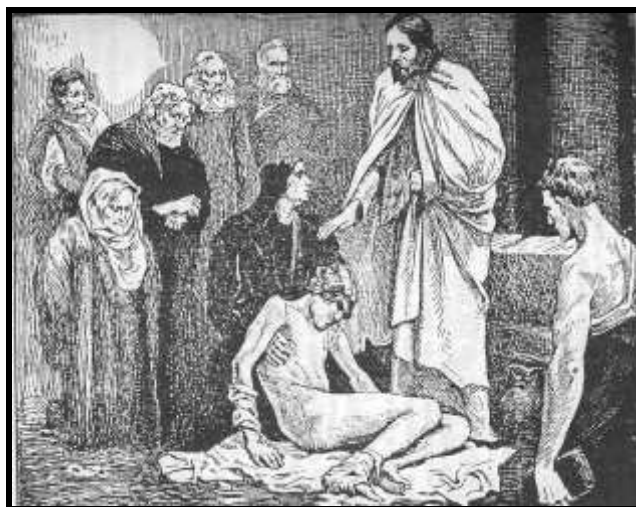


Figura 6: Jesus pondo as mãos sobre ura doente. (Segundo um quadro de Jacquet de P. Defrance, Museu de Luxemburgo).

Jesus não tem que fazer de seus bens. Para ele, uma única riqueza é notável: a do coração, a beleza dos sentimentos. Perdoa à pecadora "porque ela muito amou", preferindo o abandono de si mesma em um amor impuro à egoística procura do ouro e do aplauso do público. Como vimos, não é preciso amar somente aqueles aos quais estamos ligados pelos laços de sangue e de amizade, nem somente aqueles que nos têm feito experimentar a sua benevolência, mas ainda, e sobretudo, aqueles que nos têm afligido e ultrajado.

Da mesma forma, nós nos aproximamos tanto que está em nosso poder a misericórdia divina.

As ternas palavras de Jesus para com as crianças que correm para ele e o rodeiam, entes que ele preferia por sua espontaneidade e pureza; a viva poesia de suas parábolas onde pinta deliciosamente a Natureza, nos demonstram mesmo o seu amor pelas coisas, pelos seres inanimados que saem da mão do Pai. Sua religião é toda amor, fraternidade, união de almas, muito mais elevada e mais além

do que se pode imaginar nos elos dos partidos políticos e até a fraternidade de sangue ou de pátria.

Como todas as coisas humanas, a religião de Jesus não conserva por muito tempo, na prática, todo esplendor do seu ideal. Veio um momento em que a religião nova, tendo triunfado, vem a ser religião do Estado e, regularizada, amoldada à firme disciplina romana, perdeu a sua graça e leveza.

Além disso, é quase impossível pedir ao conjunto de seres os mesmos sentimentos elevados que se pode esperar somente de uma reunião seleta de iniciados.

Certamente, a religião cristã conduz ao mundo um ideal que o transforma e lhe permite uma evolução que os nossos olhos, muito acostumados, não discernem, porém o nosso pensamento se dirige para o doce iniciador que pregou a doçura e a piedade sobre os caminhos da Galiléia; e nós não podemos deixar de lamentar que todos aqueles que o seguiram não tivessem conservado a suavidade desta grande figura.

E o nosso espírito lamenta também que o esoterismo cristão tenha sido eclipsado entre nós.

Ensinamentos Esotéricos

Razões que conduzem Jesus a reservar a um pequeno número de adeptos os mais altos ensinamentos. — O que dizem a este respeito os Apóstolos Paulo, Marcos e Mateus. — O lado esotérico da religião cristã na primitiva Igreja. — Uma parte dos ensinamentos secretos transparece através das Epístolas de Paulo. — Os primeiros sacramentos. — Depois da imensa difusão do Cristianismo, os sacerdotes vêm a ser necessários; as cerimônias se complicam. — Semelhanças dos ensinamentos cristãos com os das iniciações antigas. — Simbolismo que se liga a cada parte do ritual. — Virtude das operações sacramentais. — O Evangelho segundo São João e seu esoterismo. — As forças superiores; chama-as de um coração sincero e elas virão para vós. — A senda do iniciado. — Ame-mo-nos uns aos outros.

Há, realmente, na obra tão admirável de Jesus uma iniciação secreta?

É difícil haver dúvida. Em tudo a necessidade se impõe para dar à massa um ensinamento à sua conduta e guardar os mais altos ensinamentos para aqueles que são capazes de os compreender e se adaptar a tais ensinamentos. É assim que Jesus falava para o povo em parábolas que ele explicava a seus apóstolos.

Desta divisão do dogma, São Paulo dá a razão na sua Primeira Epístola aos Coríntios:

"E por serem numerosos estão entre vós os fracos de espírito, sem contar os adormecidos" (XI, vers. 30.)

Ele diz aos hebreus sensivelmente a mesma coisa, ainda que os judeus devessem entender melhor um pensamento que havia sido originado no seu país e na sua raça:

"Dos nossos mistérios, teríamos grandes coisas a dizer; mas nós não tentaremos explicar-vos, porque não os compreenderéis." (Epístola aos Hebreus, cap. V, vers. 11.)

Nos momentos da mais alta e mais sincera intimidade intelectual, o Mestre fala aos seus apóstolos com o coração aberto e, quando Simão Pedro o reconhece pelo esperado Messias, Jesus diz-lhe palavras decisivas que foram a origem do papado.

Mas logo pede que não revele a ninguém que ele é o Cristo. Seis dias depois, dá-se a transfiguração. Em um surto de entusiasmo, Jesus elevou-se da terra e achou-se rodeado de uma luz desconhecida.

Os três apóstolos que ele preferia viram-no rodeado por Moisés e Elias, e eles caíram por terra, presos de admiração e, mais ainda, de um enorme temor.

Jesus os vê, enche-se de piedade e reaparece só a seu olhos; e logo depois, como eles descessem da montanha, onde se manifestou o prodígio, pediu:

"Não digais a ninguém o que vistes, até que o Filho do Homem seja ressuscitado entre os mortos."

O testemunho de Marcos (VIII, 30; IX, 8) corrobora aqui nitidamente o de Mateus (XVI, 20; XVII, 9).

É inegável que ele teve, unicamente para os apóstolos, um ensinamento esotérico e, quando Jesus pronunciou palavras que davam ao povo a sua doutrina sob uma forma agradável, mas freqüentemente muito velada do que se pensava, desenvolvia o pensamento imediatamente diante dos seus. Estes admiravam-se na simplicidade de sua alma.

"Por que falas tu por semelhanças?" Ele respondeu, dizendo:

"Porque vos é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não é dado".

"Porque se dará àquele que já tem e terá ainda mais; porém, para aquele que não tem, ser-lhe-á omitido mesmo o que tem."

E, como esta rudeza os surpreendesse, ele continuou: *"É por isso que eu falo por semelhança, porque vendo, eles não vêem, e ouvindo, eles não ouvem... Mas vós sois felizes, porque tendes olhos que vêem e ouvidos que ouvem."*

* * *

Burnouf, que levou tantas luzes ao estudo das religiões comparadas, expõe a sua opinião relativamente ao lado esotérico da religião cristã na Igreja primitiva:

"É um fato conhecido de todo o mundo que, nos primeiros tempos do Cristianismo, existia uma doutrina secreta, transmitida por meio da palavra e em parte talvez pela escrita; este ensinamento misterioso excluía primeiramente aqueles

que se chamavam catecúmenos, isto é, os pagãos convertidos, mas ainda não instruídos nas coisas da fé e não tendo recebido o batismo.

"Uma vez cristãos, não eram, por isso, iniciados nas mais profundas doutrinas, porque elas se transmitiam, de algum modo, de mão em mão, entre os homens cuja fé era mais ardente; a este título, eles podiam ser doutores e, por sua vez, instruir e dirigir a massa de fiéis.

"Sobre quais pontos de doutrina existia o mistério?

"É uma questão que é impossível resolver a priori e que o estudo dos textos pode apenas esclarecer: está-se, não obstante, no direito de pensar que o véu do segredo cobriria, como os Mistérios de Elêusis, as partes mais profundas da ciência sagrada è aquelas que tinham sido as mais perigosas de descobrir a todos, no meio do mundo pagão, em uma sociedade cristã composta, na maioria, de ignorantes".

"Veio um tempo em que a doutrina oculta cessou de ser assim. Costuma-se dizer que depois de Constantino não houve mais tradição secreta em nenhuma igreja, nem no Oriente nem no Ocidente"...

"Para conhecer os pontos de doutrina que constituíam o ensinamento secreto, não é necessário consultar monumentos posteriores ao concílio de Nicéia, se não for para procurar documentos que se podem aí achar ainda, com

relação ao período primitivo do Cristianismo. Nesta época, tudo o que devia ser revelado da doutrina cristã tinha sido efetuado”.

“A partir de Jesus Cristo, vêm-se monumentos escritos aparecerem uns após outros na sua ordem natural, à medida que os acontecimentos exteriores e o progresso interno da cristandade lhe permitem produzir”...

“Os quatro Evangelhos, os Atos, as Epístolas e muitos outros escritos dos tempos primitivos da Igreja notam as etapas que a promulgação da fé teve de percorrer. A disciplina do segredo durou até o dia em que a manifestação pôde ser encarada como completa; não foi senão para o fim do segundo século; então somente o publicação do Evangelho de São João mostrou, sob a sua forma teórica, a doutrina confiada por Jesus aos seus discípulos favoritos”.

“Assim, cerca de duzentos anos foram necessários para que os cristãos espalhados no império estivessem de plena posse das grandes fórmulas da fé. A primeira fórmula sob a que havia sido proposta é a que Jesus empregava exclusivamente no seu ensinamento público, a forma da parábola; é a que se encontra um pouco isolada no Evangelho de S. Mateus, o mais antigo dos quatro, aquele que parece reproduzir mais exatamente as próprias palavras do Cristo”.

“A teoria começa a surgir em Lucas, o segundo pela data; este novo livro fez com o primeiro um contraste aparente, porque suprimia, de maneira sistemática, o elemento judeu,

que Mateus, órgão de Pedro, tinha conservado estritamente. São Marcos não traz nada de novo nem na história do Mestre, nem na expressão da doutrina..." (A Ciência das Religiões).

*

* *

Paulo, espírito intransigente, versado por sua primeira educação na interpretação mística das Escrituras, não guarda para ele o que muitos outros conservam secreto.

Nas duas Epístolas, achamos a disposição da tríplice personalidade do homem e o distingue muito claramente da alma afetiva do espírito, parte puramente intelectual do ser humano. Por outro lado, sabe que o corpo tem uma lei e que a concupiscência é a causa de pecado. Diria de boa vontade, antes de Pascal: "*O coração tem as suas razões que a razão não compreende*"; porém, mais místico, exclamou no transporte de sua alma: "*Quem me livrará este corpo da morte!*"

Vai mais longe e deixa, em muitas ocasiões, passar a teoria da evolução de todos os seres para a perfeição infinita.

Não se contenta em dizer que todos os homens aspiram à sua salvação pela difusão da religião de Cristo. Diz ele: "*Todas as criaturas esperam com um ardente desejo que os filhos de Deus sejam manifestados*". Ele não se contenta, como Lucas, em dizer, uma só vez: "*Toda carne terá a salvação de Deus*", mas insiste sobre este assunto e uma grande parte da Epístola aos Romanos lhe é consagrada.

Altamente, afasta o espírito ritualista de sua raça e não vê nenhuma utilidade em certas abstinências.

"Um crê que se pode comer tudo e aquele que é fraco na fé não come senão ervas. Que aquele que come de tudo, não despreze aquele que somente come ervas; e que aquele que não come senão ervas não condene aquele que come de tudo; porque Deus o tomou para si".

"Quem és tu, que condenas o servidor de outrem? Se está firme ou se cai, é o seu senhor que deve julgar; mas será firme, porque Deus é bastante poderoso para firmar".

E, mais longe: *"Nenhum de nós vive por si mesmo e nenhum de nós morre por si mesmo. Porque, se vivemos é para o Senhor; se morremos, morremos para o Senhor; se vivemos e morremos, pertencemos ao Senhor. É por isso que Cristo morreu..."*

Aos Coríntios, fala em uma linguagem que mais se aproxima das idéias filosóficas da Grécia: *"O homem animal não conheceu coisas que são do Espírito de Deus; porque elas lhe pareciam uma loucura e não os pode entender, porque é espiritualmente o que se julga. Mas, o homem espiritual julga as coisas e ninguém pode julgar por ele."* Chama-se a si mesmo o dispensador dos mistérios de Deus. Aproveita esta qualidade para dar aos costumes gregos uma pureza que, sobretudo em Corinto, eles não conheciam há muito tempo; os conselhos que ele dava sobre o casamento e a castidade são tão prudentes quão elevados.

Mas seu ensinamento não se limita a esta moral e, demais, trata do discernimento dos espíritos e os dons que se seguem com Uma sagacidade que não pode vir senão de um estudo profundo e longo. Aqui se encontram as lições de Gamaliel.

Esquece-os, portanto, e, posto que reivindique a qualidade de israelita, de filho de Abrão, repele a Lei antiga, embora reconheça todos os seus benefícios e a sua utilidade:

"Para que serve a Lei? Ela a juntou a promessa à causa das transgressões, até a vinda da posteridade a quem a promessa havia lido feita; e ela foi dada pelos anjos e por intermédio de um Mediador... Assim a lei tem sido a nossa condutora para nos levar a Cristo, a fim de que sejamos justificados pela fé".

"Mas, chegando a fé, não estais mais sob este condutor; sois todos filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo... E não existe mais Judeu nem Grego; não há mais escravo nem livre; não há mais homem nem mulher; porque vós todos não estais senão em Jesus Cristo."

Aos Hebreus, iniciados pela maioria às Escrituras, mostra qual a perfeição oriunda do Evangelho: *"A antiga Lei foi abolida devido à sua fraqueza e à sua inutilidade; porque a Lei não conduz à perfeição; mas uma esperança melhor, pela qual nos aproximamos de Deus, foi substituída."*

Apoiando-se sobre os Livros santos, estuda com sutileza, as concordâncias proféticas.

E os conselhos de bondade, sucedendo a uma espécie de hino à fé, terminam a Epístola aos Hebreus, um dos mais belos documentos refletindo o pensamento cristão, em sua primeira florescência.

Entretanto, à medida que o conhecimento do novo ensino se espalhava, mais tornava-se necessário fazer acepção da inteligência e da fé dos ouvintes aos quais se dirigiam as palavras.

Alguns, a quem tinham acreditado poder confiar toda a doutrina, a haviam deformado pelas imaginações pessoais e raciocínios que nada tinham de comum com a pregação dos apóstolos.

No fim do século II, uma hierarquia foi estabelecida. Um dos mais poderosos espíritos desta época, Orígenes, que foi por momentos suspeito de heresia, apesar de seu zelo apaixonado pela religião, descreve-nos nestes termos:

"Os cristãos, antes de receber em suas assembléias aqueles que querem ser seus discípulos, fazem-lhes diversas exortações para fortificá-los no desígnio de bem viver; enfim, admitem-nos, quando os vêem no estado que eles desejam e fazem uma Ordem à parte; porque há duas compostas entre eles: uma a dos iniciados que o são há pouco tempo e não receberam o símbolo de sua purificação; a outra daqueles que deram todas as provas possíveis de sua resolução de não abandonar jamais a profissão do cristianismo."

Estes apenas eram chamados a distribuir a boa palavra e os primeiros sacramentos que existiram; o batismo primeiramente, que Jesus tinha tomado da iniciação de João; em seguida, a eucaristia, que Jesus tinha constituído no decorrer da sua última ceia, com a prece, mais que a injunção, que isto fosse feito novamente em sua memória.

Aqueles que tinham ficado firmes na fé, no decorrer destes séculos de perseguição, eram chamados a este sacerdócio, mas não havia necessidade de outras condições em seus agrupamentos fraternais.

Não se colocava questão alguma sobre a ordem nem sobre a instrução daquele que devia guiar seus irmãos; todavia, os espíritos cultivados eram apreciados pela sua facilidade em refutar as objeções, em instruir os pagãos na nova religião, porque todos, e os gregos sobretudo, eram sensíveis às palavras harmoniosas e aos argumentos bem deduzidos.

Pouco a pouco, pela imensa difusão do cristianismo que as próprias perseguições faziam conhecer em todo o império, o sacerdócio veio a ser mais útil; as cerimônias complicaram-se porque, em muitos casos, e, sobretudo depois do triunfo definitivo do cristianismo, adotado por Constantino, os pontífices cristãos não quiseram proibir as festas populares que não eram absolutamente incompatíveis com o ideal cristão.

As festas das vendas reapareciam no novo calendário; adaptaram-nas aos dias consagrados aos santos que melhor correspondem com o rito abolido.

Esta corrente vai reforçando sem cessar, porque o Império todo é cristão.

É preciso que os magistrados eclesiásticos sejam criados para administrar as vastas coletividades, sustentando, em muitos pontos, o rude assalto dos Bárbaros.

Cria-se uma completa hierarquia.

*

*

*

A nova religião se desenvolve rapidamente, mas os próprios bispos não se enganam sobre a semelhança de seu ensinamento com o das iniciações antigas. Clemente de Alexandria exclama:

"O' Mistérios eternamente sagrados!... Torno-me santo pela Iniciação. O Senhor é o hierofante; notou o misto de seu selo iluminado; põe nas mãos do Pai aquele que teve fé e que está eternamente sob a sua guarda. Eis aí os transportes de nossos mistérios, o querem. Faze-te iniciar, e dançarás no coro dos Anjos, em torno do Deus incriado, imperecível, único verdadeiramente existente; e o Logos divino cantará conosco os santos hinos."

É a linguagem própria do iniciado de Elêusis, transportado na religião que conquistava a terra. Encontramos também na obra de Goblet d'Alviella, que tão judiciosamente estudou os mistérios antigos, esta apreciação sobre a Igreja primitiva:

"O bispo que dirige a cerimônia assume o nome de mistágogo e o neófito, uma vez batizado, o de iniciado, eleito, misto ou ainda iluminado ou selado".

"Os profanos, não-batizados, são designados pelo mesmo termo que no tempo em que se redigia o hino a Deméter. O sacerdote é um iluminador. A Ceia vem a ser o sacrifício; é dada por Mistério por excelência. A Missa é uma mistagogia; esta expressão é mesmo perpetuada na Igreja

grega para designar a parte da cerimônia em que está figurada a paixão do Cristo. É bem a linguagem dos Mistérios, mais ainda do que a dos Evangelhos " (Eleusinia).

Conclui-se que toda esta cerimônia não é uma confusão de gestos sem significação e que um simbolismo religioso se prende a cada parte do ritual.

"O corpo é banhado a fim de que a alma seja lavada de suas manchas; o corpo é ungido a fim de que a alma seja consagrada; o corpo é munido do sinal, a fim de que a alma seja fortificada; o corpo torna-se sombrio sob a imposição das mãos, a fim de que a alma seja iluminada pelo Espírito; o corpo é nutrido da carne e do sangue de Cristo, a fim de que a alma repouse em Deus."

Estas cerimônias cujo simbolismo e poder nos são tão sobriamente indicadas são-nos reconhecíveis.

É o batismo que purifica o neófito e o torna digno de se misturar à família cristã; a unção, seja a da confirmação que reconforta a fé, ou a derradeira unção que prepara o doente para vencer a derradeira etapa de sua viagem terrestre; o sinal da cruz, que é ao mesmo tempo, para o cristão desta época, um sinal de reunião com seus irmãos, é uma rápida prece; a imposição das mãos — comum ao Cristianismo e a todas as iniciações — e a comunhão, lembrança viva do Cristo que uniu o cristão a seu Deus.

A hierarquia dos sacramentos não foi sempre esta aos olhos dos apóstolos. Ao começo, certos sacramentos, o batismo sobretudo, tinham antes um valor simbólico. Foi lentamente, sob a influência judeu-grega e a Gnose da Escola de Alexandria, que os sacramentos tomaram a sua importância em qualquer sorte mágica e levaram u'a modificação profunda no espírito e no coração dos fiéis que os receberam.

Desde os primeiros ensinamentos do gnosticismo, Simão, o Mago, rival de São Pedro, instituiu este cristianismo heterodoxo que devia vir a ser o cristianismo esotérico antes de se mergulhar na heresia.

Sustentou então esta tese e seu sucessor, Menandro. afirmou a seus discípulos que o batismo assegurava a imortalidade.

Para outros, o batismo, assim como ainda o é na Igreja, não tem outro efeito senão assinalar o cristão como cristão e isentá-lo de todo pecado que antes cometeu.

Para a maioria é antes a eucaristia que, em virtude da profunda união do ser com Jesus, dá a vida eterna.

*

* *

Para os verdadeiros esclarecidos da Igreja nascente, a doutrina de Jesus foi uma ordem, tendo por fim aumentar a nossa perfeição e assegurar a nossa evolução cada vez mais.

O Evangelho de João, que é certamente aquele que foi escrito pelos iniciados, não oculta esta objurgação, apoiando-se inteiramente sobre motivos místicos.

João, que se dirigia aos gregos das Igrejas de Éfeso e de toda a Ásia Menor, prega um platinismo cristão muito próximo daquele que a Gnose desenvolverá quando vier a ser verdadeiramente cristã. Desde a primeira palavra, coloca seu princípio da encarnação de um princípio divino, da Palavra e da Sabedoria na pessoa de Jesus: *"No começo era o Verbo, e o Verbo era Deus, e o Verbo está em Deus... Nele estava a vida e a vida é a luz dos homens, e a luz brilhou nas trevas, e as trevas não o compreenderam... E o Verbo se fez carne e habitou entre os homens"*.

Não nos abalançamos a entrar no estudo místico da Divindade de Jesus para não perturbar nenhum sentimento, como não perguntaríamos o sentido em que o Evangelista inspirado entendeu suas palavras.

Veremos por ele, auxiliados pelo profundo comentário do Abade Alta, qual foi, para a parte seleta dos pensadores, o ensinamento do Mestre e veremos que os ritos foram reunidos logo depois, porque a sua palavra não ordena ninguém:

"Disse-vos certas coisas enquanto estava entre vós. Além disso, o Espírito de meu Pai vos ensinará todas as coisas... Falei-vos assim desde o começo, porque eu estava convosco. Agora, volto para Aquele que me enviou. . . e é bom que eu vá; porque se eu não fosse, o Paráclito não viria para vós... Teria ainda muita coisa pura vos dizer; mas quando ele vier, ele, o Espírito de Verdade, dirigir-vos-à para a Verdade santa."

É o eterno ponto das iniciações, mas aqui, João, segundo a palavra de Jesus, deixa um vasto campo à intuição, à inspiração divina. Nada que é absoluto pode ser ensinado pelos homens; mas, para um homem de evolução superior como Jesus, é preciso que toda a materialidade desapareça, mesmo a materialidade tão profundamente espiritual de Jesus; toda autoridade cessa, fora a de Deus, cujo Espírito sopra onde quer.

Aí não havia coisas a dizer para os espíritos materiais; não teriam percebido o fim de tudo, ao passo que os primeiros cristãos, Indiferentes às coisas do mundo e cedendo de boa vontade o tributo de César e a obediência aos seus magistrados, lembravam-se que, segundo a palavra do Mestre, *"seu reino não é deste mundo."*

Uma completa liberdade era permitida a todo adepto suficientemente elevado e iniciado; é o que Paulo compreende também, quando ordena a seus fiéis tudo experimentar antes de escolher.

Este desenvolvimento indefinível da Ciência religiosa sob a ação indefinida do Espírito de Deus é o ensinamento que João tira das últimas palavras de Jesus, depois da Ceia, no momento de tudo deixar para o derradeiro e sangrento sacrifício.

Para ele toda perfeição evoluciona para a perfeição maior na santa liberdade dos filhos de Deus.

Paulo, por sua vez, compreende o Evangelho da mesma forma e a vida atual parece-lhe, como a todos nós, uma preparação para um futuro superior.

"Não vemos aqui, no nosso plano, senão um espelho e um enigma; é em uma outra vida somente que nos

veremos face a face; nosso conhecimento atual é parcial; é no alto que nos conheceremos como Deus nos conhece."

Porque esta vida não é seu fim por si mesma; é na evolução que ela se precisa e Paulo não deixa de saber disso.

Ele mesmo diz com precisão, na sua Segunda Epístola aos Corintos:

"E o homem interior, o espírito se renova, e nos transformamos de claridade em claridade, subindo sempre para a iluminação transcendente que é a ciência de Deus."

Compreendida assim, na liberdade de seu desenvolvimento, a obra de Jesus ultrapassa em beleza toda obra conhecida. De tal modo modificou o pensamento humano que o simbolismo reunido pelo ritual religioso não pôde destruir a suave e profunda harmonia e que, apesar de todas as incompreensões, permanece uma das mais vastas realizações existentes para um espírito capaz de compreender.

Todos nós que vivemos na Europa feita por séculos de cristianismo, não podemos esquecer Jesus. Em toda a nossa sensibilidade, encontramos o seu ensinamento.

O amor, à Natureza transpira ainda de suas parábolas. É na sua compreensão que chegamos a comungar com o Universo. O amor de tudo o que vive, que é chamado para uma vida melhor, é-nos ensinado por aquele que nos anunciou que toda carne verá a salvação de Deus.

A Natureza é um templo e um asilo e, nos momentos de perturbação, quando não podemos gozar a doçura entre nossos irmãos, é ainda na Natureza que encontramos o mais seguro refúgio.

"*O reino do Cristo está entre nós*"; está em nós saber encontrá-lo e ele não se oculta; encerra-se em todas as partes.

Tanto na angústia como na alegria, está em nós elevarmos o nosso pensamento para as altas esferas que nos foram reveladas.

O coração abre-se a esta música que desce das folhagens e sobe dos regatos.

Certamente, o reino de Deus está entre nós, porém será mais perceptível quando os nossos sentidos, desprendidos deste mundo, forem mais perfeitos.

É no domínio dos altos pensamentos e das visões puras que gozaremos todas as suavidades da alegria.

Nos vossos momentos de solidão e meditação, olhai o céu que estende o seu véu para vos fazer esperar a felicidade de verdadeira pátria, aquela onde não há ricos nem pobres, onde todas as razões de ódio se desvanecem no amor.

Quando tiverdes atingido esta alegria e a força que dela emana, por um gesto natural, elevareis as vossas mãos para este esplendor.

Vosso surto estender-se-á para estas forças. Sentireis que elas afluem para vós. Elas vos conduzirão à calma, à saúde, à serenidade.

Ficareis acumulados de alegria, mas neste momento, não esquecereis aqueles que são os vossos irmãos que sofrem de toda maneira, esperando a hora da liberdade!

Elevastes as mãos para o céu a fim de adquirir as forças benéficas que harmonizam os fluidos e redobram a saúde; abaixai as vossas mãos para aqueles

que sofrem, impõe as vossas mãos ricas do que adquiristes; fazei o gesto da bênção e as forças correrão para vós; espalhando-se em torno, descerão como um doce orvalho sobre aqueles que enlanguescem e choram nos tormentos e nas angústias.

Se fizerdes tudo isso com fé perfeita e forte, se fizerdes este gesto de apelo, de dádiva, curareis o doente, reconfortareis o fraco, apaziguareis aquele que duvida e se debate nas sombras desta vida.

Operai e, segundo os ensinamentos de Jesus, atingireis à perfeição que é o caráter do Pai, celestial.

Este é o ensinamento supremo que nos deu o último iniciador:

— *Amai, e o resto ser-vos-á dado por acréscimo.*

Amai-vos uns aos outros, é o mandamento supremo. Pedi a Deus, não por vós, mas para outrem e o bem que fizestes ser-vos-á dado ao cêntuplo, não materialmente como o pensam os espíritos grosseiros, mas em efusão de alegria, em legítimas esperanças, tal como as pode sentir o iniciado cuja evolução se completa em uma ascensão constante para os cumes iluminados.

OS GNOSTICOS

A Gnose ou Ciência de Deus. — Desde o século I, os gnósticos pregavam o seu Cristianismo à parte e muitas vezes em oposição à pregação dos apóstolos. — A doutrina gnóstica, deixando uma grande parte à interpretação pessoal, multiplicou as seitas gnósticas. — Três categorias de fiéis: os hílicos, os psíquicos e os pneumáticos. — A tradição gnóstica, apesar das perseguições, atravessa a Idade Média sem ser profundamente deformada. — A educação pessoal do gnóstico. — Símbolo da pedra bruta que deve ser a pedra talhada. — Papel do martelo (vontade) e do cinzel (juízo). — Contrariamente da Igreja Católica, os gnósticos conservaram até nossos dias os mistérios e as experiências. — Mistérios iluminadores e Mistérios purificadores. — Purificações corporais pela Água, pelo Fogo e pelo Ar. — O Mistério Inefável (Eucaristia) e o Mistério do Grande Nome. — A suprema iniciação é concedida com o Mistério das Ações Pneumáticas.

A Gnose, cujo nome grego significa conhecimento, teve, desde as suas primeiras manifestações, a intenção de se apresentar em ciência de Deus, penetrando todos os Mistérios, para revelá-los a seus adeptos. Ela faz apelo às tradições mais antigas da humanidade, de que afirma ser o resumo. Dando crédito aos gnósticos, eles são os únicos herdeiros da ciência mística que é a base de todas as religiões.

Pode-se admitir esta idéia?

Pode-se supor que a Gnose foi, ao contrário, uma mistura, às vezes assaz confusa, de idéias e símbolos arrancados de todas as religiões que vêm do

Egito assim como da Caldéia, da Pérsia, da Índia, da Grécia, da Judéia, de Moisés e de Jesus?

Nada temos que elucidar sobre este ponto, porque não mudará a importância desta doutrina. É certo que na base de todas as religiões se acha um fundo comum de ensinamentos.

Segundo os gnósticos, a Gnose dá o segredo do universo, o segredo da Evolução, mas as teorias oficiais dos mestres foram freqüentemente modificadas, porque, ao lado do ensinamento oficial gnóstico, uma grande parte foi abandonada à iluminação pessoal que deve ser tomada em consideração.

Nestas condições, a unidade do dogma não resistiu à tradição, suposta imutável, mudada segundo as inspirações de cada um.

Entretanto, todos os gnósticos afirmam possuir o segredo das antigas iniciações e o segredo de uma tradição invariável que lhes vêm em linha reta das palavras secretas que Jesus disse a seus apóstolos e a alguns raros discípulos, porém que não nos foi transmitido — e muito veladamente — senão pelo Evangelho de João.

É tão difícil negar como afirmar a realidade desta pretensão. No decorrer dos primeiros séculos, o ensinamento cristão foi sobretudo oral; nada nos resta do ensinamento secreto.

Um dos padres da Igreja, São Basílio, diz:

"Recebemos os dogmas que nos foram transmitidos por escrito e aqueles que nos vieram dos apóstolos sob o véu e o mistério de uma tradição oral".

"O que é proibido aos não iniciados de contemplar, conviria escrever e espalhar pelo público?... É por isso que muitas coisas têm sido transmitidas sem escritura, pelo receio de que o vulgo, muito familiarizado com os nossos dogmas, não conceba desprezo".

*

*

*

Desde o século I, os gnósticos pregam seu cristianismo à parte e, muitas vezes, em oposição à pregação dos apóstolos.

Simão, o Mago, Menandro e Disitheo são considerados como fundadores da doutrina. Ela é, ao mesmo tempo, uma mistura dos ensinamentos do Cristo e das sutilezas dos Judeus helenizados de Alexandria e apresenta um grande interesse documentário, como característica desta época atormentada pela necessidade de uma nova fé. Mas a doutrina gnóstica fazia parte muito importante da interpretação pessoal para que todo inspirado um pouco eloqüente não viesse a ser o centro de um grupo dissidente.

As seitas gnósticas são inumeráveis.

Vemos, no Egito, Basílio Valentim, depois os Ofitas que tomavam a serpente por símbolo principal ao ponto de deixar crer aos pagãos que eles a adoravam.

Na Síria, Saturnino de Antióquia, depois Tacino, depois Bardesanes de Edessa apresentam vistas pessoais; Bardesanes quer a partilha dos bens; os Aramitas afirmam que se o Verbo se fez carne, a carne vem a ser santa e ordenam a nudez.

Apesar de tantas vistas quiméricas, os gnósticos tinham sobretudo por fim o aperfeiçoamento do ser e, nesta concepção, inspiram-se nos Mistérios egípcios e gregos.

Abertamente professam a teoria das reencarnações.

A seu ver, a alma destacada do Pleroma divino deve descer à matéria para voltar à fonte de onde proveio. Ela deve atravessar as sete esferas planetárias, pedindo passagem aos gênios, os eons deste planeta, que são considerados como seus guardiães.

Não é senão depois de ter vivido nestes mundos, de ter sofrido as experiências e purificações necessárias, que a alma adquire o direito de regressar ao Pleroma para se unir à Divindade.

*

* *

O oculto gnóstico, na maioria das seitas, dividia seus fiéis em três categorias, segundo as suas possibilidades respectivas:

1.º — Os hílcos, ou materiais, que eram apenas capazes de tomar a letra da lei e o rito exterior do culto;

2.º — Os psíquicos, cuja sensibilidade era mais despertada; que eram capazes de efusão, mas incapazes da ciência. Eram iniciados em um grau inferior.

3.º — Os pneumáticos, que eram os únicos a terem direito à revelação, porque eles estavam em estado de sair da matéria e de se elevar no mundo do Espírito onde a revelação pessoal e a iluminação completavam a obra do iniciador. Sós, os pneumáticos podiam esperar o termo de sua evolução.

Amelineau, que estudou profundamente esta época curiosa, observa estes ensinamentos:

"Segundo os Extratos de Teódoto, que reproduzem a tradição valentiniana do Oriente, os pneumáticos irão ao grupo de oito pessoas tomar parte no banquete eterno, que observa o Banquete de Platão. Ainda mais, os pneumáticos, tendo despojado a alma psíquica, receberão os Anjos por esposos... Entrarão na câmara nupcial do grupo de oito em presença do espírito; virão a ser os eons inteligentes; participarão das núpcias espirituais e eternas" (Gnosticismo Egípcio).

Vê-se que foi materializado levemente para a compreensão de todos os pontos da união em Deus, fazendo parte de todos os esoterismos.

O perigo do gnosticismo em certas almas exaltadas — que são sobretudo estes espíritos que operam com força sobre o vulgo — é que, para aqueles que recebem a iluminação divina, as leis humanas e mesmo as fórmulas religiosas não têm a menor importância. Todos os Códigos e Bíblias não representam grande coisa àquele que se entretém diretamente com a Divindade ou que tem relação com os Anjos que se tornaram seus instrutores.

A gnose, seja ensinada por um mestre, seja inspirada diretamente, basta para assegurar a salvação: ela se desliga de todo outro ensinamento, de toda lei religiosa ou moral.

Outras seitas eram mais formalistas e consideravam certos sacramentos como necessários à evolução da alma.

A maioria dos sacramentos era a renovação dos Mistérios egípcios ou gregos, e mesmo aqueles que eram de origem cristã eram muito modificados tanto na forma como na interpretação pelos instrutores .gnósticos.

O batismo, antigamente experiência da água precedente à iniciação aos Mistérios de Ísis, foi ora praticado por imersão total do corpo, ora tal como o conhecemos, por simples efusão sobre a fronte.

A Ceia foi ao mesmo tempo a lembrança perpetuada do último repasto de Jesus com seus apóstolos e a união em Deus do iniciado com um poder superior; sua forma varia freqüentemente nestas igrejas.

Antes de receber o batismo, o neófito tomava o compromisso de não fazer conhecer os Mistérios que lhe seriam revelados após a sua iniciação.

Segundo as seitas, além do batismo e da Ceia, havia a imposição das mãos, renovada da transmissão dos poderes iniciáticos, a senha por meio de selo, a unção, a recitação de fórmulas místicas em diversos sentidos como a maioria das fórmulas iniciáticas, a comunicação dos objetos sagrados e a interpretação de seu simbolismo, muitas vezes obscuro e livre dos acasos da inspiração de cada um.

*

* *

Através de toda a Idade Média e apesar das perseguições, o gnosticismo sobreviveu e todas as heresias albigenses foram inspiradas em sua doutrina, pois, caindo no meio onde o ódio e a ignorância deviam impor as suas deformações, a gnose achou-se misturada à goecia, às piores formas de magia negra.

Atualmente, um grupo de intelectuais tomou a tarefa de fazer reviver este ensinamento desacreditado; mas, sempre tendo por causa a iluminação pessoal, cedo apareceram tantas seitas quantas eram as pessoas. Entretanto, estes grupos múltiplos entenderam-se sobre as linhas gerais e é sobre esta doutrina que vamos tomar a devida base.

As idéias que são comuns a todos os grupos são de origem do homem, a necessidade de a revelar aos que merecem ser instruídos e guiados para seu fim, que é Deus.

O aspirante deve mudar a sua personalidade completamente: deve despojar-se do homem antigo; depois, despido do que foi seu pecado, deve revestir-se do traje branco das núpcias, da vestimenta da luz dos eleitos.

Nos Ensinamentos Secretos da Gnose, Simão Teófanos mostra-nos as fases desta educação pessoal. Primeiramente o ser está nas trevas; ele aspira à claridade.

Sob o ponto de vista cosmogônico, representa o caos informe, cujo símbolo é a pedra bruta antes de toda transformação.

Sob o ponto de vista metafísico, é a impotência de ação, seguida da ignorância em que se encontra o ser relativamente à atividade ou à Causa primária, e seu símbolo iniciático é a cor negra. Sob o ponto de vista da humanidade, é a própria inconsciência de agnosticismo e seu símbolo é um archote recurvo.

No que concerne ao indivíduo, é o estado em que se encontrou antes de seu primeiro desejo de pesquisar a luz e, no simbolismo místico, este estado de espírito do adepto antes de qualquer pensamento divino, corresponde à nudez.

A iniciação gnóstica tem, pois, por fim, pôr no caminho aquele que procura a luz, preparar a sua iniciação, a sua evolução, que é o fim de todas as iniciações.

Por isso, a pedra bruta deve vir a ser a pedra talhada, a fim de que possa fazer parte da rítmica arquitetura daquele que criou os mundos. Para que a pedra bruta viesse a ser pedra talhada, precisaria empregar o martelo, que é a vontade, e o cinzel, que é o juízo.

O martelo representa a força inconsciente, a vontade brutal, maciça, que, como o martelo, deve ser mantida pelo espírito, único capaz de dirigir este poder quase animal.

O cinzel, ao contrário, é o juízo, a força criadora do espírito. O espírito deve arrancar do desejo cego tudo o que prejudique ao plano eternamente preconcebido, devido à matéria, e mesmo à sensibilidade, em sofrer.

É o discernimento do espírito que deve aplicar o cinzel sobre os pontos em que ele é necessário.

Como em todas as iniciações, vemos que as impulsividades humanas são submetidas à direção do espírito que as dirige e serve-se delas para o melhor interesse coletivo do bem comum.

Apesar de sua precisão perfeita, o cinzel não pode ferir senão sob o choque do martelo.

É um símbolo, aliás muito belo, da impotência da ciência, sem um animismo bem dirigido que lhe dá seu impulso e sua força.

Vauvenargues disse que os grandes pensamentos vêm do coração, mas as grandes ações também vêm. Aquele que dominasse completamente os seus sentimentos de modo que não experimentasse mais nenhum, poderia colecionar

todos os dados científicos para seu prazer pessoal; se o desejo de se tornar útil não o impelisse a ser atirado à obra, não apareceria nada de útil à felicidade ou à evolução da humanidade.

Tornaremos a encontrar estes dois símbolos com a mesma interpretação na franco-Maçonaria. O martelo e o cinzel são o emblema do primeiro grau da iniciação maçônica, o do aprendiz.

O ensinamento de Simão-Teófanos nos dá muitos detalhes sobre esta ação do martelo e do cinzel, mas vimos apenas as informações gerais; o homem deve dominar as suas impulsividades e tornar-se firme e semelhante a um metal passado no cadinho, de tal maneira que as suas impulsividades, habilmente canalizadas, possam, em um dado caso, soar com energia e justeza e realizar o ato desejado com toda força e precisão possíveis.

*

* *

Contrariamente à Igreja Católica, os gnósticos conservaram a tradição dos mistérios e das experiências. E' assim que encontramos em um Catecismo Gnóstico, publicado por Sofrônio, um estudo detalhado sobre os Mistérios iluminadores e os Mistérios purificadores.

Segundo este autor, os Mistérios iluminadores são antes uma explicação esotérica da gnose e eles preparam o fiel a receber a comunicação divina, a discernir nas revelações interiores os pensamentos que vêm de Deus e os que podem emanar do tentador.

Estes mistérios têm por fim o conhecimento de Deus, tanto quanto o permite o espírito do homem.

Deus é representado como Um simples, o Infinito e Absoluto; um ser sem forma nem limites, que não poderemos compreender senão quando estivermos libertos da camada de carne, porém que podemos entrever desde já nos êxtases da perfeita iluminação.

Os Mistérios purificadores ordenam naturalmente abandonar a vida sensual pela vida espiritual. O espírito deve ser despojado de tudo o que tem de carnal para se apresentar ao Pai Celeste.

Quando o adepto passa a sua purificação, contempla, ama, sente-se transportado, adora, está em êxtase.

Neste êxtase, sente-se inundado das alegrias mais vivas e puras.

O prazer no qual está mergulhado não se assemelha a nenhum dos prazeres humanos, que não podem dar a mais grosseira idéia, porque o adepto se une a Deus; encontra nesta união a sua perfeição pessoal, o seu acabamento.

*

* *

As purificações corporais se fazem, como no Egito, pela Água, pelo Fogo e pelo Ar.

O Mistério da Água, como nos expõe o Catecismo da Igreja Gnóstica, não se dá senão no 3.º grau de iniciação. Antes, o aspirante não é iniciado, mas candidato à iniciação; é admitido somente às instruções preparatórias. Mesmo depois do batismo, o aspirante não é completamente iniciado.

Porém é ainda candidato, não mais à Igreja Gnóstica, mas à completa iniciação para a qual será escolhido ou não.

Como a água benta das igrejas, a água que serve ao batismo gnóstico é consagrada, isto é, magnetizada por um rito especial, cujo fim é dar uma força purificadora.

O batismo não deve ser dado jamais a uma criança menor de dez anos. Sob o ponto de vista gnóstico — e este ponto de vista é racional, pois que a palavra "gnóstico" quer dizer "conhecimento" — o batizado deve ser capaz de conhecer e compreender o ato que ele cumpre; é preciso, para que o batismo responda ao seu verdadeiro fim, que o novo adepto possa arrepender-se de suas faltas, penetrar no fim prosseguido por seus iniciadores.

O batismo, assim concebido, corresponde à primeira comunhão da Igreja Católica Romana, como data na vida da criança.

Segundo Sofrônio, *"O batismo da água lava as manchas interiores da alma do pecador; produz uma certa modificação no psicólone, modificação que deixa sempre traços; apóia a sua resolução do assunto e dá-lhe os meios de se despojar do velho homem e vir a ser um homem novo, um cristão, um filho de Deus. Em seguida, dá as primícias do Espírito Santo, mas não a plenitude de seus dons"*.

Para obter esta plenitude do Espírito, é preciso que o adepto seja submetido aos Mistérios do Fogo e do Ar (ou do vento). Este mistério está destinado a fazer do cristão um perfeito filho de Deus. Por isso, não se dá senão aos 5.º e 6.º graus da iniciação gnóstica. Somente depois desta cerimônia é que se é verdadeiramente iniciado.

Este batismo do Fogo vem das iniciações mais antigas e no Evangelho se fazem alusões a ele; a Igreja Romana o substitui pelos gestos simbólicos da confirmação.

Na Igreja Gnóstica, a cerimônia é muito imponente: o ministro do culto passeia três vezes em torno do batizado, com uma grande chama, dizendo:

"Em nome do Cristo Salvador, que o Espírito Santo dissolva todas as impurezas, consumindo-as; assim queira o Todo-Poderoso".

Para o batismo do Ar ou do vento, o ministro do culto pega na mão direita o van místico dos Mistérios de Elêusis e agita-o acima da cabeça e das espáduas da pessoa para afastar de seus pensamentos todas as idéias vãs; do mesmo modo agita o crivo que separa o grão de seu invólucro. Então o ministro do culto diz:

"Em nome do Cristo Salvador, que o Sopro divino lance para longe todas as impurezas de tua alma e faça voltar a sua limpidez ao teu espírito. Assim queira Deus Todo-Poderoso".

Depois destas duas consagrações, vem um terceiro mistério, o Mistério Inefável (Eucaristia, a recepção do pão e do vinho consagrados).

É neste ponto especial que a comunhão gnóstica difere profundamente da comunhão católica. Os gnósticos recebem a comunhão do pão e do vinho, ao passo que os católicos leigos não recebem senão o pão.

Este simbolismo exotérico da lei não é indiferente. O pão simboliza a letra e a explicação exotérica da lei, ao passo que o vinho, reservado aos clérigos, indica a revelação integral, o esoterismo. Os gnósticos, qualquer que seja a sua ordem ou

a sua profissão, recebem o pão e o vinho, símbolos do esoterismo que é concedido a todos, mesmo sem a vontade do sacerdote, pela iluminação direta.

Esta admissão à taça é o símbolo do livre exame, da liberdade religiosa.

Compreende-se que este rito seja muito importante na iniciação gnóstica.

Há um, entretanto, que ultrapassa em importância esta Eucaristia: é o Mistério do Grande Nome que realiza o perfeito iniciado.

Este Mistério outorga àquele que é admitido o poder sacerdotal, quer as qualidades de que é necessário dar prova sejam inatas entre o recipiendário, quer sejam adquiridas por um laborioso exercício.

As mulheres não são excluídas do sacerdócio na comunidade gnóstica; elas conservaram o acesso muito tarde na primitiva Igreja Grega, da qual os gnósticos⁶ afirmam descender. O gnóstico que recebe o Mistério do Grande Nome pode preencher todas as funções religiosas, distribuir sacramentos, celebrar todos os Mistérios.

A suprema iniciação é concebida com o Mistério das Ações pneumáticas. As funções que resultam deste grau são antes de uma ordem psíquica; permitem ao adepto dirigir o seu psiquismo para operar curas, seja pela imposição das mãos, seja pelo sopro, seja pela unção do óleo consagrado.

Os processos de adestramento são tais que os que são tratados dessa forma podem recobrar a saúde, mesmo quando ela esteja fortemente abalada. O poder sacerdotal recebido também pelo Mistério das Ações pneumáticas dá ainda o dom de profecia, desenvolve a clarividência e a taumaturgia.

Naturalmente, se dermos crédito a estes gnósticos modernos, os grandes Mistérios não são concebidos a esmo e só a pessoas dotadas de qualidades inteiramente superiores, de um perfeito domínio sobre si mesmas.

As qualidades morais que são exigidas do perfeito iniciado o designam entre os homens como capaz de operar utilmente sobre a multidão de fiéis, confiados à sua direção. É preciso que o sacerdote seja sóbrio, casto, desinteressado, impenetrável, impassível, inacessível a toda espécie de preconceito ou de terror, impassível e podendo suportar, sem se dobrar na sua fé, todas as contradições e todas as penas.

Deve ser digno e reservado, mas delicado para com todos e, embora demonstre benevolência nas suas relações sociais, não deve deixar-se absorver.

No físico, ainda que a beleza não seja exigida, e preciso que o sacerdote seja isento de toda a deformidade e que, no seu corpo, como nas suas vestimentas, haja uma limpeza estrita e severa.

Neognósticos

Aprendiz gnóstico, companheiro gnóstico, mestre gnóstico, mestre eleito gnóstico. — Estas quatro etapas comportam sete graus correspondentes a sete períodos da vida de Jesus. — Quadro sinóptico resumido da Iniciação neognóstica. — A luta do Espírito contra a Matéria.

Fora desta forma de gnosticismo, formou-se recentemente um outro agrupamento que, embora reclamando a mesma doutrina, leva notáveis variantes nas manifestações.

Intitula-se neognosticismo e é representado atualmente, na França, pelos srs. Dr. Fugairon e Johannés Bricaud.

Estes neognósticos dispuseram as fases de sua iniciação segundo as estações do ano e de maneira a simbolizar, pela idade do sol anual, o estado de alma e de espírito do novel adepto; assim se perpetua o pensamento da existência cíclica da alma humana, que percorre alternadamente cada estação, sofre os dias e as noites até o momento em que o tempo desaparecerá para cada alma chegar, enfim, ao termo de sua existência terrestre.

O primeiro estado do discípulo ou aprendiz gnóstico é simbolizado pelo inverno. Neste momento, o ser está no caos e na obscuridade, porém, como a terra está no inverno, contém todas as possibilidades de esperança em uma renovação próxima.

Está na matéria, mas o trigo semeado não deseja senão crescer e florescer com o tempo e os cuidados que lhe são necessários.

No grau seguinte, vem a ser discípulo ou companheiro gnóstico. É a primavera. A palavra dos mestres, como o sol propício, espalhou o calor que faz brotar os germes.

Aquele que estava na sombra compreende, enfim, a claridade e tende todas as suas forças para ela. O mundo renasce para a força e a alegria. O ano novo surge.

O adepto vem a ser, em seguida, mestre gnóstico. É o estio, a expansão do que não era primeiramente senão uma promessa. O trigo morto na terra vem a ser uma colheita abundante. O sol da verdade elevou-se sobre a inteligência. Uma alegria imensa irradia sobre o universo que não é senão o emblema da alma renovada. Ela goza o fruto de seus esforços.

Enfim, vem o grau de mestre-eleito gnóstico.

Os mistérios são cumpridos. As colheitas estão na granja. Aquele que nesta vida atinge ao cúmulo do que lhe é permitido receber, pode regozijar-se de seu trabalho, mas o outono é a estação das lembranças e meditações.

O verdadeiro adepto sabe que seu reino não é deste mundo. Prepara-se para nova etapa de sua evolução pela meditação e pelo estudo, pela prática das obras de beneficência, a fim de que seus irmãos tenham parte em seus bens e de que saia da matéria rico das obras cumpridas.

*

* *

Estas quatro etapas comportam 7 graus e, para o neognóstico, estes 7 graus correspondem a 7 períodos da vida de Jesus. Estes graus são conferidos por festas especiais no momento do ano correspondente à sua estação.

A iniciação não é, pois, no seu ponto de vista, mais que o nascimento e o desenvolvimento da vida do Cristo em nós. Aqui, os cristãos de São João retomam um pensamento de São Paulo que apresenta o Cristo como exemplo que todo ser deve tender a reproduzir tão perfeitamente quanto possa. Mas, também, para a maioria dos homens, a morte e as vidas sucessivas são necessárias a esta adaptação; a iniciação é, para o adepto, o meio de substituir estas longas etapas pela única existência inteiramente dada às obras, aos pensamentos e às práticas que fazem uma verdadeira morte, depois da qual não resta mais senão renascer. Entre os gnósticos, esta idéia, constante em todas as iniciações, tem isto de particular, que faz reviver cada pessoa nas diversas épocas da vida do Cristo. As 7 festas iniciáticas e comemorativas são:

1.º — O nascimento de Jesus (25 de Dezembro).

2.º — Sua conversação com os Doutores (2 de Fevereiro). Estas duas festas pertencem ao solstício de inverno, quando a vida está encerrada na matéria; o Natal corresponde ao grau de Estudante secreto e a discussão com os doutores a de Estudante perfeito.

Na primavera, encontramos:

3.º — O batismo (25 de Março).

4.º — A pregação, as lutas, a lapidação (2 de Maio). Estas duas festas representam o despertar da primavera correspondente ao batismo e às graças que se derivam para o adepto. Elas conferem os graus de Sublime maçã gnóstica no que concerne a primeira e de Cavaleiro da trolha e da espada no que toca à segunda.

5.º — A transfiguração (1.º de Julho).

6.º — A entrada triunfal em Jerusalém e a Ceia (1.º de Agosto).

Tabela 1: INICIAÇÃO NEOGNÓSTICA
 Quadro sinóptico resumido segundo os Srs Dr Fugaíron e J. Bricaud

7º	6º	5º	4º	3º	2º	1º	Graus	Graus e experiências iniciáticas
Mestre eleito gnóstico	Mestre gnóstico		Discípulo ou companheiro gnóstico		Discípulo ou aprendiz gnóstico		Classe	
Ministro da serpente de bronze ou da estrela	Mestre do segredo real	Mestre adepto	Cavaleiro da trolha e da espada	Sublime maçom gnóstico	Estudante perfeito	Estudante secreto	Graus (nomes modernos)	
Barbelita ou filho do senhor	Zacheíta (que recebe Jesus)						Graus (nomes antigos)	
Mistério do grande nome (Ordem)	Mistério inefável (Eucaristia)	Mistério do fogo e do vento (confirmação ou parte)	Mistério da unção do Crisma (confirmação ou parte)	Mistério da água e da fumaça (Batismo)	Experiências intelectuais e morais	Experiência física nos subterrâneos	Experiência e mistérios	
Outono	Verão		Primavera		Inverno		Estações	Festas religiosas
25 de Setembro	1º de agosto	1º de Julho	2 de Maio	25 de Março	2 de Fevereiro	25 de Dezembro	Datas	
Morte e ressurreição	Entrada triunfal e ceia	Transfiguração	Pregação e luta – Lapidação	Batismo	Conversação com os doutores	Nascimento de Jesus	Festas comemorativas da vida de Jesus	

Estas duas festas, em que o poder de Cristo é exaltado, são a expansão real em pleno estio. A primeira dá ao iniciado o grau de Mestre adepto. A festa de 1.º de Agosto lhe confere o grau de Mestre do Segredo Real.

7.º — Enfim, a festa da morte e da ressurreição (25 de Setembro) dá os últimos segredos àqueles que permitem as meditações antes que a desencarnação arrebate o iniciado às fadigas deste mundo.

O último grau que recebe é o de Ministro da Serpente de Bronze ou da Estrela (flamejante). O outono veio. Fazendo partilhar aos fiéis os frutos de sua iniciação, prepara-se para acabar a sua vida na paz e a harmonia que convém ao Sábio.

A cada um destes 7 graus há correspondentes das experiências materiais:

No primeiro grau, o Estudante secreto sofre o espanto da sombra e da inquietação de achar-se sem guia em subterrâneos.

No segundo grau, o Estudante perfeito passa provas intelectuais e morais, que permitem conhecer sua fé e iniciativa.

No terceiro grau, o Sublime maçom gnóstico passa as experiências da água e da fumaça.

No quarto grau, o Cavaleiro da trolha e da espada passa o Mistério da Unção do Crisma (que corresponde parcialmente à confirmação).

No quinto grau, o Mestre adepto passa os mistérios do fogo e do ar, que correspondem a uma parte da confirmação.

No sexto grau, o Mestre do Segredo Real, depois das experiências morais, é admitido ao Mistério Inefável (Ceia ou Eucaristia).

Enfim, no sétimo grau, o Ministro da Serpente de Bronze ou da Estrela flamejante é submetido a experiências que demonstram a pureza e a força de sua alma. Então é admitido ao Mistério do Grande Nome que, assim como a Ordem na religião católica, confere o sacerdócio e seus poderes.

Tal é o ensinamento dos neognósticos, assim como é dado pelos Srs. Dr. Fugairon e J. Bricaud. Uma última festa fecha o ano: a dos Mortos e a de Todos os Santos (1.º e 2 de Novembro), onde os adeptos que são dignos são admitidos aos Mistérios das Unções pneumáticas.

Este mistério corresponde àquele da Extrema Unção, mas dá também o poder das curas e exorcismos.

Resumimos todas estas correspondências no quadro aqui incluso.

*

* *

Todas as etapas de iniciação gnóstica deveriam ser celebradas por solenidades magníficas, mas, apesar do entusiasmo dos instrutores, o número restrito dos adeptos rende culto, por assim dizer, teórico.

A Igreja gnóstica morreu; e, entretanto, a tradição sobreviveu, embora sofresse sempre, pela natureza própria das coisas, imensas modificações.

Como todas as iniciações, a iniciação gnóstica é a luta do espírito contra a matéria, em vista de elevar esta última e de se aproximar de seu termo divino. É a idéia essencial de todos aqueles que procuraram esclarecer a humanidade e reencontrá-la-emos em todas as suas obras, quer tenham dado um aspecto exclusivamente filosófico, quer se tenham enfeitado das magnificências de um culto

cujo ritual apresenta, muitas vezes, um simbolismo profundo, digno de reter e cativar o nosso interesse.

OS FRANCO-MAÇONS

A Franco-Maçonaria. — Seu fim é formar pensadores. — Como todas as iniciações, comporta experiências renovadas pela matéria dos Mistérios Egípcios. — O fim dos Mistérios de Isis era preparar o adepto para o renascimento. — A Franco-Maçonaria perdeu o sentido de seus ritos. — História rápida da Franco-Maçonaria. — A corporação dos pedreiros. — Como os dados iniciáticos se ocultam atrás de um ensinamento corporativo. — Os Templários. — A fraseologia da Franco-Maçonaria é tirada da corporação dos pedreiros e das fórmulas do companheirato. — Graus e emblemas. — De um centro iniciático, a Franco-Maçonaria veio a ser, em nossos dias, um organismo social. — A luta anti-religiosa é antinômica com a tradição esotérica dos santuários. — Origem dos graus. — Antes de 1730, a Franco-Maçonaria não comportava senão dois graus. — Depois, produziram-se numerosas mudanças. — As três grandes bases: aprendiz, companheiro, mestre. — Os graus se multiplicam. — Os 33 graus do Rito Escocês antigo, aceito, e os 90 graus do Rito Misraim. — Os Franco-Maçons tentam tornar a dar o seu valor iniciático. — Correspondências dos graus atuais da Franco-Maçonaria com as etapas que o iniciado devia passar nos Mistérios de Ísis. — A Loja Maçônica; seus característicos.

O fim da Franco-Maçonaria é formar pensadores e sábios, elevando acima da condição comum os seus contemporâneos, ao mesmo tempo por seleção e por iniciação.

Como todas as iniciações, a Franco-Maçonaria comporta experiências renovadas pela maioria dos Mistérios egípcios.

Para adaptá-los ao ponto de vista ocidental, estas experiências não deixaram de ser profundamente deformadas e aumentadas por cenas bastante infantis e de um simbolismo que não atingia em magnificência ao dos ritos antigos.

Entretanto, no pensamento dos criadores, as experiências tinham o mesmo fim que tinham para os sacerdotes de Mênfis ou de Tebas.

É sempre para conhecer o caráter do futuro adepto que se submete o mesmo a seus temores mais ou menos fundados.

É preciso primeiramente assegurar a firmeza de seu caráter sendo bom, por isso, apresentar perigos, imaginários naturalmente, diante dos quais deve ficar impassível.

É preciso saber ainda qual a sua resistência às suas impulsividades, porque há muitos seres que, a sangue-frio, não temem coisa alguma, e são tomados bruscamente por uma sensação inesperada.

Tentações são-lhes oferecidas, de tal maneira que se possa julgar a sua força contra os apelos da carne. Enfim, o segredo que está confiado ao novo adepto deve ficar sempre inviolável, porque, ainda que as indicações modernas não apresentem mais o mesmo caráter que elas revestiam outrora, deve haver segurança de que coisa alguma fará trair o segredo que jurou guardar.

As mesmas coisas produzindo os mesmos efeitos; não é surpreendente que encontrássemos na Franco-Maçonaria a maioria dos elementos que temos visto já nos estudos precedentes sobre todos os esoterismos.

As experiências não mudaram; são sempre subterrâneos obscuros, o fogo, a água e o ar, com as variantes bastantes restritas segundo os ritos.

*

* *

Aos Mistérios de Ísis e de Osíris, o fim das experiências era julgar a intrepidez do adepto.

O segredo que lhe devia ser confiado ultrapassa o entendimento da massa; era o ensinamento esotérico relativo à lei das reencarnações. Nos nossos dias, o ritual maçônico mostra, por diversos meios que vamos estudar, que o renascimento é, efetivamente, o fim da vida e que a evolução — que estes renascimentos devem animar — é o único digno de nós, que seja proposto aos nossos esforços.

No antigo Egito, este ensinamento, que devia ser ritualmente figurado para marcar no espírito do iniciado a impressão de uma imagem nítida e mesmo violenta, necessitava, pois, de uma aparência de morte para fazer compreender que a morte abre as portas de uma vida nova, mas, para o iniciado, uma vez que, pela iniciação, está morto para o mundo, não podia ser mais reencarnado, a menos que cometesse uma falta grave, porque a iniciação lhe abria inteiramente as áureas portas do Absoluto.

Assim, depois de vigília de preces, deixava-se isolado aquele que se iniciava, em um recinto sobre o qual espessas trevas se formavam lentamente. Abandonado às suas reflexões, pedia à Divindade, esperava, obtinha esta iluminação divina que era o coroamento de seus trabalhos. Comungava com Deus na revelação perfeita.

Todas as iniciações antigas, baseadas sobre os renascimentos, eram espiritualistas.

*

*

*

A Franco-Maçonaria, cedendo à influência do meio, em lugar de o dirigir, perdeu o sentido deste rito, embora esta morte aparente faça parte das experiências que dão acesso ao grau de mestre. Há sempre um simulacro de morte numa encenação bastante pueril, mas o mesmo sentido esotérico está completamente obliterado nas iniciações atuais.

Primeiramente, em maçonaria, não é o neófito que deve morrer; é o último mestre recebido que se deita à terra e figura o cadáver de Hiram. Em seguida somente, o postulante figura este mesmo cadáver.

Mas, em raras exceções, os adeptos ignoram o valor espiritualista deste rito. O ritual ficou, mas a tradição extinguiu-se.

Aqueles que, em nossos dias, quiserem simplificar o ritual maçônico, desprendendo-o de um aparato que julgavam bastante inútil, tiveram razão, de seu ponto de vista, porque, se o sentido destas ações é obliterado, é perfeitamente supérfluo cumpri-las.

As experiências subsistem, mas elas perderam todo o seu valor iniciático, pois que se pede ao recém-chegado para guardar um segredo que se lhe não dá, pelo fato assaz simples de que ninguém o possui.

Os símbolos dos ensinamentos secretos foram guardados, mas não representam mais este renascimento que é o fim real da vida e dos estudos que deveriam preparar uma existência perfeita, libertando-nos do Porvir.

Em nossos dias a Franco-Maçonaria veio a ser inteiramente materialista, o que é completamente oposto à doutrina que ela pretende perpetuar.

Em suma, o simbolismo maçônico, tirado dos mais antigos rituais, é muito belo.

Do mesmo modo que certos agrupamentos gnósticos, o postulante à Franco-Maçonaria é comparado à pedra bruta, informe, que não tomará a sua forma definitiva senão pelas picadas do cinzel.

Deve aperfeiçoar-se, pois, e é por este meio que virá a ser o que deve ser: a pedra cúbica representando o iniciado. Esta pedra cúbica, própria para misturar-se àquelas que servirão para construir o edifício social, simboliza o papel do maçom, que deve ficar confundido na vida diária, fazer-se útil, incorporar-se com os outros maçons na obra durável que eles edificam.

Este edifício é simbolizado por um Templo que os franco-maçons erigem à gloria do Grande Arquiteto do Universo: DEUS.

É necessário, pois, que o postulante seja submetido a um ensinamento que o disponha a esta bela função.

Então, antes de receber a iniciação, o espírito do futuro adepto é a pedra bruta com as impurezas que o mancham.

Os emblemas do primeiro grau da iniciação serão, pois, os utensílios necessários de sua obra, à lapidação, ao desbastamento da pedra bruta: isto é, o malho e o cinzel.

O malho é a vontade; o cinzel o julgamento. A vontade pode ser dirigida em um sentido útil, mas se ela agir às cegas, arriscará a comprometer a própria ação que deseja fazer.

Todavia, é necessário querer com força e persistência, e é por isso que a vontade do futuro adepto é longamente experimentada e exercida.

Mas é preciso também que o juízo e a clarividência lógica dirijam os surtos muitas vezes inconsiderados da vontade: eis porque o postulante deve

exercer com continuidade, durante longos meses, este discernimento, sem o qual a vontade não é submetida senão à mais efêmera imaginação.

Não é senão quando chegou a tal estado, quando tiver nas mãos os dois instrumentos simbólicos, que o grau seguinte lhe é conferido. A pedra, uma vez polida, está bem longe de ser perfeita e imediatamente utilizável. O cinzel e o martelo não bastam. Eis porque o segundo grau é representado pelos utensílios que servem para dar à pedra, vagamente polida, uma aparência pura e nítida. Então, tudo concorre para ensinar ao franco-maçom a retidão e o ritmo, sem o qual nada de perfeito se estabelece.

Recebe a régua e o compasso, a alavanca e o esquadro, que não são mais as armas do pedreiro, mas as do arquiteto; que não são mais os utensílios daquele que trabalha somente no momento presente sem procurar compreender, porém que prepara uma obra durável. Régua, compasso, alavanca e esquadro são os instrumentos de trabalho de um espírito mais esclarecido que quer conceber o conjunto de um plano no qual colabora, que quer saber como se adaptarão as superfícies polidas e regulares que obtém, atacando a pedra com o cinzel, sob o impulso do malho.

No terceiro grau, o companheiro torna-se mestre. Guarda os emblemas dos graus precedentes, mas então compreende que ele deve ser útil à coletividade. É conduzido a estudar a construção da obra geométrica, a obra perfeita e durável, elevada por seus irmãos à glória de Deus.

Mas, atualmente, esta nobre ambição transformou-se em uma efêmera terminologia.

A tradição espiritualista perdeu-se na Franco-Maçonaria. Se a Ordem chega, modelando a pedra bruta, a criar um homem perfeito, não sabe mais qual o

verdadeiro fim a que deve levar esta perfeição. Aquele que foi purificado deveria, como nos santuários antigos, ser penetrado do fim da vida; deveria conhecer o que significa renascimento e os magníficos horizontes que este pensamento abre diante do espírito do adepto.

Porém, a noção dos renascimentos desapareceu totalmente dos ensinamentos maçônicos. A mais bela e mais útil obra iniciática foi esquecida.

Como todos os iniciadores, os fundadores da Franco-Maçonaria realizaram a necessidade de não confiar a todos a verdade tão útil, porém, que o vulgo não saberia compreender.

Portanto, velaram seu ensinamento, mas o fim achou-se coberto de véus tão espessos que o tempo, fazendo a sua obra, fez com que ninguém se lembrasse do que foi o objeto da iniciação.

Para compreender a evolução e as mudanças de um grupo iniciático desta importância, é necessário fazer aqui um histórico sucinto.

*

* *

A princípio, os maçons e pedreiros foram uma corporação das mais possantes e mais afamadas da Idade Média; por isso, encontramos sobre grande número de catedrais e monumentos, tanto civis como religiosos, os emblemas que acabamos de ver nos ritos dos franco-maçons. Como todas as corporações, esta possuía ramificações em toda a Europa. Tinha então, como hoje, insígnias e palavras de passe para que um intrujão não se fizesse hospedar por companheiros sob o pretexto de camaradagem.

Não era então senão uma espécie de empresa internacional limitada a uma só profissão e é um fato nitidamente averiguado, pois que encontramos

arquitetos estrangeiros levantando monumentos em França, como encontramos arquitetos franceses no estrangeiro. Naturalmente, os companheiros que se visitavam para se aperfeiçoarem no trabalho, consultavam-se uns aos outros e transmitiam oralmente os segredos de sua arte, para chegar a fazer obra mais perfeita que tenha saído da mão do homem.

Por essa razão, a maioria não assinava os seus trabalhos, considerando-os como uma obra coletiva.

Em certas épocas, especialmente em uma festa do santo patrono da corporação, os ágapes fraternais reuniam os maçons e eles se conformavam com os usos antigos.

É este o curso desta viagem?

Foi este o momento em que Filipe, o Belo, destruiu os Templários?

Não se sabe qual o momento em que um ideal iniciático se misturou ao sentimento corporativo.

Certos autores pensam que os Templários não foram estranhos a isso, porque eles haviam tirado do Oriente uma iniciação que inquietou a Igreja oficial e, quando desapareceram tanto quanto a Ordem, deveriam ser tentados a se velarem atrás de uma corporação poderosa, que esposasse seu ideal e seus rancores. Os Templários eram os Cavaleiros de São João e veremos que a Franco-Maçonaria não conhece outros Evangelhos senão o seu Evangelho Iniciático.

Um outro indício é o dos símbolos escolhidos que provêm do Oriente. Como no Oriente, encontramos o ser tal como a Natureza e a Sociedade o formam, figurado pela pedra bruta que deve sofrer o rude contacto dos utensílios antes de vir a ser utilizável. Não foi senão depois da ascese e da iniciação que a pedra bruta se tornou a pedra cúbica, o elemento material purificado e utilizado.

Nada é mais antigo do que este símbolo que foi dado pelo oráculo de Delfos como resposta a uma questão dos Samianos.

Enfim, o pensamento de construir um Templo a Deus conforme os dados em que o número goza um papel preponderante parece vir de Jerusalém.

Todavia, toda a fraseologia é tirada da corporação dos maçons e das fórmulas de companheirismo.

Primeiramente, a iniciação comporta três etapas de base ou graus:

O primeiro grau é o de aprendiz, que é aquele da criança, do principiante ainda ignorante da profissão que quer abraçar.

Depois, vem o grau de companheiro. Neste estado, o maçom conhece o mais importante do seu meio de ação, mas ainda não se fez conhecer por uma obra perfeita.

Enfim, sucede o grau de mestre, o maçom possui, neste momento, todos os segredos de sua arte.

Os emblemas são tomados igualmente em um simbolismo das ocupações.

No primeiro grau, graças ao malho e ao cinzel, o aprendiz desbasta a pedra informe.

No segundo grau, servindo-se da régua, do compasso, da alavanca e do esquadro, o companheiro tira do bloco da pedra bruta um cubo perfeito.

Enfim, no terceiro grau, o mestre se utilizará desta pedra cúbica, que virá a ser limpa e polida.

Esta pedra, junta às outras, servirá ao levantar-se o Templo ao qual ela está destinada de antemão.

O próprio Deus é o mestre mais perfeito, pois é o Grande Arquiteto do Universo.

Esta constante mudança, este aperfeiçoamento da pedra, este domínio de si mesmo que se obtém de grau em grau, é o salário, sempre aumentando segundo os méritos do maçom.

Ao abrigo destas aparências profissionais, vê-se, pois, que existiam elementos iniciáticos, porém este ensino foi muito transformado. Ao começo, era o mesmo ensinamento que encontramos em todas as iniciações, ensinamento adaptado às necessidades do Ocidente e da classe, aliás muito extensa, na qual era administrado.

Certamente, no começo da maçonaria, a teoria dos renascimentos fazia parte das revelações concedidas ao adepto. Não é, pois, efetivamente, o fim de todas as iniciações? Mas, em nossos dias, sob o efeito de uma ciência absolutamente materialista, a parte mais elevada da iniciação maçônica, a tradição das reencarnações desapareceu; a cadeia iniciática rompeu-se.

Como os antigos companheiros, os franco-maçons guardaram sinais e palavras de passe que lhes servem para reconhecimento em todos os países, apesar da diferença de línguas.

Estas palavras de passe e estas insígnias são as mesmas em todos os países.

*

* *

Vimos que os franco-maçons foram primeiramente um agrupamento corporativo que, após certos acontecimentos, tomaram uma direção iniciática,

conservando, para seu ritual e seus meios de reconhecimento entre irmãos, a antiga tradição dos velhos corpos da Idade Média.

Vimos, também, que esta iniciação é descoroada de seu mais alto conhecimento e que, se os maçons atuais conhecem em parte a significação dos símbolos de que se servem, guardando a lembrança da utilidade das experiências como um meio de julgar o caráter e o domínio dos adeptos, ignoram totalmente o elemento final que fez a glória dos Mistérios. antigos: o símbolo do grão de trigo posto na terra, a necessidade de morrer para renascer em uma vida mais elevada e mais perfeita.

De um centro iniciático, os Franco-Maçons atuais fizeram um organismo social que não é sem utilidade, pois ele teve o pensamento de estender a necessidade da educação pessoal a uma educação coletiva.

Mas este elemento generoso foi obscurecido por visões políticas, e o processo de educação não se conservou puro.

Longe de compreender, como as iniciações de que ela descende, a unidade de todas as religiões em um simbolismo apenas modificado pelos ritos e climas, a Franco-Maçonaria veio a ser um organismo de luta anti-religiosa, o que é antinômico com a tradição esotérica dos santuários.

É a primeira vez que vemos, sob o nome de iniciação, o cometimento de tais erros.

A Franco-Maçonaria quer impor as suas idéias e impô-las por meios violentos e de perseguição.

Muito longe destes processos está o de um Pitágoras ou de um Sócrates, que preferiu amar o mal do que praticá-lo.

Estes guardavam a alta direção do verdadeiro iniciado que pode e deve ser ardente em suas convicções, porém que não se reconhece jamais com o direito de violentar consciências; que pensa e deixa pensar livremente, sabendo que a verdade é imortal e que nenhum meio humano pode atingi-la.

Enfim, como chega a superstição quando a tradição se extingue, os ramos são multiplicados em detrimento da unidade do tronco; os ritos são complicados e deformados; as cisões são produzidas e as bases mais essenciais são discutidas.

*

* *

Antes de 1730, a Franco-Maçonaria não comportava senão dois graus. No século XVII, parece que as Lojas inglesas não tinham tido outro fim senão recrudescer em qualquer condição que fosse.

Em seguida, produziram-se numerosas modificações na doutrina e os ritos foram complicados em extremo.

Introduziu-se uma enorme quantidade de experiências que não se assemelhavam em nada àquelas das iniciações passadas e que não justificam nenhum esoterismo.

A princípio, não havia senão três graus na Franco-Maçonaria: Aprendiz, Companheiro e Mestre, que encontramos em todas as formas de maçonaria; mas, em muitos ritos, estes graus serviram de ponto de partida a muitos outros.

É assim que o Rito Escocês antigo aceitou 33 graus iniciáticos; o Rito de Misraim comporta 90.

Os três primeiros graus — aprendiz, companheiro e mestre — correspondem sobretudo às experiências que procedem na verdadeira tradição sagrada.

Se nos colocarmos sob o ponto de vista dos grandes iniciados, o maçom vem a ser mestre quando está prestes a receber o ensinamento, mas não o tem ainda recebido.

Além deste grau, começa, ou melhor, deveria começar a verdadeira iniciação.

Em algumas Lojas, nos séculos passados, o iniciado que havia ultrapassado estes graus recebia ensinamentos tocando certos lados das ciências psíquicas.

Que resta de tudo isso? Muito pouca coisa.

Nos ritos, cujos graus se elevam a mais de três, estes três primeiros graus se combinam facilmente.

É mais estrito e mais difícil no que concerne aos graus superiores, porque a verdadeira iniciação deveria começar com eles.

*

* *

No Rito Escocês antigo aceito, a iniciação é repartida em 33 graus iniciáticos. Estes graus são divididos em quatro séries:

- 1.^a — Graus simbólicos;
- 2.^a — Graus capitulares;
- 3.^a — Graus filosóficos;
- 4.^a — Graus superiores.

Os três primeiros graus — que são comuns a todas as iniciações — os de aprendiz, de companheiro e de mestre são Graus simbólicos.

Guardaram alguma coisa das tradições passadas. O aprendiz é submetido a experiências e seus estudos representarão para nós uma das palavras da Esfinge — Saber. O companheiro é submetido a experiências morais; sua iniciação corresponde à palavra Querer; o mestre é submetido a experiências intelectuais: deve Ousar e todos os três têm o dever comum de Calar.

Além disso, começa a segunda série, a dos Graus capitulares que, do 4.º grau (mestre secreto) e do 5.º (mestre perfeito) conduz até ao 18.º (sublime Príncipe Rosa-Cruz).

A terceira série, a dos Graus filosóficos, começa no grau 19.º; o Príncipe Rosa-Cruz vem a ser Grande Pontífice de Jerusalém celeste e conduz ao 30.º Grande eleito Cavaleiro Kadosch, perfeito iniciado.

Enfim, a quarta série compreende os Graus superiores, que vão do grau 31: Inquisidor inspetor comandante, ao 33: Soberano grande inspetor geral.

Dissemos que os três primeiros graus (aprendiz, companheiro, mestre), correspondendo às experiências antigas, não davam direito a um conhecimento profundo dos ensinamentos sagrados.

A princípio, estes ensinamentos deveriam começar pelo Grande Mestre secreto, mas constatamos com desgosto, na maçonaria moderna, que o Mestre não tem grande coisa a guardar e, de um grau a outro, quaisquer que sejam as preocupações dos membros da Ordem, pode-se dizer que, sob o ponto de vista iniciático, os elementos destes graus são totalmente ignorados por aqueles que o possuem.

O Rito: de Misraim tem 90 graus, divididos em 5 séries:

1.^a — Os Graus simbólicos;

2.^a — Os Graus filosóficos;

3.^a — Os Graus místicos;

4.^a — Os Graus cabalísticos.

O último grau — o 90.º — é o de Soberano, grande mestre absoluto.

Aflitos pela decadência da Franco-Maçonaria, alguns raros maçons, que conservavam a lembrança do antigo esplendor da Ordem, tentaram dar-lhe novamente o seu valor iniciático; seus esforços tenderam a renovar os elos da iniciação antiga.

Osvaldo Wirth diz: — *"O ritual francês de três primeiros graus foi progressivamente transformado em um verdadeiro primor de esoterismo. Para quem sabe compreender, ensina a conquistar realmente a Luz. Nenhum dos detalhes do cerimonial que ele prevê é arbitrário; tudo alcança, sendo o conjunto logicamente coordenado e cada parte dando lugar a interpretações do mais alto interesse. Não se saberia dizer tanto do ritualismo dos graus ditos superiores, que traissem freqüentemente, da parte de seus autores, uma ignorância deplorável em matéria de simbolismo. Por piores que eles fossem, estes graus não representavam nada menos do que uma utilidade prática..."* (Livro do Aprendiz).

Segundo Ragon, de quem Osvaldo Wirth tirou esta idéia, os três primeiros graus encerram três enigmas que se relacionam aos da Esfinge grega.

A primeira questão apresentada ao Aprendiz é: De onde viemos?

A segunda é apresentada ao Companheiro: Que somos?

A terceira é apresentada ao Mestre: Para onde vamos?

O futuro iniciado, semelhante a Édipo, deve responder a estas três questões, à medida que elas lhe são apresentadas e ele sai a seu modo desta experiência, sendo verdadeiramente digno se decifrar convenientemente os enigmas que seguem a sua iniciação.

Vê-se que a origem da Franco-Maçonaria, o elemento dos graus correspondentes verdadeiramente a este, foram os primeiros graus das iniciações antigas.

Porém, depois de muito tempo, como constata Osvaldo Wirth, os graus superiores não pesquisam mais ensinamentos que foram sua razão de ser.

O ensinamento supremo perdeu-se.

Tudo se limita a pesquisas curiosas ou simplesmente oratórias, as a alta iniciação, o grande pensamento dos renascimentos conduzindo à evolução suprema cessou, há muito, de fazer parte da iniciação maçônica.

Ela caiu do espiritualismo mais elevado ao mais deplorável materialismo.

Entretanto, depois do meado do último século, alguns grandes espíritos esforçam-se para reviver a tradição perdida, para entregar à Franco-Maçonaria todo o seu valor iniciático.

Eliphas Levi, Ragon, Estanislau de Guaita e Osvaldo Wirth conheceram esta tradição lentamente obliterada e se esforçaram por torná-la presente e sensível aos seus continuadores.

Depois de muitos anos, Osvaldo Wirth esforçou-se por levar uma luz pura sobre os mistérios complicados e inúteis da Franco-Maçonaria moderna; assim como ele mesmo diz, esforçava-se para "*tornar a Franco-Maçonaria inteligível a seus adeptos*".

É ele que, demonstrando a beleza iniciática dos primeiros graus, elucida a maneira pela qual devem resolver os três enigmas que lhes são respectivamente apresentados.

Não saberíamos entrar em um detalhe completo, sendo o espaço limitado em um estudo coletivo da tradição iniciática no tempo e nas religiões, mas percorremos rapidamente a senda que é traçada.

Como dissemos, os três estados correspondem sobretudo às experiências iniciáticas que, no Egito, precediam a verdadeira iniciação.

O primeiro grau é um estado de purificação. O aprendiz é submetido às experiências antigas que separavam o profano de suas antigas relações; conhecia por sua vez os subterrâneos obscuros, as experiências da água, do fogo e do ar.

No ensino iniciático é preciso assegurar-se em primeiro lugar se as forças físicas do neófito são capazes de suportar um certo esforço; se as qualidades morais são a experiência do medo e da tentação; se as suas faculdades intelectuais, depois de exercício necessário, podem suportar as idéias novas que precisará registrar.

É o estado da pedra informe, contendo todas as qualidades que lhe serão necessárias, contendo-as, porém, em potência.

É preciso desbastá-la de todo com o cinzel, que é o julgamento, o discernimento das qualidades boas ou más a conservar ou a eliminar, e é o malho, símbolo da vontade bem dirigida, que levará o cinzel sobre os pontos em que a sua ação é necessária, de tal maneira que a pedra adquira sumariamente a forma que ele precisará aperfeiçoar para vir a ser digno do edifício a construir.

O grau de companheiro, no esclarecimento primitivo, correspondia ao período da iluminação das iniciações antigas. Os dois utensílios que foram

entregues ao aprendiz lhe são ainda úteis, mas ele necessita ainda um mais nítido e delicado, para dar à pedra uma forma perfeita.

O esquadro, a régua, o compasso e a alavanca correspondem a esta obra.

Quanto ao símbolo de iluminação que o adepto recebe neste momento, é a estrela de cinco pontas, a estrela flamejante.

Esta estrela, colocada de tal forma que uma só ponta esteja para o alto, representa o homem aprumado, com a cabeça erguida para o céu. É a imagem do iniciado que tira das esferas superiores esta verdadeira luz que esclarece todo homem vindo a este mundo, mas não compreendeu aqueles que estão ainda nas trevas. Esta iluminação preparada por uma ascese apropriada, dá ao homem faculdades especiais, novos sentidos que o põem em contacto com as vibrações mais sutis do que aquelas às quais tinha o hábito de fazer apelo.

Infelizmente, para a Maçonaria atual, esta ascese não existe mais entre eles e os maçons cessaram de desenvolver em si mesmos o sentido intuitivo.

No terceiro grau, o de mestre, o maçom que recebeu a iluminação aprende a servir-se de seus poderes e de suas faculdades no meio da coletividade.

O fim primitivo da Franco-Maçonaria foi libertar o espírito de toda tirania. Depois de suas confusões com as autoridades eclesiásticas, então muito poderosas, ela guardou, infelizmente, o ódio. à Igreja e mudou em tirania anti-religiosa o que era outrora a sua força contra a tirania.

Era fazer exatamente o contrário do que ela necessitava.

Por isso, a Maçonaria entrava em decadência; desde o momento em que cessou de representar a liberdade, do momento em que esta mesma razão desapareceu, cessou de ser espiritualista.

Apesar de tudo, o mestre se viu diante do maior problema que possa inquietar o cérebro de um homem: — Para onde vamos nós depois da morte? — É neste momento que o iniciado entra na posse da verdade relativa às reencarnações; porém tudo isso perdeu-se.

Examinaremos, em breves detalhes, quais são atualmente as experiências maçônicas. Indicando o fim destas cerimônias assustadoras ou bizarras, e mesmo grotescas algumas vezes, veremos que estes gestos singulares, que hoje fazem sorrir e parecem super-nascidos, tiveram outrora a sua razão de ser e que bastaria explicá-los para que se encontrasse mesmo uma certa beleza.

Antes de abrir o ritual maçônico, estudemos o lugar onde se dá a iniciação: é a Loja.

Esta Loja, no pensamento daqueles que estabeleceram as características, é propriamente um símbolo; é a imagem do Universo; seu teto, uma abóbada azulada e constelada de estrelas, é a imagem do firmamento todo bordado de astros.

O outrora, os iniciados conheciam o sentido destes astros e o que eles podiam dizer àquele que obteve a ciência; mas, repetimo-lo, uma vez por todas, com raras exceções, esta tradição não existe mais.

O solo é o lajeado, coberto por grandes losangos brancos e negros, indicando para os iniciados nos altos graus a harmonia que nasce do equilíbrio dos contrários; para os adeptos de ordem inferior, este mosaico simboliza todas as raças, todas as doutrinas, todas as opiniões misturadas e unidas; é a imagem da fraternidade que deve reinar entre todos os homens.

O verdadeiro maçom — e isto deveria fazer refletir aquele que prega a opressão daqueles que não partilham de seu conselho — o verdadeiro maçom deve

assistir e esclarecer indiferentemente todos os homens, de qualquer raça, país ou religião a que pertençam.

No Oriente é uma estrada de três degraus onde se encontra a poltrona do venerável. Os três degraus dizem que ele deve ultrapassar os seus discípulos sobre os três domínios: físico, sentimental e intelectual; que está colocado acima deles como um exemplo antes de que como um mestre.

Deve-lhes o ensino, a luz do espírito; eis porque seu sítio apresenta como vindo do Oriente onde o dia nasce, porque é ele que esclarece os espíritos.

A terra é como a pedra bruta, símbolo do homem antes de sua iniciação.

A pedra tomará a forma geométrica à medida da iniciação do maçom.

A poltrona do venerável está sob um dossel. De um lado deste dossel, vê-se o sol, imagem da luz direta, que se espalha sobre o mundo conduzindo a vida e o calor.

Tal deve ser o iniciado.

Quando ele está de posse da luz, da verdade, dos poderes que a iniciação nele desenvolveu, deve fazê-los irradiar sobre o mundo, de tal maneira que todos tirem proveito e vantagem, porque ninguém recebeu o bem da iniciação senão para beneficiar aqueles que são menos favorecidos.

Do outro lado do dossel vê-se a luz, princípio passivo que melhor exprime a situação dos discípulos: a lua recebe a claridade do sol e ele a refletiu na noite. Do mesmo modo, o adepto que recebeu a palavra de seus superiores, deve, na medida de suas forças, irradiá-la sobre aqueles que ainda estão nas trevas. O aprendiz, o companheiro, o próprio mestre, devem receber a doutrina que lhe é dada com a alegre passividade com que a lua recebe os raios do sol, porque a razão torna-se assim seu patrimônio e a herança de todos.

De todos os lados, vêm-se diversos instrumentos de trabalho, aqueles que já tivemos ocasião de mencionar e o nível que é o emblema da igualdade social, sempre difícil de atingir, porém que floresceu nos grupos iniciáticos em que se deve ignorar toda a preocupação mercantil para não trabalhar senão pela sua evolução.

O Grau de Aprendiz

Detalhes das experiências que deve sofrer o postulante antes de obter o grau de aprendiz. — O profano se despoja primeiramente de todos os objetos de metal que leva. — A câmara de reflexão e sua decoração mortuária. — Quais são os deveres do homem? — O testamento; em que ele consiste. — O recipiendário é despojado de uma parte de suas vestimentas. — Por quê? — Batei e se vos abrirá.— A experiência da Terra. — A experiência do gládio. — A primeira viagem e experiência do Ar. — A segunda viagem e a purificação pela Água. — O atrito das espadas. — A terceira viagem comporta a experiência do Fogo. — O cálice de amargura e seu simbolismo. — A cadeia de união dos franco-maçons. — O juramento do segredo. — Eis aí a luz. — O aprendiz recebe as insígnias de seu grau. — Os sinais de reconhecimento e as palavras de passe do aprendiz maçom.— Importância da orientação nas cerimônias maçônicas. — O trabalho dos aprendizes.

Vejamos, rapidamente, em que consistem as experiências maçônicas.

Antes de tudo, tratemos das experiências do grau de aprendiz.

O profano que se apresenta na Franco-Maçonaria é introduzido em um lugar retirado em que ele deve despojar-se de todos os objetos de metal que traga: dinheiro, decorações, armas, jóias.

Esta cerimônia tem por fim advertir que ele deve ser desprendido de todas as coisas que têm um brilho enganador, porque este ouro, estes vãos atributos, não constituem o fim que o adepto deve atingir. Toda esta pompa é fictícia; tudo isso é o clarão da mentira, da ilusão. Não se constrange ao maçom fazer voto de pobreza; apenas deseja-se fazer compreender que o dinheiro deve ser considerado por ele como um meio e não como um fim.

*

* *

Desembaraçado de seus metais, o profano é introduzido numa sala isolada, chamada Câmara de reflexão. É levado a esse gabinete com os olhos vendados e é somente aí que se lhe tira a venda.

Esta câmara de reflexão é um lugar inteiramente sinistro. As paredes são completamente negras e, como decoração, não apresentam senão esqueletos, cabeças de mortos e lágrimas como se vêem sobre as cortinas funerárias.

Vêem-se também uma foice, um galo e uma ampulheta.

O símbolo da foice é fácil de compreender; é ainda o pensamento da morte. Entre o galo e a ampulheta lêem-se as palavras: Vigilância e Perseverança.

O galo significa que ele deve meditar: *"Sou eu quem desperta o dia; não percas um instante, cuida em tornar-te perfeito. Vigia os teus defeitos, corrige-te, porque o momento está próximo em que receberás a Luz e deves ser digno. Esta Luz é o verdadeiro dia, a aurora imortal. Sê puro para saudá-la"*.

A ampulheta, que foi o primeiro relógio, diz àquele que vem: *"O tempo passa ainda mais depressa do que a minha areia; sê perseverante em tua ação; sabes tu quanto tens para concluir?"*

Em torno destes objetos traçados sobre as paredes, para inspirar ao profano salutareis reflexões, acham-se as seguintes palavras:

Se é a curiosidade que te traz aqui, volta!

Se temes ter descobertos os teus defeitos, sentir-te-ás mal entre nós!

Se és capaz de dissimulação, treme, porque te penetraremos e leremos o fundo de teu coração!

Se tens apego às distinções humanas, sai, porque não se conhece isso aqui.

Se a tua alma sentiu medo, não vás mais longe! Se perseveras, serás purificado pelos Elementos, sairás do abismo das trevas e verás a Luz!

Poder-se-á exigir de ti os maiores sacrifícios, mesmo o de tua vida; és capaz de fazê-los?

Portanto, pode pensar aquele que está encerrado nesta câmara que não é preciso vir a este lugar senão para saber o que se passa. O que se deve fazer, então, é um esforço contínuo para a Sabedoria. A obra que se empreendeu é real e séria. É preciso, antes de tudo, conhecer seus defeitos com a firme resolução de se desembaraçar deles e de os substituir por qualidades; é uma completa reforma que pode tomar muitos anos.

A mais notável das qualidades é a franqueza.

A dissimulação é aqui imputada como um crime; é preciso que toda palavra dita exprima claramente o pensamento daquele que a emite: não há mentira entre irmãos.

E a prova que tudo é fraternidade nesta associação é que todas as distinções humanas desaparecem; um adepto deve ser modesto.

Que são estes ridículos muchochos de vaidade para aquele que encontrou a verdadeira senda?

Portanto não é preciso estremecer moral ou fisicamente.

Certamente terá dificuldades na obra empreendida, mas com a perseverança que possui aquele a quem o preço do tempo foi revelado fá-lo-á caminhar para o seu fim, para a Luz!

A sala de reflexão é mobiliada do modo mais simples possível; um banco é todo o seu mobiliário. Para acalmar a fome e a sede: um pão grosseiro e uma taça de água. Um adepto não tem tempo a perder em refinamentos de gulodice, e o motivo está nisto: muito próximo da taça está uma caveira e ossadas que dizem quanto o tempo passa e o que ele pode fazer de nós.

Se o recém-chegado tem convicções religiosas, o Evangelho segundo São João está também sobre a mesa. É um resto do tempo em que a iniciação verdadeira existia na Maçonaria. O Evangelho de S. João é, como vimos, a revelação esotérica da doutrina de Jesus.



Figura 7: Os emblemas funerários da câmara de reflexão.

O fim desta curta reclusão é levar o novo adepto a cuidar daquilo que ele quer fazer, não considerando a Franco-Maçonaria como uma espécie de limite.

O adepto deve morrer para o mundo, separar-se — ao menos na parte de sua vida que consagra a estes estudos — das preocupações cotidianas.

Uma vez na Loja, deve morrer para estas preocupações mundanas e mercantis e começar uma outra existência no sentido que as inscrições das paredes permitem perceber.

*

* *

O postulante fica durante um certo tempo nesta sala. Deve refletir sobre os objetos que estão sob as suas vistas e o resultado de suas reflexões é-lhe perguntado na forma especial que vamos descrever.

Sobre a mesa, forrada de um tapete branco, o postulante encontra um tinteiro, uma caneta e um papel no qual estão escritas três questões, às quais tem o dever de responder:

Quais são os deveres do homem para com sua pátria?

Quais são os deveres do homem para consigo mesmo?

Quais são os deveres para com seus semelhantes?

Depois desta questão, há um grande espaço em branco, sobre o qual o novo Édipo deve inscrever as suas respostas. Não é sem custo que aquele que se encontra nesse asilo recolhido dá uma palavra a cada um destes enigmas. Mesmo aquele que sabe que este aparelho mortuário não custou a vida de ninguém, não deixa de experimentar uma certa inquietação, tanto que, voltando o papel entre as mãos, examinando-o antecipadamente, o postulante encontra a palavra TESTAMENTO, inscrita em grandes e negros caracteres, acima de um grande espaço branco, que é necessário preencher.

O postulante deve, pois, fazer seu testamento.

Este testamento não é a disposição de seus bens depois de sua morte, mas um testamento filosófico, no qual ele renuncia à sua vida passada; é um ato ao

termo do qual se dispõe a outras concepções e a uma vida que se harmoniza com os elementos novos. São estas as concepções: as que tinha e que abandona, as que adota e a que conserva como projeto de sua vida futura, segundo as leis preparadas pelas reflexões de hoje, que o postulante deve escrever.

Além disso, foi prevenido ao entrar no gabinete de reflexão; o irmão que o introduziu e o despojou da venda que lhe tapava os olhos, diz-lhe, libertando-o:

"Breve passar eis para uma vida nova... Respondei por escrito às questões que vos são apresentadas e fazei o vosso testamento".



Figura 8: Depois de ter leito o seu "testamento", o candidato ao grau de aprendiz é despojado de uma parte de suas vestimentas.

Aí se acham, em grande quantidade, detalhes ritualísticos que deixamos de descrever por falta de tempo e de espaço. Entretanto, merecem reter algum tempo a nossa atenção.

*

* *

Vimos que o postulante foi despojado de todos os objetos de metal que estavam em seu poder.

Agora vai despojar-se de uma parte de suas vestimentas. Isso não deixa de parecer ridículo aos espíritos superficiais; entretanto, o simbolismo deste gesto é notável.

Quando o grão é posto na terra para morrer, na aparência, ele vai começar um novo ciclo e ainda que pareça destinado a morrer na sombra e na espessura do solo, contém em si mesmo todas as possibilidades de vida.

Neste momento em que ele parece morto, não perde a sua camada; o postulante deve imitar o grão de trigo que já tivemos ocasião de encontrar nos Mistérios de Elêusis.

Vai sair da câmara de reflexão e, para passar a uma outra sala, vai ser privado de uma parte de suas vestimentas.

Nos Mistérios, os hierofantes deviam explicar aos iniciados o mito do grão que se fende, brota e renasce à superfície do solo para recomeçar um novo ciclo, com tanto ardor que cada primavera parece surpreender a terra pelo brotar espontâneo de tantos germes, mortos em aparência e, entretanto, vivos. E' o ponto que os franco-maçons tomavam.

O recipiendário mostra-se decidido em aceitar a nova vida que lhe é feita. Põe-se sob a terra, não materialmente, mas nessa espécie de túmulo que é gabinete de reflexão.

Está morto na sua vida; ele a deixou, pois o seu testamento é tudo o que parece sobreviver do homem que foi. O grão se despoja e fende a casca. Eis porque o recipiendário, antes de deixar no túmulo o corpo — ou o que o representa — vai ser despojado de uma parte de suas vestimentas.

Seu aspecto é, então, assaz bizarro. A perna de sua calça é erguida alto do lado direito e a meia abaixada, de maneira que o joelho direito esteja descoberto. O pé esquerdo está completamente descalço. Vendam-se os olhos do neófito e do companheiro.

Por que despi-lo assim?

O coração posto a descoberto exprime o sentimento de franqueza, do qual já encontramos referências entre as inscrições das paredes.

Um franco-maçom não deve ocultar aos seus irmãos os mais secretos pensamentos de seu coração e seu braço deve trabalhar a descoberto, livremente, francamente, na obra comum.

O joelho direito é aquele que dobra e toca o chão em sinal de adoração. E' preciso que este gesto de adoração seja feito com completa sinceridade e não como uma odiosa simulação.

Quanto ao pé esquerdo, nota as origens orientais da Ordem. Nota-se que os Orientais se descalçam para entrar em seus Templos, do mesmo modo que o franco-maçom dá este sinal de respeito antes de entrar na Loja: não descalça senão o pé esquerdo; é o lado passivo.

*

* *

É somente neste momento que é permitido ao postulante bater à porta da Loja. Bate fortes pancadas que se relacionam com as palavras evangélicas: "*Batei e abrir-se-vos-á*". A porta abre-se, deixando-o passar com os olhos vendados.

A voz do venerável pergunta-lhe o que quer.

Expõe, então, o seu desejo de entrar na Franco-Maçonaria e responde a todas as perguntas que lhe são apresentadas; é preciso provar que é um homem livre e de bons costumes. São as únicas condições reclamadas para a sua aceitação. É, pois, admitido e a porta que estava entreaberta abre-se com ruído. Ele está no Templo, porém, para atravessar o limiar, o profano deve curvar-se até ao chão.

Esta idéia é tomada da iniciação egípcia.

Vimos que, no antigo Egito, o neófito devia rastejar nos corredores e subterrâneos sufocantes, antes de entrar nas vastas salas dos hipogeus. Era a experiência da Terra.

Precisaria, depois, sofrer as experiências do Fogo, da Água e do Ar — os quatro elementos dos hermetistas.

Esta primeira parte da iniciação corresponde ao inverno no ciclo do ano, e no curso da vida humana à vida fetal que se passa em segredo no seio materno.

A criança, que é chamada à luz, vive nove meses sem luz; assim, o futuro adepto deve ser privado de claridade e de força até o momento em que a luz e a força lhe forem concedidas.

*

* *

O recipiendário, introduzido no Templo, continua a ter os olhos vendados. Não é ainda adepto, nem mesmo um aprendiz; nada sabe; ainda não vê; não lhe é permitido senão sentir.

É o que significa a experiência do gládio.

A ponta de uma espada nua está dirigida para o peito do recipiendário. Antes de lhe confiar o segredo, faz-se sentir ao profano qual será o castigo de sua traição, se ele for tentado a cometê-la.

Produzida tal sensação, o venerável apresenta questões àquele que vem para ele, pergunta-lhe se refletiu bem o que é a Franco-Maçonaria, que idéia fez e, segundo as respostas que manifestam o resultado de suas meditações, o postulante é interrogado sobre a sua intrepidez em sofrer as rudes experiências, às quais deverá ser submetido.

Diante da sua resposta afirmativa, começam imediatamente as viagens através das experiências.

A primeira viagem — para empregar a expressão maçônica — é a do Ar, reminiscência das iniciações egípcias.

O recipiendário deve dirigir-se às apalpadelas entre os obstáculos que deverá vencer; tendo os olhos vendados será guiado, no seu trajeto, como a criança que tem necessidade de ser sustentada para fazer os seus primeiros passos.

Este apoio, indispensável ao neófito, mostra que nos debatemos às cegas na vida e que não poderemos chegar a coisa alguma se não recebemos a assistência daqueles que são mais adiantados na senda. Destes, temos tudo que aprender e, o que temos a fazer, teremos sempre a maior necessidade de pessoas mais evolucionadas que nós.

O recipiendário parte do Ocidente, passa ao Norte e, pelo Sul, refaz a sua entrada no Templo. O Norte implica as dificuldades consideráveis que são simbolizadas pelas rudes geadas do Norte. Além disso, emboscadas estão semeadas sob os passos do viajante. Deve galgar uma altura e, quando chega depois de longas fadigas, e apenas respira sobre o cume abrupto, é assaltado por um violento furacão; ronca o trovão, o solo treme, o granizo cai, enfim, um vento furioso se levanta ao qual é difícil enfrentar. O recipiendário é sempre guiado; o vento tempestuoso toma-o no seu turbilhão; sente-se transportado no espaço e rola no ar agitado, até o lugar de que partirá. Este vento corresponde à experiência do ar da iniciação egípcia. O vento afasta as impurezas do trigo e de outros grãos quando eles são colocados em lugar de sopro de ar; assim o homem, transportado pelo sopro do espírito, é purificado de suas impurezas.

Oswaldo Wirth, no seu Livro do Aprendiz, faz-nos conhecer a conclusão de sua primeira viagem:

"Sob o ponto de vista moral, a primeira viagem é o emblema da vida humana — o tumulto das paixões, o choque dos interesses, as dificuldades das empresas, os obstáculos que se multiplicaram sob os nossos passos de concorrentes apressados, prejudicando-nos e sempre dispostos a nos achincalhar, tudo isso é figurado pela irregularidade do caminho que o recipiendário percorreu e pelo ruído que se faz em torno dele".

"Sobe com dificuldade uma altura da qual cairia no abismo, se um braço protetor não o tivesse amparado. Isso

indica como, isolado, entregue aos seus recursos individuais e unicamente preocupado em vencer na vida, entregando-se muitas vezes a um trabalho insano para não colher senão ruína e decepção, torna-se egoísta. O egoísmo é um guia enganador que traz as mais amargas e mais desastrosas torturas".

É durante a segunda viagem que se realiza a purificação pela Água. Nenhuma purificação foi mais usada nas iniciações antigas. Vimo-la no Egito. Encontramo-la na Judéia com o batismo de João, que a retomou na Igreja cristã. Vimos, também, que uma Imersão total precedia à iniciação dos Mistérios de Elêusis.

Depois do tumulto dos elementos que terminou a primeira viagem, eis aí que, ao termo da segunda, um atrito de espadas se faz ouvir. Este ruído é produzido pelos membros da Loja, para significar os combates que o adepto deve sustentar contra as forças maléficas. Se quiser ir mais longe, serão os combates do Sábio contra os apetites, os egoísmos, que ele é chamado a vencer para merecer a iniciação.

Não houve iniciação que não tivesse vencido o mal.

É depois deste combate simulado que se faz a purificação pela Água. Em certos ritos, contenta-se em mergulhar na água a mão do recipiendário. A mão esquerda é sempre a mão passiva; eis porque o simbolismo pode indicar que a purificação desta água deve ser aceita com toda a sinceridade; de qualquer maneira, esta purificação do corpo é a imagem da purificação da alma, primeiro resultado da iniciação.

*

* *

A terceira viagem é a que comporta a experiência do Fogo. Nenhuma experiência é mais qualificada para notar as tradições do Egito.

Vimos que, no interior da Pirâmide, o adepto devia fazer seu caminho no meio dos braseiros. O cerimonial maçônico simplificou esta experiência; entretanto, o recipiendário deve atravessar um tríplice círculo de chamas; é por três vezes envolvido em um manto ardente.

É fácil discernir o simbolismo desta experiência. O iniciado deve chegar ao completo domínio de si mesmo. Deve, assim como a salamandra, viver entre as chamas, sem sentir os seus efeitos; estas chamas são as paixões humanas. Não as destrói todas, mas entre elas estão as magníficas energias, as mais intensas, e os mais raros heroísmos; deixa-se penetrar pelo calor que se desprende sem queimar; mas não se avilta nunca.

Sabe que a paixão é, muitas vezes, as asas do entusiasmo e que o entusiasmo cego é o único que pode ser perigoso.

Se o entusiasmo é esclarecido por uma inteligência superior, não há força de que se possa tirar maior partido; só ele dá a fé aos mártires; só ele comunica este ardor do coração sem o qual não se saberia fazer nada de grande. O adepto mesmo não deve ser frio, mas deve saber escolher os seus entusiasmos; deve deixar que sua alma tome o vôo em direção de tudo o que é generoso e sublime. A piedade deve tomar em seu coração proporções de um amor; deve correr em socorro de seus semelhantes, como correria para as alegrias.



Figura 9: Recepção do grau de aprendiz na Loja da Franco-maçonaria Escocesa.
a) venerável da Loja; b) 1º vigilante; c) 2º vigilante; d) orador; e) secretário; f) tesoureiro; p) visitantes; h) mestre de cerimônias; i) candidato; j, k) 1.º e 2.º experimentados; l) membros da Loja; m) guarda do templo. (Segundo Bernardo Picard.)

Vitorioso entre as chamas, o postulante é submetido a uma nova experiência: à do cálice de amargura.

Apresenta-se primeiramente ao postulante uma bebida doce — geralmente açucarada — que o recipiendário deverá esvaziar até o fim. Mas esta bebida é substituída por uma bebida amarga.

Esta mudança não deixa de surpreender desagradavelmente ao recém-vindo. É a ocasião em que o venerável mestre da Loja aproveita para explicar ao futuro maçom o símbolo deste cálice de amargura.

A vida vem a ser doce ao adepto, mas quantas amarguras esperam aqueles que traem seus irmãos!

Fora da Loja, este cálice de amargura é a imagem da sorte que, freqüentemente, é prometida ao iniciado. Se ele tem ambições egoísticas enquanto

procura a Sabedoria, será frustrado em suas esperanças; mas esse não deve ser o seu fim.

Se a vida lhe reserva ainda novas amarguras, deverá ficar calmo e resignado.

Se cumpriu verdadeiramente a filosofia iniciática, a adversidade passageira deste mundo não poderá abatê-lo; a ingratidão e a maldade dos homens não devem surpreendê-lo. Ele sabe o que pode esperar desta vida; não se surpreende nem se mostra indignado. Esquece as injúrias que lhe foram feitas na cólera ou em outra paixão, como se esquecem as palavras de uma criança ou de um ébrio, sentindo mesmo um pouco de piedade por quem as pronunciou.

Oculto em seus pensamentos, o Sábio não sente mais amarguras: encontrou a serenidade.

Depois de diversas experiências, o recipiendário é, enfim, admitido. Entra ele na cadeia de união dos franco-maçons.

Desde então, é seu dever fazer ato de solidariedade, associando-se às obras de beneficência que praticam os outros membros da Ordem.

Faz um donativo voluntário proporcionado a seus meios e cuja quantia é abandonada à sua liberalidade e a seus recursos. A cifra deste donativo voluntário não deve ser conhecida dos outros irmãos.

O primeiro dever do iniciado é assistir seus irmãos e fazê-lo discretamente, não tendo nenhum fim pessoal na manifestação de sua solidariedade.

Feito isso, o iniciado é conduzido diante de um altar onde ele se liga por laço solene e promete guardar, sob a condição do segredo mais absoluto, todas as

revelações que lhe serão feitas; todos os segredos da Franco-Maçonaria podem ser-lhe confiados, porque não deixará coisa alguma no domínio dos profanos.

Diante do mesmo altar, o iniciado promete aplicar as suas forças e toda a sua inteligência à pesquisa da verdade, consagrar-se inteiramente ao triunfo sublime da justiça, amar seus irmãos e assisti-los segundo os seus meios, e submeter-se às leis que regem a Franco-Maçonaria.

Enfim, sempre na forma de juramento, dispõe-se a sofrer qualquer suplício e mesmo a morte, se for criminoso por faltar aos seus deveres.

A Luz é-lhe concedida!

*

*

*

Ao sinal dado, tira-se a venda. Acha-se ele no Templo todo iluminado; mas, apesar deste aspecto de festa, seu temor é patente diante desses novos objetos; rodeiam-no todos os irmãos, com as espadas para seu peito. Por que esta ameaça? Não é uma ameaça, mas eles querem fazer compreender que estão todos unidos contra o perjuro e que todos não formam senão um, quando for necessário castigar.

O iniciado dirige-se para o Oriente. Põe o seu joelho em terra e a perna esquerda em esquadro com a direita.

Em sua mão esquerda tem um compasso aberto cujas pontas dirige para o seu próprio seio, ao passo que a sua mão direita está colocada sobre a espada do venerável. Este mesmo gládio repousa sobre os estatutos da Ordem.

Põe-se completamente à disposição de seus chefes, afirmando-lhes que é inútil usar de suas armas, pois está prestes a fazer justiça em si mesmo se vier a contrariar as leis que solenemente aceitou.

Neste tempo, o venerável, diante dos elos que acabam de ser confirmados, toma o gládio com a mão esquerda, estende-o sobre a cabeça do recipiendário e pronuncia a fórmula de consagração, batendo três vezes o martelo sobre a lâmina.

Com seu gládio toca, depois, as espáduas do neófito e, levantando-o, dá-lhe uma cutilada, saudando-o pelo nome que terá somente entre os maçons: "*Meu irmão*".

Recebeu ao mesmo tempo as insígnias do grau de aprendiz: a plaina (emblema do trabalho) e dois pares de luvas brancas.

Estas são para ele, em sinal de pureza, sempre brancas, porque simbolizam os seus pensamentos e intentos.

Outra deve ser a oferta do iniciado à mulher que ele mais ama.

Realizado este rito, o novo iniciado recebe a comunicação das palavras, sinais e toques que o farão reconhecer pelos outros maçons; enfim, o vigilante lhe faz executar, em um retângulo desenhado na terra, o andar especial ao seu grau e que provém, sem dúvida, de uma antiga dança ritual, caída em esquecimento. E', então, proclamado membro ativo da Loja.

*

* *

Os sinais de reconhecimento de aprendiz são de duas espécies: antes de tudo, o sinal de ordem: a mão direita espalmada sob a garganta, os quatro dedos reunidos e o polegar afastado em esquadro. O sinal de reconhecimento, propriamente dito, é mais complexo. A despedida, o aprendiz acha-se na mesma posição, direita, em esquadro diante da garganta. Em seguida, o aprendiz, imitando o gesto de apertar a garganta, desloca a mão horizontalmente para a sua espádua

direita e a deixa recair docemente ao longo do corpo, descrevendo assim no ar um esquadro.

Este gesto é ainda um protesto de fidelidade para com aqueles que o admitiram em seus ritos iniciáticos.

O aprendiz preferiria ter a garganta decepada do que revelar o mínimo que fosse do que lhe foi confiado. É sempre a grande preocupação maçônica do segredo guardado e do juramento que não deve nunca ser transgredido, sob pena de morte.

No Rito francês, o aprendiz tem uma palavra de passe: Tubal-caim. Deve dizê-la quando se lhe pergunta.

A palavra sagrada é tirada dos nomes das colunas dos Templos de Salomão, mas varia segundo os ritos. No Rito francês, a palavra sagrada é Bohaz, e no Rito escocês: Jakin.

*

* *

A orientação é cuidadosamente observada nos ritos e cerimônias da Franco-Maçonaria. Na maioria das vezes, está-se voltado para o Oriente, e a razão é fácil de ser deduzida.

O recém-chegado vai para este ponto, porque é do Oriente que nos vem a luz, e é a luz que ele pede.

Nas iniciações antigas, os edifícios do culto eram sempre voltados para o Oriente; do mesmo modo como o é hoje para as igrejas. Assim, os fiéis e o sacerdote reunidos estavam sempre voltados para o Leste durante as cerimônias.

Como o Sol, o mestre da Loja, cujo dever é espalhar a luz, volta-se para o Oriente. A aurora levanta-se neste ponto do céu; do mesmo modo quando se abrem

as sessões, o venerável sobe para o seu estrado e senta-se na sua poltrona para dar sinal aos trabalhos do dia.

Os vigilantes, que estão encarregados da boa execução dos ritos, colocam-se, ao contrário, ao lado do Oeste.

É pelo ocidente que a luz nos deixa; é ao poente que se encontra a porta pela qual os adeptos sairão; a luz recebida não deve sair com eles; o segredo deve ficar no Templo.

Os aprendizes maçons são colocados ao Setentrião, porque é a parte do céu menos esclarecida, porque a sua instrução é ainda limitada.

Não será senão com os outros graus que eles terão acesso para a luz, a mais completa.

*

*

*

O trabalho dos aprendizes, que é o aperfeiçoamento de sua personalidade, é assim descrito pelo ritual: *"Eles trabalham em desbastar a pedra bruta, a fim de que a despoje de suas asperezas e a aproxime de uma forma em relação com o seu destino"*.

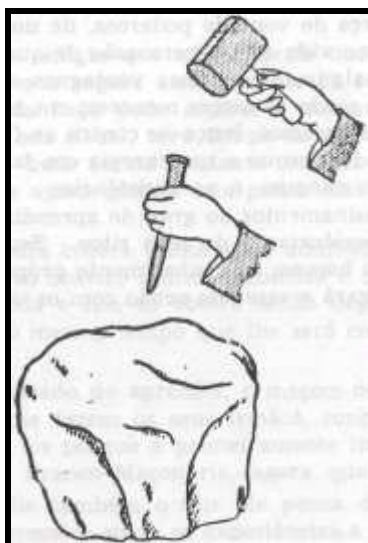


Figura 10: Símbolos do grau de aprendiz.

Armado de malho (vontade) e do cinzel (julgamento), o aprendiz deve, ao primeiro grau de sua iniciação, desbastar a pedra bruta. Desta pedra bruta, imagem do ser humano não iniciado, deverá ter, no grau seguinte e graças a novos utensílios, uma pedra cúbica.

A pedra bruta, como vimos, é o homem tal como o tem feito a natureza e a sociedade; é ainda completamente penetrado de ma teria e seu julgamento adormecido é falsificado pela anteposição dos interesses materiais e pelas paixões.

É, pois, o aprendiz que vem apenas compreender quanto está afastado do ideal que ele deseja atingir e aproximar-se deste ideal, despojando-se de suas imperfeições.

Dois utensílios lhe são entregues para isso: o malho e o cinzel.

O cinzel é o julgamento, mas o julgamento é sem ação, do mesmo modo que é sem força, se o malho não lhe presta o seu rude apoio.

Este malho é a vontade quando é bem dirigida. Um não pode passar sem o outro e o seu desenvolvimento criou já um feliz equilíbrio na personalidade do aprendiz.

Se o malho existisse só, seria uma força cega que, batendo sobre a pedra, a quebraria em mil pedaços em lugar de lapidá-la.

A vontade é uma força admirável, mas também se ela não for conduzida por um juízo esclarecido, será má, tanto para aquele que a possui, como para aqueles que sofrem os seus efeitos.

O arrivista é um perfeito exemplo deste fato. É geralmente dotado de uma força de vontade poderosa, de uma tenacidade opiniátrica; lança-se na vida com a persuasão de que coisa alguma lhe resistirá. Obtém algumas pequenas vantagens e, depois, maiores, porque não se liga senão às forças menores; em seguida,

encorajado por estes pequenos sucessos, lança-se contra as forças superiores à sua e recai quebrado, porque a sua energia era falha de julgamento para pressentir os choques e as resistências.

Tais são os ensinamentos do grau de aprendiz. Tal é o simbolismo de suas experiências e de seus ritos. Seu fim aparece-nos claramente: leva o homem ao conhecimento próprio, a aperfeiçoar-se, porém não chegará a esse fim senão com os utensílios confiados ao companheiro.

O Grau de Companheiro

Interrogatório do Aprendiz que aspira ao grau de Companheiro. — O Aprendiz concluiu o seu tempo e seu Mestre está contente com ele. — A primeira viagem. — O malho e o cinzel. — Os cinco sentidos. — A segunda viagem. — A régua e o compasso. — As quatro principais ordens de arquitetura e seu simbolismo. — A terceira viagem. — A régua e a alavanca. — As artes liberais e o que elas devem ensinar aos companheiros. — A quarta viagem. — O exemplo de Solon, Sócrates, Licurgo e Pitágoras. — A quinta viagem. — A estrela flamejante e a iluminação ultima. — Os sinais de reconhecimento e as palavras de passe do companheiro.

Depois de um estágio que não poderia durar mais de cinco meses, o aprendiz que seguiu assiduamente as reuniões do atelier e as assembléias da Loja pode aspirar a tornar-se companheiro. Com seu malho e seu cinzel, teve tempo de dar à pedra bruta de sua personalidade uma forma bastante vizinha daquela que ele deve ter, mas sabe agora quanto esta pedra está longe do que ela deve ser.

Para que a pedra cúbica venha a ser admitida nos alicerces do Templo, é preciso ao obreiro muitos trabalhos e conhecimentos que ele não possui ainda e não os obterá senão depois das experiências necessárias, ao mesmo tempo que lhe será conferido o grau de companheiro.

Durante seu estado de aprendiz, o maçom deve pensar e instruir-se sobre o que fazem os seus irmãos, conhecer suas aspirações e esperanças; eis porque é primeiramente interrogado sobre o que ele pensa da Franco-Maçonaria, agora que nela entrou.

Pergunta-se-lhe também o que ele pensa de sua iniciação e quais são suas impressões sobre as experiências a que foi submetido antes de vir a ser aprendiz.

Este interrogatório tem por fim saber qual é a inteligência do aprendiz.

A observação que ele exerceu desde que entrou na Ordem desvenda claramente as suas faculdades. Apresentam-se-lhe questões que o constroem a julgar-se, a mostrar se compreenderá o simbolismo e se é possível confiar-lhe os segredos.

Eis aí um resto da tradição, porque a Franco-Maçonaria, como já vimos, tem agora muito poucos segredos iniciáticos a ensinar.

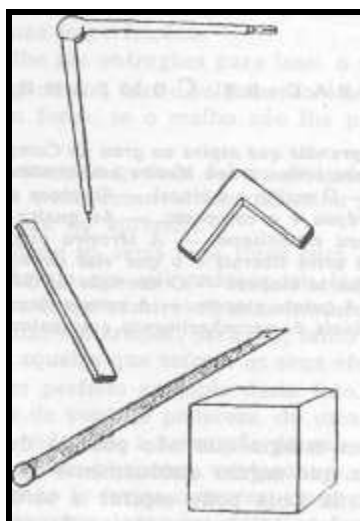


Figura 11: Símbolos do grau de companheiro.

Além do martelo (vontade) e do cinzel (julgamento), que são os utensílios do primeiro estado, o companheiro tem necessidade da alavanca, da régua, do esquadro e do compasso, símbolos das qualidades que deve adquirir (perseverança, retidão medida, circunspecção). Com estes novos utensílios, tirará do bloco de pedra informe (o sei humano antes da iniciação) uma pedra cúbica (símbolo do iniciado).

Para ser admitido como aprendiz é preciso possuir qualidades de reflexão, trabalho, bons costumes. Mas, em seguida, pede-se mais; observa-se se o despojar dos metais simbolizou bem para ele o desprendimento dos bens materiais; se ele adquiriu realmente, senão o desprezo das riquezas, ao menos um apego menos intenso ao interesse.

É preciso também que tenha tomado o hábito da reflexão sobre as coisas deste mundo, da meditação sobre as grandes idéias.

Deve aprender a descer em si mesmo para penetrar a sua natureza, a perscrutar as qualidades e os defeitos que se ocultam no fundo de sua consciência como a Verdade em seu poço.

É sobre estas respostas que o aprendiz é julgado e que se lhe pode interpelar se ele está no direito de pedir um adiantamento.

Neste caso, é o mestre da Loja que faz esta proposta, mas, antes que seja estabelecido sobre ela, é preciso que o futuro companheiro faça um exame muito detalhado de todos os outros aprendizes, e que responda perfeitamente a todas as questões que lhe são apresentadas, relativas ao que é ensinado aos aprendizes.

*

* *

Depois deste exame, é indispensável, segundo o ritual, que o interlocutor obtenha uma espécie de certificado oral do mestre de sua Loja que deve dizer em termos próprios que o Aprendiz fez o «eu tempo e que seu Mestre está satisfeito com ele.

O aprendiz não se apresenta mais com a humildade que lhe era imposta quando era um simples profano.

Se naquele momento devia penetrar no Templo com os olhos vendados, a cabeça abaixada, o corpo curvado quase junto à terra, apresenta-se agora em atitude altiva.

Quando é chamado, dá três passos simbólicos e se afasta, ereto, de cabeça erguida, entre os dois vigilantes que se mantêm ao dois lados, junto das colunas de Jakin e de Bohaz.

A coluna de Jakin é vermelha; a coluna de Bohaz é branca. Elas simbolizam o equilíbrio dos contrários, cujo resultado é a perfeita harmonia.

A coluna de Jakin representa o princípio masculino, a Força, o Homem, o Sol, tudo o que é ativo e positivo.

A coluna de Bohaz representa o princípio feminino, a Beleza, a Luz, a Mulher, tudo o que é passivo e negativo, tudo o que não é de uma vida pessoal, mas irradia uma força recebida para transmiti-la em torno de si.

Explica-se, então, ao postulante que as experiências que têm precedido à sua admissão ao grau de aprendiz, experiências de purificação, tinham por fim torná-lo capaz de ver a luz.

Seus olhos, efetivamente, foram vendados durante todo o curso de suas "viagens" e não é senão à sua verdadeira recepção, depois da experiência que revelou as suas qualidades e lhe foi tirada a venda dos profanos, que é admitido a ver o que é autorizado aos irmãos.

Mas todo este trabalho não é senão uma obra negativa; destrói no adepto o profano que foi.

Presentemente, ao segundo estado iniciático, convém fazer obra positiva; é preciso construir; é preciso criar uma personalidade nova; é preciso dirigir seus atos como seus pensamentos: é o papel do companheiro.

Depois de destruído o edifício informe e grosseiro, é preciso edificar um outro que esteja conforme o plano eterno.

É preciso fazer obra social, mostrando-se verdadeiramente digno do grau que vai receber.

Colocam-se aqui cinco experiências ou, para falar como o ritual, cinco viagens que são requeridas do companheiro, antes de sua iniciação neste novo grau.

*

* *

No decurso da primeira viagem, remetem-se ao postulante o malho e o cinzel que são os emblemas do grau que ele solicitou para passar e que lhe têm servido até o presente.

Estes instrumentos de seu grau antigo servem para fazer compreender a que ponto a obra que ele executou, mesmo com toda a boa vontade possível, é insuficiente em presença de tudo o que fica ainda por fazer.

Certamente, por meio do malho (a vontade) e do cinzel (juízo), ele se vê forçado a tirar da pedra bruta a pedra cúbica própria a tomar lugar no edifício que será a obra perfeita da Franco-Maçonaria.

Mas que é a pedra apenas desbaratada diante do edifício a construir?

Ela nem mesmo é digna de ser empregada nos trabalhos subterrâneos onde nenhum olhar poderá vê-la.

Para levantar a obra é preciso que haja materiais cuidadosamente preparados.

Armado destes instrumentos de trabalho, o futuro adepto começa sua primeira viagem, e esta viagem consiste em fazer a volta da Loja.

Durante este trajeto, diversos quadros observam ao postulante os cinco sentidos que a Natureza pôs à sua disposição: a Vista, o Ouvido, o Olfato, o Paladar e o Tato.

Estas são as armas do conhecimento. É por meio dos cinco sentidos que o postulante deve, com pleno conhecimento de causa, tomar contacto com o mundo exterior.

Como em todas as iniciações, o primeiro ponto a encarar é o conhecimento de si mesmo.

Antes de formar o juízo sobre os outros, o postulante deve aprender a julgar-se, a discernir seus defeitos e suas qualidades e a ver o uso que faz de uns e de outros.

Não será senão quando ele tiver cumprido até uma absoluta perfeição, a educação de seus sentidos, quando estiver certo de que não será joguete das ilusões, que o adepto poderá permitir-se julgar os outros.

Além disso, não é somente questão de bondade e clarividência, mas também conhecimento profundo de tudo o que nos rodeia.

A Natureza é o melhor livro em que o adepto pode tirar os mais úteis dados.

Se chegar a ser capaz de ler o que nos rodeia, ultrapassará seus mestres em clarividência e em julgamento. É preciso que os seus sentidos estejam nítidos para servir bem a alma.

No decurso da segunda viagem, o antigo aprendiz, depondo as insígnias do grau que vai deixar, recebe uma régua e um compasso.

Aprendeu a servir-se de seus sentidos; é preciso aprender a dirigi-los e mantê-los na senda reta.

Recomeça a viagem em torno da Loja, mas não são mais os símbolos dos sentidos que estão submetidos ao seu olhar, são os modelos das obras arquiteturais capazes de lhe fazerem compreender o que o espírito está em estado de tirar da matéria bruta, quando a submete à sua lei, quando tira da harmonia dos elementos grosseiros, quando a vontade bem dirigida é submetida à ciência.

É o fim da segunda viagem, no decurso da qual se mostra ao iniciado os meios de levantar e, por consequência, as 4 principais ordens da arquitetura: a dórica, a jônica, a coríntia e a toscana.

A ordem dórica, a mais simples e mais masculina, é também a mais antiga; mostra os grandes planos e as grandes linhas, cheias de ornamentos másculos e sóbrios.

Exprime uma notável sobriedade. É o emblema de Zeus, para manifestar a nobreza do homem, o desenvolvimento da vontade e todas as forças masculinas, simbolizadas no outro pela coluna de Jakin.

A ordem jônica, com as suas volutas enroladas, representam a iniciação única feminina; é o símbolo da mulher e da graça, da coluna de Bohaz, desta linha curva onde reside a Beleza. Nota as iniciações femininas do Arquipelago, os cultos voluptuosos das Astartéias e dos Tammouz e, na ordem das iniciações gregas, os ritos entusiásticos de Dionísio e de Deméter; é a lembrança dos Mistérios de Elêusis. É esta a ordem a que se ligam todas as fraternidades iluminadas, desde os medievais fraticelli, até os martinistas e rosa-cruzes.

As outras ordens são compósitas e misturam todos os bens da Natureza aos planos estrictos traçados pela vontade do homem.

Os utensílios confiados aos noviços também têm o seu simbolismo. A régua ensina a retidão, mostra-lhe que deve traçar o seu caminho reto para chegar a seu fim, sem faltar à sua palavra.

O compasso ensina-lhe a medida, a prudência, a circunspecção que estuda o caminho antes de entrar, não para recuar, mas para conhecer todos os obstáculos, evitá-los ou enfrentá-los, segundo a sua natureza, e não se deixar arrastar por eles.

*

* *

O recipiendário é, em seguida, reconduzido ao seu lugar e, para a terceira viagem que ele deve empreender, recebe uma régua e uma alavanca.

Recomeça o seu giro na sala, mas desde o princípio, se lhe apresenta um cartaz em que estão inscritos os nomes das artes liberais: gramática, retórica, lógica aritmética, geometria, astronomia, música. Estas sete artes se resumem em quatro, porque as três primeiras — gramática, retórica e lógica — não formam senão uma: a arte de falar.

Se o futuro companheiro deve fazer em torno de si uma obra útil, é preciso aprender a falar, a espalhar idéias úteis que lhe tenham sido ensinadas. Sua palavra mesma, e sobretudo se ele fala bem, não deve ser um conjunto harmonioso de palavras sonoras; deve aprender a pensar judiciosamente, a medir as suas palavras antes de semeá-las inconsideravelmente, não importa o terreno. É uma grande força a palavra: ela pode ter imensa repercussão sobre os seres e, se não os arrebatam para os abismos, como acontece à palavra dos loucos que não sabem nunca a quem eles se dirigem nem quais são as conseqüências de seu propósito, é

um poder imenso para educar os seres, conduzi-los a uma boa senda e manejá-los de maneira que lhes seja mais vantajosa sob o ponto de vista de sua evolução.

Vem, em seguida, a aritmética que é a arte de contar. Não é preciso considerar esta ciência como uma arte mercantil, mas lembrar-se de tudo o que Pitágoras deduziu da ciência dos números e como soube mostrar por eles que o Universo corresponde a ritmos submetidos, como todos os ritmos, à lei do Número Divino.

A geometria, que vem logo depois, é a arte de medir. É por ela que os sábios conhecem a medida do mundo visível, mas para o iniciado as figuras geométricas revelam os segredos de todas as cosmogonias; por infelicidade, a maioria destes segredos tornam-se impenetráveis para a atual iniciação maçônica.

A astronomia, que é a ciência dos astros, o conhecimento de seus movimentos, é a utilização dos dados geométricos pela medida do céu e o estudo do Cosmos. Outrora, era para o adepto uma fonte de meditação sobre os ritmos mais perfeitos que têm presidido às obras do Grande Arquiteto do Universo.

Certas Lojas rejeitavam toda espiritualidade, afastando mesmo a crença em Deus e caindo no pior materialismo. Aqui não é, pois, lugar de encarar as teorias que fazem presidir os astros a correntes, suscetíveis de influenciar a vida humana e modificar as suas possibilidades. Como, repellido o espiritualismo, se admitiria o antigo ensino iniciático do Macrocosmo-Universo, criado sobre o mesmo ritmo que o Homem-Microcosmo, um ensinando o outro e todos os dois podendo agir e reagir reciprocamente, em virtude deste ritmo idêntico vindo a equilibrar os seus esforços?

A música, a última das artes liberais, foi um meio de iniciação pelo qual Orfeu havia civilizado o mais artista dos povos.

Este conhecimento dos sons, as suas relações, os ritmos e as harmonias poderão ser um grande recurso para o iniciado que extrai o meio de comungar com os mundos superiores.

Entre certas pessoas sensíveis, a música desenvolve ritmos particulares, como sucede entre os dançarinos sob a hipnose e as artes videntes que ela dirige utilmente. Este conhecimento iniciático, que poderia ter grandes e aproveitáveis resultados para desenvolver as qualidades e aplacar a violência, está também perdido como as outras tradições.

O simbolismo deste ensinamento é que o homem que desejar ser um iniciado não deve confiar demasiadamente em suas próprias forças para atingir à iluminação divina; certamente pode e deve recebê-la quando o tempo chegar, mas deve estar preparado por sérios estudos e começar pelo A. B. C, antes de pedir a chave dos enigmas considerados mais transcendentais.

Depois destes estudos, o adepto pode ser confiante nos ensinamentos que lhe serão dados e que, através de todos os conhecimentos humanos, o conduzirão até a astronomia que lhe faz compreender o mundo mais divino que se ergue da ciência, porque a palavra do Salmo é sempre exata: Os céus cantam a glória de Deus.

O futuro iniciado deve aprender e apurar-se para estar, enfim, em condições de fazer dois atos que reclamam muito estudo, porque eles nos parecem os mais simples: compreender, usar da nossa inteligência, e sentir, submetendo os sentidos ao sentimento, esta polaridade feminina do espírito.

No que concerne aos instrumentos de trabalho confiados ao companheiro, vimos que está em primeiro lugar a régua, símbolo da retidão e de uma boa direção moral; em seguida, está a alavanca que, segundo o pensamento

de Arquimedes, é capaz de sublevar o mundo; ela representa o esforço humano que não deve perder a coragem quando o fim elevado desse esforço lhe foi revelado. É quando adquiriu este conhecimento que o postulante companheiro empreende a sua quarta viagem.

No decurso desta quarta viagem, o postulante aprende a servir-se do esquadro. Aprende, assim, a submeter todas as suas ações à razão, à lei moral que representa a medida.

É-lhe apresentado, em seguida, um novo cartaz em que estão escritos os quatro nomes dos Sábios gregos: Sólon, Sócrates, Licurgo e Pitágoras.

Sólon, que 600 anos antes de Jesus Cristo, foi o legislador de Atenas, era digno pela sua inteligência e a indulgência clarividente de sua direção, dando leis a esta cidade que foi a flor do mundo antigo. Sua fórmula era: Em tudo é preciso considerar o fim, indicando, assim, que não é preciso ceder a estes lances inconsiderados, sem se observar se eles merecem atenção.

Quatrocentos anos antes de Jesus Cristo, Sócrates ensinou em Atenas a fé em um Deus único e, contrariando assim a religião do Estado, sofreu a pena capital que lhe foi infligida. Bebendo cicuta, morreu calmamente, testemunhando assim a sua inquebrantável confiança na imortalidade da alma. Seu ensinamento foi todo moral; tinha tomado por divisa o adágio inscrito na fachada do Templo de Delfos: Conhece-te a ti mesmo.

Licurgo, que foi, no nono século antes de nossa era, o legislador de Esparta, não participa da benevolente brandura dos que o precederam na lista dos filósofos; foi para Esparta um senhor rude, e, se a Franco-Maçonaria o coloca em seus cartazes, é porque estabeleceu uma igualdade perfeita entre os cidadãos — omitindo de boa vontade a ferocidade de que deu provas contra os escravos e os

lhotas. Entretanto, produziu a grandeza de sua pátria, e, como criador dessa glória, tem direito à admiração.

Pitágoras está colocado por último e merece ser considerado como um dos limites do pensamento humano. Para ele, tudo é submetido à regra, ao número, manifestação da lei divina. Foi um dos mais corajosos campeões da crença de um Deus único e a única recompensa que ele promete é, como vimos, a imortalidade.

Vê-se, por estes quatro nomes propostos à admiração e juízo do postulante, que a Franco-Maçonaria, em seu começo, foi inteiramente espiritualista, porque todos os seus antigos iniciadores o tinham sido e forneceram disso abundantes provas.

Também este sentido profundo da iniciação deve desaparecer hoje dos ensinamentos maçônicos, porque evoca a grande lembrança do Sábio de Samos.

Pitágoras, se pudesse conhecer as revelações atuais, estaria verdadeiramente consternado pelo desconhecimento que se fez na Franco-Maçonaria, do sentido místico dos números e de seu simbolismo, que é a pesquisa do Um, do único Deus que merece as nossas adorações. Se a iniciação atual fosse realmente pitagórica, o iniciado deveria seguir os traços deste iniciador, admitir a sua teoria e participar do culto do silêncio tal como o fez Pitágoras.

Tudo isso está bem longe das preocupações maçônicas! Se os franco-maçons fossem realmente discípulos de Pitágoras, não apresentariam aos companheiros a questão: Que seremos?

Os ensinamentos do Sábio de Samos afirmam antes de qualquer discussão: a alma que está purificada no decorrer de suas existências não tem outro fim senão Deus; sua recompensa é a imortalidade.

O símbolo do esquadro é tão claro quanto a maioria dos outros símbolos maçônicos.

O esquadro é o meio de estabelecer figuras geométricas de uma perfeita harmonia e de uma retidão completa. Tal deve ser a vida do adepto; não deve admitir o que pode ocasionar a vacilação, o recuo. Se não tem pelas suas próprias ações esta implacável severidade, nada obterá de durável sob o ponto de vista moral e menos ainda sob o ponto de vista iniciático.

O adepto deve reservar a sua indulgência para as faltas e os defeitos do próximo.



A quinta viagem do postulante é a última antes da sua definitiva admissão ao grau de companheiro. Para esta viagem tem as mãos completamente livres; não se lhe entrega utensílio algum; nada mais tem a fazer destes símbolos. Para o momento é suficientemente instruído. Chegou ao estágio final. Está prestes a ser iniciado. É no decurso desta quinta viagem que ele vai receber a iniciação.

A quinta viagem deve, efetivamente, permitir ao companheiro perceber a luz, diretamente.

Para chegar a tal, ele deve antes de tudo galgar cinco palmos, os cinco degraus misteriosos do Templo.

Estes cinco degraus são de cores diferentes; são coloridos pelas tintas que a tradição hermética concede aos cinco planetas conhecidos pelos antigos.

Segundo a tradição, a primeira, que é negra, corresponde a Saturno; a segunda, que é azul, designa o mundo de Júpiter; a terceira, que é verde, guarda a força vital simbolizada por Vênus; a quarta, que é vermelha, é o emblema violento de

Marte; enfim, a quinta, que é incolor e transparente como o vidro, é a de Mercúrio; é a mais aproximada do Mestre, Mercúrio sendo introdutor da alma junto aos deuses na iniciação grega.

Até que tenha feito a ascensão do quinto degrau, o adepto está na obscuridade tanto como em toda a sala; a este tempo, um pequeno ponto luminoso aparece como ao longe. Esta pequena chama aumenta rapidamente na obscuridade e logo figura uma estrela.

E a estrela flamejante, cujas cinco pontas representam o ser humano.



Figura 12: A estrela de cinco pontas, símbolo do ser humano.

Ao centro da estrela brilha a letra G.

Esta letra G deu lugar a muitas explicações. Tem-se visto sucessivamente a Glória de Deus, a Grandeza do Mestre, a Geometria universal e ainda o Gênio, a Geração, a Gravitação, a Gnose.

Procuraram-se igualmente explicações na Cabala.

Não tardaremos aqui em explicações.

No que concerne à estrela flamejante, o rito francês diz:

"A estrela flamejante é o emblema do gênio que eleva às grandes coisas. É a imagem do fogo sagrado que

abrsa a alma de todo homem que, resolutamente, sem vaidade, sem baixa ambição, vota a sua vida à glória e à felicidade da humanidade."

Iniciaticamente, a estrela flamejante é a imagem do homem evolucionado, dotado de poderes psíquicos, diferindo nisto, como pelo trabalho de sua inteligência, dos homens que, não tendo recebido o dom divino, são figurados pelo pentagrama não iluminado.

Mas o iniciado desenvolveu forças; adquiriu novas forças, tirando do reservatório eterno que está aberto a todos aqueles que sabem achar o caminho; também agora que as suas forças estão elevadas ao décuplo nesta freqüentação quase divina, irradia sobre aqueles que o rodeiam, atrai para a sua luz todos aqueles que a procuram e que sofrem, como a luz noturna serve de guia aos viajantes cheios de fadiga e de medo.

Não tem necessidade de fazer, por isso, nenhuma ação bizarra; adquiriu, pelos seus trabalhos, um magnetismo poderoso que dele faz um intermediário entre a terra e estas forças superiores, às quais nos é permitido sempre pedir auxílio e assistência.

Esta força, este magnetismo criou em torno do iniciado uma espécie de atmosfera; está no meio dos homens como a árvore que espalha na cidade um ar mais puro.

Tem, sobre as outras, uma ação real e poderosa, mas esta ação é benéfica e os doentes têm razão em procurá-la.

Este sentido da estrela flamejante está completamente caído em desuso entre os franco-maçons que, com raríssimas exceções, não conhecem coisa alguma

dos poderes psíquicos e seriam antes conduzidos a combater de acordo com a ciência materialista que eles servem muitas vezes.

Portanto, no momento das experiências que se fazem passar ao companheiro, o sinal que o admite entre os homens que vêm a ser seus irmãos é uma iluminação.

Exotericamente, esta iluminação diz ao novel adepto que é preciso ser clarividente na vida e não dirigir-se às cegas, sem se servir das luzes da razão.

Mas, iniciaticamente, a questão não é desta luz.



**Figura 13: A estrela flamejante.
É, na iniciação franco-maçônica, o símbolo do Iniciado.**

O verdadeiro iniciado participa de uma outra luz; acha-se, pelo fato de sua iniciação, em comunhão íntima com as luzes superiores; possui a visão direta dos outros mundos e, muitas vezes, esta clarividência particular é-lhe útil para dirigir aqueles que procuram a sua senda ou que imploram um socorro que não lhe é dado ainda encontrar por si mesmo.

O companheiro renova o juramento do segredo, pois, tendo prestado este juramento na fórmula de seu grau, é consagrado por cinco golpes de malho que o mestre dá.

A vestimenta do companheiro difere daquela do aprendiz; seu avental orna-se da estrela de cinco pontas. Mas as condições iniciáticas são muito diferentes; o aprendiz não tinha o direito senão de ser instruído; podia solicitar lições e esclarecimentos, que lhe eram dados na medida em que o Mestre os julgava necessários.

Este participa efetivamente dos trabalhos da Loja.

É admitido nas sessões de uma ordem mais elevada somente no tempo em que é aprendiz. No primeiro grau, o maçom deve primeiramente sentir a necessidade que tem de receber ensinamentos; no segundo grau, deve procurar os meios de instruir-se e estes lhe são fáceis.

Os sinais do grau de companheiro são: primeiramente, a mão direita colocada sobre o coração em sinal de um amor fraternal para todos os iniciados. Deve elevar também a mão esquerda descrevendo um esquadro. Quando era aprendiz, a sua mão direita descrevia este esquadro, sua pessoa moral; sua inteligência sofria a lei sem ser admitido a compreendê-la; agora é a mão esquerda; é passiva diante da Lei, mas a sua mão direita, aquela que opera, segue os impulsos do coração porque o seu coração compreendeu a necessidade de se submeter à Lei que rege os irmãos e não quer senão testemunhar uma ardente fraternidade.

A palavra de passe, neste grau de companheiro, que se opera nos ritos francês, escocês ou de Misraim, é a palavra hebraica: — Schibboleth.

É o nome da espiga de trigo e, esotericamente, devia conter outrora os ensinamentos dos Mistérios de Deméter. Não é mais, então, senão um sinal de reunião como o foi no dia fatal em que os hebreus estrangulavam todos aqueles que, não o pronunciando corretamente, se revelavam estrangeiros.

A palavra sagrada, no rito francês, é Bohaz; no rito escocês e no rito de Misraim, é Jakin.

O Grau de Mestre

O caminho retrógrado de companheiro. — A lenda de Hiram e o seu simbolismo. — Reconstituição do assassinio de Hiram "*câmara do meio*"— Os grandes Mistérios. — Lições que, segundo o Grande Oriente, o Mestre deve tirar de sua iniciação — Os franco-maçons atuais perderam o fim verdadeiro da iniciação. — Ignorância do Grande Oriente em matéria de psiquismo. — O segredo maçônico. — A estrela flamejante simboliza o verdadeiro iniciado dotado dos altos poderes que faz irradiar em torno para o bem de seus semelhantes.

O grau de mestre é aquele que sucede ao grau de companheiro. Antes de recebê-lo, é preciso que o companheiro testemunhe que veio a ser esta pedra cúbica que foi o fim de seus esforços, tanto que recebeu esta suprema iniciação.

Então perdeu os seus defeitos; tem consciência de seus deve-res; tornou-se assaz perfeito para fazer parte integrante do edifício em construção.

O domínio que lhe vai ser conferido não será senão a recompensa e o sinal do domínio é que ele o adquiriu por si mesmo e sobre si mesmo antes de procurar dominar os outros.

Tal deveria ser, efetivamente, o Mestre, aquele que se tornou tão útil e puro quanto possível, de maneira a não afetar a obra sublime, o Templo, que a Humanidade deve elevar ao Grande Arquiteto do Universo, nome pelo qual se designa Deus nesta iniciação.

Antes de ser admitido ao grau de mestre, o postulante deve recapitular todos os ensinamentos recebidos até este momento.

Por isso, para simbolizar este estudo retrospectivo, faz-se com que o postulante caminhe para trás.

O postulante deve partir da Estrela flamejante e tornar a encontrar os utensílios que lhe foram entregues no momento de sua segunda iniciação: o esquadro, a régua, a alavanca e o compasso, depois os utensílios das experiências do primeiro grau: o cinzel e o malho.

Deve esvaziar de novo o Cálice de amargura e lembrar-se das experiências do Fogo, do Ar, da Água e da Terra.

Quando percorreu este estado, começando pelo fim, volta ao gabinete de reflexão, que lhe demonstrará os seus princípios.

Encontra novamente todos os esqueletos, as lágrimas. Então, não se comove mais diante destas imagens, porque deve ter penetrado o sentido; elas lhe falam dos pequenos Mistérios que já ultrapassou. Não existe aí mais nada que ele deseje; espera obter os Grandes Mistérios sagrados.

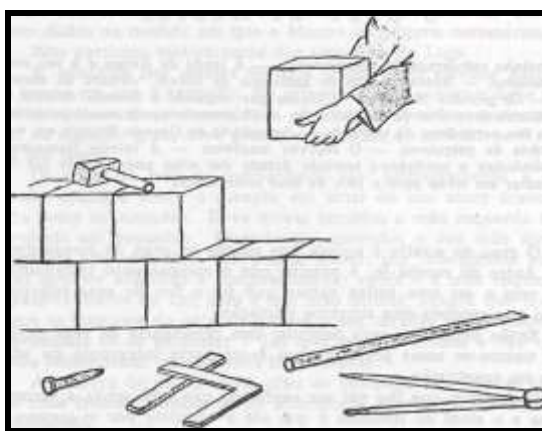


Figura 14: Imagem do papel social que deve desempenhar o franco-maçom que alcança o grau de mestre.

O novo iniciado, simbolizado pela pedra cúbica, vai juntar-se aos outros membros da Ordem para elevar um Templo à Glória do Grande Arquiteto (Deus).

Em que consistem estes Grandes Mistérios?

O momento que escolhiam os antigos iniciadores para revelar ao iniciado o mistério da morte e dos renascimentos. Mostravam-lhe que era preciso morrer

para renascer, porém que, para aquele que saiu vitorioso das experiências, muito mais tem a fazer do que recomeçar sem trégua estas perpétuas reencarnações. O iniciado morre para o mundo para renascer na verdadeira vida.

Eis porque, no meio dos símbolos da morte terrestre, deve lançar-se fora da vida para pedir à iluminação o segredo da vida real, da vida que floresce acima do túmulo.

Como a Franco-Maçonaria percebe e realiza esta parte tão importante da iniciação?

Pela simulação da morte de Hiram.

Hiram simboliza o verdadeiro iniciado e, melhor ainda, a tradição maçônica.

Ele possui todos os segredos da Maçonaria, e é por possuir estes segredos que foi morto.

*

* *

Estudemos, primeiramente, esta reconstituição do assassinato de Hiram.

A sala em que ele se realiza é, em geral, uma Loja especialmente decorada de emblemas funerários. Para a circunstância, esta Loja toma o nome de "câmara do meio", e é forrada de preto.

O forro preto é carregado de lágrimas, de ossos cruzados, de caveiras. Esta sala é fracamente iluminada por uma caveira colocada sobre o altar e cujos olhos deixam passar uma claridade difusa. Um catafalco é levantado no meio da sala.

Tal é o quadro em que se passa a reconstituição da Morte do grande iniciado Hiram.

Segundo a lenda, Hiram era este hábil arquiteto que foi enviado pelo rei de Tiro a Salomão para a construção do Templo de Jerusalém. Conhecia todos os segredos de sua arte, e, demais, como faziam os arquitetos das épocas iniciáticas, compreendia o simbolismo religioso que era a língua internacional de todos os Templos do Universo.

Eis porque Hiram, aos olhos dos franco-maçons, simboliza o Conhecimento.

Tendo sob as suas ordens um número considerável de obreiros, Hiram tinha-os repartido em aprendizes, companheiros e mestres, e lhes tinha, segundo os graus, dado uma palavra de passe e um sinal, a fim de que, no dia de pagamento e para tornar mais fácil a cada um, ao pedir-lhes a palavra de passe e o sinal de seu grau, fossem eles pagos, segundo a sua resposta.

Era impossível passar de um grau a outro sem ter recebido, do arquiteto ou daqueles que eram encarregados de o substituir, a palavra e o gesto do grau superior.

Somente o mérito tornava acessível tal graduação.

Três companheiros, ambiciosos e sem talento, conspiravam para arrancar ao arquiteto a palavra que ele havia negado, não os considerando dignos de passar para o grau de mestre. Combinaram-se para obtê-la com o recurso da força e alcançarem o seu fim.

Na noite do pagamento, um deles se armou de uma régua, o segundo de um compasso e o terceiro de um martelo, e esperaram Hiram, cada um em uma porta do Templo. Aturdido pelo primeiro golpe da régua, Hiram voltou-se para outra porta, mas recebeu um golpe de martelo; depois, caminhando para a terceira porta,

encontrou o outro companheiro que lhe enterrou o compasso em pleno coração. Não tinha revelado a palavra.

Os assassinos, tomados de um horrível pavor, acharam-se embaraçados diante do cadáver de sua vítima. Conduziram-no bem longe, no vale de Cedron e enterraram-no provisoriamente; depois fugiram. No dia seguinte, a ausência incompreensível de Hiram pôs todos os companheiros em campo. A ausência dos três maus companheiros despertou-lhes a idéia de que alguma desgraça havia sucedido. Procurou-se primeiramente o corpo, que foi encontrado, graças a um ramo de acácia plantada sobre a sepultura de Hiram, improvisada pelos assassinos, que pensavam poder dar-lhe, mais tarde, funerais mais convenientes.

Não é preciso admirar este cuidado; acreditava-se outrora que um morto, privado de sepultura religiosa, se prendia aos homens e os perseguia com seu ódio.

Encontrado Hiram, encontraram-se mais tarde os assassinos, que pagaram com a vida o crime que haviam cometido.

Como dissemos, Hiram é, na Franco-Maçonaria, o símbolo da Iniciação, da Ciência Secreta que não seria confiada senão a pessoas experimentadas, aptas para compreender e incapazes de empregá-la para maus fins.

É para conhecer as disposições dos adeptos futuros que é necessário constrangê-los a passar todos os graus.

Os três companheiros simbolizam tudo o que se opõe a uma iniciação real: a Mentira que procura matar a Verdade sorrateiramente, por meio da régua que deveria servir para estabelecê-la; a Ignorância que usa brutalmente do malho de uma vontade sem freio; a Superstição que quer tudo medir com o seu pequeno compasso e prefere plantá-lo no coração do Sábio do que renunciar à sua rotina de abrir o seu ângulo estreito até a medida de seus grandes pensamentos.

Nenhum desses seres assim representados tem o direito de obter a iniciação e sobretudo pela violência.

Sobre o corpo do iniciado, o ramo de acácia, ficando sempre verde, indica a sobrevivência do pensamento dominador do corpo.

Há aí uma noção de sobrevivência da alma, a perpetuidade do espírito, implicando um segredo guardado além do túmulo.

A acácia não foi escolhida sem motivo para este emblema. Efetivamente, o ritual francês diz textualmente: *"A acácia, cujas folhas se dirigem para o sol e se inclinam para o sol poente, era considerada pelos egípcios e árabes antigos como uma árvore sagrada. Era dedicada ao deus do dia, isto é, à luz. No simbolismo da Franco-Maçonaria moderna, preencheu o papel que preenchiam nos Mistérios da antigüidade a palmeira dos Indianos, o salgueiro dos Caldeus, o lótus dos Egípcios, o mirto dos Gregos, o visgo dos Druidas. A acácia é o ramo de ouro da iniciação moderna"*.

O ramo de acácia é, pois, o símbolo do franco-maçom chegado ao grau superior de Mestre.

*

* *

Voltemos à reconstituição do assassinato de Hiram, na sala funerária forrada de preto.

Ela constitui a última experiência.

Comunica-se ao postulante que o assassinato acaba de ser cometido e que o cadáver do grande iniciado está ali, sob este catafalco. É o último iniciado ao grau de Mestre que simula o cadáver.

Simula-se procurar os criminosos que se ocultam e que não são conhecidos.

Sabe-se somente, segundo a lenda, que o assassinio foi cometido por três companheiros que quiseram obter à força a palavra de passe. Estes três companheiros são perjuros. Aquele que se apresenta como postulante na câmara do meio não será um desses culpados? Deve provar, pois, que é inocente. As luvas que lhe foram confiadas no dia de sua admissão guardarão intactas ainda a sua brancura? O avental de pele branca ficou imaculado? Ele deve apresentá-los nesta candura perfeita, imagem da pureza de consciência e de seus pensamentos. Deve demonstrar que é sempre devotado à Ordem, incapaz de trair os sublimes segredos que vão ser revelados.

Os companheiros que se apresentam para ser admitidos ao grau superior, fiéis à Ordem, lamentam-se em torno do cadáver descoberto. O futuro Mestre, para demonstrar a sua inocência, deve, muitas vezes, passar por cima do cadáver.

Existe nesta cerimônia um ritual que Osvaldo Wirth nos descreve nestes termos:

"Partindo da cabeça que o contorna, passa por cima do peito colocando o pé direito sobre o braço direito do morto. O pé esquerdo executa em seguida o mesmo movimento, mas, sem repousar, prossegue, descrevendo um arco acima do abdômen para repousar sobre a perna esquerda. O pé direito junta-se logo ao esquerdo, mas só se coloca antes do pé direito do cadáver, onde se vem colocar imediatamente o pé esquerdo, formando um esquadro oblíquo" (O Livro do Mestre).

O cadáver acha-se, assim, atrás do postulante ao grau de mestre; aquele mostrou a sua inocência; provou que não tem medo do morto; é digno de tornar-se mestre. O corpo por cima do qual passou não é o despojo do morto; é a matéria perecível da qual devemos separar-nos para atingir uma vida superior.

Mas o postulante deve mesmo ser identificado com o morto. Não tem mais que fazer senão tornar-se uno com ele; é uma fórmula antiga: morrer para renascer.

Simula-se, pois, um assassinato. É ferido da maneira que foi empregada contra Hiram, pela régua, compasso e malho. Cai por terra e toma o lugar que o último maçom admitido ao grau de Mestre ocupava quando simulava a morte.

O postulante morreu; agora, deve ressuscitar. Para despertá-lo da morte, inclina-se para o ouvido, pronunciando seu novo nome que é a palavra de passe dos mestres: Mac Bennac ou filho da putrefação, filho vencedor da morte ou filho do mestre morto. Levanta-se então e a câmara funerária torna-se resplandecente de claridade.

É então que ele é realmente Mestre e pode dizer: A acácia me conheceu. A acácia é, como vimos, o símbolo da vida indestrutível, da sobrevivência da alma.

A insígnia do Mestre é o esquadro unido ao compasso.

A experiência final é, como em toda parte, o apelo da morte; mas aqui esta concepção é figurada de maneira toda especial para a Franco-Maçonaria. É o assassinio de Hiram, caído como mártir do segredo, que deve ser sempre respeitado, que anima a figuração da morte e dos funerais.

Aquele que morre por uma causa justa, depois de ter vivido como um iniciado, aproxima-se bastante dos cumes da perfeição. Mas, com esta variante, a idéia é a mesma. O iniciado deve morrer para o mundo, a fim de renascer em uma

vida nova. Deve apreciar a vida atual em seu verdadeiro preço, de maneira a deixá-la sem pena, quando o momento vier.

Dá-lhe um ramo da incorruptível acácia para lhe mostrar que a verdadeira vida resiste à morte corporal e este emblema é tanto mais frisante quanto o ramo de acácia é considerado como se fosse colhido sobre o cadáver de Hiram.

O Sábio pode morrer vítima da brutalidade e da ignorância dos homens, mas em seu espírito ri-se da morte, porque ele previamente a vencera, recebendo a sua iniciação nos Mistérios.

Era este o mais alto segredo confiado ao adepto, quando recebia a consagração.

Este pensamento o elevava acima da matéria, acima das vis paixões, acima de todas as misérias do mundo.

Aceitando e conformando-se com a sua vida, ele vem a ser verdadeiramente o Sábio que conquistou a verdade. O materialismo invadiu a iniciação e a Franco-Maçonaria cessou de ser, como o eram os ritos que ela pretendia perpetuar, uma escola de aperfeiçoamento, pois esse aperfeiçoamento, sem o seu verdadeiro fim, não conserva mais nenhuma razão de ser.



Figura 15: Recepção do Grau de Mestre na Loja da Franco-Maçonaria Escocesa.

Em que consiste, então, a orientação sugerida pelo ritual ao novo Mestre?

Ela tem a sua beleza, mas não guarda coisa alguma de iniciático.

No rito francês, o Mestre é recebido oficialmente durante uma bela cerimônia e discursos lhe são dirigidos pelos seus antecessores, discursos dos quais ele deve extrair três lições, cujo sentido geral é o seguinte:

1.^a — Uma idéia de moral política.

Hiram foi um artífice, conduzido pelo seu gênio ao mais alto grau de poder social. Da mesma maneira, o povo, quando tiver a consciência de toda a sua força, virá a ser uma potência formidável. Não se diz que será também uma potência cega como toda coletividade, fosse ela composta de unidades inteligentes. Este pensamento pode ser compreendido pelos conhecimentos que não se encontram mais na Franco-Maçonaria. Apresentada assim, é de temer que o poder do povo chegue à demagogia.

2.^a — Uma idéia de moral científica, baseada sobre o papel benéfico do sol e sua ação sobre a Natureza.

Viu-se, durante esta rápida exposição, que todas as festas e experiências são baseadas sobre fenômenos naturais e sobretudo a sucessão das estações, figuradas ou não pelos quatro elementos. Mas o sol, para o iniciado, como o era para o Egípcio chegado à compreensão de sua religião, é uma imagem do Deus e as estações existem tanto para o espírito que se reencarna como para os astros.

3.^a — Uma idéia de moral filosófica, baseada sobre a legitimidade das reivindicações do Bem desconhecido e perseguido contra o eterno déspota denominado Mal.

É sempre a idéia de uma liberdade sem limites, incompatível com o ensino iniciático. O companheiro deve ser submisso ao mestre; o não-iniciado seria

submisso a um mais sábio do que ele. Uma tal iniciação conduziria a uma teocracia científica, se pudesse ser produzida em nossos dias.

A maioria dos Mestres afasta-se à primeira lição e se limita a uma ação política e social que lisonjeia a sua ambição.

Aspiram às funções do Estado e usam de sua Loja como um meio de ação. Ignoram totalmente os fins elevados que os antigos iniciadores haviam proposto aos seus neófitos.

Esta mudança é, aliás, de data recente. Em 1829, sentindo o dogma iniciático ferido em cheio, a Franco-Maçonaria proclamou como dogma fundamental a crença em Deus e na imortalidade da alma. Porém, recentemente, estes dogmas foram apagados do ritual e o sentido verdadeiro da iniciação maçônica está definitivamente perdido.

*

* *

Tais são os três graus conferidos pelo Grande Oriente aos seus filiados. E' o rito que tem mais simplificado seu ritual e diminuído mais o seu simbolismo.

Outros ritos conservaram um número de graus muito mais elevado e um ritual sensivelmente mais complicado.

Seria muito longo entrar na exposição e explicação destes ritos e do pensamento ao qual eles correspondem.

Repetimos ainda: bem poucos se recordam do que foi a glória da iniciação e dos interesses materiais, os laços políticos, as intriguilhas que invadiram o santuário, fazendo a substituição aos pensamentos divinos.

Todo valor iniciático desapareceu, quase por toda parte, de um ritual deformado a tal ponto que o simbolismo foi atacado e veio ser tão incompreensível que a doutrina não existe mais.

O primeiro fim iniciático da Franco-Maçonaria foi retomar os antigos Mistérios, sobretudo os Mistérios de Elêusis. Muitos ritos maçônicos parecem baseados sobre os de Isis, mas o tempo e a incompreensão os deformaram e o que era outrora um símbolo destinado a esclarecer o espírito não é mais senão um jogo de cena, uma simulação que tem por fim ferir a imaginação.

O ensino inicial é, realmente, falseado. A iniciação era, na sua essência, uma obra de aperfeiçoamento pessoal; quis-se fazer um meio de alcance coletivo ou de desenvolvimento político.

As ambições pessoais, as lutas anti-religiosas foram introduzidas por toda parte. A Franco-Maçonaria apresenta atualmente esta anomalia de uma iniciação materialista.

Este erro capital não tinha sido cometido por aqueles que criaram a Ordem.

Os iniciados antigos tinham pensado que a admissão coletiva não podia provir senão do aperfeiçoamento individual. É fazendo evolucionar cada indivíduo que a sociedade pode vir a ser próxima do ideal dos sociólogos. Em nossos dias, o problema foi tomado ao contrário do que deve ser na realidade; procura-se o aperfeiçoamento do indivíduo pela evolução da coletividade, mas o indivíduo ainda não iniciado não está próximo desta evolução. Não se obteria, operando assim, senão seres isolados e odiosos nos agrupamentos arbitrários em que sofreriam leis que não seriam feitas por eles.

Para desenvolver o indivíduo, é preciso, além dos conhecimentos filosóficos e iniciáticos, um profundo conhecimento dos poderes psíquicos. A Franco-Maçonaria os ignora e muitas vezes os nega e é isto que leva à sua profunda decadência.

O Grande Oriente afirma o que tem feito a glória das iniciações passadas, estas pesquisas científicas que deram origem às ciências atuais e que estão ainda bem longe de lhe dar a sua última palavra.

Quando o Mestre acaba de ser recebido, no rito do Grande Oriente está exposto:

"Os pretendidos altos graus não são senão inúteis reduplicações do Domínio, ou senão composições nas quais o ridículo disputa o absurdo... As doutrinas mais desacreditadas formam geralmente a base; ensina-se, sob o véu de indigestas alegorias, a teosofia, a magia, a arte de fazer o ouro; em uma palavra, professa-se pelas ciências ocultas exatamente nomeadas, e é preciso reconhecer porque elas são tão ocultas que os próprios que as ensinam não saberiam defini-las".

*

*

*

Havia, entretanto, um segredo maçônico, sem que todas as precauções tomadas em torno deste Mistério fossem verdadeiramente absurdas. Também é para se agrupar segundo as idéias sociais que se reuniu às Lojas. Não é necessário fazer tantas cerimônias; um Círculo e uma Bolsa de trabalho bastam

suficientemente. É preciso, pois, que qualquer coisa tenha existido de mais sério e mais profundo. Este segredo da iniciação maçônica, o verdadeiro Segredo de Hiram, está definitivamente perdido?

Um francô-maçom, Ragon, que mostrou o simbolismo das cerimônias maçônicas e sua relação com as cerimônias antigas, diz muito bem:

"O segredo da Franco-Maçonaria é, por sua natureza mesma, inviolável; porque o maçom que o conhece não o pode ter adivinhado. Descobriu freqüentemente nas Lojas instruídas, observando, comparando, julgando. Uma vez descoberto este segredo, guardará o golpe seguro por si mesmo, e não o comunicará mesmo ao seu irmão no qual deposite mais confiança; porque, desde que este não foi capaz de fazer esta descoberta, também é incapaz de tirar partido do segredo, se o recebesse oralmente".

Restam, pois, as palavras de passe, os sinais de reconhecimento que não deveriam, entretanto, por sua própria natureza, ser um fim, porém um meio. Eles apresentam um simbolismo que poderia conduzir para certos conhecimentos, mas precisaria que os franco-maçons fossem esclarecidos sobre este ponto e não são discursos do gênero daqueles que reproduzimos que poderão servir-lhe de guia. Além disso, muitos não têm cuidado e o ensinamento que é preciso vir, fica para eles letra morta.

Certamente, o grande segredo é fazer-se, tornar-se tal como a nossa evolução necessita, fazer da pedra bruta a pedra talhada útil ao edifício.

Mas este trabalho, que cada um deve fazer por si mesmo, fará adquirir ao adepto forças psíquicas e dotá-lo-á também de faculdades insuspeitas.

É pelo menos curioso constatar que os franco-maçons modernos reúnam estes poderes e as faculdades sublimes de que os iniciados de outrora ensinavam toda a importância.

Aquele que obteve um aperfeiçoamento sente as misteriosas harmonias das esferas superiores; junta-se a estas harmonias; compreende que elas não podem ter sido formadas nem por acaso nem sem um fim. Aquele que sobe a estas alturas conceberá a existência de Deus e dos Ciclos que presidem a todas as evoluções, seja a dos astros, seja a nossa.

Adivinhará a sobrevivência da alma porque ela é necessária à harmonia e à justiça.

Tal é o segredo, e o segredo não pode ser comunicado por uma só palavra, por uma cerimônia vinda sem direção, pois que o simbolismo foi alterado e, além disso, não foi comentado.

É preciso que o iniciado se coloque por ele mesmo em estado físico e moral em que esta revelação poderá ser feita.

Este segredo resulta de uma iluminação última que se merece.

Certamente, os centros iniciáticos, os agrupamentos verdadeiramente formados, visando procurar a Luz, podem colocar o iniciado sobre a senda, mas, uma vez que chega a um certo estado de evolução, tem o dever de deixar-se colocar por si mesmo em comunicação com os planos superiores.

É quando ele recebeu esta iluminação que se pode sustentar nestas outras pesquisas, segundo o fim que ele assinala.

Mas isso não é a Franco-Maçonaria materialista, na sua forma atual, que poderá vir a ser o guia e este apoio do verdadeiro pesquisador.

*

* *

O antigo simbolismo da Franco-Maçonaria, cujo segredo lhe escapa, mostra, entretanto, esta Estrela flamejante que ficou seu símbolo.

Esta estrela é o ser humano, munido de todos os poderes que lhe permitem adquirir pelo desenvolvimento de suas faculdades psíquicas e por seu acordo com as forças superiores. Chegando a este estado de perfeição, o ser humano irradia em torno de si e sobre os outros todas as forças benéficas, das quais se tornou senhor; pode abrir o seu coração a tudo o que sofre e irradiar seus benefícios.

O que o espírito pode imaginar de mais maravilhoso é o que seria a Humanidade se uma semelhante concepção fosse espalhada em todos os lugares, assim como deveria ser.

Todos os seres humanos, senhores de si mesmos e possuidores do máximo de poderes, dirigindo-os para o bem, cada um segundo os surtos de sua natureza purificada; todas as paixões egoísticas e bestiais dominadas e submetidas à bondade, à razão, não seriam a divina harmonia, esta doce paz, tão viva em sua calma, que nos inunda quando contemplamos uma bela noite tremulante de estrelas? Todos estes mundos que o olhar não saberia contar irradiam através do espaço forças desconhecidas e todos, harmoniosamente, apoiados cada um sobre a força do outro, brilham e vivem.

Uma doçura imensa desce com a noite sobre as agitações enfim acalmadas do trabalho e do desgosto.

Diante deste imenso espetáculo, o coração se funde e se une a isto que os Sábios antigos chamavam tão justamente a música das esferas, porque o silêncio harmonioso tem alguma coisa de musical, na expansão da vida, entregue, enfim, às Leis divinas.

Tal seria a Humanidade se, pelo desenvolvimento individual, chegasse a criar unidades rítmicas que se unirão segundo um ritmo voluntário para formar uma sociedade ou, como nas fraternidades pitagóricas, tudo estaria em todos, onde as forças de cada um pertenceriam não a um, mas àquele que sofre, àquele que é fraco. Então o mal seria vencido. E esta bela noite, preparadora de uma aurora mais maravilhosa ainda, anunciaria ao iniciado a chegada do Sol perfeito.

OS HERMETISTAS

Muitas seitas querem, restaurar a verdadeira iniciação que a Franco-Maçonaria perdeu no curso dos séculos. — Fim prosseguido pelos Rosa†Cruzes, Filósofos Desconhecidos e Martinistas. — A iniciação alquímica e porque reentra no assunto do presente livro.

Vimos, no capítulo precedente, que a Franco-Maçonaria, conservando certos ritos das iniciações antigas, sobretudo em uma parte daqueles que nos foram transmitidos pelo Egito, perdeu completamente o sentido esotérico de seus atos e que ela acreditou simplificar somente as suas práticas, suprimindo de suas obras tudo o que lhe dava uma verdadeira importância.

Vimos que a Maçonaria tem atualmente desprezo pelas ciências psíquicas, das quais muitas conclusões são hoje admitidas pelo ensino oficial.

Quanto às experiências, atualmente são reduzidas a uma simples expressão que não serve para nada e consideradas como ridículas aos olhos dos profanos dotados de bom senso.

Várias seitas, observando este lamentável estado de coisas, quiseram reviver os programas antigos, fazendo estudos sérios, relativos às experiências e aos ensinamentos iniciáticos.

Todos os agrupamentos foram espiritualistas, admitindo a imortalidade da alma, a existência de Deus e os renascimentos.

Entre estes ramos, os mais célebres têm sido os Rosa†Cruzes, os Filósofos Desconhecidos e os Martinistas. No presente capítulo, que termina o nosso estudo retrospectivo das iniciações, trataremos da iniciação hermética que foi, em

grande parte, o fim destas três últimas associações. Terminaremos esta primeira parte dizendo algumas palavras sobre a iniciação antiga.

Este assunto parece ser estranho, tratado neste lugar, mas não devemos esquecer que todas as fraternidades herméticas, como os Rosa†Cruzes, se ocupam tão cuidadosamente das pesquisas naturais e que a alquimia foi uma parte de seu fim. Em suma, esta ciência não nos afasta do nosso assunto pessoal.

Todos os alquimistas estão de acordo em dizer que se o alquimista deve ser versado nas ciências naturais, deve também ser um adepto do desenvolvimento pessoal, porque, por mais singular que isso possa parecer, os alquimistas afirmam que a ação sobre o metal é o corolário de uma ação sobre si mesmo; segundo esta crença, tais forças são solidárias e não devem ser separadas.

1.º— Os Rosa†Cruzes

Dificuldade de penetrar no mistério que rodeia esta fraternidade secreta

— A obra de Christian de Rosencreutz. — O símbolo da Ordem: a Cruz e o Rosa.
— Explicação iniciática. — A renovação do Espírito pela Arte. — Imagens dos Rosa†Cruzes. — A Rosa†Cruz manifesta-se na França em 1889. — A Rosa†Cruz Católica. — Sob a forma de romance, Bulwer Lytton publica as tradições mais secretas da Rosa†Cruz. — Necessidade de não revelar os altos ensinamentos senão a pessoas experimentadas.— Os poderes sobre-humanos do adepto. — Uma alegoria rosacruziana e os ensinamentos que ela contém.

Tem-se falado muito dos Rosa†Cruzes, ainda que esta fraternidade misteriosa tenha deixado poucos traços de sua passagem.

Foi sempre um centro particularmente secreto e desdenhoso de todas as realizações políticas e mundanas. O que nos resta de seus escritos mostra que eram dedicados às ciências mais abstratas, procurando, em um exercício ascético, o meio de operar sobre as forças invisíveis; mostram-nos como estudantes de curiosos processos para agir também sobre a matéria, especialmente na ordem das transmutações alquímicas.

É infinitamente verossímil que a Ordem dos Rosa†Cruzes surgisse da Franco-Maçonaria e que, desde os tempos remotos, em que estes hermetistas tomaram origem, visse que as outras facções da Ordem estavam ocupadas em objetos muito práticos. À medida que o segredo das iniciações desapareceu da Franco-Maçonaria, os Rosa†Cruzes precisaram o seu esforço de reação contra o materialismo invasor que corrompia a iniciação maçônica.

Sem negar a importância sob o ponto de vista filosófico, social, político e anti-religioso, os Rosa†Cruzes parecem ter pensado que tudo isso nada tinha que ver com a iniciação primordial.

Preferiram reviver os ritos e os ensinamentos dos mestres desaparecidos e é por este efeito que, sabendo a que ponto as vastas associações são impotentes, fazem um pequeno grupo de adeptos experimentados com cuidado, que, dizem, teriam lançado para longe e para muito alto os seus estudos das forças naturais e os meios de as utilizar.

O que é certo é que quaisquer que tenham sido as opiniões manifestadas pelos membros, a Ordem sempre foi espiritualista.

*

* *

Michel Maier diz-nos que os Rosa†Cruzes teriam nascido na Alemanha e que o seu primeiro iniciador teria sido Christian de Rosencreutz, nascido em 1413.

É preciso ver em Rosencreutz o nome de um adepto que teria batizado a Rosa†Cruz com seu próprio nome? Precisaria ver, no nome iniciático, uma espécie de denominação de Templo tomado por um iniciador, consciente de ser o verdadeiro chefe da nova iniciação? Precisaria ver na Rosa†Cruz uma participação qualquer com o movimento gnóstico e joanista de João Huss (que foi queimado, como se sabe, em 1415, no concílio de Constança)? Isso é que é difícil precisar.

Sobre a fundação da Ordem rosacruziana, Sédir reproduz o que diz a Fama, publicada em 1617, em Francforte sobre-o-Meno:

"No começo do século XIV, nasceu na Alemanha, de uma família nobre, Christian de Rosencreutz, que muito cedo

ficou órfão: foi educado em um convento, que ele deixou, desde a idade de 16 anos, para viajar na Ásia, Arábia, Egito e Marrocos. Aprendeu, nestas viagens, com os conselhos dos sábios que freqüentou, uma ciência universal harmônica da qual zombaram os sábios europeus aos quais ele quis comunicar. Tirou esta ciência do Liber Mundi (o Livro do Mundo), que conheceu um certo Teofrasto. Concebeu um plano de reforma universal: político, religioso, científico e artístico, para cuja execução se associou aos irmãos G. V., L. A. e I. O., aos quais aderiu o irmão B., pintor, e os irmãos G. G. e P. D.”

“Comunica-lhe a sua língua mágica, pede-lhe o voto de castidade e dá-lhe o seu nome de Rosa†Cruz. Submeteram-se eles às seis obrigações que apresentamos aqui:

“1.^a — Não ter outra profissão senão curar.

“2.^a — Não ter uniforme.

“3.^a — Reunir-se cada ano no dia de Ano Bom no Templo do Espírito Santo.

“4.^a — Escolher um discípulo.

“5.^a — Guardar o selo RosafCruz.

“6.^a — Ficar oculto cem anos” (História dos Rosa†Cruzes).

Eis o que nos diz a tradição, mas certos autores a destroem e alguns põem em dúvida até a existência de Rosencreutz.

O que é certo é que o seu símbolo era conhecido antes da data de seu nascimento; não é preciso senão ler a Divina Comédia e ver a descrição do Paraíso como o fez Dante, para ver que ela corresponde ao simbolismo rosacruziano.

A Rosa†Cruz é ora representada por uma cruz cujo ponto de intersecção é formado por uma rosa, ora por uma cruz cujos quatro ramos terminam pela mesma flor.

Nas religiões, a cruz, que encontramos também no Egito, como na Índia, representa a harmonia obtida por um equilíbrio dos contrários. Ela é a imagem do ser humano quando ele estende os braços na aspiração para a felicidade ou termo de sua pena. Para os europeus, impregnados da influência cristã, ela é o símbolo da redentora dor.

A rosa, que é colocada ao centro, no coração da própria cruz, representa a expansão sentimental, a pureza do coração do iniciado e sua expansão para outrem.

"A rosa, que foi sempre o emblema da beleza, da vida, do amor e do prazer — diz Eliphas Levi—, exprimiu misticamente todos os protestos manifestados no Renascimento... Reunir a rosa à cruz, tal era o símbolo da alta iniciação".

Efetivamente, ela só podia extrair o prazer da dor e o ideal místico da beleza plástica, porque o iniciado sabe quanto toda dor é útil para a evolução

daquele que a aceita; sabe que ela está conforme com a harmonia e que esta dor se apazigua para aquele que adere ao ritmo para o qual esta dor tem a missão de conduzi-lo.

Sabe também que as formas materiais representam a imagem muito tosca dos ritmos eternos e, segundo a expressão de São Paulo, considera este mundo como um enigma em um espelho, como vê conexões e relações simbólicas que escapam àquele que não vê no Cosmos que o rodeia senão formas e cores dos quais os únicos meios são os seus sentidos habituais, cheios de erro e ilusão.

Além disso, como dissemos, os Rosa†Cruzes foram um agrupamento muito secreto e nós não conhecemos grande coisa de sua origem, nem de seus meios.

Villiers de Isle-Adam, que conhecia muitas coisas que não quis revelar, mesmo no seu prodigioso Axel, dá-nos esta interpretação do símbolo rosacruziano, misticamente:

"O talismã da Cruz estelar — diz ele no Anunciador — está penetrado de uma energia capaz de dominar a violência dos elementos. Diluído por miríades sobre a terra, este sinal, em seu peso espiritual, exprime e consagra, o valor dos homens, a ciência profética dos números, a majestade das coroas, a beleza das cores. É o emblema da autoridade de que o Espírito reveste secretamente um ser ou uma coisa. Determina, estremece, precipita de joelhos, esclarece!... Os próprios profanadores curvam-se diante dele. Quem lhe resiste é seu escravo. Quem o desconhece sofre pelo seu desdém.

Por toda parte levanta-se, ignorado pelos filhos do século, mas inevitável”.

“A Cruz é a forma do homem quando ele estende os braços para o seu desejo ou se resigna ao seu destino”.

“Ela é o símbolo do Amor, sem o qual todo ato não é fecundo; porque a exaltação do coração se verifica em toda a natureza predestinada. Quando a fronte só contém toda a natureza de um homem, este não é esclarecido senão acima de sua cabeça”.

“Então sua sombra ciosa, voltada inteiramente para um plano inferior, o atrai pelos pés para tragá-lo no Invisível”.

“Em vez do apaziguamento de suas paixões não é, estritamente, senão o reverso da altura de seus gelados pensamentos. Eis porque o Senhor disse: Eu conheço o pensamento dos sábios e sei até que ponto eles são vãos.”

*

* *

Este acordo da inteligência com o sentimento, esta apoteose completa do homem inteiramente evolucionado, tal é, ao menos no que concerne o desenvolvimento pessoal, o ensinamento dos Rosa†Cruzes.

Admitiu-se a renovação do espírito pela arte e por todas as formas da Beleza e eles compreenderam que a educação coletiva, que deve ser sempre feita, se fará mais seguramente pelo sentimento do Belo, mais ou menos acessível a

todos e especialmente aos mais simples, ao passo que na Ciência, sobretudo nas altas especulações, ficará sempre o domínio de alguns.

Estes têm, pois, o dever de servir de guia à massa, mas sem rudeza, pelo sentimento esclarecido e não pelas leis impostas, cujo primeiro efeito é fazer-se odiar. A ação dos Rosa†Cruzes antigos e modernos foi sempre impelida neste sentido e seu nome atrai a atenção como um símbolo atraente e poético de um mistério do Além, cuja chave parece prometida àqueles que sabem procurá-la, que se aplicam com amor. É o que exprime Heckethprn (citado por Waite):

"Um halo de um poético esplendor circunda a ordem dos Rosa†Cruzes, a luz fascinante do jogo fantástico em torno de seus sonhos graciosos, ao passo que o mistério no qual eles se envolvem presta um novo atrativo à sua história".

"Mas o seu esplendor foi o de um meteoro. Fulgurou subitamente nos reinos da Imaginação e do Pensamento, depois desapareceu para sempre, não sem deixar, entretanto, atrás de si traços duráveis de seu rápido clarão.

"A poesia e o romance devem aos Rosa†Cruzes mais de um tipo original; a literatura de todos os países da Europa contém certas ficções baseadas sobre o seu sistema de filosofia, uma vez que não ocupou a atenção dos sábios."

O que nos resta dos Rosa†Cruzes permite-nos ver o que pode ter esta fraternidade de tão apaixonado interesse. Eis, para fazê-los melhor compreender, o que foi dito por Hargrave Jennings, citado por Sédir, que se fez seu historiador:

"Sua existência, posto que historicamente incerta, é circundada de um tal prestígio, que leva uma força de aprovação, de conquista e admiração. Eles falam da humanidade como infinitamente abaixo deles; sua altivez é grande, posto que o seu exterior seja modesto. Amam a pobreza e declaram que é para eles uma obrigação, ainda que possuam imensas riquezas. Recusam-se às afeições humanas ou se submetem a estas somente como obrigações de conveniência que necessita a sua estadia no mundo. Portam-se de um modo assaz cortês na sociedade das mulheres, posto que sejam incapazes de ternura e as considerem como seres inferiores. São simples e diferentes no exterior, mas a sua confiança em si mesmos entumece o seu coração, não cessando de irradiar senão em face do Infinito dos céus. São as pessoas mais sinceras do mundo, mas o granito é tenro em relação à sua impenetrabilidade. Perto dos adeptos, os monarcas são pobres; ao lado dos teósofos, os mais sábios são estúpidos; não dão jamais um passo para a reputação porque a desdenham e se se tornam célebres é com desgosto próprio; não procuram honras, porque a glória humana não é conveniente para eles. Seu grande desejo é o de passar incógnitos através o mundo; assim, eles são negativos diante da humanidade e positivos para todas as outras coisas; auto-arrebatados e auto-iluminados por si mesmos, porém sempre prontos a fazer o bem todas as vezes que for possível".

"Que medida pode ser aplicada a esta imensa exaltação? Os conceitos críticos se desvanecem diante deles. O estado destes filósofos ocultistas é o sublime ou o absurdo. Não podendo compreender nem sua alma, nem seu fim, o mundo declara que um e outro são inúteis. Entretanto, os tratados destes escritores profundos abundam em discursos sutis sobre os assuntos mais áridos e contêm páginas magníficas sobre todos os assuntos; sobre a teologia e a ontologia, sobre as propriedades dos simples, sobre os metais, a medicina, sobre todas as matérias, eles estendem ao infinito o horizonte intelectual."

A descrição não é lisonjeira nem amável, mas põe em evidência as qualidades mais raras e mais importantes para que se possa fazer a acusação de monstruoso orgulho infligido àquele que se entregou às idéias para conduzir uma grande paixão nas contingências do mundo.

São estes os rápidos julgamentos que não são muito justos. Jennings não encontra nos Rosa†Cruzes bastantes cuidados do que o atraía talvez e é verdadeiramente possível porque o homem de estudos é pouco sociável.

Restam muito poucos documentos relativamente aos Rosa†Cruzes. O que é certo é que, se a fraternidade se compõe de um número pequeno de adeptos, não cessa de existir e que, por outro lado, conta com membros de real valor, como Paracelso, e pesquisadores que deixaram as suas revelações em hieróglifos que têm feito sonhar muitos filósofos como o fizeram Henrique Khunrath e Knorr de Rosenroth.

*

* *

Atualmente, a Rosa†Cruz se manifestou, na França, em 1889 e deu lugar a um agrupamento cujos membros mais conhecidos foram Stanislau de Guaíta, F. Ch. Barlet e Papus.

Apareceram obras que foram o primeiro movimento de impulsão para as ciências ocultas, pelas quais o público se apaixona atualmente com uma curiosidade muitas vezes mal guiada, sem outra preocupação além do fenômeno.

As obras de Stanislau de Guaíta: "*Au Seuil du Mistère*", o "*Temple de Satan*", a "*Clef de la Magie Noire*", manifestam uma parte das doutrinas da iniciação esotérica.

Em um dado momento, um cisma produziu-se na Rosa†Cruz pelo desejo de juntar todas as opiniões em uma só, sob o patronato da arte. Josephin Péladan criou a Rosa†Cruz católica. Esta associação foi excomungada pela Ordem em 1891.

*

* *

Apesar dos livros públicos, os Rosa†Cruzes não disseram o que poderiam dizer; deixaram na sombra o que eles quiseram guardar segredo. São apenas fragmentos os que nos chegam ao conhecimento a respeito dos Rosa†Cruzes. O que é certo relativamente ao seu alto ensinamento é que a sua concepção era um espiritualismo muito elevado e que nenhuma das obras põe em dúvida a existência de Deus e a imortalidade da alma. Seus estudos se dirigem sobretudo ao desenvolvimento das forças humanas e sobre a captação das forças exteriores. A lenda personifica estas forças, sob o nome de Silfos, Ondinas, Salamandras e Gnomos.

Quanto aos segredos da Natureza sabemos que a maioria dos Rosa†Cruzes se ocupavam da alquimia e que curaram doenças, seja pelo magnetismo natural, seja pelos simples, seja por uma projeção da vontade, auxiliados ou não por talismãs.

Recentemente, um romancista inglês, Bulwer Lytton, deixou obras em que fala dos Rosa†Cruzes e de seus misteriosos trabalhos. Em um desses livros, "*Zanoni*", mostra, como vamos expor, o homem adquirindo por seus esforços uma força quase sobre-humana, mas ensina também quais são as dificuldades desta obra e quanto o domínio de si mesmo constitui uma necessidade primordial.

No "*Au Seuil du Mistère*", Stanislau de Guaíta reproduz e estuda o prefácio deste curioso romance iniciático, dizendo:

"Zanoni é um grande livro de revelações e arcanos. Sob um véu de ofuscante fantasia, o autor apresenta tradições secretas da Rosa†Cruz e até ao longínquo depósito das fraternidades mais antigas e ocultas ainda, cuja Ordem instituída por Rosencreutz não é senão o último prolongamento" (*Au Seuil du Mistère*, 1915, pág. 179).

Bulwer Lytton diz, aliás, no prefácio, que seu livro não é uma fantasia senão àqueles que são capazes de ver apenas um romance interessante: "*Verdade para aqueles que sabem compreender, extravagante para qualquer outro.*"

Zanoni é a história de um profano que quer tornar-se adepto e que não sabe merecer esta glória pela obediência necessária a toda iniciação. Clarencio Glyndon — o profano — é um pintor que, mais por curiosidade do que por um desejo

real de se instruir e de fazer obra útil, lança-se nas ciências herméticas, pedindo a sua iniciação a Mejnour, o mago. Este, que sabe como dosar os seus ensinamentos, é constrangido a deixar Glyndon isolado um dia em sua casa, mas observa-lhe que não se entregue, na sua ausência, a operações mágicas. Tentado pela liberdade e a presença de um livro misterioso, Glyndon desobedece.

É punido no seu orgulho e na sua desobediência; não sabe resistir às forças que se apresentam; não sabe que uma suprema e inevitável experiência é imposta àquele que quer entrar no domínio misterioso, interdito ao profano.

Vê o fantasma; o ser sem forma e sem cor, a nuvem cinzenta cheia de olhos que se chama o Guarda do Limiar e cuja presença assustadora afasta — como fez para Glyndon — todos aqueles que se apresentam aos Mistérios sem guia e sem iniciação prévia.

Diante desta aparição terrificante, Glyndon caiu sem sentidos e os cuidados de Mejnour chegaram, a muito custo, a fazê-lo voltar à saúde.

Mas se tem piedade de seu mal físico, Mejnour é sem piedade pelo seu desfalecimento moral; Glyndon quis forçar as portas do Mistério, as quais, porém permaneceram fechadas diante de seus passos.

Apesar de todos os cuidados que ele recebeu, apesar do elixir mágico que o fez voltar à saúde e à força, Glyndon é obcecado pela imagem que o perseguia, apresentando-se aos seus olhos; é preciso a boa intervenção de Zanoni, mago menos afastado das paixões humanas do que Mejnour, para restituir ao infeliz o seu equilíbrio mental, a sua vida de outrora antes de sua experiência, sua vida de artista e sempre desolado de ter, por falta, perdido o Infinito.

*

*

*

Muitas pessoas imaginam que o segredo exigido àqueles que trabalham nas altas ciências é uma formalidade respeitável que vem do mais remoto passado, porém que não corresponde a uma utilidade real.

Eis aí como Mejnour e Zanoni, os dois iniciados que estão prestes a conceder a iniciação a Glyndon, como ele a solicitava, explicam este assunto.

O discurso de Mejnour é especialmente notável:

"Supondo que comunicássemos a nossa ciência indiferentemente à humanidade, aos viciosos e aos virtuosos, seriam benfeitores os flagelos? Imaginai o tirano, o devasso, o malfeitor, o corrompido, dotados deste terrível poder; não seria o demônio livre? Admitamos que o mesmo privilégio fosse concedido aos bons. Em que estado estaria a sociedade? Empenhados em uma guerra de Titãs, os bons estariam sempre na defensiva, com os maus por assaltantes".

"Na condição atual da terra, o mal é um agente mais poderoso do que o bem, e o mal prevaleceria".

"É por essas razões que não somente somos solenemente obrigados a não comunicar a nossa ciência senão àqueles que não a podem perverter e medir, mas fazemos ainda consistir a nossa experiência nas lutas que purificam as paixões e elevam os desejos".

"E a natureza disso nos guia e nos auxilia, porque coloca guardas terríveis e inumeráveis barreiras entre a ambição do vício e o céu da ciência sublime" (Zanoni).

Mejnour, nestas palavras, resolve o problema muitas vezes apresentado àqueles que desejariam que as altas ciências fossem abertas a todos.

Demonstra a que ponto esta igualdade é impossível na prática! Tal como é, com suas tradições e seus poderes, a alta ciência é uma arma poderosa que seria tão perigosa de confiar a um ignorante, como seria um erro crasso entregar u'a metralhadora a uma criança.

Uma farte razão não pode entregar esta arma terrível a um ser vicioso e pessoal que não teria nenhum escrúpulo em servir-se contra todos aqueles que fossem obstáculos aos seus desejos e às suas ambições; nada resistiria às suas paixões mesmo as mais absurdas e mais perigosas.

Eis o que fez, sempre, multiplicar as experiências sob o passo do neófito, de tal maneira que coloca em condições violentas, deixa subitamente aparecer, sob a influência do perigo ou da tentação, estes abismos secretos da alma, que dissimulam muitas vezes sob as mais graciosas aparências.

Precisaria evitar as surpresas que se produzem tantas vezes na vida mundana, os bruscos clarões sobre os seres maus que dizem: "*Nunca o teria acreditado assim*".

Sem ser conduzido a julgar todo o mundo, é certo que antes de confiar um poder formidável, sem outro freio senão a vontade dirigida e esclarecida pela consciência, é preciso estar bem seguro que esta consciência é nítida, límpida, e que esta vontade saiba tornar-se independente dos sentidos e das impulsividades.

Tal foi sempre o fim das experiências. Eis porque Zanoni diz a Clarêncio Glyndon, antes de lhe confiar os segredos iniciáticos: "*O neófito deve ser, no momento de sua iniciação, desprendido de toda afeição, de todo desejo que o prenda à terra. É preciso que seja puro de todo amor de mulher; deve ter vencido*

toda avareza e toda ambição; livre dos sonhos da própria arte e de toda esperança de glória terrestre."

Vê-se que, na ficção de Bulwer Lytton, os sacrifícios exigidos não são insignificantes. Glyndon amoroso deve renunciar à mulher que ele ama; artista, deve perder toda ambição artística. Isso pode parecer duro, mas, como se viu, o fato de renunciar a um impulso não implica que esta renúncia seja eterna. É preciso que o futuro adepto renuncie a tudo que tem no seu coração para que este coração e este espírito sejam livres de todo entrave.

Quando vier a ser senhor de seus desejos e de suas afeições, em vez de ser governado por eles, pode entrar novamente na vida normal; os pensamentos que a iniciação terá feito nascer nele dominarão sempre todos os outros e as mais caras preocupações.

*

* *

Porém, depois desta renúncia, que magníficos horizontes se abrem diante do iniciado!

Zanoni mostra a Glyndon os poderes maravilhosos dos quais se achará revestido, mas Glyndon os põe em dúvida, achando-os muito belos para serem reais.

E Zanoni responde:

"Entretanto, se vos dissesse que vos posso iniciar nos segredos desta magia que a filosofia de nossos dias encara unanimemente como uma quimera ou uma impostura; se eu vos promettesse ensinar a governar as criaturas do ar e

do abismo, a acumular tesouros mais facilmente do que uma criança pode amontoar cachopos sobre a praia, viríeis a ser possuidor da essência das plantas que prolongam a vida, de século em século, do segredo desta atração universal que intimida o perigo, desarma a violência e domina o homem como a serpente encanta o pássaro; se vos disser que todas estas coisas eu possuo e vos posso comunicar, então escutar-me-íeis, obedecer-me-íeis sem hesitar".

Zanoni tem razão e os adeptos provaram que várias dessas promessas não são ilusórias e que há poucas coisas que sejam impossíveis ao homem quando ele sabe harmonizar-se com os ritmos e fazer prevalecer a sua vontade sobre as forças cegas.

Os Rosa†Cruzes tinham uma quantidade de práticas que os tornavam mestres nas artes e nas ciências que lhes permitiam ser úteis à humanidade.

Seu primeiro dever, como se sabe, era procurar a cura das doenças, do corpo ou da alma e a maioria das curas era o resultado da imposição das mãos.

Estes toques de que é preciso experimentar o poder para compreender toda a sua benéfica utilidade, são o desenvolvimento de um alto magnetismo que não é concedido ao adepto senão quando ele tomou o império absoluto sobre a sua pessoa, de tal maneira que ele possa empregar — não para satisfação de seus desejos e das suas necessidades, pois têm-se muitos desejos e muitas necessidades — mas para o socorro daqueles que sofrem.

Diz-te também que os adeptos procuravam o elixir de longa vida que se fosse descoberto, produziria uma saúde constante e uma eterna mocidade.

É certo que muitas lendas correm a este respeito e que se conta que certos adeptos recobriram uma nova mocidade na idade dos cabelos brancos. Mas não temos nenhum documento decisivo sobre este ponto e é permitido supor que esta lenda venha do aspecto jovem que conservam as pessoas que vivem isentas de paixões e que não dirigem os seus pensamentos senão para fins elevados.

Quanto à alquimia, é certo que dela estiveram quase ocupados e que o seu poder se estendeu não somente sobre os humanos, mas também sobre as forças ambientes.

Admitiram sempre também a teoria, que hoje toma uma nova importância, da unidade da matéria modificada em seu aspecto pelo ritmo molecular.

A doutrina rosacruziana foi sempre espiritualista. Sempre a seita prometeu uma iluminação divina que mostraria o seu caminho. Cristãos à sua maneira, que nem sempre é ortodoxa, procuravam no Evangelho o sentido esotérico e muitas vezes obliterado entre os representantes oficiais.

Enfim, pedem à pobreza, à mais exata pureza de vida, o meio de se aproximar de Deus e unir-se-lhe no êxtase.

Os verdadeiros Rosa†Cruzes levam uma vida retirada, obscura, contemplativa; são indiferentes às honras do mundo e à maioria das contingências que exercem uma viva atração sobre o público. Podem, como se os tem acusado, ser cheios de orgulho, mas este orgulho fica neles mesmo e não chega jamais à vaidade. Sua atitude é modesta e eles não procuram a glória.

Roberto Fludd, de quem se conhece trabalhos sobre a astrologia e a alquimia, afirma que é aos Rosa†Cruzes que se dirigem estas palavras do Evangelho:

"Será dado a todos aqueles que souberem receber a luz que ilumina todos os homens que vêm a este mundo, ser filhos de Deus. Poderão habitar a casa da Sabedoria fortemente levantada sobre a montanha, no dizer do próprio Senhor: "Todo homem que recebe os meus ensinamentos e os segue, assemelha-se ao sábio que edifica a sua morada sobre a pedra. As chuvas cairão, os rios inundarão, os ventos soprarão furiosamente contra ele; não se curvará, porque está fundado sobre a pedra".

— Qual é esta morada? — pergunta o noviço. E Fludd responde:

"Mas, direis vós: Por que os habitantes desta morada metafórica ficam também ocultos nesta morada secreta? Se eles têm tantas virtudes e poderes, por que não revelam os seus segredos para o bem do país em que habitam? Ao que eu responderei que eles são ricos de riquezas divinas, porém que, no mundo, eles são pobres e desconhecidos. Não há nada de admirável em que eles desprezem as riquezas e as pompas do mundo, pois que o Evangelista disse: "Não ama o mundo, nem coisa alguma que é deste mundo, porque tudo não é senão concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e motivo de orgulho"(Fludd: Summum Bonum, citado por Sédir).

*

*

*

Sédir nos dá uma alegoria rosacruziana tal como foi traçada por João Heydon, que se mostra tão poeta como adepto:

"Existe u'a montanha situada no meio da terra e no centro do mundo; ela é ao mesmo tempo grande e pequena; é doce além de toda a expressão; é dura e resistente; está muito longe e, entretanto, ao alcance da mão; mas a Providência divina a torna invisível; nela estão ocultos grandes tesouros que o mundo é incapaz de calcular; esta montanha, por malícia do diabo, é rodeada de animais cruéis e aves de rapina que tornam o caminho difícil e perigoso; só aqueles que trabalham por si mesmos podem encontrá-la. "Ide a esta montanha em uma certa noite muito negra e obscura; preparar-vos-eis para esta viagem por longas preces; mas não pedireis conselho a nenhum homem; segui somente o guia que se vos oferecerá".

"Este guia conduzir-vos-á à meia-noite, quando tudo for silencioso e sombrio; armai-vos, então, de uma coragem heróica e resoluta, e dirigir-vos-eis a Deus do mais profundo do coração. Quando tiverdes percebido na montanha o primeiro milagre que se produzirá, será um grande vento que tornará as rochas em pedaços; os leões e dragões ameaçar-vos-ão, mas ficareis firme e não recuareis. Depois da tempestade virá um tremor de terra, depois um grande fogo, que porá o Tesouro a

descoberto, mas não pode-reis ainda perceber. Em seguida, à aproximação da aurora, far-se-á uma grande calma; vereis elevar-se a estrela da manhã e a noite desaparecerá pouco a pouco. Então concebereis um grande Tesouro cuja essência é uma tintura exaltada, com a qual o mundo inteiro, se servisse a Deus, poderia ser convertido em ouro".

Tem-se encontrado já, em diversos lugares, sobretudo nas índias, a alegoria da montanha que conduz ao Templo sustentado por sete colunas como um Tesouro inapreciável. Esta ascensão simboliza a necessidade para o adepto de se elevar acima da matéria, subir a escarpa áspera para deixar as profundezas terrestres e viver na luz pura do Infinito.

Na iniciação, esta montanha se eleva no centro do mundo. Efetivamente, se o mundo compreendesse os benefícios, seria o centro da vida social e dirigiria todos os acontecimentos de uma senda harmônica, fazendo de todos os povos uns povos felizes que não possuem história. Mas esta montanha não é revelada senão àqueles que devem abordá-la, porque eles chegaram ao grau da iniciação requerida.

Esta montanha é, ao mesmo tempo, grande e pequena.

Grande porque seu limite apresenta realmente dificuldades que se imaginam intransponíveis; mas nada é impossível à fé, e a montanha parece pequena, a escarpa torna-se acessível para aquele que a sobe com o único desejo de encontrar a verdade.

Ela é doce acima de toda expressão e, no entanto, dura e resistente. Certamente é dura, e é preciso, porque conduz o peso dos séculos e não cede senão depois das experiências necessárias; mas torna-se doce para aquele que a

tem galgado quando atinge à contemplação soberana dos bens eternos que ele procurou e mereceu.

Ela está longe e, entretanto, está ao alcance da mão. Efetivamente é a nossa ignorância que nos separa do fim de nossas pesquisas. Quando estamos ainda sob o império de nossos sentidos, parece-nos que não poderemos encontrar jamais esta montanha maravilhosa e estamos prestes a negar sua existência; entretanto, quando a hora é chegada, quando os nossos olhos se fixam, a verdade está aí muito perto; não espera senão o nosso esforço para entregar-se. A Providência divina torna-a invisível, e a Providência tem muita razão. Vimos pelos discursos de Mejnour e Zanoní qual seria o perigo de confiar ao primeiro que chegasse os poderes que podem tentar o fraco e levá-lo à prática do mal, utilizando-se de seu poder para fins culpáveis ou simplesmente utilitários.

Nesta montanha estão ocultos grandes tesouros. E qual tesouro é maior e mais precioso do que a iniciação?

Estes tesouros são tão grandes e tão perfeitos que o mundo não é capaz de os calcular. Ninguém pode conhecê-los antes de estar embrenhado pela senda iniciática e não pode ainda julgar a sua importância senão quando os descobrir. Então, a alegria de uma exaltação divina, retirando-vos de todas as vãs ambições, arrebatando-vos a mais alto, muito além do que qualquer alegria humana.

O que devemos vencer são estas ambições e paixões figuradas aqui pela terrível fauna de animais cruéis e aves de rapina que rodeiam a santa montanha. Devemos ser vitoriosos diante de todas as águias e de todos os dragões das nossas paixões mortais, antes de tocarmos o ouro solar.

Os próprios primeiros sucessos que podemos alcançar não devem produzir um orgulho insólito. Aquele que começa a tocar a obra iniciática é sempre

tentado a acreditar-se um super-homem, destacado da humanidade e superior às suas leis.

Eis aí um perigo terrível, porque a queda é mortal e, para o vaidoso que se julgue mestre como aconteceu ao desobediente Glyndon, o encontro com o Guarda do Limiar ameaça lançá-lo no desespero, na loucura e na morte.

Só terminam a ascensão aqueles que trabalham por si mesmos. Efetivamente, coloca-se o futuro adepto na senda, mas cada um deve fazer o seu caminho com seus riscos e perigos.

É o discípulo que tem o dever de se fazer, de se aperfeiçoar, de adquirir qualidades necessárias à sua iniciação.

É um segredo que está conhecido, e o segredo da montanha está também muito próximo da mão, mas é preciso ir à sua procura por si mesmo; é preciso compreendê-lo sem apoio.

Ireis a esta montanha por uma noite muito sombria e negra. Certamente, os segredos iniciáticos não são para aqueles que procuram brilhar, mas para aqueles que pedem à meditação as suas luzes interiores, e elas não brilham na claridade e no tumulto da jornada. Não será nas vãs agitações do mundo que podereis tomar consciência do maravilhoso fim prosseguido.

É preciso estar preparado por longas preces, mas não é útil pedir conselho a nenhum homem.

Aquele que tem a proteção divina, que tem feito por se tornar digno e que, não obstante, tem humilde e longamente pedido, que seriam os conselhos humanos?

O que é preciso, é fazer-se a si mesmo, no profundo silêncio, em um grave recolhimento, no servilismo, na paz absoluta de todos os desejos e de todas as paixões.

Segui somente o guia que se vos oferecer.

Vossa razão vos guiou até aqui e é ela que vos mostrou a excelência desta iniciação tão desejada.

Mas, quando estiverdes na senda, um guia se vos oferecerá e é ainda vossa razão, mas uma razão superior, uma intuição sublime que vos fará atingir ao cume desejado.

Vosso guia conduzir-vos-á à meia-noite, quando tudo estiver silencioso e sombrio; tomai, então, coragem e dirigi-vos a Deus. E' somente no absoluto recolhimento, quando todos os ruídos forem mortos em vós e em torno de vós, que ousareis tentar a divina aventura.

Ainda sentireis o coração apertado de medo. Mas, se vos pu-serdes de acordo com as harmonias superiores, quem poderia atentar contra a vossa serenidade?

Caminhai, pois, apesar de vossos receios, sobre a senda que sobe para o Ideal enfim conquistado!

Então, vereis grandes coisas. O sopro divino, como um vento impetuoso, fará voar os rochedos em clarões. As vossas antigas concepções fremirão diante da luz ofuscante.

Sereis surpreendido, mas não cedereis a esta surpresa. Não voltareis para trás. O novo dia surgirá.

Uma grande tempestade e um tremor de terra destruirão em vós e em torno de vós tudo o que restava das vossas antigas idéias, mas o grande fogo do

entusiasmo de intuição superior irá subitamente engrandecer diante de vós e encontrareis de repente o tesouro que procuráveis.

A estrela da manhã aparecerá; depois virá a aurora e possuí -reis este tesouro que tanto desejáveis.

Das vossas meditações profundas, como de uma noite sem estrelas, surgirá esta flama que abrasa todo o horizonte, e todas as vossas penas, passadas subitamente, parecer-vos-ão leves.

É que o tesouro está em vós; não o soubestes ver, que coisa alguma o tinha feito sentir e que, subitamente, iluminado pela claridade triunfante que não se levanta senão na solidão, tereis encontrado em vós mesmos um reflexo do poder de Deus, um tesouro de forças e de possibilidades que vos elevarão acima de vossas mais soberanas esperanças.

Que é que governa os homens? Que é que ofusca o mundo com o seu fausto, quando se sabe ser uma parcela de Deus, participando de sua glória e de seu poder?

2.º — Os Filósofos Desconhecidos

Os Filósofos Desconhecidos foram, sobretudo, místicos e, em certos casos, iluminados. — Os doze graus que encerram seu ensinamento iniciático. — Correspondências destes doze graus com as doze operações alquímicas.

Os Filósofos Desconhecidos pertenceram a uma seita espiritualista que foi fundada em 1773. Longe de pensar como os franco-maçons modernos, eram, sobretudo, místicos e, em certos casos, iluminados. Estes adeptos, dos quais alguns eram recrutados nos altos graus da Maçonaria oficial, conheciam as forças das quais o homem pode tornar-se senhor ao redor de si, aquelas que pode captar na Natureza superior e aquelas que pode desenvolver em si mesmo. Entregaram-se a todas as ciências chamadas ocultas; a magia era-lhes conhecida e a maioria deixou-nos trabalhos especialmente no que concerne à alquimia.

Como em todas as iniciações sérias, os segredos não eram revelados senão a meio e à medida que se manifestavam disposições em tirar um partido útil e a penetrar os arcanos místicos que compunham o seu ensinamento.

*

* *

Entre os Filósofos Desconhecidos, a iniciação comportava doze graus dos quais os três primeiros tinham a mesma denominação que na Franco-Maçonaria regular: Aprendiz, Companheiro e Mestre. Vinham em seguida: 4.º Eleito; 5.º Mestre Escocês; 6.º Cavalheiro do Oriente; 7.º Cavalheiro Rosa†Cruz; 8.º Cavalheiro do Templo; 9.º Filósofo desconhecido; 10.º Filósofo sublime; 11.º Iniciado; 12.º Filaeto ou Amigo da Verdade.

Esta seita dos Filósofos Desconhecidos entregava-se, sobretudo, à pesquisa das transmutações e considerava que o ser humano, em sua evolução iniciática, deve seguir etapas análogas às transformações que sofre a Pedra filosofal antes de recompensar os esforços daquele que a descobre. E' neste espírito que ela dividiu os trabalhos da Pedra em doze estados que se aproximam de cada um dos doze graus que enumeramos.

O grau de Aprendiz corresponde à Calcinação da pedra que, como esta primeira iniciação, se prende à matéria bruta; o grau de Companheiro corresponde à Dissolução secreta; o de Mestre à Separação dos Elementos. Vêm, em seguida, o Eleito, cuja iniciação corresponde ao que os antigos alquimistas chamam a Conjunção matrimonial; o Mestre Escocês, à Putrefação; o Cavalheiro do Oriente, à Coagulação; o Cavalheiro Rosa†Cruz, à Incineração; o Cavalheiro do Templo, à Sublimação; o Filósofo desconhecido, à Fermentação; o Filósofo sublime, à Exaltação; o Iniciado, à Multiplicação. Enfim, o Filaeto ou Amigo da Verdade, à Projeção.

Sabe-se que a pedra filosofal é o corpo hipotético que teria a propriedade de transmutar em ouro todo metal que fosse posto em contacto com ele em certas ocasiões. É, pois, natural que o grau supremo, o de Filaeto, corresponda à perfeição da pedra em estado de ser projetada sobre o metal inferior para mudá-lo em ouro, pois o iniciado tem por missão de mudar o homem inferior que se colocou em condições convenientes, em ouro solar, fazê-lo elevar-se a uma vida nova, fazendo-o percorrer, mais ou menos rapidamente, os estágios que separam a calcinação da perfeição.

3.º— Os Martinistas

Qual é a base da iniciação martinista? — O papel dos iniciadores e o papel do adepto.

Mais recentemente ainda, um ramo — os martinistas — separou-se da Maçonaria ao fim do século XVIII.

Discípulos de Martinez de Pasqually e de Claude de Saint Martin, os Martinistas têm, sobretudo, visto na iniciação a volta a uma iniciação espiritualista e esotérica. Claude de Saint Martin renunciou mesmo à teurgia, que se manifestou entre o seu antepassado e iniciador. Quis atingir toda iluminação e a graça de Deus, merecida para uma vida exemplar. Não nos estenderemos sobre esta Ordem que soube inspirar ao gênio de Balzac os seus romances místicos, especialmente "*Luis Lambert*", porque "*Seráfita*" tem mais do iluminismo swedenborgiano.

Qual é a base da iniciação martinista? O ritual desta Ordem nos diz nestes termos:

"Encerra a filosofia do Nosso Venerável Mestre, baseada essencialmente sobre teorias tiradas do Egito por Pitágoras e sua Escola. Contém, em seu simbolismo, a chave que abre o mundo dos Espíritos que não está fechado; segredo inefável, incomunicável, unicamente compreensível ao verdadeiro adepto".

"Este trabalho não profana a santidade do véu de Isis pelas imprudentes revelações. Porque só aquele que é digno e que é versado na história do hermetismo, de suas

doutrinas, de seus ritos, de suas cerimônias e de seus hieróglifos poderá penetrar a secreta, mas real significação do pequeno número de símbolos oferecidos à meditação do Homem do Desejo" (Ritual e Ordem Martinista).

*

* *

Menos secretos do que os Rosa†Cruzes, os Martinistas deixam entrever, mas não se entregam aos simples curiosos.

Sua iniciação é graduada segundo as capacidades daquele que deve seguir todas as fases de seu ensinamento antes de chegar aos graus supremos. E' este sentimento que podemos extrair do discurso de recepção pronunciado por Stanislau de Guaíta em uma celebração do terceiro grau, discurso que encontramos no "*Seuil du Mistère*": "Nós te iniciamos; o papel dos Iniciadores deve limitar-se aí. Se vem de ti mesmo à inteligência dos Arcanos, merecerás o título de Adepto; mas compreendas bem: em vão os sábios mestres desejar-te-ão revelar as fórmulas supremas da ciência e do poder mágico; a Verdade Oculta não se transmite em um discurso: cada um deve evocá-la, criá-la e desenvolvê-la em si mesmo.

"Tu és Iniciatus: aquele que outros puseram sobre a Senda; esforça-te para vires a ser Adeptus; aquele que conquistou a Ciência por si mesmo; é, em uma palavra, o filho de suas obras."

A iniciação martinista, assim compreendida, não pode avançar sem provas, e estas provas nada têm de comum com aquelas da Franco-Maçonaria; levam sobre os poderes psíquicos do futuro adepto a sua capacidade em guardar um segredo e, sobretudo, ainda seu grau de evolução intelectual e anímica.

O Martinismo é uma escola de alto hermetismo e não se abre senão a muito poucas pessoas, preferindo a qualidade à quantidade, como toda associação que não deseja ter nenhuma ação política e que, se pensa em operar socialmente, prefere elevar a multidão para uma seleção do que fazer descer a elite para a multidão.

O discurso de Stanislau de Guaíta, que nós podemos citar em seu todo, porém que merece estudo e reflexão, desenvolve esta doutrina que a Iniciação é certamente o resultado de um ensinamento, tendo, todavia, em seu desenvolvimento uma parte imensa de formação pessoal.

Todo poder concedido pela Natureza ou pela Sociedade deve, para se tornar útil, ser desenvolvido e adaptado à sua formação para aquele que foi beneficiado.

4.º — Os Alquimistas

Fins que se propõem os antigos alquimistas: a transmutação dos metais e a fabricação de um elixir de longa vida. — Em que as últimas descobertas justificam certas asserções alquimistas. — A matéria evolucionada. — Transmutações naturais. — A pedra filosofal ou a Coroa dos Sábios. — Sua preparação. — Seus poderes. — O auxílio das forças superiores. — Desenvolvimento do magnetismo pessoal. — A chave das operações alquímicas: Solve, Coagula. — A pesquisa do elixir de longa vida. Não há senão u'a moléstia: o desequilíbrio das forças; um único remédio: a volta à vida sã, rítmica. — A alquimia espiritual ou transcendente em que consiste. — Ela permite libertar em nós um tesouro imenso das forças ocultas.

Não podemos terminar esta parte documentária sem dar aos nossos leitores algumas idéias sobre a alquimia que tem preocupado um grande número de iniciados. A alquimia é a ciência das transmutações.

Pernety definiu-a assim: É a arte de trabalhar com a natureza sobre os corpos, para os aperfeiçoar.

Em todos os tempos, os pesquisadores levavam os estudos sobre dois pontos principais: a transmutação dos metais e a fabricação de um elixir de longa vida, que seria uma fonte de juventude e, ao mesmo tempo, u'a medicina universal.

A esta época, encontramos a afirmação desta doutrina que a matéria é uma e que, segundo as afinidades do ritmo, certos metais podem ser mudados, o mais imperfeito no mais perfeito, submetendo-o a certas operações magneto-químicas. Muitos espíritos sérios consideram-na quimera; outros consideram-na como a verdade de amanhã e a unidade da matéria não sendo mais admitida em nossos dias como uma inverossímil utopia.

Quanto a fabricar ouro, como se deseja, os alquimistas afirmam que isso se conseguiu muitas vezes e citam o exemplo de Raimundo Lullo, que teria feito ouro para o rei da Inglaterra, cujas moedas — hoje raríssimas peças de coleção — foram chamadas Raimundinas. São fatos longínquos e que reclamariam, para ser afirmados, provas bem difíceis de fornecer.

O princípio da alquimia ganha, entretanto, terreno. A unidade da matéria, que é a base do seu ensinamento, torna-se, em nossos dias, uma teoria quase corrente e que tende a vir a ser clássica.

Quanto à evolução da matéria, que é outro dogma alquimista, é difícil não ser admitido diante de certos fatos. Todavia, nós não temos aqui nem tempo nem lugar necessário para discutir utilmente estas hipóteses, que foram os dogmas de certos espíritos esclarecidos do passado.

Que é a pedra filosofal? Confessamos ingenuamente que não o sabemos, nem temos feito coisa alguma para experimentar seu poder de transmutar todos os corpos em prata ou em ouro.

Isso não é do nosso domínio.

O outro fim dos alquimistas é a fabricação de um elixir de longa vida que eles também chamam ouro potável. Apresenta-se este ouro potável como um fluido vital que dá ao doente uma força tirada das forças da Natureza.

Em todo o caso, é o ponto que nos interessa no presente estudo, tanto para um como para outro. Quanto aos fins prosseguidos, os alquimistas afirmam que é necessário o adepto levar uma vida especialmente dirigida para o desenvolvimento dos poderes psíquicos. Eles pensam que este desenvolvimento é de toda necessidade para aquele que quer operar sobre as forças da Natureza e perpetuar a Grande Obra.

Eis porque tratamos aqui da alquimia.

Os alquimistas foram muito tempo considerados como loucos e as recentes classificações de corpos simples, assim como a impossibilidade afirmada ex-cátedra de dissociar os ditos corpos, eram os artigos de fé do ensinamento oficial.

Portanto, aquele que saía do quadro oficial tinha a dupla reputação de ser louco e herético. Fatos, entretanto, demonstraram a inanidade destas afirmações.

Os corpos reputados simples foram também decompostos cientificamente, tanto quanto possível. Chega-se a convir que certos metais reputados inferiores o são efetivamente e que tendem à depuração, ao aperfeiçoamento, por uma evolução lenta que, com certos trabalhos, segundo certas fórmulas a encontrar, poderiam, sem dúvida, apressar esta evolução, o que seria praticar a transmutação dos metais pura e simples.

É assim que a química oficial vê desmoronar-se as suas velhas bases e, constrangida por fatos tangíveis, chegará muito docemente a adorar o que ela queimou e reabilitar aqueles que foram queimados como alquimistas. Durante estes dez últimos anos, o tempo que decorreu desde a descoberta do radium, pesquisadores deram um imenso passo na ciência, espantada propriamente de ter caminhado tão depressa. Chega-se a negar quase a realidade da matéria, ao mesmo tempo que se fixa em pensar que a matéria não é composta senão de energia e de resistência. Experiências de laboratório o demonstraram; é preciso resolver-se enfim; curvar-se diante da evidência.

O átomo da matéria não é considerado como uma partícula insecável, mas como uma espécie de sistema solar com agrupamento central ou núcleo carregado de eletricidade positiva, em torno do qual gravitam, em grandes

velocidades, pequenos corpúsculos que a ciência chama elétrons, carregados de eletricidade negativa.

Esta concepção nova, baseada sobre a experiência científica, é a confirmação nítida do antigo princípio hermetista; não somente o ser é uma redução do universo, mas cada átomo deste ser é um universo em miniatura. Cada partícula da matéria é um pequeno sistema solar, e tudo, no universo, se compõe destes sistemas solares, diferentemente agrupados, segundo o corpo que eles contribuem a formar.

Efetivamente, sempre segundo as mais recentes teorias científicas e oficiais, os corpos não diferem entre si senão pela quantidade de elétrons que gravitam em torno do núcleo central em cada um dos átomos considerados como unidade.

Como universos no sistema do céu, os átomos são ao mesmo tempo atraídos e repelidos por uma gravitação particular.

Eles se movem sem cessar e a energia intra-atômica que os mantém ou os divide é uma força tão formidável que, segundo Sir J. J. Thompson, a energia intra-atômica contida em 35,5 gramas de cloro seria suficiente, se estivesse em liberdade, para fazer caminhar em plena velocidade, durante uma semana, um dos nossos grandes vapores.

Portanto, teoricamente, se a ciência chegasse a juntar ou a subtrair elétrons em torno do núcleo de tal ou tal corpo, este seria modificado, não em sua forma, mas em sua essência; se esta modificação viesse a ser feita à vontade, far-se-ia à vontade o ouro com o chumbo ou qualquer outro metal e inversamente o chumbo com o ouro. É evidente que estamos aqui em plena especulação, em plena teoria e que é preciso refletir antes de cuidar da realização.

Todavia, como teriam dito os antigos casuístas, desde que uma coisa é admitida em teoria, não é preciso senão um fato, uma ocasião, para admitir em realidade. O fato do chumbo argentífero preparando a prata futura pareceu muito banal aos sábios, mas fatos de laboratório vieram demonstrar que as transmutações naturais são feitas de um modo inegável.



Figura 16: Arcano XXII do Taro Alquimista.

Constata-se que, sob influências que nos escapam, certos corpos evoluem. Assim o urânio muda-se, no fim de certo tempo, em tório, depois em rádio, depois em chumbo. Por sua vez, o rádio se transforma em polônio e em hélio puro.

Certamente, a Natureza, que não é detida, emprega o seu tempo para efetuar esta alquimia. Segundo os cálculos, são necessários 2.000 anos para

modificar o radium e 60 milhões de séculos para modificar o uranium, mas eles mudam; portanto, a teoria dos corpos simples perdeu completamente a constância de uma lei.

Modificar-se-ão artificialmente estes agrupamentos de elétrons? Isso é mais provável e afirma-se já que, em certos laboratórios, resultados desta ordem seriam obtidos; teriam sido renovados em condições idênticas, reproduzindo-se com todo o rigor da ciência experimental.

Isto justifica plenamente as teorias dos alquimistas no que se relaciona à transmutação.

Parece verificar-se cada dia mais e mais oficialmente.

*

* *

Quais eram, pois, as idéias dos antigos alquimistas relativamente a esta pedra filosofal que, reduzida a pó e projetada em certos corpos trabalhados até a obtenção de um estado particular, tinha a propriedade de os transmutar em ouro?

Os alquimistas procuravam esta pedra no corpo que eles chamavam o Mercúrio dos sábios e filósofos.

Este Mercúrio dos sábios e filósofos, do qual fazem grande mistério, deve sofrer um certo número de preparações. Não era senão após longos trabalhos que obtinham este pó vermelho, que não é outro senão a famosa pedra filosofal também chamada a Coroa dos Sábios.

A série de operações que a matéria deve sofrer é muito complexa e varia de adepto a adepto.

Aliás, a maioria não transmitiu seu segredo senão sob o véu de alegorias ou pentáculos, o que torna seu segredo pouco acessível a todos aqueles que não decifraram ainda os limites.

Inserimos no "*Psychic Magazine*", em 1914, um estudo concernente a um Taro, inteiramente inédito, que estava em nosso poder e que Jollivet Castellet bem quis comentar para os nossos leitores, com toda a competência do fundador da "*Société Alchimique de France*". Este documento tinha por título: "*O Livro das XXII Lâminas Herméticas*", das quais cada uma desvenda um Arcano espargírico e mostra claramente uma das vinte e duas operações a todos os discípulos sinceros, que procuram a Luz do Aumento, por Kerdancc de Pornic, discípulo de Dom Pernety.

Esta obra é curiosa sob o ponto de vista documentário. Do Arcano I, que para o autor simboliza a matéria-prima, permite seguir através de suas lâminas todas as fases da Grande Obra: atração, calcinação, purificação, dissolução, animação e tudo o que se segue, até o Arcano XXII que mostra a vitória do alquimista triunfante, a produção da pedra filosofal. Eis aqui a breve exposição que se lê em baixo desta última figura: "*É preciso envolver um fragmento do último pó vermelho na cera e lançá-la ao seio de um vaso onde são fundidos chumbo, mercúrio ou estanho. O metal impuro é transmutado em ouro puro.*"

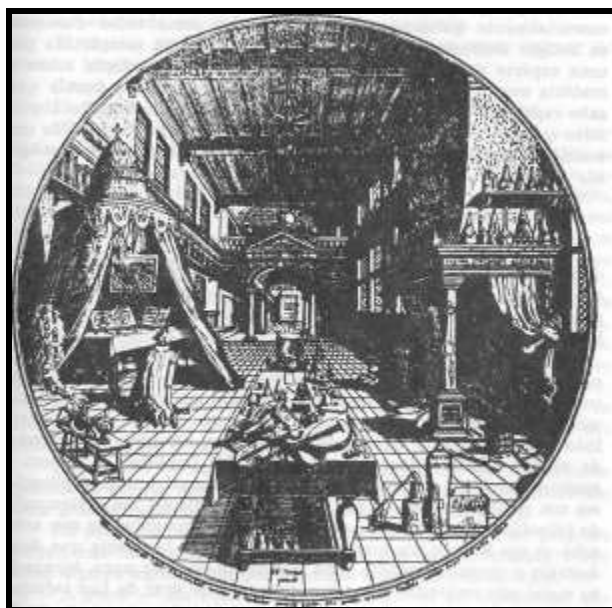


Figura 17: Um laboratório alquimista, segundo Khunrath.

É já um resultado bastante completo, mas não basta ao verdadeiro adepto, ansioso de completa realização; deve aperfeiçoar ainda a pedra obtida e, depois de uma nova operação, obtém a pedra filosofal perfeita, chamada também a Coroa dos Sábios.

Jollivet Castelot, que comenta estes tarôs e cujo nome é uma autoridade na matéria alquímica, conclui: "*Tudo isso não oferece nada de impossível*".

As operações que deve sofrer o Mercúrio dos Filósofos são essencialmente químicas; entretanto, assim como todos dissemos, os antigos alquimistas admitiam que esta ação era completada por uma espécie de magnetismo, uma ação direta do adepto sobre a matéria com o apoio das forças da Natureza propícias àquele que sabe captá-las. E' desta parte hoje controvertida do trabalho alquímico que provém a existência, ao lado do trabalho químico, de um ensinamento misterioso, próprio para desenvolver os poderes mágicos do indivíduo.

*

*

*

Para merecer o apoio das forças, a tradição diz que o Adepto deve pôr-se em harmonia com as harmonias superiores; deve elevar a sua alma para Deus, criador destas supremas harmonias. Eis porque todos os laboratórios dos antigos alquimistas encerram também um Oratório.

Em seu *"Anfiteatro da Ciência Eterna"*, Henrique Khunrath mostra um alquimista ajoelhado e rezando antes de se entregar às suas operações. Reproduzimos esta estampa em que se vê o alquimista prosternado, o rosto voltado para o céu, diante de um pavilhão que continha os pentáculos em que se resumem os segredos da ciência oculta. Seus braços estendidos imploram e pedem o apoio que lhe virá do Alto, mas este apelo encontra uma explicação em um objeto que parece aos espíritos superficiais um testemunho de infantilidade. Sobre a mesa, entre os instrumentos de sua arte, acha-se um luth ou u'a mandora, símbolo desta harmonia que deve destruir o corpo imperfeito para reconstruí-lo mais puro, tornando ao metal este esplendor que o homem acaba de tirar da Luz infinita.

Esta harmonia, os alquimistas tiram-na nesta corrente "astral", da qual falam os hermetistas, onde vivem e vibram todos os ritmos, todas as imagens do que foi e do que será.

Paracelso chama esta forma Archeu, porque, segundo sua crença, é ela que dirige todos os agrupamentos moleculares e faz que a composição idêntica dos corpos agrupados diferentemente não se possam assemelhar de modo nenhum.

Poisson diz a este respeito: *"Esta força que Paracelso chama Archeu, os cabalistas chamam-na, como Eliphas Levi, fogo astral, grande serpente. Pode-se retirá-la da atmosfera astral" (Iniciação Alquímica).*

Esta captação de Archeu ou da Grande Serpente encerra duas operações: u'a material e outra espiritual. Poisson, sob a forma de instruções a um

noviço, descreve-nos assim a operação espiritual que vem em primeiro lugar. É preciso animar a matéria; mas a matéria não se anima espontaneamente sob a vontade do homem; é preciso fazer intervir uma força natural, de natureza superior, melhor adaptada ao efeito que se quer produzir.

É preciso projetar sobre a matéria que se quer animar ao mesmo tempo o Archeu e seu próprio fluido vital.

Como se poderá fazer isso?

É preciso primeiro desenvolver-se convenientemente.

"O método que vos proponho — diz Poisson ao noviço — consiste primeiramente em desenvolver a vontade; por isso, suprimi os hábitos inúteis que fazem de vós um escravo, por exemplo: o tabaco, o uso do álcool fora das refeições. Se tendes algum defeito, lutai até que tenhais obtido a vitória; em uma palavra, peço-vos contra vós mesmos uma luta de todos os momentos e é preciso que vossa alma, vossa vontade, chegue a dominar completamente vosso corpo, fazendo-o um instrumento dócil" (Iniciação Alquímica).

Antes de se apoderar das forças que o rodeiam, o alquimista deve primeiramente utilizar-se das forças que estão nele mesmo. E' sob este ponto de vista que Poisson aconselha ao seu discípulo conhecer o magnetismo, *"que vos servirá — diz ele — para o hábito de manipulação dos fluidos... É então que, sabendo reconhecer, condensar, dirigir os fluidos vitais do homem (fluido astral), os*

fluidos ainda pouco conhecidos que circulam na atmosfera que nos rodeia, possuíreis o segredo dos filósofos".

Uma outra vantagem deste desenvolvimento do magnetismo pessoal do adepto, além de lhe conferir poderes psíquicos, é dar-lhe uma grande resistência aos trabalhos que ele empreende.

Eis porque o noviço não deve confiar somente em suas próprias forças, mas fazer apelo às forças divinas que não se recusam a dar coisa alguma àqueles que pedem com constância e humildade.

"A prece — diz Poisson — é indispensável ao alquimista; não esqueçamos de que uma das divisas favoritas dos adeptos da idade média era esta: Lê, lê, lê; relê e encontrarás".

Para a preparação do Mercúrio dos Filósofos, se ela é complexa e difícil, resume-se, entretanto, em um pequeno número de prescrições e toda a chave da operação química, se dermos crédito aos alquimistas, está nestas duas palavras: Solve, Coagula.

Poisson as define assim:

"Solve: isto é, dissolver, abrir, torturar, ferir a matéria, destruir as resistências que ela poderá opor às forças exteriores".

"Coagula: isto é, reunir, assemelhar, depois condensar sobre a matéria preparada as forças que conseguistes vencer".

"É esta a chave da obra. Isso é simples para compreender, mas quanto é difícil realizar! É preciso paciência; é preciso perseverança" (Iniciação Alquímica).

Estas palavras, que não são, certamente, de uma clareza ofuscante, confirmam, entretanto, um ponto que dissemos anteriormente; é preciso que o adepto destrua o ritmo da matéria a transformar e, servindo-se ao mesmo tempo de reações químicas e das forças ambientes, imponha-lhes um outro, o do metal a obter; porque tudo neste mundo não é senão ritmo e harmonia.

Os alquimistas, como dissemos, perseguem ainda um outro sonho: procuram o elixir de longa vida.

A concepção dos alquimistas, idéia retomada por Mesmer, quando, em um grande sopro de reclame, lançou ao mundo a ciência magnética, era que não há senão uma só moléstia: o desequilíbrio das forças. Não há, pois, senão um equilibrante destas forças: a força magnética.

Esta idéia pareceu, então, extremamente nova e é hoje adotada pelos médicos naturistas. Não há senão uma só moléstia: o desequilíbrio das forças. Não há senão um só remédio: é o regresso a uma vida sã, rítmica, que torna a dar ao doente as forças e a calma que lhe são necessárias. Este resultado é obtido pelos agentes naturais: o magnetismo, o sol, o ar que penetram em seu organismo e, para adaptar as suas forças novas às suas necessidades, a água, a ginástica e também a sugestão amigável, que entrega novamente a força ao moral que tem tanta influência sobre a vida e a saúde física.

Mas os alquimistas tinham sonhado outra coisa; eles sonharam criar um elixir carregado de forças benéficas. Estas forças teriam querido captar na Natureza

e infundi-las ao corpo humano, e as fixariam misturadas a seus banhos, de maneira a dar ao corpo gasto um vigor novo, impedir ou curar a velhice, refazer o homem imortal, não sob a forma de um velho cacóquimo, mas sob o aspecto de um homem na força da idade, capaz de lutas e de trabalhos.

O autor de um curiosíssimo trabalho que apareceu em Londres em 1753, "*La Vérite sortant du Puits Hermétique*", exprime-se neste termos relativamente à "*confecção da medicina universal*":

"Viu-se, outrora, entre os Caldeus, Egípcios, Hebreus, Israelitas e Judeus, tanto como entre os Chineses, Árabes, Schitas e Gregos, doentes, mesmo agonizantes, radicalmente curados e tornados à vida e à saúde perfeita pelo uso de um pouco de pó ou de elixir hermético. Há mesmo muitos regenerados, rejuvenescidos e animados de uma perfeita força e vigor de temperamento por um banho de mocidade, feito, preparado e tomado segundo a Arte da medicina universal: outros ainda encontraram e praticaram o meio secreto de prolongar a sua vida em boa saúde, além dos limites ordinários e durante muitos séculos, por este mesmo remédio universal; isso passou-se como coisa verdadeira e notória; o estado das pessoas que tiveram a felicidade de tirar estas vantagens e seus atestados são importantes: as testemunhas depõem, os autores publicam milagres e a razão da virtude divina infusa e operante neste remédio põe a autenticidade do selo da verdade a estas maravilhas".

Para dar ao organismo a mocidade e a força é preciso eliminar tudo o que prejudica e impede a força, e é preciso, em primeiro lugar, tornar a ser usado com um certo vigor para auxiliar a esta eliminação.

Não seria questão de remédios, sobretudo de remédios químicos que juntariam à intoxicação. Tudo deve fazer-se pelo corpo mesmo, assistido pela força do médico.

"A grande arte — torna o nosso autor — é auxiliar a natureza a reparar por sua mola secreta o vício pelo qual peca, afastando e banindo sem esforço e sem violência de seu poder, os humores impuros e terrestres que perturbam e pervertem o seu trabalho e que ; espírito de malignidade e corrupção introduziu; mas isso faz sem la mesma expulsá-lo do indivíduo onde ele faz a sua estadia e que la tem sempre a intenção e a comissão de entreter em bom estado, mesmo de impedir à perfeição de sua ilíada e não pode chegar nem vencer, carregando-a de novos obstáculos que ela não tem força, então, de vencer, digerir, resolver e retificar, para auxiliar o triunfo da causa perturbadora e do espírito maligno que a fomenta; não é também diminuir, alterando e agitando o seu princípio de movimento e de ação vital, nem fatigando, acabrunhando ou suprimindo as suas funções, que se pode socorrer em sua obra medicinal do corpo, que ela sabe reger segundo a ordem da sabedoria, que o Todo-Poderoso lhe confia..."

"O único meio de fazer operar a mola secreta da Natureza para a conservação de sua própria obra é reter e conservar em seu governo o pouco de forças vitais que lhe restam para concorrer, com as novas de sua esfera e análogas que lhe deve reintroduzir, em sua operação".

O segredo de ficar jovem, o segredo também de curar seria, pois, reparar os gastos orgânicos por novas forças tiradas do ambiente em que estamos.

É certo que o magnetismo, sem falar deste elixir hipotético de longa vida, pode conservar a saúde, fazer recuperar as forças aos organismos mais fracos.

Não discutimos a existência de um elixir cuja fórmula, em todas as obras alquímicas, é sempre velada sob alegorias intraduzíveis.

Seja como for, na maioria dos autores que tratam, e em margem, das imagens que faz a base da maioria das obras: a verdadeira medicina é aquela que se ocupa do terreno, que vê primeiramente o ser do doente, que procura a causa do mal sem se preocupar primeiramente do efeito, salvo para fazer cessar a dor.

Quando a causa do mal for destruída, quando o equilíbrio for restabelecido, o efeito cessará automaticamente. Então, tendo eliminado os maus elementos que trazem o desequilíbrio na harmonia do ser humano, não resta mais senão tornar ao paciente as forças vitais que lhe são necessárias para se refazer.

*

* *

Esta alquimia, em qualquer espécie de matéria, comporta, como dissemos, uma parte de psiquismo. É essa alquimia do ser humano que nos interessa aqui mais especialmente. Não é necessário que procurássemos obter a

pedra filosofal tal como os hermetistas desejaram, mas é-nos útil encontrar, pelo aperfeiçoamento de nós mesmos, esta pedra ideal, que representa para o adepto o equilíbrio de seu corpo, a sublimação de seu espírito, a elevação de sua alma para Deus.

Isso necessitava uma ascese que para não ser tão temível como aquela que se praticava nos Templos iniciáticos, tem, entretanto, exigências para quem estiver seriamente decidido a obter um resultado.

Há grandes analogias entre esta transformação do ser humano em criatura superior e a que mudou o chumbo, o estanho ou o mercúrio em ouro perfeito e muito puro.

Estudemos estas operações que levam o adepto aos cumes superiores de sua evolução.

Sob o ponto de vista químico, a pedra filosofal é obtida e tornada perfeita quando ela tem o poder, por projeção, de mudar em ouro, pelo seu contacto, os metais inferiores sobre os quais se projetou. E' o ensino dos alquimistas. Do mesmo modo — ajuntam eles — o adepto digno deste nome deve ser capaz de irradiar sobre o que o rodeia, de projetar as suas próprias forças em torno para apressar a evolução daqueles que pedem auxílio, cura ou direção.

Em seu estudo sobre a Grande Obra, Grillot de Givry expõe assim este ensino:

"É uma alquimia transcendental, é a alquimia de si mesmo. Ela é provavelmente necessária para perfazer a alquimia dos elementos. A nobreza da obra requer a nobreza do operador..."

Dirigindo-se diretamente ao pesquisador, ajunta logo: "*A transmutação deve operar-se em tua alma. A Pedra, em seu estado primitivo, é o Absoluto nele mesmo; o dissolvente purificador, são fórmulas de beleza e perfeição das quais tu ornarás tua vida*".

Além disso, ele diz: "*Tu és a matéria da Grande Obra*". Efetivamente, a personalidade do homem é infinitamente perfectível e sua evolução não tem outro fim senão o de procurar a aproximação da Divindade. É necessário, pois, àquele que quer fazer obra transcendente, tornar-se um outro homem, estudar em si mesmo as suas possibilidades, os defeitos de sua harmonia para destruí-los e aproximá-los da harmonia soberana à qual se adapta. É quando este acordo se realiza de um modo absoluto que o homem terá acabado a sua evolução.

Para purificar o vil metal é preciso acender o atamor dos alquimistas, submeter a matéria ao Fogo do Espírito, de tal maneira que ela se encontre purificada pela lenta combustão de suas impurezas e de suas escórias.

Não é uma prova imperfeita senão que se pode submeter um julgamento de Deus e dos homens, quando se deseja ser um adepto. O Fogo deste atamor voluntário deve, por uma ascese e pelo entusiasmo, destruir o que é impuro e exaltar o que é baixo, de tal maneira que venha a ser claro e irradiante tudo que antes era turvo, moroso e fraco.

Mas não são estas transformações que se operam freqüentemente. É preciso tempo e uma longa paciência. A obra alquímica é sempre lenta, seja operada no laboratório ou na nossa personalidade. É toda uma educação a fazer e nós podemos escutar com resultados os conselhos que Grillot de Givry nos dá ainda a este respeito:

"Coordena todas as tuas ações e todas as tuas impressões a fim de formarem um conjunto harmônico e perfeito. Esforça-te para adquirir a extrema lucidez de teu entendimento. Afasta-te do que te perturba a vista. Não escuta o que polui o ouvido. Exalta em ti o sentimento da personalidade, para esforçar-te em absorver logo no seio do Absoluto" (A Grande Obra).

Uma vez depurado o discípulo de tudo o que lhe manchava os sentidos e os órgãos internos de percepção, quando está harmônico com vibrações mais delicadas, deve continuar esta alquimia:

"Tu possuis — diz Grillot de Givry, dirigindo-se ao discípulo — tu possuis, um tesouro imenso de forças ocultas que ignoras, forças consideráveis e invencíveis, depositadas em ti e que ultrapassam todas as forças corporais; aprende a servir-te, a fazê-las obedecer à tua vontade, a tornar-te absolutamente senhor".

O ser purificado de todo pensamento mau deve procurar, pois, as forças vivas.

Pode-se auxiliar, certamente, mas esta transmissão de poderes faz-se por uma palavra, por um talismã, por uma varinha? Não, diz o adepto, e continua esta instrução que pode servir de modelo para a alquimia interior:

"Aprende, ao contrário, que um tal poder não te será conferido senão por uma laboriosa e lenta cultura das forças psíquicas, subsistindo em ti em estado latente".

"É preciso abstrair-te em uma vida superior, exaltando poderosamente a tua vontade... Eleva em torno de ti como uma muralha que retém e emana de ti para as coisas sensíveis, encerra-te na cidadela hermética de onde sairás, um dia, invulnerável" (id.).

Tal é o verdadeiro ensinamento iniciático que se oculta nos velhos receituários alquímicos. É preciso primeiramente desenvolver em si todas as energias superiores que substituirão os maus instintos, destruídos não sem combate.

Em seguida, tendo aspirado conscientemente as forças superiores, depois de as ter assimilado, o adepto poderá irradiá-las para aqueles que pedem o seu auxílio, seja para a cura do corpo, seja para o socorro da alma, que tem seus males, suas dores, suas quedas e que nós temos o dever de auxiliar à própria evolução, se quisermos ser dignos do bem superior que nos foi concedido.

Esta obra é distribuída **Gratuitamente** pela Equipe Digital Source e Viciados em Livros para proporcionar o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure :

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>